

W. STANTON MOSES



*Ensinos
spiritualistas*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Ensinos Espiritualistas

Mediunicamente recebidos por

William Stainton Moses

(A. Oxon)

Conteúdo resumido

Em fins do século XIX, na Inglaterra, William Stainton Moses, professor de esclarecida inteligência e íntegro caráter, recebeu através da psicografia notáveis ensinamentos que se destacam pelo alto valor moral e revelador acerca do aspecto religioso do Espiritismo.

Os ensinamentos fornecidos pelos Espíritos Superiores eram quase sempre discordantes, e mesmo opostas, ao modo de pensar do Reverendo Stainton Moses, que era também pastor e conhecedor das escrituras sagradas.

Ao longo da obra, percebe-se claramente o grande esforço dos Espíritos-guias para convencer o autor das novas verdades espirituais, devido às suas convicções religiosas já formadas pelos dogmas das religiões tradicionais.

Contém ainda interessante biografia de W. Stainton Moses. Apresenta uma nova ordem de pensamentos que, entre outros princípios, sistematiza a assistência viva e edificante dos ensinamentos transmitidos pelos Espíritos elevados a nós outros, simples aprendizes que ainda gravitamos no corpo físico.

Sumário

Prefácio da edição comemorativa

Esta edição de *Ensinos Espiritualistas* é publicada pelos membros do Conselho da Aliança Espiritualista de Londres, como lembrança afetuosa do seu amigo, W. Stainton Moses, ao qual a Aliança deve a sua existência. Foi seu primeiro e único presidente desde a fundação, em 1884, até 5 de setembro de 1892, data do seu retorno ao plano espiritual.

Desejosos de provar amizade respeitosa àquele com quem tiveram o prazer e o privilégio de cooperar na obra que lhe era tão cara e que ocupara grande lugar em sua vida laboriosa, os membros do Conselho resolveram que o testemunho mais apropriado ao seu mérito e ao valor dos seus trabalhos seria a reedição do livro que ele próprio considerava a mais útil, em geral, das suas publicações.

As outras, sem dúvida, têm cada qual um interesse especial que lhes é próprio, mas os *Ensinos Espiritualistas*, representando as lutas de um espírito robusto contra uma nova ordem de pensamentos, sua aceitação gradual de uma verdade a princípio suspeitada de heresia, possuirão sempre um encanto particular para aqueles, aliás, numerosos nesses dias de audácia intelectual, que suportam impacientemente as velhas crenças e se esforçam por obter uma liberdade maior e uma luz mais nítida.

O Conselho, por consequência, acredita que a reimpressão de *Ensinos Espiritualistas* será acolhida com satisfação.

*Assinado pelo
Conselho da Aliança Espiritualista de Londres*

E. Dawson Rogers - Presidente

Traços biográficos

William Stainton Moses nasceu a 5 de novembro de 1839, em Domington, Lincolnshire.

Seu pai, William Moses, era reitor da Escola de Gramática e sua mãe, do mesmo condado, era filha de Tomas Stainton d'Alford. O jovem William começou os estudos sob a direção de seu pai e foi em seguida confiado a um professor particular que, maravilhado pelas suas aptidões, se empenhou ardentemente com W. Moses para enviar o filho a uma escola pública. Em 1855, William entrou para a Escola de Gramática de Bedford; os três anos que ali passou proporcionaram-lhe os mais lisonjeiros elogios e testemunhos dos seus mestres, encantados por notar que às suas brilhantes faculdades se achava aliado um inalterável sentimento do dever. William deixou a Escola depois de ter ganho inúmeros prêmios e obtido uma das duas bolsas fundadas em favor desse estabelecimento.

De Bedford, Stainton Moses entrou para o Exeter College, Oxford, no começo da época de São Miguel, em 1858. A sua vida de estudante foi toda digna da vida escolar e os professores tinham nele as maiores esperanças, quando as forças lhe faltaram, pois o excesso de trabalho o fez adoecer mesmo na véspera do dia em que devia fazer o último exame.

Na convalescença mandaram-no viajar. Quase um ano consagrou ele a percorrer o continente com amigos e, na volta, passou seis meses no velho mosteiro grego do monte Atos. A curiosidade e sobretudo uma grande necessidade de meditação e de insulamento o obrigaram a ficar por muito tempo nesse convento. Alguns anos depois, Imperator, seu guia espiritual, cientificou-o de que, desde essa época, estava ele sendo influenciado por amigos invisíveis, que o haviam dirigido para o monte Atos com o fim de ajudar a sua educação espiritual.

Aos 23 anos Stainton Moses voltou para Oxford e aí, recebendo o diploma, deixou a Universidade em 1863. A sua saúde, posto que muito melhor, não se achava todavia bastante vigorosa. O médico aconselhou-o a vida do campo, o que o induziu a

aceitar um curato em Maughold, perto de Ramsey, ilha de Man, onde permaneceu quase cinco anos substituindo o reitor, que, por idoso e enfermo, não podia mais exercer as suas funções, assumindo Moses tarefa dupla. Uma epidemia de varíola que se manifestou pôs em relevo os recursos do coração e a intrepidez do caráter de Stainton Moses. Como não houvesse médico no distrito, o jovem pastor, que tinha alguns conhecimentos de medicina, tratou dos corpos e das almas das suas ovelhas. Dia e noite ele se multiplicava enquanto o flagelo ia assolando, até que, uma ou duas vezes depois de haver cuidado dos doentes e de os ter consolado, se viu obrigado a amortalhá-los e a preparar-lhes o túmulo, pois o pânico fez evadir até o próprio coveiro. As forças de Stainton Moses não enfraqueceram um instante nessa terrível provação, que o tornou ainda mais caro aos seus paroquianos; porém a sua saúde, que não podia suportar as obrigações impostas pela administração de duas paróquias, obrigou-o a procurar uma outra residência.

Logo que conheceram o projeto do pastor, dirigiram-lhe espontaneamente uma petição, redigida pelos habitantes grados, pedindo-lhe desistisse do seu intento e exprimindo o reconhecimento que lhe devotavam. Stainton Moses retirou-se pesaroso para ocupar, em 1868, o curato de Saint-Georges, Douglas, ilha de Man, onde caiu gravemente enfermo, sendo tratado pelo Dr. Stanhope Speer, que residia em Douglas com sua mulher e que não exercia mais a sua arte.

Dessa época datam as relações, que se tornaram íntimas e exerceram considerável influência sobre o futuro dessas três pessoas. Em setembro de 1869, Stainton abandonou o curato, onde tinha deixado profunda impressão pela prédica e caridade. Depois de alguns meses passados ainda em desempenhar interinamente funções eclesiásticas em Langton, e em um curato da diocese de Salisbury, uma moléstia de garganta, rapidamente agravada, obrigou o pastor a renunciar ao ministério, pois que o médico o proibiu de pregar. Moses partiu para Londres, onde desejava empregar-se como professor, e aí permaneceu perto de um ano, hóspede do Dr. e da Sra. Speer, dirigindo como amigo a educação de seu filho, autor do presente artigo. Entre fins de

1870 e começo de 1871, Stainton obteve o lugar de professor de inglês na *University College School*, cargo que ocupou até 1889. Inútil será dizer que, tanto quanto lhe permitira a saúde, exerceu o cargo com zelo e talento.

Na qualidade de professor de inglês de uma grande escola, soube exercer influência sobre inúmeros discípulos, e muitos dentre eles recordavam-se dos seus excelentes conselhos, das suas amigáveis e perspicazes críticas sob o ponto de vista do estilo e gosto literários.

A acentuada personalidade de Moses exercia enorme influência sobre os colegiais confiados aos seus únicos cuidados, pois era costume antigo da *University College School* entregar a alguns dos professores um certo número de moços para dirigir-lhes o moral e o físico. A influência de Stainton não cessava com a partida dos discípulos, que muitas vezes, em ocasiões críticas, lhe iam pedir conselhos, sempre dados com cordialidade, retidão e bondade. Como as nossas relações de professor com o discípulo duraram mais de sete anos, sem interrupção, posso testemunhar a excelência do seu método de ensino. O seu esforço vencida qualquer dificuldade e verificou-se que ele conseguia fazer compreender claramente o que ensinava. Quando, devido ao estado de saúde, foi obrigado a renunciar as funções, o conselho da *University College* votou os seus agradecimentos a Stainton Moses em reconhecimento pelos longos e úteis serviços que tinha prestado à escola. Foi-lhe também enviada uma carta assinada por vinte e oito dos seus colegas, na qual se exprimiam os mais afetuosos sentimentos.

A atenção de Moses foi em 1870 atraída para o espiritualismo, durante o tempo em que residiu na casa do Dr. Speer, em Londres. A Sra. Speer durante três semanas permanecera enferma e para se distrair lia um dia *Debatable Land*, de Dale Owen.¹ Interessando-se ardentemente por esse livro, logo que ela pôde reassumir o lugar na reunião de família, pediu ao seu hóspede para o ler e procurar descobrir o que podia haver de verídico nos fatos que o autor narrava. Ainda que pouco inclinado a ocupar-se do espiritualismo, que o não interessava e lhe parecia um efeito da prestidigitação, prometeu atendê-la. Havia já algum tempo

que Stainton Moses e o Dr. Speer discutiam sobre diversos pontos de controvérsia religiosa. Ambos tendiam, gradualmente para idéias pouco ortodoxas, quase gnósticas, mas, como estivessem cada vez menos satisfeitos com as doutrinas existentes, queriam a absoluta verdade sobre a vida futura e a imortalidade. Obter uma prova de base estritamente científica parecia impossível ao Dr. Speer, que se tornara rapidamente um materialista intransigente. Stainton, para cumprir a palavra que tinha dado à Sra. Speer, começou a estudar o espiritualismo, assistindo a várias sessões onde se achavam médiuns; a sua primeira experiência digna de ser citada realizou-se na primavera de 1872 com Lottie Fowler. Pouco depois o Dr. Speer, que continuava a considerar o espiritualismo como um absurdo contra-senso, foi levado pelo seu amigo à casa do médium William. Aí voltaram eles várias vezes e ficaram desde logo convencidos de que havia uma força exterior em ação; ficaram certos dessa opinião por uma notável sessão que se realizou em casa do Dr. Speer, sendo William o médium.

Nessa época, o poder mediúnico de Stainton Moses começou a desenvolver-se. As particularidades sobre essa fase da sua vida são amplamente narradas nas *Memórias da Sra. Speer*, publicadas no *Light*, de Londres. Penso, porém, que devem interessar algumas das minhas recordações pessoais. Tive o privilégio de assistir às sessões que se realizaram durante os dois últimos anos da mediunidade de Moses. As impressões de uma outra testemunha podem ser úteis, quando confirmam novamente os poderes extraordinários do médium e a realidade dos fenômenos obtidos com a sua intervenção.

É importante notar que nunca se produziam menos de dez espécies diferentes de manifestações no decurso dessas sessões. Quando elas eram menos numerosas, diziam-nos que as condições eram desfavoráveis. Quando, ao contrário, as condições eram favoráveis, as manifestações se multiplicavam, as pancadas tornavam-se mais freqüentes, as luzes mais brilhantes e os sons musicais mais distintos.

Enumerarei resumidamente as formas diversas dos fenômenos:

I – Grande variedade de pancadas, muitas vezes simultaneamente, produzindo ruídos que iam do som de uma pancada com a unha ao de fortes passadas que estremeciam o aposento. Cada Espírito produzia sempre um som distinto e algumas vezes de tal maneira particular que imediatamente era reconhecido. Esses sons eram muitas vezes ouvidos no quarto bem iluminado, para que os assistentes pudessem ver-se e, o que é mais importante, pudessem ver suas mãos; percebiam-se freqüentemente pancadas batidas na porta, no guarda-louça e na parede, distante da mesa em torno da qual estavam sentados. Certifiquei-me por todos os meios imagináveis de que essas pancadas não podiam ser devidas à intervenção humana.

II – Pancadas respondendo conexa e claramente a perguntas formuladas, dando às vezes comunicações muito extensas por meio do alfabeto. Nessa ocasião, todos os ruídos cessavam, exceto o que era peculiar ao Espírito que se comunicava; uma tranqüilidade perfeita reinava até ao término da mensagem. Podíamos quase sempre designar imediatamente o Espírito, graças à feição muito distinta das pancadas que ele provocava. Espíritos mais elevados nunca se manifestavam por pancadas; depois das primeiras sessões eles anunciavam sua presença por uma nota de música ou um rápido clarão, porém, entre os que se manifestavam conforme o modo ordinário, seria difícil esquecer o passo pesado de Rector, que estremecia o aposento ao mesmo tempo em que se tinha a impressão de que ele andava ao redor dos assistentes.

III – Inúmeros clarões, em geral visíveis a todos os assistentes, eram de duas espécies: objetivos e subjetivos. Os primeiros assemelhavam-se habitualmente a pequenos globos luminosos, que brilhavam francamente sem vacilar, e moviam-se com rapidez ao redor da sala, sendo vistos por todos os assistentes. Maravilhou-me sempre um fato curioso relativo a essas luzes: olhando-se por sobre a tábua da mesa podia-se ver um clarão subir lentamente do chão e, conforme toda a aparência, passar através da madeira da mesa, que parecia não opor nenhum obstáculo nem à luz, nem à vista dos assistentes. É difícil dar uma explicação perfeita do que quero dizer, mas ainda que a

tábua da mesa fosse de vidro, o efeito da luz ascendente teria sido o mesmo que o que víamos através do acaju maciço, sendo além disso preciso que o vidro fosse perfurado para deixar emergir o clarão. As luzes subjetivas eram descritas pelos que podiam vê-las (Moses, a Sra. Speer e alguns outros), quais grandes massas de vapor luminoso, a flutuar no quarto sob as mais variadas formas. Sendo eu e o Dr. Speer de natureza anti-mediúnica, nunca pudemos observar senão os clarões objetivos, que tinham a propriedade de, qualquer que fosse o seu brilho, não irradiar nem iluminar todo o local como a lâmpada ordinária o fazia. Em cima, embaixo e ao redor reinava a escuridão.

IV – Perfumes variados eram sempre trazidos ao nosso grupo; principalmente o almíscar, a verbena, o feno fresco e um aroma desconhecido; cheiro de Espírito, disseram-nos. Algumas vezes uma aragem saturada de perfumes perpassava em redor de nós, outras vezes derramavam grande quantidade de almíscar líquido nas mãos dos assistentes, ou em nossos lenços quando o pedíamos. Ao terminar as sessões, quase sempre se exalava da cabeça do médium um perfume, que quanto mais enxugávamos mais intenso se tornava.

V – Inúmeros e variados sons musicais ocuparam um lugar proeminente na série dos fenômenos de que fomos testemunhas. Tendo eu recebido profunda educação musical, estava habilitado a aquilatar em seu justo valor a importância dessas manifestações, bem como me achava em posição de julgar da maior ou menor possibilidade da sua emissão por meios naturais ou pela intervenção humana. Esses sons podem, no todo, ser divididos em duas classes: os que provinham incontestavelmente de um instrumento, um harmônio, colocado no compartimento onde fazíamos todos a cadeia ao redor da mesa, e os que ressoavam em um local onde não havia piano, violão ou qualquer outro instrumento. Os sons obtidos sem nenhum intermédio aparente eram naturalmente os que mais nos admiravam. Desses podiam distinguir-se cerca de quatro, que ofereciam sensíveis diferenças:

- 1º) Aquele a que chamávamos as campainhas mágicas parecia o tilintar produzido por um pequeno martelo batendo sobre teclas de vidro; eram claros os sons, vibrantes, me-

lodosos e, posto que nunca exibissem um trecho completo, deslizavam, a pedido, uma escala perfeita ascendente e descendente. Era difícil saber donde provinham os sons. Muitas vezes apliquei o ouvido na mesa, mas o músico parecia estar na madeira, por baixo, e se, ao contrário, me colocava embaixo, então o executante parecia estar em cima da mesa.

- 2º) Um som que parecia ser emitido por um instrumento de cordas, assemelhando-se mais ao nosso violoncelo que a qualquer outro, ainda que mais sonoro e poderoso, o qual apenas produzia notas insuladas e só era emitido por um Espírito que se servia dele para responder às perguntas em vez de o fazer por pancadas.
- 3º) Um som que imitava exatamente o tilintar de uma campainha ordinária, e que era vibrado alegremente para anunciar a presença do Espírito ao qual esse som pertencia. Como era natural, tínhamos tomado a precaução de verificar se não existia campainha no local, mas mesmo que houvesse alguma, dificilmente poderia ela tanger de todos os lados ao longo das paredes e do teto.
- 4º) Um som difícilíssimo de descrever, mesmo de maneira aproximada. Não posso dar uma idéia dele sem o auxílio da perspicácia do leitor; peço-lhe pois imaginar o agradável som de um clarinete, aumentando de intensidade até produzir o som estrepitoso de um clarim e diminuindo de novo até a primeira emissão abafada, som que às vezes também se extinguia em gemido longo e melancólico. Como nunca ouviu nada que se aproximasse desse som verdadeiramente extraordinário, só posso descrevê-lo muito insuficientemente. É caso extraordinário que só tivéssemos obtido notas insuladas e, quando muito, compassos destacados. Os agentes invisíveis atribuíam isso à organização antimusical do médium.

VI – Recebíamos muitas vezes a escrita direta em uma folha de papel colocada ao centro da mesa, em igual distância de cada um dos assistentes. Às vezes um de nós colocava as mãos sobre um pedaço de papel datado e marcado, e ordinariamente ao fim

da sessão achava-se nele escrita uma comunicação; se colocávamos ou um lápis ou um fragmento de chumbo sobre o papel, o resultado era o mesmo. Em geral, a escrita respondia às nossas perguntas, mas recebíamos uma ou outra vez comunicações independentes, resumidas e de boa fonte.

VII – Não era raro verem-se corpos pesados, mesas, cadeiras, postos em movimentos assinalados, por exemplo: ser a mesa elevada a um ângulo considerável; as cadeiras de um ou de vários assistentes serem empurradas para longe da mesa, até a parede, que se achava a alguma distância, ou, enfim, a mesa afastar-se das pessoas que estavam sentadas de um lado para se aproximar irresistivelmente das que se achavam em frente, e que tinham de se retirar para não serem ofendidas por tão pesado móvel. Esse móvel, ao redor do qual tínhamos o costume de nos sentar, era uma mesa de sala de jantar, de sólido acaju de Honduras, de enorme peso, o que lhe não impedia fosse movida com uma facilidade que os nossos esforços reunidos não podiam atingir, sendo-nos pois impossível impedi-la de ir em tal ou qual direção. Experimentamos muitas vezes, porém sempre em vão, impedir essa invisível e poderosa força.

VIII – Passagem da matéria através da matéria, que se produzia algumas vezes de maneira surpreendente pelo transporte de diversos objetos através de portas fechadas e aferrolhadas, fotografias, quadros, livros e outros objetos provenientes dos quartos vizinhos ou dos do andar superior nos eram trazidos, não sei como, sem que, todavia, o processo empregado os estragasse.

IX – Emissão vocal diretamente do Espírito, em vez da voz produzida pelo médium em transe, raras vezes foi ouvida e nunca era distinta.

Quando, excepcionalmente, se obteve essa manifestação, pudemos, prestando grande atenção, distinguir uma ou duas frases truncadas, antes sibiladas em um murmúrio rouco, do que pronunciadas. Esses sons emitidos, com evidente dificuldade, pareciam, em geral, lançados no ar sobre nós. Muitos outros meios de comunicação oferecidos, como a voz direta, pouco pesquisamos.

X – A Sra. Speer tratou extensamente, nas suas *Memórias*, dos discursos pronunciados por Moses em estado de transe, sob a direção de diversos Espíritos. Acrescentarei a minha impressão pessoal. Que a voz, passando pela boca do médium, não era a dele, isso percebia-se imediatamente; as idéias também estavam muitas vezes em desacordo com as que naquele momento Stainton Moses professava. Inúmeros Espíritos se serviam desse modo de comunicação e a voz que se ouvia mudava e reconhecíamos perfeitamente nela a inteligência que se comunicava, pelo som da voz e pela maneira de se enunciar. Ouvíamos um ou dois discursos em cada sessão, os quais eram sempre articulados com um tom digno e moderado, em termos claros e persuasivos.

Durante o período ativo da sua mediunidade, Stainton Moses ocupou-se assiduamente em formar sociedades cujo fim era o de estudar o espiritualismo e todas as questões a ele concernentes. Contribuiu para criar: A *Associação Nacional Britânica dos Espiritualistas*, em 1873; a *Sociedade Psicológica da Grã-Bretanha*, em abril de 1875, de cujo Conselho foi um dos primeiros membros; a *Sociedade das Pesquisas Psíquicas*, em 1882. Enfim, fundou a *Aliança Espiritualista de Londres*, da qual foi o primeiro presidente, cargo esse em que se conservou até a morte. Ele passou para outro, pouco antes do seu decesso, a incumbência de dirigir a publicação do *Light*, jornal espiritualista. A sua atividade mediúnica, quanto aos fenômenos físicos, cessou completamente, mas até a morte conservou a faculdade de escrever automaticamente.

Desde 1889, a sua saúde enfraqueceu, ataques sucessivos de influenza minaram-lhe a constituição, que nunca fora robusta, e a 5 de setembro de 1892, no momento em que todos o julgavam fora de perigo, expirou, causando esse acontecimento profunda emoção nas pessoas que o conheciam.

A personalidade de Stainton Moses era muito interessante, só podendo apreciá-la em seu justo valor quem vivesse em sua intimidade. A força do seu caráter era pouco comum, surpreendentes as suas faculdades excepcionais e a variedade das suas aptidões. Nenhum trabalho rejeitava, nenhuma particularidade lhe parecia insignificante quando se tratava de servir a verdade.

Conscioso até ao escrúpulo, cumpria os seus deveres profissionais devotadamente e ocupava-se das pesquisas espiritualistas e da imensa correspondência que elas impunham, com enérgico ardor. Sempre pronto a responder e a auxiliar, o mais que pudes-se, aos pesquisadores da verdade, ele consagrava uma parte do tempo a visitar muitas personagens consideradas por sua posição social, política, literária, científica ou artística, as quais, interessando-se pelos fenômenos espiritualistas, desejavam ouvi-lo sobre esse assunto. Essas pessoas estão vivas, mas não querem que os seus nomes sejam publicados.

Fora do espiritualismo, Stainton Moses oferecia um conjunto de qualidades raras vezes reunidas em um só indivíduo. Justo, cordato, de um julgamento reto e são, nunca outro homem teve coração mais cálido, simpatias mais ardentes nem foi mais empenhado em ajudar por conselhos àqueles que se lhe dirigiam. Muito modesto, ele não tinha nenhuma vaidade pelos seus dons mediúnicos, raros no gênero; não recusava jamais discutir, nem menosprezava nenhum contraditor. A esclarecida inteligência de Moses e o seu espírito lógico permitiam-lhe confundir de modo decisivo os antagonistas que se arriscavam a atacá-lo sem razão nem saber. Stainton Moses gostava do retiro e fugia de exhibir-se em público para falar ou presidir “*meetings*”. Os seus dons obrigaram-no a sacrificar a sua inclinação e a sair muitas vezes dos hábitos de pesquisador, mas a isso se submetia com coragem, tato e discrição, preenchendo o seu dever e dando exemplo do perfeito esquecimento de si mesmo. Granjeou o respeito afetuoso e a estima de centenas de homens, que amam a lembrança da sua amizade e a conservam como um legado precioso.

Nos limites de uma compacta biografia é impossível dar um esboço completo do caráter de Stainton Moses. Ser-me-ia agradável insistir sobre os admiráveis elementos que lhe compunham o caráter; o amor da verdade, a pureza, a integridade, a amizade confiante, generosa, grande e calorosa desse homem, ao qual nenhuma soma de orgulho, de fanatismo ou de presunção maculava. Que elogios poderia eu fazer que pudessem aumentar o afeto e a veneração das pessoas que o conheceram, quando àqueles que não tiveram essa felicidade só posso dar uma fraca

idéia do seu mérito e do seu talento. Oxalá possamos colher um útil auxílio dos inspirados ensinamentos que ele nos legou e aos quais esta memória deve servir de introdução, e durante algum tempo repitamos ainda a velha fórmula: “*Requiescat in pace*”.

Charlton Templeman Speer

Introdução

As comunicações que formam o conjunto deste volume são oriundas do processo bem conhecido sob o nome de escrita automática, ou passiva, que é preciso distinguir-se da psicografia. No primeiro caso, o psíquico segura a pena ou o lápis, ou coloca a mão sobre a prancheta, e a comunicação é escrita sem a intervenção consciente do seu espírito. No segundo, a escrita é direta ou obtida sem que a mão do psíquico seja empregada e algumas vezes mesmo sem pena nem lápis.²

A escrita automática é um método muito conhecido para a comunicação com o mundo invisível, a que vagamente chamamos o dos Espíritos. Emprego esta palavra por ser a mais inteligível, sem querer entrar em discussão com os que a julgam imprópria. Os meus interlocutores chamam-se Espíritos, talvez porque eu os qualifique assim, e Espíritos ficam sendo para mim.

Há exatamente dez anos, em 30 de março de 1873, essas comunicações começaram a ser traçadas pelo meu punho, cerca de um ano depois das minhas primeiras investigações sobre o espiritualismo. Antes de escrever, tinha eu recebido várias comunicações e esse meio foi adotado já por ser mais cômodo, já por conservar um corpo de ensino seguido. O laborioso método de dar as comunicações por meio de pancadas era evidentemente pouco apropriado para receber instruções como as que compõem este volume. Se elas tivessem sido enunciadas pelos lábios do médium em transe podiam perder-se em parte; demais, seria impossível confiar na passividade mental do psíquico sem temer algum reflexo das suas idéias.

Habitualmente eu levava comigo um caderno e descobri logo que a escrita era muito mais corrente quando o caderno era impregnado com a aura psíquica, assim como as pancadas eram mais facilmente vibradas na mesa que serve habitualmente às experiências. Quando Slade não podia receber comunicações numa ardósia nova, conseguia-o se segurasse a dele. Não sou responsável por esse fato, cuja causa é suficientemente inteligível.

Primeiramente a escrita era muito miúda e irregular; via-me forçado a escrever lentamente e a vigiar a mão, seguindo as linhas com a vista; sem essa precaução, o ditado tornava-se logo incoerente e acabava em garatujas.

Passado pouco tempo, prescindi desses cuidados. À medida que a escrita se tornava cada vez mais exata, a sua regularidade e beleza aumentavam. Algumas páginas são soberbos espécimes de caligrafia. As respostas às minhas consultas (escritas no alto das folhas) estão em parágrafos e arrançados como para a imprensa; o nome de Deus era sempre traçado em letras maiúsculas, lentamente, e por assim dizer com veneração. O assunto tratado era sempre de caráter puro e elevado; muitas dessas comunicações são-me pessoais, ditadas para me guiar. As comunicações escritas sucederam-se sem interrupção até 1880 e nunca se afastaram do alvo visado e repetido incessantemente: instruir, esclarecer, guiar por Espíritos dignos de preencher essa tarefa; nelas jamais descobri nem de leve nada de incoerente; nem gracejos, nem vulgaridades, nem inconveniências; nem, a meu ver, afirmações falsas ou capazes de transtornar alguém. Esses Espíritos, julgados assim como eu próprio queria sê-lo, eram o que diziam ser: sinceros, graves, sérios.

As primeiras comunicações foram todas de estilo uniforme, escritas em pequenos caracteres e assinados por Doctor (o instrutor). Durante os anos que se seguiram, nunca variou a forma dessas comunicações. Qualquer que fosse o local ou a ocasião em que ele escrevia, a sua escrita era idêntica, sofrendo menos mudança que a minha nos últimos dez anos. O fraseado era o mesmo, breve; sentíamos-nos em presença de uma individualidade bem determinada. Para mim, era alguém com todas as particularidades mentais e morais tão nitidamente definidas como as dos seres humanos com os quais estou em contato, se na verdade não erro fazendo essa comparação.

Depois de um certo tempo, vieram comunicações de outras fontes; cada qual se distinguia pela sua própria escrita e características pessoais de estilo e expressão, que, uma vez manifestados, continuavam invariáveis. Cheguei a poder dizer imediatamente quem escrevia, lançando os olhos para a caligrafia.

Pouco a pouco descobri que muitos Espíritos, não podendo por si mesmos influenciar-me a mão, recorriam ao auxílio de um Espírito, Rector, que, sem dúvida, escrevia com mais desembaraço e causava-me menos fadiga, porquanto a escrita feita por um Espírito estreante era muitas vezes incoerente e produzia sempre uma tensão dolorosa no meu sistema nervoso. Ignorava ele que a reserva das minhas forças se esgotava com rapidez, fazendo-me sofrer proporcionalmente.

A escrita do Espírito que servia assim de secretário era corrente, fácil de se decifrar, enquanto a de outros Espíritos era acanhada, de forma arcaica, penosamente traçada e quase ilegível. Desse modo e como uma coisa perfeitamente natural escrevia Rector; mas, quando um Espírito se apresentava pela primeira vez ou quando desejávamos se confirmasse a comunicação, o Espírito responsável por ela era o próprio que escrevia.

Não se deve concluir que todas as mensagens proviessem de uma inspiração única; entretanto, a maior parte das contidas neste livro estão nesse caso. Este volume é o resumo de um período durante o qual somente Imperator se ocupou comigo, sem que nunca tentasse escrever, pois Rector lhe servia de *amanuensis*. Mais tarde as comunicações pareciam emanar de um grupo de Espíritos associados que empregavam esse secretário Rector para transcrever suas instruções; isso cada vez mais se acentuou durante os cinco últimos anos em que recebi as comunicações.

As circunstâncias que acompanhavam o recebimento dos ditados variavam ao infinito. Entretanto, em regra geral, era necessário que eu ficasse insulado; quanto mais passivo estava o meu espírito, mais facilmente se obtinham as comunicações; todavia, tenho-as recebido em todas as condições. O começo foi difícil, pois era preciso adquirir com o hábito o mecanismo e, quando isso se realizou, as páginas encheram-se rapidamente. Os espécimes de assuntos contidos na presente obra podem permitir ao leitor apreciar-lhe o valor.

O que está impresso hoje foi revisto por um método semelhante ao empregado para o escrever. Publicadas primeiramente no jornal *O Espiritualista*, as comunicações foram revistas, sem

ser alteradas em substância por aqueles que as tinham ditado. Quando iniciei em *O Espiritualista* a publicação, eu não tinha nenhum intento de fazer o que se executa agora. Alguns amigos desejaram que fossem publicados alguns espécimes, e as escolhas foram feitas sem que se pensasse na continuação. Dominava-me o escrúpulo de dar à publicidade o que me era íntimo e pessoal e por necessidade excluí tudo o que podia conter alusões a pessoas ainda vivas, que eu não tinha o direito de pôr em evidência. Algumas das mais notáveis comunicações foram suprimidas, devendo o que está impresso ser considerado uma simples amostra do que não pode atualmente ser apresentado ao domínio público, e que deve ser reservado para uma época futura em que a ninguém mais magoará o assunto.

É interessante saber se os meus próprios pensamentos exerceram uma influência qualquer nos assuntos tratados nos ditados, apesar de ter tomado as maiores precauções para que esse fato não acontecesse. Ao começo, a escrita era lenta, sendo eu obrigado a segui-la com os olhos, mas, mesmo nesse caso, as idéias não eram minhas. De fato, as comunicações tomaram logo um caráter sobre o qual não podia eu ter dúvidas, pois que as opiniões emitidas eram contrárias ao meu modo de pensar. Distraía-me propositadamente durante o tempo em que a escrita se produzia e cheguei a abstrair-me na leitura de um livro e a seguir um raciocínio cerrado, enquanto a minha mão escrevia com constante regularidade. As comunicações assim dadas enchiam inúmeras páginas, sem haver correção nem faltas de composição, revelando muitas vezes um estilo belo e vigoroso.

Não deixo, entretanto, de convir que o meu próprio espírito era utilizado e que o que era ditado podia depender, quanto à forma, das faculdades mentais do médium. Segundo me parece, pode-se sempre achar o traço das particularidades do médium nas comunicações assim obtidas e isso não podia deixar de acontecer. Mas o certo é que a massa das idéias que passaram por mim era hostil, oposta em seu conjunto às minhas convicções estabelecidas; demais, em várias ocasiões, algumas informações que eu ignorava completamente foram-me dadas claras, precisas, definidas, fáceis de verificar e sempre exatas. Em

muitas das nossas sessões, os espíritos que se manifestavam batiam na mesa dando informações sobre eles mesmos, muito nítidas e verídicas segundo a nossa verificação. Recebi, repetidas vezes, tais comunicações por meio da escrita automática.

Posso afirmar positivamente e provar que, de uma feita, recebi uma informação inteiramente nova para mim; em outros casos creio igualmente que eu estivesse em relação com uma Inteligência exterior, porquanto me apresentava idéias totalmente diversas das minhas. A natureza do assunto e a qualidade inerente de muitas comunicações contidas neste volume conduzirão provavelmente o leitor à mesma conclusão.

Jamais pude dirigir a escrita, que aliás se manifestava espontaneamente, sendo que, quando eu a desejava, era a maior parte das vezes incapaz de obtê-la. Um repentino impulso, vindo não sei como, me obrigava a sentar-me e a preparar-me para escrever. Durante o período em que essas comunicações foram regulares, eu me tinha habituado a consagrar a primeira hora do dia em esperá-las. Levantava-me cedo e passava esse tempo matinal no quarto, unicamente consagrado ao que eu tinha em mente e, por fim, ao serviço religioso. A escrita vinha então freqüentemente, mas eu não podia de modo algum com ela. Comunicações espirituais se produziam sob outras formas; era raro que eu não recebesse alguma, salvo quando me achava doente – o que aconteceu muitas vezes nos últimos anos, dando origem ao seu desaparecimento.

As comunicações especiais oriundas do Espírito que eu conhecia pelo nome de Imperator marcam uma época na minha vida. Notei a intensa exaltação de espírito, a luta veemente e os intervalos de paz (a que ansiosamente aspirei sem a eles chegar, salvo raríssimas vezes), os quais marcaram a sua transmissão. Foi esse um período de educação durante o qual fui submetido a um desenvolvimento espiritual, que era de fato uma verdadeira regeneração. Não posso exprimir, não tento mesmo fazer compreender o que então experimentei. Mas talvez algumas inteligências conheçam em seu foro íntimo as atribuições da alma e concebam que a certeza da ação benéfica do espírito exterior sobre mim ficou finalmente estabelecida. Jamais depois disso

mantive uma dúvida séria, mesmo nos desvarios do meu espírito extremamente céptico.

Esta introdução tornou-se em autobiografia de modo aliás muito desagradável para mim. Posso apenas alegar que tenho razão, por reconhecer que a história da luta de um espírito com uma alma pesquisadora tem auxiliado os outros. É infelizmente necessário falar de mim próprio, a fim de tornar este livro inteligível. Lastimo a necessidade disso, a que me submeto apenas pela convicção de poder ser útil a alguém. Suponho que duas almas não empregam jamais o mesmo método para descobrir a luz, mas creio que as necessidades e dificuldades de cada espírito têm uma semelhança de família e que vou talvez prestar serviço a alguns, no futuro, assim como ensinar-lhes o modo pelo qual me tenho esclarecido.

A forma dessas mensagens, a maneira pela qual foram obtidas, a sua influência educadora sobre mim, são ínfimos acessórios; o importante é o valor intrínseco, a afirmação, o objeto revelado, a verdade essencial que contêm. Para muitas pessoas elas serão absolutamente sem alcance, porque a sua verdade não é verdade para elas; para outras, tais comunicações serão simplesmente curiosas; para outras, ainda, serão um conto fútil. Não espero que elas tenham aceitação geral e dar-me-ei por satisfeito se puderem simplesmente prestar serviço a alguém.

30 de março de 1883.

W. Stainton Moses

Seção I

(Depois de uma conversa sobre a época atual e seus característicos, obtive o seguinte:)

Fazem-se especiais esforços para espalhar o conhecimento de uma verdade progressiva; esforços dos mensageiros de Deus aos quais resistem agora como sempre as hordas dos adversários. A história do mundo é a história da luta entre o bem e o mal; Deus e a virtude de um lado, e a ignorância, o vício e o mal – espiritual, mental e corporal – do outro. Há períodos – e atravessamos um deles – durante os quais se produzem esforços extraordinários. O exército dos mensageiros de Deus está reunido em grande força. Os homens são influenciados, os conhecimentos se espalham e o fim se aproxima. Temei pelos desertores, pelos fracos de espírito, pelos temporizadores, pelos curiosos frívolos. Temei por eles, mas não pela causa da verdade de Deus.

Sim; mas como tantas almas que duvidam podem saber o que é a verdade de Deus? Muitas procuram ansiosamente sem achá-la.

Aqueles que procuram ansiosamente acham sempre, ainda que tenham de esperar muito, mesmo até que cheguem a uma esfera mais elevada da existência. Deus experimenta todos, mas somente àqueles que se acham preparados é concedido o conhecimento superior. A preparação deve ser completa antes do degrau transposto. Isso é uma lei inalterável. A aptidão precede a progressão. A paciência é exigida.

Sim; mas os obstáculos provenientes das dissensões interiores, da impossibilidade de provar a evidência, dos preconceitos, de muitas outras causas parecem quase invencíveis.

Para vós. Por que intervir no que é a obra de Deus? Obstáculos! Não sabeis o que eles são, comparados aos que suportamos no passado. Tivésseis vivido na Terra nos últimos dias da Roma imperial e teríeis aprendido então o que conseguem as forças das trevas coligadas. Tudo o que era espiritual tinha fugido de horror

de um império impregnado de deboche, de sensualidade e de tudo o que era baixo e mau. A frieza era a algidez do desespero; a escuridão era a obscuridade do sepulcro. O corpo, o corpo era tudo, e os guias espavoridos fugiam de uma cena que não podiam contemplar e cujos males não podiam aliviar. Havia realmente a pior incredulidade. O mundo não só nos desprezava como também aos nossos esforços; a virtude era ridiculizada, o Supremo amesquinhado, a imortalidade escarnecida, e só se vivia para comer, beber e revolver-se no lodaçal. Os aviltados, quais animais degradados, fizeram-se a si próprios. Oh! sim! não digais que o mal é invencível quando o poder de Deus e dos Espíritos prevaleceu para purificar semelhante lodaçal.

(Estendeu-se ainda a conversa sobre o insucesso repetido de planos benéficos para o homem, insucesso motivado pela sua ignorância e obstinação. Perguntei se o esforço atual seria outro insucesso.)

Deus dá muito mais que o que pensais. De todos os lados se formam centros donde a verdade de Deus se derrama nos corações ansiosos e impregna os espíritos pensadores. Há muitas almas para quem a palavra dada outrora é suficiente, por não estarem preparadas para receber outra nova; com essas não nos ocupamos. Mas muitas almas há, também, conhecedoras do que o passado lhes ensinou, aspirantes a um outro conhecimento, que lhes é dado à medida que o Altíssimo vai julgando oportuno.

Por essas almas, melhor instruídas, a verdade se transmite a outras, e as gloriosas novidades se propagam até ao dia em que formos chamados a proclamá-las do alto da montanha, quando os fiéis de Deus, ocultos, surgirem dos seus fracos refúgios terrestres para levar o testemunho do que viram e aprenderam; os pequenos regatos abandonados pelo homem se reunirão e o rio da verdade de Deus, onipotente em sua energia, inundará a terra e arrastará em sua irresistível correnteza a ignorância e a incredulidade, a loucura e o pecado, que agora vos amedrontam e inquietam.

Essa nova revelação de que falais é contrária à antiga? Muito se tem meditado sobre esse assunto.

A revelação vem de Deus e o que Ele revelou em uma época não pode contradizer em outra. Cada revelação, na espécie, é uma revelação de verdade, mas de verdade revelada na proporção das necessidades do homem e de acordo com as suas capacidades. O que parece contraditório não está na palavra de Deus, mas sim no espírito do homem, o qual não se contenta com a simples comunicação, mas adultera-a conforme as suas glosas, sobrecarrega-a consoante as suas deduções e especulações, e assim, decorrendo os anos, aconteceu que o que vinha de Deus tornou-se desfigurado, contraditório, impuro e terrestre. Em vez de poder adaptar racionalmente a revelação seguinte à precedente, tornou-se necessário rejeitar a superstição acumulada sobre os velhos alicerces; e o trabalho de eliminação deve preceder o de adição. As revelações não são contraditórias, mas é indispensável fazer desaparecerem os fragmentos amontoados pelo homem antes que a verdade de Deus possa ser de novo revelada. O homem deve julgar conforme a luz da sua própria razão. É a última pedra de toque por onde a alma progressista aceitará o que a ignorante ou cheia de preconceitos recusar. *A verdade de Deus não é imposta a ninguém.* Em certos tempos passados houve também revelação especial para um povo especial. Tem sempre sido assim. Moisés obteve aceitação universal mesmo entre o seu próprio povo? E os profetas? E Jesus mesmo? E Paulo? E qualquer que fosse o reformador em qualquer século, entre qualquer raça? *Deus não muda; oferece, mas não obriga ninguém a aceitar;* oferece, e aqueles que estão preparados recebem a comunicação.

Os ignorantes e os incapazes a rejeitam, pois isso deve acontecer. As dissensões e diferenças que deplorais são a separação do falso e do verdadeiro; provêm de causas indignas e são animadas por Espíritos malévolos. Deveis também contar com sérios incômodos causados pelos poderes coligados do mal. Porém dirigi vossos olhares para o longínquo futuro e tende coragem.

A propósito dos Espíritos-guias, como são eles designados?

Os Espíritos-guias nem sempre são atraídos por aqueles a quem dirigem, posto que isso aconteça habitualmente. Algumas vezes são escolhidos por terem aptidão particular para instruir; outras vezes são encarregados de missão especial; finalmente, em outras são designados porque podem suprir o que falta aos caracteres que lhes são confiados para progredirem. Algumas vezes eles próprios escolhem a pessoa que desejam influenciar. É isso um grande prazer para os Espíritos elevados. Outras vezes ainda, querem, para seu próprio progresso espiritual, ser ligados a uma alma cuja cultura é penosa e difícil. Às vezes são atraídos por pura afinidade ou pelos restos de uma afeição terrestre. Quando não há missão especial, os guias são freqüentemente substituídos à medida que a alma progride.

Quais são os Espíritos que voltam à Terra?

Aqueles que principalmente estão mais próximos dela nas três mais baixas esferas ou estados de existência. Esses conversam mais prontamente convosco. Entre os Espíritos elevados, aqueles que podem voltar são dotados de uma faculdade análoga à que é na Terra o poder da mediunidade. Só podemos dizer-vos que é muito difícil para nós, Espíritos elevados, achar um médium pelo qual nos possamos comunicar. Muitos Espíritos conversariam com prazer se encontrassem um médium conveniente. É daí que provém a variedade das comunicações; aquelas que se verificam ser falsas não o são sempre voluntariamente. Para o futuro conheceremos melhor as condições que influem sobre as comunicações.

Falastes de adversários; quais são eles?

Os Espíritos antagonistas que, revoltados contra a nossa missão, se esforçam para embarçá-la, que impelem homens e outros Espíritos contra nós e a nossa obra; esses Espíritos, refratários aos impulsos do bem, acham-se reunidos sob a direção de uma inteligência ainda mais malfazeja para prejudicar, embarçar e deter a nossa marcha. Poderosos no mal, estimulam as más paixões, industriam-se para nos imitar, e assim, adquirindo influência sobre o iludido, prontificam-se em atraí-lo para o que é baixo e desprezível quando procuramos dirigi-lo ternamente

para o que é nobre e purificado. São eles os inimigos do bem e os ministros do mal; fazemos-lhes uma guerra perpétua.

É bem admirável saber-se que existe uma organização tão poderosa do mal. Há pessoas, deveis saber, que negam absolutamente a existência do mal e ensinam que tudo é bom, ainda que disfarçado.

Ah! Nada é mais triste do que o abandono do bem e a escolha do mal. Admirais, amigo, que tantos maus Espíritos façam obstrução, pois isso é real e não surpreendente. A alma vai para a vida espiritual com os gostos, predileções, costumes e antipatias da sua vida terrestre; não há nenhuma mudança, salvo o acidente de ser separada do corpo.

A alma que na Terra tinha costumes impuros e gostos baixos não muda de natureza ao sair da esfera terrestre, assim como a que foi verdadeira, pura e progressista não se torna baixa e má pelo fato de morrer. Não imaginaríeis uma alma pura e elevada degenerando depois de desaparecer dos vossos olhares; entretanto, inventais a purificação de um Espírito tornado por hábito impuro e sacrílego, odiando a Deus e ao bem, preferindo a sensualidade e o pecado. Um desses casos não é mais possível que o outro. O caráter da alma cresce todos os dias, a todas as horas, e não é posto sobre ela como uma coisa que possa ser rejeitada; ele se identifica com a natureza do Espírito, tornando-se inseparável. Não é possível mais que o caráter seja destruído, salvo pelo lento processo de obliteração, como não o seria cortar um pano deixando intactos os fios divididos pela tesoura. Mais ainda: a alma cultiva costumes que se enraízam de tal modo a tornar-se partes essenciais da sua individualidade. O Espírito que, cedendo aos apetites de um corpo sensual, se tornou por fim seu escravo, não se acharia feliz em um meio puro e elevado e suspiraria por seus antigos refúgios e costumes. Assim, as legiões dos adversários são simplesmente massas de Espíritos atrasados, não desenvolvidos, que se ligam uns aos outros pela semelhança de gostos, contra tudo o que é bom e são. Eles só podem progredir pela penitência, recebendo as instruções dadas por inteligências mais elevadas, e enfim pelo gradual e laborioso

esforço que aniquila o pecado. Tais Espíritos são muito numerosos e constituem os adversários. A idéia de que não há mal nem antagonismo contra o bem, nem adversários coligados para resistir ao progresso e à verdade, é uma cilada manifesta para vos desviar.

Têm eles um chefe, um demônio?

Muitos chefes os governam, não, porém, um demônio, tal como a teologia inventou. Os Espíritos bons ou maus são submetidos à autoridade de poderosas inteligências.

Seção II

(As respostas dadas nesta segunda seção são da mesma fonte. A conversa começou por algumas perguntas sobre o que podia prestar mais serviços à vida do Espírito durante a sua aprendizagem terrestre. Deu-se grande importância ao coração e à cabeça, indispensáveis ao desenvolvimento gradual, regular, dos poderes do corpo e insistiu-se sobre a inteligência e a afeição. Disse-se que a falta de equilíbrio era uma grande causa da retrogradação, ou da incapacidade para o progresso. Apresentei o filantropo como o tipo humano que mais se relaciona com o ideal. Eis a resposta:)

O verdadeiro filantropo, o homem que tem no coração o interesse e vela pelo progresso dos seus irmãos, é o homem tipo, o verdadeiro filho do Todo-Poderoso, que é o Grande Filantropo. O verdadeiro filantropo é o que se eleva todas as horas com o fim de se assemelhar a Deus. Ele se satisfaz pelo constante exercício das simpatias eternas, no desenvolvimento das quais o homem acha uma felicidade que aumenta sem cessar. O filantropo e o filósofo, o homem que ama a Humanidade e o que ama a Ciência pelo que ela vale, esses para Deus são jóias de inestimável valor, e o que lhes é prometido é ilimitado. Esse, a quem nenhuma restrição de raça ou de lugar, de crença ou de nome embaraça, envolve com o seu amor a Humanidade inteira. Ele ama todos os homens como irmãos, não pergunta quais são as suas opiniões, só vê as suas necessidades e, por incutir-lhes conhecimentos progressivos, é abençoado. É esse o filantropo, e não aquele que ama os que pensam como ele, que ajuda os que o adulam e dá esmola para que a sua ação generosa seja conhecida; em antagonismo com a verdadeira filantropia, ele procura encontrar em si a aparência dessa beneficência, que é o seu característico. O outro, o filósofo, separado das teorias, sobre o que deveria existir e por consequência existiu, emancipado de toda a subordinação às opiniões sectárias, dos dogmas de uma escola especial, livre de preconceitos, presta-se a receber a verdade, qualquer que ela seja, logo que fique demonstrada; pesquisa nos

mistérios da divina Sabedoria e, pesquisando, acha a sua felicidade.

Não há que recear esgotarem-se-lhe os tesouros, pois eles são inexauríveis. A sua alegria, através da vida, é obter sucessivamente mais conhecimentos ricos e idéias mais verdadeiras de Deus. A união do filantropo e do filósofo realiza o homem perfeito; aqueles que possuem essas duas qualidades elevam-se mais rapidamente do que os Espíritos que progridem sem elas.

Dizeis a sua vida. A vida é eterna?

Sim; temos todas as razões para o acreditar. A vida tem duas fases: a progressiva e a contemplativa. Nós, que estamos em progresso e que esperamos progredir durante miríades sem-número de séculos, como dizeis, depois do ponto mais distanciado ao qual o vosso espírito limitado possa atingir, nada sabemos da vida de contemplação. Acreditamos, porém, que longe, bem longe, na vasta eternidade haverá um período ao qual as almas adiantadas atingirão eventualmente, quando os seus progressos as conduzirem à mansão do Onipotente, onde elas despojarão o seu primeiro estado e se banharão na abundante luz da Divindade, contemplando os segredos do Universo. Disso não vos podemos falar, pois é muito elevado; não adejeis em tais alturas. A vida é sem-fim, como o entendeis, mas só a aproximação do limiar vos pertence e não a entrada no templo interior.

É certo. Tendes melhor conhecimento de Deus do que tí-nheis aqui na Terra?

Temos melhor conhecimento das operações do seu amor, dos atos desse bem-aventurado poder que fiscaliza e guia os mundos. Temos conhecimento dEle, mas não o conhecemos, nem o conheceremos como o entendeis, até que entremos na vida de contemplação. Ele apenas nos é conhecido pelos seus atos.

(Em outras conversas, fiz ainda alusão do conflito entre o bem e o mal, sendo-me dada uma longa resposta a essa pergunta, ou antes ao que estava em meu pensamento. Disse-me que a tempestade desabaria com intervalos de calma, durante dez a doze anos, seguindo-se depois um período de calmaria. Foi esse

o único caso notável, em que nos aventuramos a profetizar. Posto que as idéias desse ditado tenham sido depois repetidas com mais energia e precisão, apresento-o tal qual para mostrar o caráter do ensinamento nessa época.)

O que ouvis são os primeiros murmúrios de um conflito que será longo e árduo; são ocorrências periódicas. Se lêsseis a história do mundo com os olhos do espírito, veríeis que sempre houve batalhas renovadas em certos períodos entre o bem e o mal. Fases houve em que as inteligências não desenvolvidas predominaram, fases especialmente conseqüentes das grandes guerras que arrebatam entre vós. Muitos Espíritos saem prematuramente do corpo, deixando-o antes de preparados para isso, e na hora da partida ficam irritados, sedentos de sangue, transbordando más paixões e conservando-se por muito tempo prejudiciais na vida de além-túmulo.

Nada é mais perigoso para as almas do que serem bruscamente separadas do invólucro corpóreo e lançadas na vida espiritual, agitadas por violentas paixões, dominadas por sentimentos de vingança. É muito prejudicial ser uma alma atirada fora da vida terrestre sem que seja o laço cortado por efeito da morte natural. Toda destruição de vida corpórea é selvageria e loucura; selvageria, demonstrando uma bárbara ignorância das condições de vida e progresso, na vida de além-túmulo; loucura, por libertar de seus óbices um Espírito atrasado, irritado, que obtém assim mais intensa a capacidade malfazeja.

Sois cegos e ignorantes em vossos atos para com aqueles que ofendem as vossas leis ou as regras morais e restritas que governam as relações sociais. Em presença de uma alma degradada, cometendo delitos contra a moral e as leis constituídas, tomais logo as medidas mais apropriadas para aumentar a sua capacidade criminal. Em vez de subtrair tal ser das más influências, de lhe evitar todo o contato vicioso, isolando-o sob a influência educadora da verdadeira espiritualidade onde as inteligências mais elevadas possam contrabalançar o pernicioso poder do mal, o colocais no meio de insalubres associações, em companhia de culpados como ele, onde a própria atmosfera está saturada de vício, onde os espíritos não desenvolvidos se aglomeram e onde,

pelas aglomerações humanas e pelas influências espirituais, as tendências são completamente más.

Pueril e curta vista! Não podemos entrar em vossos antros de criminosos. Os Espíritos missionários se retraem e consideram infrutífera a sua missão, choram em presença de uma associação humana e espiritual malfazeja, formada contra eles pela ignorância insensata do homem. Com um tal método, não é de admirar que tenhais adquirido a convicção de que a disposição declarada para o crime é raras vezes sanável; sois vós próprios os cúmplices manifestos desses Espíritos, que assistem com alegria às quedas que estimularam. Quantas almas desviadas, por ignorância ou por escolha, saíram dos cárceres, endurecidas e seguidas de guias perigosos, não o sabeis nem nunca podeis sabê-lo. Mas se quiserdes experimentar um melhor sistema para os culpados, obtereis um lucro perceptível, e incalculáveis bênçãos seriam conferidas aos mal guiados e aos viciosos.

Deveríeis instruir os vossos criminosos; deveríeis puni-los como o são aqui, pela demonstração do dano que fizeram resvalar sobre eles próprios, cometendo faltas que retardam o seu futuro progresso. Deveríeis colocá-los onde espíritos adiantados e ardentes, entre vós, pudessem inculcar-lhes a aversão ao pecado e a sede do bem, onde os bandos dos Bem-aventurados pudessem auxiliar os seus esforços e os Espíritos das mais elevadas esferas pudessem espalhar por sobre eles a sua reconfortante e benigna influência. Porém, reunis os espíritos perigosos e os castigais barbaramente com vinganças e crueldades, tratando-os como pessoas das quais nada mais se pode esperar, e o homem que foi a vítima da vossa ignorante repressão prossegue em sua louca carreira de pecado suicida, até que acrescentais, à série dos vossos atos insensatos, o último e pior; eliminais o culpado. Vós o libertais do grande freio das suas paixões e o mandais trabalhar, sem obstáculo, na vida de além-túmulo, sob a infernal sugestão das suas paixões irritadas.

Cegos! Cegos! Não sabeis o que fazeis. Sois os vossos piores inimigos, os verdadeiros aliados daqueles que lutam contra Deus, contra nós e contra vós próprios. Arrogai-vos falsamente o direito, pela Lei Divina, de derramar o sangue humano. Errais, e

não sabeis que os espíritos assim maltratados vingar-se-ão por sua vez de vós. Tendes ainda que aprender os primeiros princípios dessa divina e piedosa ternura que trabalha, mesmo por nosso intermédio, para libertar o espírito viciado, a fim de reerguê-lo das profundezas do pecado e da paixão, para elevá-lo à pureza e ao progresso. Formastes um Deus cujos atos estão de acordo com os vossos próprios instintos; inventastes que Ele reside no Alto, indiferente à sorte das suas criaturas, cioso somente do seu próprio poder e da sua honra. Fabricastes um monstro que se compraz em estragar, em matar, em torturar, um Deus que se regozija infligindo amargos castigos sem-fim nem alívio. Fizestes Deus pronunciar palavras que Ele nunca conheceu, atribuí-lhe leis que Ele reprovava.

Deus, o nosso caro Deus, amante, terno, piedoso, regozijar-se punindo com mão cruel a seus filhos desgarrados e ignorantes! Desprezível fábula! Baixa e louca concepção nascida do espírito brutal, grosseiro e limitado do homem.

Grande Pai! revela-te a esses cegos ociosos e ilumina-os para que eles te conheçam. Dize-lhes que fazem mau juízo de ti, que te não conhecem nem podem conhecer-te até que apaguem as suas ignorantes concepções da tua natureza e do teu amor.

Sim, amigo, os vossos cárceres, o homicídio legal e todo o conjunto do vosso processo criminal é baseado no erro e na ignorância. As guerras e massacres em massa são ainda mais pavorosos. Estabeleceis desavenças com os vossos vizinhos, que deveriam ser amigos, impelindo massas de espíritos, uns contra os outros – nós não vemos o corpo; só cuidamos do espírito, temporariamente vestido com átomos humanos – e levais esses espíritos ao auge da raiva e do furor, e assim os atirais, brusca-mente, na vida espiritual, e os desencarnados ainda ligados à Terra, animados das mesmas horrendas paixões, formam multidões e incitam viciosos, que ainda não deixaram os corpos, a cometer crueldades e violências.

Ah! amigo, tendes muito, muito que aprender, e a triste obrigação de desfazer depois o que fazeis agora vos convencerá disso. Aprendei primeiro a lição de ouro: que Piedade e Amor são a sabedoria, e não a vingança nem os castigos rancorosos. É

preciso que conheçais Deus, nós e vós mesmos, para vos colocardes em estado de progredir e de participar dos nossos trabalhos em vez de ajudar aos dos nossos adversários.

Amigo, quando vos pretenderem tomar informações acerca da utilidade da nossa comunicação e dos benefícios que pode conferir àqueles a quem o Pai a envia, dizei que ela é um Evangelho a revelar um Deus de ternura, de piedade e amor, em vez de uma fabulosa divindade rigorosa e cruelmente apaixonada; dizei que ela os levará a conhecer Inteligências cuja vida inteira é amor, é misericórdia, e auxílio eficaz para o homem, combinado com a adoração do Supremo; dizei que a nossa palavra conduzirá o homem a ver a sua própria loucura, a rejeitar as suas falsas teorias, a cultivar a sua inteligência para que ela progrida, a utilizar-se de todas as ocasiões oportunas para servir aos seus semelhantes, a fim de que, nos encontros extraterrestres, lhe não possam exprobrar ter sido por eles obstados ou prejudicados.

Dizei que tal é a nossa gloriosa missão; se fordes ridicularizados à maneira dos ignorantes que se ufanam de um saber imaginário, voltai-vos para as almas progressistas, que receberam o ensino de sabedoria; falai-lhes da comunicação da divina Verdade que regenerará o mundo e orai pelos cegos, a fim de que, quando seus olhos se abrirem, eles não se aflijam com o espetáculo que se lhes deparará.

Seção III

(A intensidade com que a comunicação precedente foi escrita era fato completamente novo para mim; a pena enchia páginas após páginas traçando minuciosamente os caracteres, assinalando sempre o nome de Deus com letras maiúsculas, paragrafando e deixando uma margem, de sorte que a escrita impressionava a vista com um trabalho perfeito de caligrafia. A mão açoitava, o braço batia e eu tinha consciência de que ondas de força passavam por mim. Terminada a comunicação, fiquei exausto de cansaço, com violenta dor de cabeça na base do cérebro. No dia seguinte perguntei a causa disso; recebi a seguinte resposta, porém muito mais tranqüilamente:)

A vossa dor de cabeça foi a conseqüência da intensidade do poder e da rapidez da escrita; não podemos tratar, sem veemência, de tal assunto, que é de interesse vital para aqueles a quem somos enviados. Quereríamos capacitar-vos da convicção de que é de primeira necessidade obedecer a essas leis inalteráveis, por Deus estabelecidas, leis que violais com risco e perigo.

As guerras são, porém, os resultados da cobiça, que vos excita as paixões ambiciosas, dominadoras e vingativas. E, que resulta disso? As belas obras de Deus destruídas, os pacíficos esforços, os agradáveis e engenhosos produtos da indústria humana reduzidos ao nada; os santos laços do lar, do parentesco, cortados; milhares de famílias mergulhadas na miséria; rios de sangue derramados sem causa; inúmeras almas arrancadas dos corpos para serem precipitadas na vida espiritual, sem preparo, sem educação nem purificação. Mau! Tudo mau! A desgraça dimana da Terra, tornando-se em miséria. Enquanto não souberdes proceder melhor, a vossa raça só lentamente progredirá, pois lançais, sem cessar, sementes que produzem uma seara de obstáculos contra o nosso trabalho. Tendes muito que retificar para a gestão dos negócios do Estado, e também para a economia social. Quantas coisas há a acrescentar ao pouco que sabeis!

Por exemplo: legislais para as massas, mas ocupai-vos somente com o culpado. A vossa legislação deve punir, mas deve

também curar. Recolheis os que julgais loucos, com receio de que prejudiquem os outros. Há poucos anos os torturáveis, enchendo os asilos de desgraçados, cuja única moléstia era não compartilharem das fúteis opiniões dos seus compatriotas, ou dos desgraçados que estavam sob a influência de espíritos não desenvolvidos; houve e ainda há muitos desses. Aprenderéis um dia, à vossa custa, que deixar o caminho percorrido nem sempre é provar demência de espírito, e que servir de veículo ao ensinamento espírita não prova desequilíbrio de inteligência. O poder de proclamar a sua missão foi cassado a inúmeros indivíduos. Tem-se falsamente afirmado que temos enchido os hospitais e conduzido os médiuns à loucura, porque homens cegos e ignorantes têm acusado de dementes todos aqueles que se arriscam a proclamar a sua relação conosco e com os nossos ensinamentos; argumenta-se ser uma prova de demência o estar em comunicação com o mundo espiritual. Por conseqüência, todos quantos o confessam são loucos, devem ser recolhidos. E porque esses ignorantes chegaram, graças a essas asserções falazes, a imprimir o estigma nos médiuns e a encarcerá-los, sobrecarregaram-nos, por cúmulo, do pecado que inventaram, de conduzir os médiuns à demência.

Se isso não fosse ignorância, seria blasfêmia. Temos trazido apenas a bênção aos nossos amigos; somos para eles intérpretes da Verdade Divina. Se o homem, pela sua disposição perversa e pela vida culpada, atrai Espíritos congêneres, que exageram ainda a sua maldade, a falta deve recair sobre a sua cabeça, pois só fez cultivar a seara que havia semeado; era louco já; louco, desprezando o seu próprio espírito e o corpo; louco, repelindo as santas influências; mas não nos ocupamos disso.

Mais loucos que outros, verdadeiramente, são esses ébrios imbecis que não julgais loucos. Não há, aos olhos do Espírito, mais horroroso espetáculo que o desses antros de maldade e impureza onde os homens maus se reúnem para mergulhar os seus sentidos no esquecimento, para excitar as concupiscências dos seus miseráveis corpos, para oferecer-se, em vítima voluntária, aos mais baixos e piores Espíritos que pairam ao redor deles, os quais acham gozo em fazer viver novamente as suas baixas

vidas corpóreas. São antros da mais hedionda degradação, uma mancha na vossa civilização, uma desgraça para a vossa inteligência.

Que entendeis pela expressão “viver novamente as suas baixas vidas”?

Esses Espíritos ligados à Terra conservam em grande parte as suas disposições e paixões terrestres; os desejos do corpo não estão extintos, posto que a faculdade de os satisfazer esteja suprimida.

O ébrio conserva a sua antiga sede, mais exagerada, agravada pela impossibilidade de a saciar; o desejo não satisfeito queima-o e impele-o a procurar os lugares, cenários dos seus vícios de outrora, a arrastar miseráveis como ele para a completa degradação. A sua existência anterior aparece-lhe diante da vista e ele se desaltera, com feroz satisfação, pelos excessos que os incita a cometer, e assim o seu vício perpetua-se, aumentando a série de pecados e de dores. O estúpido miserável, estimulado por agentes que não pode ver, chafurda-se cada vez mais no lodo. Sua mulher e filhos inocentes têm fome, choram e agonizam, enquanto perto deles adeja e sobre eles se aflige o anjo da guarda, sem força para atingir o culpado, que lhes destrói a vida e o coração. Quando vos dizemos que o Espírito escravo da Terra revive a sua vida de excesso nos excessos daqueles que ele é capaz de conduzir à ruína, apenas apresentamos uma imperfeita imagem.

O remédio é lento, pois se acha na elevação moral e material da raça, no progresso gradual, nos conhecimentos mais puros e mais exatos, em uma educação adiantada na mais lata expressão do termo.

Esses esforços poderiam então prevenir a obsessão tal como a entendeis?

Poderiam, finalmente; nenhuma outra coisa o poderá, enquanto persistirdes em alimentar ativamente a fonte malévola.

As crianças passam imediatamente a uma esfera elevada?

Não. Não se pode ser dispensado da experiência da vida terrestre. A ausência de contato assegura um rápido acesso às esferas de purificação; mas a ausência de experiência e de saber impõe um preparo e educação aos Espíritos, cujo encargo especial é dirigir essas tenras almas e suprir o que lhes falta. Não há vantagem em ser retirado da vida terrestre, salvo no caso de mal empregar as ocasiões oportunas, ocasionando grande perda de tempo e retardando o progresso. A alma que mais ganha é a que se consagra à tarefa que lhe é conferida, que trabalha com zelo pelo seu próprio aperfeiçoamento e pelo bem das outras, que ama e serve a Deus, e segue a direção dos seus guias. Essa alma progride rapidamente, tem menos coisas a retificar. Toda vaidade e egoísmo sob qualquer forma que seja, toda inércia e indulgência pessoal embarçam o progresso. Nada dizemos do vício nem do pecado, nem da recusa obstinada em aprender e ser instruído. Amor e Ciência ajudam a alma. A criança pode ter uma dessas coisas, mas a outra só a obterá pela educação, freqüentemente adquirida ligando-se a um médium e vivendo assim uma nova vida terrestre. Muitas almas de crianças que teriam sido expostas à tentação, a penosas provações, deixam a Terra, sem máculas, ganhando assim em pureza o que perderam em conhecimentos. Mas o espírito que lutou e venceu é o mais nobre; purificado pela provação, sobe à esfera reservada às almas que combateram com êxito. Tal experiência é necessária e, com o fim de consegui-la, inúmeros Espíritos escolhem a volta a esse planeta para obter o que lhes falta, ligando-se a um médium. É preciso a um a cultura das afeições; a outro, o sofrimento e a aflição; a este, a cultura mental, àquele, dominar, limitar as impulsões do espírito e equilibrá-las.

Todos os Espíritos que voltam, exceto os que, como nós, estão encarregados de determinada missão, têm um fim imediato a atingir; associando-se a nós e a vós, adiantam-se, o que é desejo dominante do Espírito. Mais progresso! Mais saber! Mais amor! Até que, arrancado o joio, possa sua alma largar o vôo cada vez mais alto para o Supremo.

A volta à Terra não é o único método de progresso?

Não; nem mesmo é o usual. Temos muitas escolas de instrução e não empregamos segunda vez aquela cujo sistema abortou.

(Depois de algumas permutas de idéias relativas ao envoltório e à ocupação do Espírito, interroguei, sem receber informação alguma satisfatória, se o escritor conhecia estados de existência quer superiores ou inferiores ao da encarnação terrestre. Informaram-me que os Espíritos não podiam abranger em seu conjunto a extensão infinita da existência espiritual e que os seus conhecimentos eram limitados pelo abismo que separa o que se chama esferas de provação ou algumas vezes purgatórios – nos quais a alma se desenvolve, aperfeiçoando-se – e as esferas de contemplação, pelas quais a alma passou, nunca a elas voltando, exceto em raríssimos casos. Resposta:)

A passagem da mais elevada esfera de provação à mais baixa das esferas de contemplação é uma mudança análoga à que chamais morte. Essa vida de além nos é pouco conhecida, ainda que saibamos que os bem-aventurados que aí vivem têm o poder de nos auxiliar e nos guiar tal como velamos por vós. Por experiência nada sabemos daquilo em que se ocupam, a não ser que uma ciência superior lhes permite melhor compreender a Divina Perfeição, apreender mais exatamente a origem das coisas e de adorar mais de perto o Supremo. Achamo-nos muito distanciados desse estado de bem-aventurança. Temos a nossa tarefa a desempenhar e nela trabalhando achamos as nossas delícias. *Lembrai-vos sem cessar de que os Espíritos falam segundo a experiência e o saber que possuem; alguns, interrogados sobre pontos abstratos, a que respondem conforme as suas capacidades, enganam-se.* Não os censureis contudo. Acreditamos estabelecer uma certeza quando dizemos que a Terra é a mais elevada das esferas, às quais sucedem sete esferas de trabalho ativo, depois sete esferas de divina contemplação. Mas cada esfera tem muitos graus.

Já vos fizemos entrever como as almas, que se degradam voluntariamente, chegam de queda em queda a tornar a renovação difícil. Preferir sempre o mal ao bem produz o ódio ao que é puro e bom. Os Espíritos desse caráter têm sido usualmente

encarnados em corpos nos quais as paixões animais predominavam, sendo a estes submetidos primeiramente e por fim tornando-se seus escravos. Aspirações nobres, desejos de santidade e de pureza, divina energia, tudo é aniquilado, e em vez do Espírito, o corpo reina como soberano, ditando as suas próprias leis, apagando todo o vislumbre moral e intelectual e rodeando a alma de influências e associações de impurezas. O caso é perigoso. Os guias retiram-se assustados, não podem respirar essa atmosfera, mas outros Espíritos os substituem e, possuídos dos mesmos vícios, fazem reviver as suas existências sensuais e comprazem-se em aviltar o desgraçado de quem se apoderaram. Essa tendência do pecado corporal, persistindo, é uma das mais terríveis conseqüências da voluntária e grosseira transgressão às leis da Natureza. O espírito que vive unicamente para e pelas satisfações materiais erra, depois da morte do corpo, por toda parte onde o chamam as suas antigas volúpias; faz reviver a sua vida corpórea nos vícios daqueles aos quais atrai ao pecado. Se pudésseis ver os sombrios Espíritos formando multidões, por toda parte onde os viciosos se reúnem, saberíeis alguma coisa dos mistérios do mal. A influência desses vis Espíritos facilita a queda persistente e mostra invencíveis obstáculos àquele que tivesse a veleidade de regressar. Cada ser miserável é o centro de um grupo malfazejo, que apresenta uma energia feroz para o rebaixar ao seu próprio nível.

Tais são os que, despojados dos corpos, gravitam em esferas inferiores à Terra. Eles vivem com quem os tenta, no desespero de satisfazer paixões e apetites inextintos, apesar da perda dos órgãos que outrora lhes permitiam gozá-los.

Nessas esferas, eles são, entretanto, acessíveis às tentativas dos Espíritos missionários, que procuram despertar neles um desejo de melhora. Quando esse desejo surge, o Espírito dá o seu primeiro passo para diante, torna-se menos rebelde às santas influências e é protegido pelos seres puros e devotados, cuja missão é socorrer e guiar as almas em perigo.

Tendes entre vós homens ardentes e generosos, cuja missão na vida terrestre é permanecer nos antros de infâmia e de vício, para salvar, ajudar alguns infelizes; e cujo amor e abnegação os

coroam de glórias. Assim, entre nós há Espíritos dedicados ao trabalho de ajudar os aviltados, os abandonados. Por seus esforços, inúmeros seres se elevam e, salvos da degradação, prosseguem laboriosamente em longa purificação através das esferas de provação. Sabemos pouco a respeito das baixas esferas; sabemos apenas que há linhas de demarcação entre as gradações e as diferentes espécies de vício. Aqueles que desconhecem e recusam aceitar o menor vislumbre vivificante, que se revolvem na impureza e no vício, caem cada vez mais baixo, a tal ponto que perdem a consciência de sua identidade e são praticamente extintos, no que diz respeito à existência pessoal; é pelo menos o que acreditamos.

Ah! quão opressivo é esse pensamento. Tais casos são raros, atingindo somente a alma que, de propósito deliberado, rejeitou tudo o que é bom e nobre. É isso o pecado até na morte, de que falou Jesus aos seus discípulos. É o pecado de exaltar o animal até à extinção do espiritual, de degradar mesmo o corporal, de reduzir o homem ao nível do mais baixo dos brutos, e assim como o doente é corrompido e esmagado sob indômitas dores, o Espírito é reprimido e perde-se em insondável escuridão.

É isso o pecado imperdoável; não porque o Supremo não queira perdoar, mas porque *o pecador quer que isso seja assim*. Imperdoável porque o perdão é impossível ali onde o pecado é congenial e inacessível à penitência.

O castigo é sempre a conseqüência mediata ao pecado; não é uma medida arbitrária, mas *o resultado inevitável da violação da lei*. As conseqüências da transgressão não podem ser evitadas, ainda que pudessem ser disfarçadas pelo remorso, que sugere o desgosto da falta e o desejo de repará-la. Isso é o primeiro passo, depois uma melhor aspiração surge no Espírito, a atmosfera espiritual muda e os bons guias se apresentam prontamente para ajudar a alma que quer lutar. Ela é afastada dos inimigos; remorsos e aflições são consolados. O Espírito torna-se ameno e terno, sensível às influências do bem, e progride. Assim o pecado é expiado, a duração e a amargura do castigo são aliviados. Isso sucede em todos os tempos.

É de acordo com esse princípio que assinalamos a loucura da vossa conduta em face daqueles que transgridem as vossas leis. Se agíssemos do mesmo modo com os culpados não haveria redenção, e as esferas dos depravados estariam repletas de almas perdidas e arruinadas. Porém Deus é mais sábio e nós somos os seus ministros.

Seção IV

(As páginas anteriores foram escolhidas dentre uma quantidade de comunicações escritas durante os meses de maio e agosto de 1873. Nessa época, a escrita tinha-se tornado fácil, parecendo que era preciso menos esforço para achar as palavras apropriadas. Vários fatos e narrações exatas sobre a vida de alguns Espíritos tinham já sido referidos. Por exemplo, a 22 de maio de 1873, eu escrevia sobre um assunto completamente diverso, quando a comunicação foi suspensa e traçado o nome de Tomás Auguste Arne, declarando que se comunicava comigo por causa do seu interesse por um dos meus discípulos, filho do Dr. Speer, o qual patenteava grande capacidade musical. Eu estava então profundamente impressionado pelo caráter da escrita automática e pelas informações recebidas. Perguntei primeiro se poderia obter de Arne, por intermédio do Espírito Doctor (que escrevia), algumas indicações exatas sobre sua vida. O pedido foi acolhido sem demora. A data do nascimento de Arne (1710), a sua Escola (Eton), o seu professor de violino (Festing), as suas obras, ou antes, oito ou nove dentre elas, o fato de a *Rule Britannia* estar contida na *Masque d'Alfred* e outras particularidades minuciosas foram dadas sem a menor hesitação. Profundamente surpreendido ao receber tantas informações, não somente estranhas a mim mas às minhas disposições e aos meus pensamentos, pois sou, em matéria de música, de uma ignorância completa, sendo que nada absolutamente li sobre esse assunto, perguntei como era possível fornecer tantas informações exatas. Responderam que era muito difícil, e somente possível quando o médium se achava em um estado absolutamente passivo e receptivo; que, quando os Espíritos tinham acesso às fontes de informações, podiam utilizar-se delas e avivar as suas idéias. Perguntei: Como? – Lendo sob certas condições com um fim determinado, ou informando-se, como o faz o homem; conquanto possível, é isso menos fácil aos Espíritos.

Podia o meu próprio amigo obter informações? – Não; ele tinha deixado a Terra havia muito tempo, mas designou dois

Espíritos habituados a escreverem algumas vezes e capazes de preencherem essa tarefa.

Pedi que trouxessem um deles.

Esperando um discípulo, eu estava sentado em um quarto estranho que servia de sala de estudo e cujas paredes eram guarnecidas de prateleiras cheias de livros.

A escrita parou. Depois de um intervalo de alguns minutos, recomeçou diversamente.)

Podeis ler?

Não, amigo, não posso, mas Zachary Gray e Rector o podem; não sou capaz de me materializar ou de ter ação sobre os elementos.

Um desses Espíritos está aí?

Irei buscar um deles já e o apresentarei. Rector está aí.

Disseram-me que podeis ler. É verdade? Podeis ler em um livro?

(A escrita muda.)

Posso, amigo, com dificuldade.

Quereis escrever-me a última linha do primeiro livro da Eneida?

Esperai. *Omnibus errantem terris et fluctibus æstas.*

(Era exato.)

Exato. Mas é possível que eu tivesse conhecido esse verso; podeis ir à biblioteca, tomar o penúltimo livro sobre a segunda prateleira e ler o último parágrafo da página 94? Não o vi e ignoro mesmo o seu nome.

“Provarei brevemente, por uma curta narração histórica, que o papado é uma novidade que gradualmente se elevou ou surgiu desde a época primitiva e pura do Cristianismo, não somente após a idade apostólica, mas desde a lamentável união da Igreja e do Estado, por Constantino.”

(Examinando-se o livro verificou-se ser ele uma singular obra, intitulada: *Roger's Antipopopriestian*, uma tentativa para purificar o Cristianismo, libertando-o do papado, da política e do sacerdócio. “O extrato acima era exato, exceto a palavra “narração”, que substituiu o termo “conto”).

Como caí em uma passagem tão apropriada?

Não sei, meu amigo; foi uma coincidência. A palavra foi trocada por erro. Apercebi-me dele quando já estava cometido, mas eu não quis retificar.

Como ledes? Escreveis mais lentamente, por saltos e sacudidas?

Escrevi aquilo de que me lembrava e em seguida fui ler mais. É preciso um esforço especial para ler, sendo isso apenas útil como prova. O vosso amigo tinha razão ontem à noite; podemos ler, porém somente quando as condições forem muito boas. Leremos uma vez ainda e escreveremos, indicando-vos depois o livro de que nos servimos: “Pope é o último grande escritor dessa escola de poesia, a poesia intelectual, ou, antes, do intelectual misturado com a imaginação.” Isto está escrito exatamente. Ide e tomai o 11º volume em cima da mesma prateleira (tomei um livro intitulado *Poesia, Romance e Retórica*); ele se abrirá na própria página, lede e reconhecei o nosso poderio e a permissão que nos é dada de vos mostrar o nosso poder sobre a matéria. Glória a Deus. Amém.

(O livro abriu-se na página 145; a citação era perfeitamente exata. Eu não conhecia esse livro e não tinha, por consequência, nenhuma idéia do que ele continha.)

Apêndice à Seção IV

Na seção IV, narram-se particularidades sobre a vida de Arne, músico compositor. A 25 de março de 1874, foi-me dada espontaneamente uma grande quantidade de datas e de fatos sobre outros compositores cujos nomes eu ignorava, a saber: Dr.

Benjamim Cook, Pepuxh, Wellesley, Conde de Mornington. As indicações vinham cheias de minúcias e redigidas como breves notícias destinadas a um dicionário biográfico. Seu autor, Doctor, os qualificava sem valor, a não ser para dar a convicção “do fim em que prosseguimos, pois as particularidades da vida terrestre nos oferecem agora pouco interesse”.

A 16 de julho de 1874, doente e retido em um quarto, recebi uma outra comunicação a propósito desses Espíritos músicos, que me não interessavam absolutamente, mas que tinham, entretanto, uma íntima relação com uma pessoa que eu via todos os dias. Dessa vez falava-se de John Blow, compositor desde a infância, citado como discípulo de Cristóvão Gibbon e o sucessor de Purcell na abadia de Westminster. Uma pergunta trouxe a data de 1648-1768. Suponho que o meu estado supra-sensitivo criava um laço entre mim e esses Espíritos e tinha atraído essa visita de acaso.

A 5 de outubro de 1874, foi-me facultada uma prova mais pessoal. O mesmo Espírito (vede seção IV), que tinha sido designado como capaz de escrever um resumo tirado de um livro, transcreveu observações sobre antigas crônicas que, em seu conjunto, não me eram desconhecidas, pois que se achavam no curso dos meus estudos. As particularidades eram dadas com tanta precisão que estavam fora da minha capacidade mental, pois há dificuldade na minha mente em reter ou reproduzir fatos em suas minúcias ínfimas, assim como sou refratário a reter datas e lembrar-me delas; longe de experimentar corrigir-me, auxiliiei antes essa disposição natural, para me entregar à cultura das idéias gerais que me parecem infinitamente mais úteis.

Um fato singular é que quase todas as comunicações escritas por meu punho, exceto as ditadas por Imperator, se distinguem por um luxo de minuciosidade e uma ausência de amplitude e diversidade de idéias.

Nessa mesma época (1874) escrevi vinte e seis linhas, extraídos das obras de Norton, velho alquimista, em caracteres curiosamente arcaicos, muito diferentes de todos os empregados até então. Pude verificar, não sem dificuldade, a certeza da citação, pois pouca coisa se sabe de Norton; a data de seu nascimento e a

de sua morte não são mesmo bem conhecidas. Disseram-nos que o Espírito era de um antigo estudante de ocultismo, médium durante a vida, o que lhe permitiria voltar mais facilmente à Terra. Seu poema se intitulava *O Ordinal ou Manual da Arte Química*, redigido por seu patrono, o arcebispo Neville, de Iorque.

Eu poderia multiplicar os exemplos, mas eles não provariam mais nada. Escolhi, quase ao acaso, no conjunto dos fatos um certo número de casos para citar.

Eis aí mais um, de que tratarei por causa da circunstância singular que permite verificar a autenticidade da comunicação. Parece que o mesmo produtor do fato forneceu o método de verificação. Esse fato tinha o mérito de ser absolutamente desconhecido de todas as pessoas presentes; reproduzo-o segundo as minhas notas.

25 de março de 1874 – Um Espírito comunica pela mesa um nome e particularidades completamente ignoradas de todos os assistentes. No dia seguinte pergunto: que significa isso? O Espírito disse a verdade declarando chamar-se Carlota Buckworth. Ela não tem relação especial conosco, mas foi autorizada a falar, porque se achava presente, por acaso, e porque isso podia oferecer-vos uma prova. As condições eram desfavoráveis ao nosso trabalho e não conseguimos harmonizá-los, de modo que ficaram perturbados – o que é inevitável depois de um dia tal como o que acabastes de passar. As influências contraditórias, no meio das quais vos atirastes, introduziram elementos de desordem, que não podemos deter.

(Eu tinha ficado com quatro pessoas mais ou menos médiuns e esse gênero de sociedade impressionava-me sempre.)

Não sabeis quanto sois sensível a semelhantes influências. O Espírito que se manifestou deixou a Terra há mais de cem anos, entrou repentinamente e sem preparo na vida espiritual em 1773, desencarnou na casa de um amigo, Jermyn Street, onde tinha ido para divertir-se. Ele poderá provavelmente ser mais explícito.

Podereis trazer esse Espírito?

Não temos ação sobre ele.

Sabeis alguma coisa de mais a respeito dessa pessoa?

Sabemos, ela muito ansiava por dizer mais alguma coisa, mas o seu poder tinha-se esgotado. Ocupada em sua esfera especial, depois de um longo sono, ela apenas acaba de ser posta em contato com a atmosfera da Terra. É atraída às reuniões onde reina a harmonia, pois ela própria é de uma natureza amorosa. A sua partida da Terra foi repentina, caiu dançando e logo abandonou o corpo.

Qual foi a causa da sua morte?

Fraqueza do coração, aumentada por uma dança violenta. Era uma moça estouvada, posto que de disposição meiga e amável.

Quando e em que casa isso aconteceu?

Não podemos dizê-lo, porém ela própria será provavelmente capaz de falar.

(Tratou-se de outros assuntos, mas não se falou mais de Carlota. No mesmo dia, à tarde, estando eu ocupado fora de minha casa, fui obrigado, contra a minha vontade, a ceder à impulsão de escrever a breve comunicação seguinte:)

Informamo-nos que foi da casa de um Dr. Baker que Lota Partiu, em 5 de dezembro. Não poderíamos dizer mais nada, porém isso é o bastante.

A verificação desse fato foi tão inesperada como o próprio incidente, no qual não havíamos pensado, julgando que não tínhamos meio algum de verificação.

Algum tempo depois, o Dr. Speer recebeu um dos seus amigos, muito amante de livros. Conversamos todos os três em um quarto onde havia muitos livros que raras vezes eram consultados e que estavam enfileirados em prateleiras que iam do chão ao teto. O amigo do Dr. Speer, a que chamarei A..., trepou em uma cadeira para atingir a prateleira mais elevada, que era inteiramente ocupada por volumes do Registro anual. Apanhou um deles no meio de uma nuvem de pó e começou a comentá-lo;

podia-se, disse ele, nesse resumo útil dos acontecimentos anuais, achar quase todas as informações. Essas palavras despertaram-me a idéia de ver se seria oportuno verificar a informação dada sobre a morte de Carlota. Pareceu-me ouvir uma voz dirigindo-se ao meu senso íntimo. Comecei o exame no volume de 1773 e nele encontrei, dentre os necrológios, uma narração dessa morte ocorrida em uma casa da moda, durante uma festa. O livro estava coberto de espessa camada de pó. Desde cerca de cinco anos, época da organização da biblioteca, ninguém tinha cuidado em tocar nesses livros e, se não fosse o gosto literário de A..., nenhum de nós teria pensado em tomar um deles.

Citarei ainda isto: a 29 de março de 1874, foi estampada em meu caderno uma comunicação, não sabendo eu o que fazer dela; a escrita era desconhecida, muito trêmula e acanhada, parecendo traçada por pessoa extremamente fraca e idosa. A assinatura ficou sendo um enigma até ser decifrada pelo Espírito secretário. Essa comunicação emanava de uma mulher muito velha, de quem eu nunca tinha ouvido falar; morrera havia mais de 90 anos, em uma casa pouco distante daquela em que nos reuníamos para essas sessões. A residência onde ela tinha passado os primeiros anos, a idade e a data do falecimento foram dadas com muita exatidão. Não tenho autorização nem desejo solicitá-la dos meus amigos ainda vivos para mencionar essas íntimas particularidades. A comunicação foi provavelmente transmitida, porque “o Espírito” que, segundo nos disseram, tinha deixado a Terra no mês de dezembro de 1872, “estando sobrecarregado de anos de vida terrestre, repousara do seu labor”. Ao despertar, atraía-o uma reunião que se realizava na vizinhança imediata à sua antiga residência.

Nessas circunstâncias, como em todos os outros casos em que a identidade ficou provada, creio que as informações foram devidas à insistência de Imperator, que queria proporcionar-me uma prova evidente da identidade espiritual, ou antes, da individualidade perpetuada depois da morte corpórea. Os fatos foram, sem dúvida, escolhidos de propósito. Não pude jamais obter uma prova sugerida por mim ou intervir de maneira qualquer, apesar do meu ardente desejo de ter o meio de estabelecer uma convic-

ção racional. O plano dos meus instrutores parecia ter sido preconcebido.

Seção V

(No dia seguinte tive uma longa conversa sobre o poder exercido na Terra pelos Espíritos, poder extenso – disseram-nos. Argüindo sobre a natureza desse poder aplicado aos indivíduos, apresentaram-me casos de obsessão absoluta. Disseram-me que era prudente colocá-lo somente ao alcance dos Espíritos prudentes e íntegros, traçar-lhes regras para exercitá-lo por intermédio deles, a fim de afastar os Espíritos atrasados que obsidiam, ou pelo menos reduzir materialmente a sua capacidade de danificar. Insistiram sobre a universalidade da ação espiritual, benfazeja ou não, conforme o quer o homem, da qual ela depende em longa escala. Perguntei quais eram as melhores condições para receber essa influência, que tendia a espalhar-se muito.)

Há, deveis sabê-lo, variantes de mediunidade e há diversos modos pelos quais se exerce a influência do Espírito. Certas pessoas são escolhidas unicamente pelas particularidades físicas que fazem delas veículos bem preparados do poder espiritual; a sua organização corpórea é adaptada com o fim de manifestar exteriormente a influência espiritual sob a sua forma mais simples. *Não são inspiradas mentalmente, e as informações que fossem dadas pelos Espíritos que delas se servem não mereceriam confiança alguma*; são empregados como *meios demonstrativos do poder do Espírito*, para obedecer ao agente invisível exteriormente capaz de produzir fenômenos objetivos. Essas pessoas vos são conhecidas como os instrumentos através dos quais os fenômenos elementares se manifestam. O trabalho delas não é menos significativo do que o produzido por outros, quando se incumbem da fundação da crença.

Algumas pessoas são escolhidas por causa da natureza meiga e amável que possuem; não são utilizadas em nenhum ato físico, fenomênico; muitas vezes não estão mesmo em comunicação consciente com o mundo espírita, mas recebem a direção espiritual, as suas almas meigas e puras são cultivadas, aperfeiçoadas por cuidados angelicais. Conseguem, por gradações, receber conscientemente as comunicações das esferas, onde lhes é dado

ser bastante clarividentes para perceber alguns aspectos da sua futura morada. Um Espírito amigo e afeiçoado é atraído por elas, que são assim instruídas por impressão e guiadas dia a dia. São as almas ternas envoltas em uma atmosfera de paz, de pureza e amor; vivem no mundo para nele dar um brilhante exemplo e passam em plena madureza às esferas de repouso e de serenidade para as quais a sua vida terrestre as preparou.

Outras ainda são intelectualmente cultivadas e prontas a oferecer ao homem um conhecimento mais lato e as idéias mais amplas para se aproximarem da verdade. Os Espíritos adiantados influenciam sobre seus pensamentos, sugerem idéias, fornecem os meios de adquirir o saber e de comunicá-lo à Humanidade.

Os meios pelos quais os Espíritos exercem a sua influência sobre os homens são tão numerosos quão variados. Por meios ignorados de vós, os acontecimentos são arranjados de maneira a conduzir ao fim que eles têm em vista. A tarefa mais difícil para nós é escolher um médium pelo qual as comunicações de Espíritos elevados possam tornar-se públicas.

O médium deve ter faculdades receptivas, pois não podemos inocular em seu cérebro maior número de informações do que as que pode receber; além disso, ele deve afastar-se de estultos preconceitos mundanos, convindo que tenha retificado os erros da sua mocidade e provado que pode aceitar uma verdade, ainda que seja impopular.

Ainda mais, deve estar livre do dogmatismo teológico e de idéias sectárias preconcebidas; não deve estar sob a influência de noções terrestres, nem permanecer ligado à enganadora ilusão *de que ele sabe*, pois isso é ser ignorante da sua própria ignorância; deve manter uma alma livre e pesquisadora, que queira saber progressivamente e que tenha a percepção da verdade de além-túmulo, que acredite não se poder deixar de aspirar à verdade.

Enfim, a nossa obra não deve ser desfigurada pela asserção pessoal de um antagonista, ou pelas intenções interesseiras de um louco orgulho; com tais indivíduos só podemos procurar destruir gradualmente o egoísmo e o dogmatismo que os cegam. Desejamos para o nosso trabalho uma inteligência capaz, arden-

te, pesquisadora e amante da verdade impessoal. Dissemos com acerto que era difícil encontrar uma tal individualidade entre os homens? Isso, na verdade, é quase impossível. Tomamos então o que podemos encontrar de melhor, e por solicitude constante o preparamos para a obra designada; inspiramos-lhe a noção do amor e da tolerância pelas opiniões contrárias às suas próprias disposições mentais. Isso o elevará acima dos preconceitos dogmáticos e o preparará para descobrir que a verdade múltipla e variada *não é propriedade de ninguém*. Uma grande provisão de saber é dada à alma que pode recebê-la. Uma vez solidamente estabelecido o alicerce, a superestrutura se elevará sem perigo. As opiniões e o tom do pensamento são lentamente formados até que fiquem em harmonia com o fim a que visamos.

Muitos e muitos caem aí e nós os abandonamos, persuadidos de que nesse planeta não podem receber a verdade. Imbuídos de antigos preconceitos, aterrados aos artigos dogmáticos, não podem servir-nos.

As sólidas conseqüências do nosso ensinamento são uma perfeita veracidade unida a uma ausência de temor e de ansiedade. Conduzimos a alma a entregar-se confiante e tranqüila a Deus e aos seus instrutores espirituais e dispomo-la a esperar com paciência o que nos é permitido fazer ensinar. Esse estado de espírito é inteiramente oposto à agitação confusa e lastimosa que manifestam muitos seres. Sobre esse ponto ainda, muitos dentre eles se afastam amedrontados e assaltados de dúvidas. A velha teologia lhes ensinou a conhecer um Deus que espreita a sua queda, um demônio que perpetuamente lhe arma ciladas, e eles então se assustam da novidade do nosso ensino, pois os seus amigos falam do Anticristo. Os antigos alicerces são abalados; as novidades não são edificadas; os adversários penetram e tentam a alma vacilante, que teme, distancia-se e torna-se-nos então inútil. Demais, perseguimos o egoísmo sob todas as suas formas, pois nada há mais completamente fatal à influência espiritual do que a preocupação de si mesmo, da sua própria satisfação, a presunção, a arrogância e o orgulho. A inteligência deve ser subordinada, do contrário não podemos agir; se ela é dogmática,

torna-se inutilizável; se é arrogante e egoísta, impede-nos a aproximação.

A abnegação é a virtude que mais ornou os sábios e os santos de todos os tempos. Os videntes que, no longínquo passado, transmitiam a comunicação das verdades progressivas, úteis à sua geração, eram homens que se esqueciam de si mesmos para se devotarem à sua missão.

Aqueles que falavam aos judeus eram homens muito desprendidos de si próprios, puros e sinceros nos atos de sua vida. Jesus deu o magnífico exemplo do mais completo esquecimento de si; viveu entre vós, unicamente devotado, agindo sempre para aliviar, esclarecer e instruir; sacrificou-se até à morte, pela verdade. Ele nos oferece o mais puro modelo que a História cita; a sua existência dá testemunho do que é possível ao homem. Aqueles que depois combateram o erro e espalharam pelo mundo os raios de verdade foram homens de desapego, ardentemente devotados a uma tarefa para a qual sabiam ter sido escolhidos. Sócrates e Platão, João e Paulo, mensageiros da verdade, pregoeiros do progresso, eram almas despidas de egoísmo, desdenhando as vantagens pessoais, não procurando pompas nem grandezas. Possuíam no mais alto grau o ardor e a unidade de intenção, o devotamento à sua missão, o esquecimento de si próprios e dos seus interesses; de outro modo não teriam cumprido a sua tarefa e o egoísmo os teria dominado. A humildade, a sinceridade e o entusiasmo ardente os conduziram.

Eis o caráter que procuramos. É raro, tão raro quão belo. Procura, amigo, o espírito do filantropo amante, tolerante, disposto e pronto a dar o auxílio necessário. Ajuda a abnegação do servidor de Deus, daquele que faz o seu serviço sem procurar recompensa. Para um tal caráter, o santo e nobre trabalho é possível, pois velamos por ele com meticoloso cuidado; os anjos do Pai lhe sorriem e o cercam e protegem contra o mal.

Mas, descreveis um caráter perfeito?

Oh! não. Não tendes nenhuma concepção do que é um Espírito perfeito; nem sequer podeis concebê-lo, do mesmo modo que não sabeis como a alma fiel absorve o ensinamento espiritual e

torna-se cada vez mais semelhante ao seu mestre. Não podeis ver, como nós, o crescimento gradual da semente plantada e cuidada por nós à custa de penoso labor. Somente deveis saber que quanto mais a alma progride em virtudes amorosas, mais bela e mais digna de ser amada se torna. O caráter que tentamos incompletamente esboçar, em termos inteligíveis para vós, não é perfeito, mas apenas uma vaga pintura do que ele se tornará. O que chamais perfeito é maculado, ofuscado por faltas percebíveis pela visão espiritual.

Sim, certamente; mas desses só muito poucos podem ser encontrados.

Poucos ou mesmo nenhum, salvo em gérmen. Não procuramos a perfeição; desejamos apenas a sinceridade com o vivo desejo de aperfeiçoamento; enfim, um espírito livre, receptivo, puro e bom; esperai com paciência, porquanto a impaciência é uma falta terrível. Evitai o excesso de pesquisa ansiosa e deixai conosco as coisas que não podeis examinar. Refleti a sós sobre o que vos dizemos.

Suponho que a vida solitária é mais favorável que o turbilhão confuso da cidade.

(Aqui a escrita passou subitamente dos caracteres miúdos e nítidos de Doctor a uma caligrafia de um arcaísmo muito particular, quase indecifrável, e assinado por Prudens.)

O mundo confuso é contrário às coisas da vida espiritual. Os homens absorvem-se no que podem ver, apalpar, acumular e ocultar; esquecem-se de que há uma vida futura da alma; tornam-se tão materiais, tão preocupados com os interesses humanos, que não têm ocasião de tratar daquilo que continuará a existir quando eles desaparecerem. A constante preocupação, aliás, não deixa oportunidade para a contemplação e a alma se enfraquece pela falta de alimento. O corpo fica usado, acabrunhado sob o peso do trabalho e das aflições e a alma se torna quase inacessível. Finalmente, a atmosfera fica preñhe do conflito das paixões, inimizades, invejas e contendias que nos são hostis. Ao redor da cidade agitada pelas multidões, reunidas em lugares para onde os

vícios os atraem, as legiões de Espíritos adversos flutuam, prontos a arrastar à ruína os que são fracos, causando-nos muitas lágrimas e pesares.

A vida de contemplação convém mais para comunicar conosco. Não se trata de suplantar a vida de ação, mas é preciso, de algum modo, combiná-las, e isso pode praticar-se com muita facilidade quando as forças físicas não estão esgotadas por fortes aflições e excessivo labor.

Porém, o desejo deve ser inerente à alma e quando ele existe, nem o sôfrego desassossego nem as tentações mundanas impedem de reconhecer um mundo espiritual e de comunicar com ele. O coração deve estar preparado, porém é-nos mais fácil fazer sentir a nossa presença quando o ambiente é puro e pacífico.

Seção VI

(Nessa época, encontrando o Sr. Home, por acaso, no *Derby*, declarou-me ele mediunicamente que era impossível aos Espíritos fazerem qualquer coisa nas condições incômodas em que se achava. No dia seguinte (29 de maio), tendo eu uma conversa a esse respeito, obtive o seguinte ditado:)

Essa espécie de festas, como lhes chamais, causam uma perturbação importante nas condições morais, sendo-nos muito difícil atingir-vos. Quando semelhantes ocasiões lhes são oferecidas, os Espíritos, nossos antagonistas, reúnem-se para agir, com êxito, sobre homens reunidos com o fim de satisfazerem as suas paixões corpóreas. Havia ontem multidões excitadas até ao mais alto grau, umas pela cobiça, outras pela febril esperança do ganho, outras mergulhadas de novo em profundo desespero pela perda de tudo, e outras por bebidas embriagantes. Presas fáceis, elas eram assaltadas por Espíritos que se lhes assemelhavam. Mesmo quando essas baixas paixões não são ativamente excitadas, tais reuniões atraem Espíritos atrasados. Evitai-os. Livrai-vos das disposições mentais imoderadas, irrefletidas, violentas. Nesses dias, os agentes protetores devem fazer grandes esforços para se oporem ao assalto dos não desenvolvidos, levados ao ataque, e para prevenirem o melhor possível a queda das almas tentadas.

Mas o que dizeis aplica-se a todas as festas nacionais?

Não, necessariamente. A festa que produz o alívio do corpo e do espírito não se parece com essas orgias. Quando as forças físicas, depauperadas por um trabalho enfadonho, se reparam em um repouso agradável e o espírito fatigado é tonificado por um divertimento moderado, este desafoga-se e esquece momentaneamente as suas aflições na diversão natural que o fortifica e o estimula; a calma torna-o acessível às benfazejas influências dos celestes guias, cujos poderes são assim fortificados, aniquilando os projetos dos adversários, ainda mesmo poderosos. Deveis penetrar muito mais adiante no conhecimento da direção espiri-

tual e na dos vossos deveres mútuos, para impedir que os vossos regozijos nacionais sejam degradantes para o vosso povo. Uma festa caracterizada por disputas e deboches, por jogos e paixões sensuais irritadas, não pode ser um santo dia para nós, mas, ao contrário, um dia de temor, de vigilância e de prece. Deus ajuda e protege as almas cegas em sua insensata demência!

(A nossa sessão foi nesse momento perturbada por manifestações irregulares, falhando uma tentativa feita para obter fotografias de alguns dos Espíritos familiares. Um Espírito que apareceu na chapa fotográfica denominou-se Rector, mas disseram-nos que era falso e que não tivéssemos nenhuma relação com esse ser desconhecido e mentiroso. Experimentei, sem resultado, obter outras informações inteligíveis, e fui obrigado a parar. No dia seguinte, tendo recobrado o meu estado passivo habitual, a escrita veio sem ser solicitada. A propósito das dificuldades que se tinham suscitado na véspera, perguntei se era possível ajudar as manifestações de uma maneira qualquer. A resposta foi esta:)

Rector não pôde comunicar-se convosco por causa do vosso estado de agitação, conseqüente à extrema fadiga que a sessão vos causou. A informação que vos foi dada era completamente falsa. Um Espírito afirmara com veemência que o retrato era o de Rector, que não conhecia bem essa forma de comunicação, para saber que a vossa disposição nervosa, febril, junto a um estado intelectual positivo, obstinado, tornava impossível transmitir-vos qualquer indicação verídica. Quando vos sentirdes assim, não procureis comunicações sobre assunto algum, sob pena de serem inexatas, incompletas e muitas vezes prejudiciais.

(Eu estava muito incomodado e confessei que o meu escasso fundo de fé arriscava-se a ficar dissipado se esses incidentes se renovassem. Isso, porém, nunca aconteceu.)

Nunca estivestes em comunicação sem a minha (Doctor) presença ou a de um outro guia capaz de vos prevenir e preservar; fizestes isso esta vez, quando só os Espíritos que presidem aos elementos físicos estavam presentes, por isso os resultados foram violentos e incapazes de ser governados. Então fostes posto de prevenção: isso é um aviso. Rector não pôde influenciar o vosso

espírito positivo e o vosso estado febril não nos permitia governar-vos.

(Desde então comecei a evitar sempre escrupulosamente experimentar a escrita automática quando estava doente e com dores, quando tinha sofrimentos mentais ou estava ansioso, quando perto de pessoas atingidas dos mesmos sofrimentos ou envoltas de influências que pudessem opor obstáculos. Atribuo a essas precauções o caráter regular das minhas comunicações em geral, agora curiosamente correntes, estando sem rasuras os cadernos em que foram escritas e apresentando um tom uniforme.)

Mantende-vos tão passivo e tranqüilo quanto o puderdes e não experimenteis comunicar conosco quando estiverdes excitado pelo trabalho, agitado por aflições ou com o corpo fatigado. Não acrescenteis à sessão novas pessoas, pois estas só podem incomodar e perturbar as condições. Auxiliai para que aperfeiçemos a nossa experimentação em vez de intervirdes para corrompê-la. Avisar-vos-emos das mudanças desejadas que queremos introduzir em vossa sessão. Não mudeis nada no local em que vos reunirdes e procurai, quanto possível, reunir-vos com o espírito passivo e o corpo são.

Sim. Trabalhar todos os dias corporalmente e intelectualmente não melhora as condições, suponho; mas aos domingos é em geral pior.

O domingo não nos é um dia favorável, porque, se a tensão do corpo e do espírito cessou, a reação deixa o espírito mais inclinado ao repouso do que à ação. Receamos produzir novas manifestações físicas convosco; essas experiências poderiam fazer-vos mal; demais, são de interesse secundário, sinais apenas que testemunham a nossa missão e não desejamos que vos entregeis a elas. Há uma outra razão que nos impede de manifestar-nos por vosso intermédio aos domingos. Ignorais as dificuldades manifestadas pela mudança das condições. Já ouvistes dizer que não é bom sentar-se imediatamente depois de uma refeição. As condições físicas que reclamamos são a passividade e a rápida receptividade, não a passividade proveniente da pre-

guiça ou do torpor. Não há pior condição do que o estado de sonolência, que sucede a uma refeição abundante, regada com bebidas excitantes. Esses estimulantes podem, em certos casos, ajudar as manifestações materiais; para nós, são obstáculos, pois que atraem Espíritos mais grosseiros e retêm a nossa ação. Os nossos projetos foram freqüentemente frustrados por esses meios. Fareis bem pensando nisso e resguardando-vos de todo e qualquer gênero de excesso, quando quiserdes comunicar conosco. Um corpo excitado ou inerte, um espírito vago e inativo impedem-nos de operar livremente. Um dos assistentes assim dispostos, um doente ou um ser que sofra, reage sobre nós e cria em um grupo condições desfavoráveis, que não podemos subjugar.

Mas então um corpo enfraquecido e uma natureza perturbada pela falta de nutrição nada vale?

Apenas aconselhamos a moderação. O corpo deve estar fortificado pela nutrição, mas só deveis começar o trabalho depois que ela tiver sido assimilada. Necessitais de um estimulante moderado para satisfazer a vossa tarefa cotidiana, mas deve ser tomado com precaução. Deveis certificar-vos de que só entráis em comunicação conosco sob as condições indicadas. Quando o corpo e o espírito estão predispostos ao sono, incapazes de manter a atenção, ou doente ou sofrendo, melhor será não começar o trabalho, salvo se fordes dirigido. Um corpo debilitado pelo jejum não é mais aproveitável que um corpo embrutecido e repleto de alimentos ingeridos. A temperança e a moderação nos ajudam. Se desejais, amigo, facilitar-nos o trabalho e atingir melhores resultados, deveis levar às sessões o corpo sólido e são, sentidos nítidos e avivados, e o espírito passivo e apto a receber. Então faremos por vós mais do que pensais. Em uma reunião harmônica convenientemente constituída, as manifestações serão de ordem menos inferior e o ensino a dar será mais elevado, mais digno de fé. A luz de que falais ³ é pálida, clara, sem fumaça, quando as condições são boas; torna-se embaciada, fosca e enfumaçada, se são más.

(Tinha-se dito que dois amigos, que se haviam manifestado muitas vezes, estavam agora colocados em outras esferas de trabalho; perguntei se os laços do casamento se perpetuavam; eis a resposta:)

Isso depende inteiramente da semelhança dos gostos e da igualdade do desenvolvimento. No caso em que essa conformidade exista, os Espíritos podem progredir lado a lado. Em nosso estado sabemos somente que a comunidade de gostos e de associações permite àqueles que estão no mesmo nível desenvolverem-se por um auxílio mútuo.

Para nós, tudo está subordinado à educação do Espírito, que se deve desenvolver sem cessar. Só entre almas congêneres pode haver comunidade de interesse; por conseqüência, nenhum laço pode ser perpetuado se não há ocasião de progresso. Os laços antipáticos, que envenenam a vida terrestre da alma e embarçaram a sua ascensão progressiva, cessam com a existência corpórea. A união das almas, para as quais a encarnação material foi uma fonte de apoio, de assistência, é dilatada depois da libertação do espírito. Os laços afetuosos que unem as almas são a maior excitação ao desenvolvimento mútuo. As relações são, pois, perpetuadas, não porque tenham uma vez existido, mas porque, na eterna adaptação das coisas, servem à educação do espírito. Em tais casos, o laço do casamento torna-se uma aliança de sólida amizade, durável e fortificada pelo auxílio e o progresso mútuos.

Todas as almas que se amparam mutuamente ficam em relações afetuosas até o momento em que lhes é mais útil separarem-se. Quando a ocasião chega, elas se afastam sem constrangimento, pois podem comunicar-se ainda e tomar parte no que interessa a uma e a outra. Uma lei contrária só faria perpetuar males e sustaria a marcha do progresso; mas não é permitido a ninguém fazer isso.

Não, mas imagino que almas, sem estarem exatamente no mesmo nível mental e moral, possam entretanto estar repletas de amor mútuo.

Essas almas não podem jamais ser realmente separadas. As considerações de tempo e de espaço impedem-vos de compreender o nosso estado. Não podeis adivinhar como os Espíritos possam permanecer a uma grande distância, conforme a vossa noção de espaço, sem cessar de estar, como o diríeis, intimamente unidos. Não conhecemos nem tempo nem espaço. Só podemos viver em união íntima com um Espírito no mesmo nível mental e progressivo. Na verdade qualquer outra união ser-nos-ia impossível. Uma alma pode estar ligada, por afeição, a uma outra, sem a íntima relação que temos em vista, falando do mesmo nível de desenvolvimento. O amor une os Espíritos a qualquer distância. Em vosso baixo estado de existência o vedes. O irmão ama o irmão, apesar dos oceanos que os separam, dos longos anos decorridos sem se verem nem se falarem. Suas ocupações podem ser inteiramente diferentes, é possível que não tenham nenhuma idéia em comum, e entretanto se amam. A mulher ama o bruto degradado que lhe mutila o corpo e esforça-se para esmagar-lhe o espírito. A hora da dissolução a libertará do jugo e da dor; ela se elevará, ele cairá; mas o laço do amor não será ainda quebrado, posto que os seus Espíritos não possam mais viver em comum. Mesmo aqui, o espaço é nulo, inexistente para nós.

Assim podeis vagamente compreender o que entendemos por união, identidade de desenvolvimento, comunidade de interesses, progressão mútua e afetuosa. Não conhecemos os laços indissolúveis de que se ocupa esse mundo.

Então são verdadeiras as palavras da Bíblia: “Eles não se casam nem são dados em casamento, mas são como os anjos de Deus”?

Exatamente. Já falamos das leis de progresso e de associação – leis que são imutáveis. O que hoje vos parece bom, rejeitareis com o corpo. O vosso estado atual pinta os vossos intuitos de uma cor particular. Somos obrigados a servir-nos de alegorias e empregar a vossa fraseologia para explicar muitas coisas, por isso não deveis apoiar-vos muito sobre a significação literal das palavras que empregamos para descrever o que, existindo apenas para nós, acha o seu contraste nesse mundo, excede aos vossos

conhecimentos presentes e, em uma linguagem terrestre, só pode ser descrito aproximativamente. Isso é um conselho necessário.

Sim. Isso explicaria as discrepâncias que se acham em certos casos nas comunicações espíritas?

Tais diferenças provêm muitas vezes da própria ignorância dos Espíritos, da sua incapacidade para fazerem passar as suas idéias pelo canal da comunicação, de condições imperfeitas no momento da sessão e de outras causas: por exemplo, as insensatas perguntas e uma curiosidade pueril ocasionam as ociosas respostas de Espíritos que se acham no mesmo plano que o argüidor.

Mas um Espírito elevado não desejaria elevar o argüidor em vez de responder ao estulto de acordo com a sua estultícia?

Sim, isso seria possível, mas a estúpida disposição de espírito impede muitas vezes um tal esforço. Os semelhantes atraem-se, e o vulgo curioso, que pergunta sem querer ser instruído, mas sim satisfazer um capricho ou embaraçar-nos, só recebe resposta, se a recebe, de um Espírito semelhante a ele. Essa não é a disposição que convém para comunicar conosco. Um Espírito respeitoso, atento, obtém a informação e a instrução que é capaz de receber. Os curiosos frívolos, ignaros e presunçosos recebem o que procuram, são deferidos sem réplicas ou somente com as que convêm às suas perguntas. Fugi deles, pois são vazios e estultos.

Seção VII

(Um Espírito, cujos traços me eram familiares, foi fotografado. Tendo seu vestuário alguma coisa de anormal, perguntei qual a razão disso; responderam-me que as condições sob as quais se efetua a materialização parcial, necessárias à fotografia, diferiam das que convinham ao Espírito que se apresenta à vidência.

Seguiram-se algumas comunicações referentes à filosofia neoplatônica. A exposição da fase especial do ensinamento neoplatônico foi das mais minuciosas e inteiramente nova para mim. O sofisma ou a meditação extática, que experimenta por entusiasmo rejeitar tudo o que não é Deus e atingir a Verdade, por transfusão do Divino, foi exposto por extenso e ilustrado na pessoa de um dos seus professores. Aprendi assim muitas coisas cujo traço achei sobretudo nas lições do Espírito em questão, moderado e modificado pela experiência.

Depois disso, houve uma curta suspensão. Uma nova imposura produzida em uma reunião que eu freqüentava trouxe vivos debates. Fui obrigado a abster-me de tomar parte em outras reuniões durante o tempo que a nossa durasse; explicaram-me ser da mais alta importância evitar contato com médiuns ou fortes influências magnéticas, quaisquer que fossem, porque eu me tornaria em elemento de perturbação, filiando-me a outros grupos, o que reagiria sobre o nosso. Alguns notáveis extratos de antigos poetas, sobretudo de Lydgate, foram então escritos por um Espírito que não fazia outra coisa e parecia deleitar-se com essa ocupação. O Espírito usava uma escrita muito especial.

Em uma sessão realizada a 13 de junho de 1873, foram apresentadas inúmeras perguntas sobre pontos de teologia, sendo pronunciado um longo discurso durante o qual o médium esteve em transe. Parte foi redigida, imediatamente, mas muitos pontos foram omitidos ou imperfeitamente recordados. No dia seguinte, sem ser interrogado, o mesmo Espírito, que tinha falado na véspera à noite, escreveu o seguinte:)

Ontem à noite muitas coisas foram ditas à pressa, e por isso não se acham resumidas exatamente na ata transcrita naquela ocasião. Era de máxima importância que, sobre assunto tão capital, nos exprimíssemos com cuidado e que pudésseis compreender precisamente o que desejamos expor. Queremos pois estabelecer, de maneira mais nítida, o que apresentamos imperfeitamente na sessão. As condições de confronto não nos permitem sempre ser tão precisos, servindo-nos da palavra, como o somos comunicando pela escrita, e isso apesar da cuidadosa atenção que prestamos. O insulamento completo assegura as condições convenientes para ser preciso e exato.

Tratamos da divina missão que nos é conferida. No número das contínuas dificuldades que nos assaltam, uma das mais sérias é que aqueles cuja cooperação desejamos, porque são adaptáveis ao nosso assunto, são ordinariamente embaraçados por noções teológicas preconcebidas ou se assustam com o que parece contradizer o que aprenderam. Então somos incapazes de os influenciar e afligimo-nos vivamente por se atribuir o que deriva de Deus a adversários, a um demônio todo-poderoso e malfazejo.

Entre todos os nossos contraditores, estes nos entristecem mais. O pseudo-sábio que só quer ver com o auxílio do seu próprio médium, mediante as suas condições particulares, que só quer tratar conosco para demonstrar que somos farsistas, mentirosos ou transmitimos as ficções de um cérebro desequilibrado; com este pouco nos importamos; seus olhos cegos não podem ver, sua inteligência obscurecida, embaraçada, contraída por longa vida sacrificada aos preconceitos, não pode absolutamente servir-nos. Ele pode, quando muito, penetrar com dificuldade os mistérios comuns das esferas; a base de conhecimento que poderia adquirir, ainda que útil e mesmo de valor, só insignificantíssimos serviços prestaria à nossa obra especial. Não procuramos além disso excitar a atenção de alguns homens de ciência, que se dignam ocupar-se com o aspecto fenomênico da nossa obra. O espírito, desde muito tempo habituado à observação dos fenômenos físicos, está mais bem preparado para elucidar esses fatos, que são do seu domínio. O nosso estudo é diferente e relaciona-se com a influência do espírito sobre o espírito com o

conhecimento do que podemos revelar sobre o seu destino. A categoria dos espíritos ignorantes e incultos, ainda que possa mais tarde atingir o nível em que nos encontraremos, não pode servir atualmente. Ela nada sabe do que temos a dizer e só o saberá depois de um período infinito de preparação preliminar. Igualmente temos pouco a dizer aos orgulhosos, àqueles que, em sua altiva confiança em si próprios, se presumem sábios, e aos escravos da rotina e da respeitabilidade; só uma evidência inteiramente física pode atingi-los.

A história que estamos encarregados de publicar seria para eles uma fábula. É para as almas livres, que têm conhecimento de Deus, do céu, do amor e da caridade que nos voltamos com vivo empenho; elas desejam instruir-se e conhecer o porto ao qual aspiram. Mas, ah! achamos muitas vezes os religiosos instintos naturais, implantados por Deus e nutridos pelo espírito, ocultos ou desfigurados pela restrita influência de uma teologia humana, que aumentou imperceptivelmente, durante os longos séculos de ignorância e loucura. Esses espíritos estão armados de todas as armas contra a verdade, que eles amam entretanto.

Falamos de uma revelação do Pai Celeste, mas eles têm já uma revelação que julgam ser completa. Assinalamos a sua inconsistência demonstrando-lhes que em parte alguma ela pretende a finalidade ou infalibilidade que lhe assinalam. Respondem-nos por palavras sem nexos, tiradas dos formulários de uma Igreja ou baseadas em uma opinião adquirida e adaptada de acordo com qualquer pessoa, que pretendem considerar infalivelmente inspirada. Aplicam-nos um testemunho, tirado de alguma narração sagrada, que foi dada em uma época especial, para um fim determinado, e que se persuadem ser de aplicação universal e contínua.

Se nos referimos às provas, aos pretensos milagres que atestam a realidade da nossa missão, como atestavam a missão daqueles que influenciámos no passado, respondem-nos que o tempo desses milagres não mais existe, que os inspirados do Espírito Santo tinham sido autorizados a produzi-los, somente nos séculos longínquos do passado, e dizem-nos que o diabo, por eles próprios inventado, tem o poder de contraverter a obra de

Deus e de nos levar às trevas, afirmando estar a nossa missão em antagonismo declarado contra Deus e o Bem. Quereriam, na verdade, ajudar-nos, pois o que dizemos é provável, mas somos emissários do demônio. Devemos vir dele, porque está escrito na Bíblia que falsos e artificiosos Espíritos virão. Isso deve ser assim, pois um Santo Mestre não profetizou que haveria quem renegasse o Filho de Deus? Isso deve ser assim, pois não colocamos a razão humana acima da fé? Não mudamos o lugar onde Deus tinha colocado o Cristo e a sua missão? Não pregamos um Evangelho sedutor, no qual as boas ações aproveitam a quem as põe em prática? Tudo isso não é empreendido pelo Arquinimigo transformado em anjo de luz, para enganar as almas e arrastá-las à ruína?

Esses argumentos, sinceramente expressos por aqueles cuja confiança queríamos captar, causam-nos dolorosa angústia. Essas almas, que resistem por uma piedade mal compreendida, são amantes, ardentes, só lhes faltando a liberdade de espírito em vista do progresso real – tendência que os transformaria em luzes, brilhantes no meio da escuridão terrestre. Queríamos confiar-lhes a nossa comunicação, pois o conhecimento que têm de Deus e do Dever é já um terreno sólido, mas, antes de estabelecer as nossas bases, devemos fazer desaparecer os escombros com que eles impedem de construir solidamente.

A Religião, para ser digna de seu nome, deve ter dois objetivos: Deus e o homem. Que pode objetar a isso a fé aceita, chamada ortodoxa pelos que a professam? Em que diferimos e como a nossa comunicação se concilia com a razão? Pois, antes de tudo, apelamos para a razão, que está implantada no homem. Recorremos a ela, pois foi em nome da razão que os sábios fixaram a lista dos escritos que continham, segundo eles, a revelação exclusiva e final de Deus. Eles apelaram para a razão a fim de sancionar a sua decisão; também nós apelamos para ela. Os nossos amigos acreditam que a direção divina prescreveu-lhes o que seria para todas as idades o conjunto da verdade revelada.

Somos também os mensageiros do Altíssimo, não menos enviados do que os Espíritos que guiaram os videntes hebreus e

que ajudaram aqueles cujo *fiat* estabeleceu a palavra divina. A nossa comunicação é a mesma deles, somente mais adiantada; o nosso Deus é o seu Deus, somente mais claramente revelado, menos humano, mais divino. Que o apelo seja ou não de divina inspiração, a humana razão, guiada, sem dúvida, por agentes espirituais, mas sendo sempre a razão, alcançará compreender afinal. E os que rejeitam esse apelo estão, por suas próprias bocas, convencidos de loucura. A fé cega não pode substituir a esperança raciocinada; pois a fé é a fé quando repousa sobre bases sólidas e escolhidas, que a razão confirma; do contrário, não pode impor-se a ninguém. Se não se apoiar absolutamente sobre coisa alguma, não temos necessidade de demonstrar a sua nulidade e falsidade.

Voltemos, pois, à razão. Como pode ser racionalmente provado que vimos do diabo? Em que o nosso credo é perigoso? Sob que respeito podem acusar-nos de tendência infernal? São esses os pontos sobre os quais vos instruiremos.

Seção VIII

(Depois de um longo discurso, em transe, sobre os assuntos tratados na última comunicação, a escrita continuou no dia seguinte, pelo mesmo Espírito Imperator, servindo-se do *amanuensis* ordinário, conhecido sob o nome de Rector. Depois que foi escrito o seguinte, discutiu-se muito tempo, acrescentaram-se algumas reflexões e refutaram-se esses ataques contra o ensino dado.

No ponto de vista em que me coloquei então, estes ensinamentos podiam muito bem ser qualificados de ateístas ou diabólicos pelos fiéis. Na minha opinião os consideramos latitudinários, e sustentei opiniões mais relacionadas com o ensino ortodoxo.

Para seguir o meu argumento, o leitor deve lembrar-se que eu tinha sido educado em estrita conformidade com os princípios da Igreja Protestante, havendo-me aplicado ao estudo das teologias grega e romana e ligando-me às opiniões da facção anglicana, da Igreja da Inglaterra, como melhor adaptáveis às minhas. Algumas das minhas idéias se tinham modificado, mas, em substância, eu estava solidamente ligado à Alta Igreja.

A época de que falo remonta a esse estado, de grande exaltação espiritual, a que aludirei algumas vezes, exaltação causada pela presença de uma Inteligência dominante, da qual eu tinha perfeita consciência; a ação que ela exerceu sobre mim produziu um trabalho de pensamento equivalente a uma regeneração espiritual.)

Censurais a incompatibilidade das nossas instruções com o credo reconhecido como ortodoxo. Temos ainda algo a dizer sobre esse assunto.

A Religião, a vida sã do espírito, tem dois aspectos, um dirigido para Deus, o outro para o homem. Que diz de Deus o credo espiritualista?

Em vez de um tirano ciumento e irritado, revela um Pai amoroso, na verdade justo, bom e cheio de afeição, mesmo pela mais

baixa das suas criaturas. Não reconhece nenhuma necessidade de propiciação para esse Deus; rejeita como falsa toda noção que apresente esse Ser Divino sob o aspecto de um senhor vingativo, punindo violentamente o transgressor ou exigindo o sacrifício de uns para resgatar o pecado dos outros. Ainda menos ensina ele que esse Ser Onipotente reine em um céu onde o seu prazer consista em receber o culto dos eleitos e em olhar as torturas dos condenados, privados para sempre de luz e esperança.

Tal antropomorfismo não pode achar lugar em nosso credo. Deus, tal como Ele se nos faz conhecer pela uniformidade de suas leis, é puro, amoroso, santificado e perfeito, incapaz de crueldade, tirania e outros vícios humanos. Deus, centro de amor e de luz, age em estrita conformidade com as suas imutáveis leis morais, que regulam necessariamente a existência. Deus é o grande objeto da nossa adoração, nunca do nosso terror.

O que sabemos dEle, o olhar humano não pode perceber, não podeis mesmo figurar em vossa imaginação, e entretanto nenhum de nós o viu. Não nos seria dado apreciar os sofismas metafísicos pelos quais uma indiscreta curiosidade e uma especulação extra-sutil obscureceram a primitiva concepção de Deus, aceita pelos homens; ela era superior à que se seguiu. Não espreitamos; esperamos apenas que nos seja permitido um saber mais elevado. Deveis também esperar. Falamos, em geral, das relações entre Deus e suas criaturas, entretanto podemos desfazer muitas pequenas invenções humanas que de século a século foram acumuladas ao redor e sobre as verdades centrais, como, por exemplo, a escolha de um pequeno número de favorecidos. *Não há outros eleitos a não ser os que trabalham por si próprios a fim de se elevarem de acordo com as leis que os governam.*

Não conhecemos nada da onipotência da fé cega ou da credulidade. Reconhecemos o valor de um espírito acessível, leal, separado das angústias suspeitosas; este se aproxima de Deus e atrai a si a direção angélica. Mas rejeitamos altivamente a doutrina destruidora que afirma que a fé, a crença e o consentimento amoldados às opiniões dogmáticas têm o poder de apagar as transgressões; que uma vida terrestre viciosa, manchada, pode ser abolida e o espírito elevar-se, purificado pela cega aceitação

de uma idéia, de uma imaginação, de uma crença irracional. Uma tal doutrina avilta maior número de almas, que qualquer outra superstição que indicássemos.

Não ensinamos, além disso, que uma crença seja sumamente eficaz com exclusão das outras; nenhuma forma de culto encerra o monopólio da verdade, todas lhe possuem o gérmen; *todas estão sujeitas ao erro*. Conhecemos, como não conheceis, as circunstâncias que determinaram a forma religiosa adotada por um encarnado, apreciamo-la por consequência. Conhecemos inteligências muito superiores, altamente colocadas na hierarquia espiritual, que têm progredido apesar do culto que professavam na Terra. Apenas damos valor à investigação zelosa da verdade, que anima os propagadores das doutrinas mais diferentes. A pura especulação nenhum valor tem para nós. Repudiamos com desgosto as pesquisas frívolas pelas quais as vossas teologias pretenderam resolver os mistérios da ciência transcendente; não nos inquietamos com as pueris discussões que os homens provocam e não nos ocupamos com o sectarismo, salvo com o que sabemos ser o mais perigoso agente provocador, semeando o rancor, o ódio, a maldade e a má-vontade.

Tratamos da religião no que vos afeta e a nós outros em um sentido mais simples. O homem, espírito imortal, segundo cremos, colocado na vida terrestre como em uma escola, tem simples deveres a preencher; preenchendo-os, prepara-se para trabalhos mais elevados. *Ele é governado por leis imutáveis, cuja transgressão lhe proporciona males e detrimentos e cuja obediência, ao contrário, lhe assegura o adiantamento e a satisfação*. Ele obedece à direção de Espíritos que seguiram antes a mesma estrada e que têm a missão de guiá-lo se ele próprio os ajudar. Há nele uma necessidade de justiça que o atrairá mais diretamente para a verdade se ele permitir que o dirijamos e o protejamos. Se recusa o socorro oferecido cairá de transgressão em deterioração. Por seus pecados castiga-se a si próprio e só experimentará a miséria sem consolação.

Essa existência mortal é apenas um fragmento de vida, mas os seus atos comportam resultados sobreviventes à morte do corpo carnal; é preciso, pois, quando os atos foram maus, expiá-

los na dor. As conseqüências das boas ações são igualmente permanentes, atraem, ao redor da alma pura, influências que a acolhem e ajudam nas esferas. A vida, vo-la ensinamos, é una e indivisível. Única em seu desenvolvimento progressivo e única no efeito, por toda parte semelhante, das leis eternas, imutáveis, que a dirigem. Não há favorecidos; ninguém é punido sem piedade, por erros inevitáveis; a justiça eterna é relativa ao amor eterno; a misericórdia não é um atributo divino, porquanto é inútil, uma vez que implica a remissão de uma pena infligida, e nenhuma remissão pode ser feita, salvo se os resultados já foram expiados.

A Piedade é divina; a Misericórdia é humana. Não reconhecemos a piedade sensacional que se absorve na contemplação e despreza o dever. Sabemos que isso não é glorificar a Deus. Pregamos a religião do trabalho, da prece e da adoração.

Explicamos o vosso dever – corpo e alma reunidos – para com Deus, para com o vosso irmão e para convosco mesmo. Deixamos aos ineptos, que tateiam na escuridão, as pueris disputas de palavras sobre ficções teológicas. Ocupamo-nos da vida prática e o nosso credo pode ser assim resumido:

Honrai e amai o vosso Pai. Deus. (Adoração)	Dever para com Deus
Ajudai o vosso irmão na estrada do progresso. (Amor fraternal)	Dever para com o próximo
Cuidai do vosso corpo e conservai-o. (Cultura corporal)	
Aumentai o vosso saber tanto quanto possível. (Progresso mental)	Dever para consigo mesmo
Procurai descobrir cada vez mais a verdade progressiva. (Crescimento espiritual)	
Procedei sempre corretamente e conforme o vosso conhecimento. (Integridade)	
Cultivai a comunhão com o mundo espiritual pela prece e freqüentes relações. (Educação espiritual)	Dever para consigo mesmo

Essas regras, no conjunto, indicam o que vos é importante. Não obedecais a nenhum dogma de seita; não vos submetais cegamente a instruções que não se apóiem na razão; não aceiteis, sem reserva, comunicações de aplicação particular, feitas em uma época especial. Aprendereis mais tarde que a revelação nunca cessa e que é progressiva, sem horas nem limites; não pertence a nenhum povo, nem a pessoa alguma. *Deus se revela gradualmente à Humanidade.*

Aprendereis também que toda revelação, sendo produzida por um instrumento humano, está relativamente sujeita ao erro. Nenhuma revelação é inspirada diretamente. Diversos dizeres dos médiuns, em épocas diferentes, não parecem estar de acordo, entretanto não se infere disso uma derrogação da verdade. Essas narrações podem ser verdadeiras, cada qual em seu gênero, ainda que de aplicação diferente. Baseai o vosso julgamento somente na justa razão. Refleti sobre o que se diz e recebei ou rejeitai. Se se vos faz uma oferta prematura e sois incapaz de aceitá-la, então, em nome de Deus, ponde-a de lado; ocupai-vos somente com o que vos satisfizer à alma e puder ajudá-la, em sua marcha para diante.

Tempo virá em que aquilo que vos mostramos da verdade divina será reconhecido e apreciado entre os homens. Contentemo-nos com esperar, e as nossas preces ao Deus Supremo, sempre sábio, se reunirão às vossas a fim de que Ele guie os pesquisadores da verdade para onde possam obter conhecimentos elevados e penetrem com a vista o interior da mais completa e abundante verdade. A sua bênção recaia sobre vós.

Seção IX

(Essas declarações não concordavam de modo algum com as minhas opiniões de então; objetei que eram incompatíveis com o ensinamento reconhecido das Igrejas ortodoxas e que de fato aniquilavam alguns dogmas essenciais da fé cristã; sugeri que a comunicação podia ter sido adulterada na passagem e que nela faltavam muitas coisas que eu considerava principais; acrescentei que se se pretendesse que um tal código fosse completo e pudesse ser tomado como regra de vida, eu estaria pronto a argumentar contra ele. Recebi a seguinte réplica:)

O que vos foi dito é correto, como esboço, mas não se pretende que isso seja uma imagem perfeita da verdade. É um pálido contorno, obscurecido e ofuscado em muitos lugares, mas verdadeiro em substância. Sem dúvida, as nossas palavras violam o que se vos ensinou a crer como necessário à salvação. Sem dúvida, o espírito não preparado julga-as novas e destruidoras. Não é assim. Em suas grandes linhas, o credo espiritualista poderia ser aceito por todos aqueles que têm pensado um pouco nos assuntos teológicos, com o espírito livre, encarando, sem receio, as conseqüências da pesquisa da verdade. Ele se recomenda àqueles cujo pensamento não está detido pelos antigos preconceitos. Dissemos que era preciso operar uma grande limpeza, que o trabalho de destruição devia preceder ao de construção, enfim, que devemos sanear antes de construir.

Sim; mas as imperfeições que quereis afastar são precisamente as que os cristãos têm considerado em todos os séculos como as doutrinas fundamentais da fé.

Não, amigo, absolutamente não; exagerais. Se relerdes as imperfeitíssimas narrações da vida de Jesus, nelas não descobrireis que Ele tenha jamais reclamado para si nada que o aproxime da atitude que a Igreja cristã lhe impôs à viva força. Ele estava muito mais de acordo com o que declaramos do que com o modelo apresentado pela Igreja cognominada com seu nome.

Não posso admitir isso. E a expiação (a reconciliação de Deus com o homem pela morte do Deus-Cristo), que dizeis disso?

Há verdade em um certo sentido, não o negamos; combatemos somente essa grosseria humana que torna Deus desprezível, sob a forma de um cruel tirano, que só pode ser acalmado pela morte de seu Filho. Não somos detratores da obra de Jesus quando condenamos as fábulas desonrosas que, agrupadas ao redor de seu nome, desfiguraram a grandeza simples de sua vida, o fim moral de seu sacrifício. Teremos, mais tarde, outras coisas a dizer-vos sobre a formação gradual de um dogma, que chega a ser estabelecido *de fide*, visto como rejeitá-lo ou negá-lo significa cair em pecado mortal. Se o homem fosse entregue às suas próprias conclusões, ter-se-ia por irremissível heresia, digna do fogo eterno, a negação desse fato: que o Deus Supremo delegou a um homem uma das suas inalienáveis prerrogativas. Um importante cisma da Igreja cristã reivindica para seu chefe uma ciência infalível e persegue na vida, até à vergonha, e condena na morte até aos suplícios eternos, aqueles que não querem aceitar essa afirmação. Isto é, entretanto, um dogma recente que nasceu no meio de vós, assim como nasceram todos os dogmas. Por conseqüência, tornou-se quase impossível à razão humana, quando não auxiliada, distinguir a verdade de Deus sob as glosas com que o homem a cobriu. Assim, todos os que tiveram a audácia de pôr a mão sobre esse acervo foram considerados malditos. Isso é a história de todos os tempos e não é justo acusar-nos de maleficência se, de acordo com o nosso ponto de vista superior, vos pomos de sobreaviso contra as ficções humanas, que tentamos destruir.

Sim, isso pode ser, mas a crença na Divindade de Jesus e em seu sacrifício não pode ser chamada dogma criado pelo homem. Precedeis sempre o vosso nome de uma cruz († Imperator); presumo, pois, que durante a vossa vida terrestre vos tivésseis filiado a esses dogmas. † Rector, um outro Espírito que se comunica, usa também uma cruz como sinal, e é possível ter quase morrido por eles, se é que de fato morreu. Parece-me que aí há contradição. Suponhamos que os dogmas são

errôneos e inúteis, suponhamo-los mesmo falsos. Que posso daí concluir? Mudastes as vossas opiniões? Éreis ou não cristão quando vivíeis na Terra? Se não éreis, por que a cruz? Se éreis, qual a razão dessa mudança de sentimentos? A questão está intimamente ligada à vossa identidade. Não vejo como o vosso ensinamento coincida com a crença que professáveis na Terra. É belo, puro, mas não cristão; racionalmente, não é isso o que se espera ver enunciar sob a égide da cruz. Tal é a minha opinião. Se falo por ignorância, esclarecei a minha ignorância. Se pareço curioso, desculpai-me, pois não tenho para vos julgar outros meios senão as vossas palavras e os vossos atos. Até onde o meu estado de julgar permite, as vossas palavras e os vossos atos são nobres, puros e racionais, mas não cristãos. Desejo somente uma base racional para formar uma opinião, que possa satisfazer às minhas dúvidas atuais.

O vosso pedido será deferido oportunamente; parai por agora.

(A escrita, apesar do desejo e dos esforços que empreguei para obtê-la, não voltou senão a 20 de junho. A comunicação acima é de 16 de junho.)

Saúdo-vos, bom amigo! Vamos dar-vos maior número de informações sobre os pontos que vos inquietam. Quereis saber até que ponto o sinal da cruz pode ser legitimamente harmonizado com o nosso ensino, e isso vo-lo mostraremos.

Amigo, o sinal que é o emblema da vida e da obra de Jesus-Cristo não pode lealmente legitimar a maior parte das doutrinas que passam hoje por suas. A predisposição de todas as classes de religionistas foi sempre ocupar-se da letra e desprezar o espírito; descansar mais sobre expressões provenientes de quaisquer escritores e desprezar as tendências dominantes dos ensinos. Os homens procuraram a verdade com idéias preconcebidas e acharam o que desejavam, não o que de fato existia. Expressões e palavras insuladas foram arrancadas dos versículos e ajeitadas pelos que se aplicavam a comentar os textos, de modo a emprestar-lhes uma significação da qual os escritores primitivos nunca tinham cogitado. Outros foram buscar, nos anais, palavras que

podiam servir para sustentar uma teoria, sem se preocuparem de procurar a verdade, e descobriram o que podia servir às suas intenções. Assim lentamente, laboriosamente o edifício se elevou, construído por homens que se deleitam com as controvérsias de palavras ou estão possuídos por uma idéia cuja prova acham por toda parte confirmada, não querendo ver senão a ela.

Dissemos já que um grande trecho do que queremos explicar se relaciona com o que qualificais de Divina Inspiração.

Os que reconheceis como defensores ortodoxos da fé cristã dizem-vos que uma misteriosa pessoa, uma das três individualidades que compõem a indivisível Trindade, tomou posse do espírito de certos homens e por suas vozes deu ao mundo um corpo de doutrina completa, de força permanente, da qual nada pode ser retirado e à qual é crime acrescentar qualquer coisa, pois que ele é a palavra mediata de Deus, contendo em si a verdade eterna. Os sentimentos de Davi e Paulo, de Moisés e João estão, não somente em harmonia com a vontade suprema, mas são o pensamento íntimo da Divindade. As palavras têm, não somente aprovação de Deus, mas foram pronunciadas por Ele. Enfim, a Bíblia, quer no fundo ou na forma, é a própria palavra de Deus, e cada palavra ali, sendo divina, deve ser estudada e interpretada como tal, mesmo nessa versão traduzida em vossa linguagem, por homens que, para aumentar a maravilha, supõem-se, por sua vez, depositários da Verdade Divina e guiados por ela no trabalho da tradução.

É assim que doutrinas espantosas e conclusões levadas ao extremo podem apoiar-se sobre simples palavras, pois cada palavra, cada fraseado da revelação de Deus não está divinamente ao abrigo de todo erro humano? Os defensores da ortodoxia conseguiram, pois, estabelecer uma grande quantidade de dogmas conforme a escolha que fizeram nos textos que lhes agradavam, não se importando com os outros. Para eles a Bíblia é a expressão direta do Supremo.

Os pensadores que não conseguiram aceitar essa maneira de ver chegaram, estudando a Bíblia, a prejudicá-la. Isso conduz às reflexões que vamos apresentar-vos; eles meditaram sobre os anais que compõem a Bíblia e os consideram a história das

formas sob as quais a verdade de Deus foi, de séculos em séculos, revelada ao homem; estudam essas narrações, que indicam a marcha progressiva do homem desde que ele começou a procurar o conhecimento de Deus e o destino do espírito; seguem o desenvolvimento gradual dessa revelação desde os tempos de brutal e bárbara ignorância em que Deus, amigo de Abraão, comia e conversava no umbral da sua tenda, e era também o juiz que governava o seu povo, o rei que marchava à frente dos exércitos ou o tirano revelado por intermédio de algum vidente; depois, chegam ao período em que Deus aparece sob um aspecto mais verdadeiro de ternura, amor e compaixão paternais. Essas investigações os conduzem a verificar a continuidade do progresso e, se prosseguem nelas, adquirirão a certeza de que essa progressão tem sempre sido contínua, de que a revelação progressiva não cessou nunca e de que, se o conhecimento que o homem pode ter do seu Deus está longe de ser completo, a sua capacidade para compreendê-lo aumenta à medida que a sua aspiração se desenvolve. Chegado a esse ponto, o pesquisador da verdade estará preparado para receber o nosso ensinamento. É a ele, aos seus semelhantes a quem nos dirigimos. Nada dizemos àqueles que, loucamente, se persuadem possuir o perfeito conhecimento. Antes que nos possamos ocupar deles é preciso reconhecerem a sua completa ignorância; tudo quanto pudéssemos dizer resvalaria sobre a impenetrável barreira, atrás da qual estão eles entrincheirados pelo dogmatismo e a presunçosa ignorância; é preciso que estudem além, na dor, o que lhes retardou o progresso espiritual, terrível obstáculo contra eles. Se compreendesdes exatamente o que acabamos de expor, podemos conceber e acrescentar algumas palavras sobre a natureza da revelação e o caráter da inspiração.

Diremos então que os livros sagrados, componentes da Bíblia, como muitos outros, que nela não estão incluídos, são os anais dessa marcha gradual para o conhecimento de si que o grande e bom Deus deu ao homem. O princípio dominador dessas narrações é idêntico ao que governava as nossas relações convosco. O homem só recebe a verdade que pode compreender, nada mais, sob nenhum pretexto, mas tanto quanto possa receber

para satisfazer as suas súplicas. Essa verdade é revelada por intermédio do homem, mas vem sempre mais ou menos impregnada dos pensamentos, das opiniões do médium. Os Espíritos que se comunicam são forçados a empregar os materiais fornecidos pela inteligência do médium, a quem eles preparam, para que sirvam aos seus desígnios, apagando erros, inspirando novas exposições sobre a verdade. A pureza da comunicação do Espírito depende da passividade do médium e das condições nas quais a comunicação é dada. Acham-se em todas as partes da Bíblia os traços da individualidade do médium, erros causados por um controle imperfeito, e a impressão das suas opiniões, assim como as particularidades referentes às necessidades especiais do povo ao qual a comunicação foi primeiramente dirigida.

Numerosos exemplos desse fato podem ser verificados. Quando Isaías repetiu ao povo a comunicação de que estava encarregado, o seu discurso foi caracterizado pela sua própria individualidade e adaptado às necessidades particulares do povo que o ouvia. Falou, é verdade, do Deus Supremo, porém, num estilo poético, com imagens patéticas, mas diversas das metáforas características de Ezequiel. Daniel tem visões de glória; Jeremias, os seus estribilhos vazados nas palavras do Senhor; Oséias, o seu simbolismo místico. Cada um, conforme o seu modo individual, fala do mesmo Jeová, tal como o conhece. Semelhantemente, mais tarde a natureza característica das comunicações individuais é conservada. Conquanto Paulo e Pedro falem da mesma verdade, quase a consideram sob aspecto diferente. No entanto, a verdade não é menos real porque dois homens de espírito diverso a vejam por prisma oposto e falem dela conforme a compreendem. A individualidade do médium é palpável no estilo, senão no assunto da comunicação.

A inspiração é divina, mas o médium é humano. Resulta daí que o homem pode achar na Bíblia o reflexo do seu próprio espírito, qualquer que seja o gênero desse espírito. O conhecimento de Deus é tão fraco, o que o homem pode compreender é tão pouca coisa, que toda pessoa que se apóia sobre as revelações passadas, sem querer nem poder desenvolvê-las, deve achar na Bíblia o reflexo do seu espírito. Ela procura o seu ideal

e acha-o nos dizeres daqueles que falaram para pessoas colocadas no mesmo nível mental. Se nenhum vidente a satisfaz, procura nos versetos o que lhe agrada, rejeita o resto, e de peças e fragmentos elabora a sua própria revelação.

E assim se formam as seitas, construindo o seu ideal, que provam por citações tiradas da Bíblia. Ninguém pode aceitar o conjunto, porque o conjunto não é homogêneo. Quando aqueles que assim arranjam uma revelação se acham à frente dos partidários de outras revelações produzidas pelo mesmo gênero de trabalho, as batalhas de palavras se travam, as explicações (conforme as apelidais), os comentários de textos se acumulam. Tudo se obscurece; as palavras deformadas são interpretadas em um sentido que nunca foi nem o do Espírito que se comunica nem o do profeta ou do Mestre, e assim a inspiração se torna o veículo das opiniões de seitas, a Bíblia em um arsenal no qual cada combatente encontra a sua arma favorita, e a teologia, que é apenas uma noção de natureza privada, apóia-se sobre interpretações dilatáveis.

Somos acusados de discordar da opinião dessa teologia; nada temos de comum com ela, que, por ser da Terra, é baixa e desonrosa em sua concepção de Deus, degradante por sua influência sobre o espírito, insultante à Divindade que faz profissão de revelar. Em verdade a contradizemos e a reprovamos. É nossa missão destruir o seu ensino e substituí-lo por idéias mais nobres e mais verdadeiras sobre Deus e o espírito.

Uma outra razão, pela qual muitas falsidades com relação a Deus têm curso entre vós, como derivando da Bíblia, é que a idéia de inspiração infalível conduz os homens não somente a ligar muita importância a palavras ou a frases, mas a cair no erro de interpretar literalmente o que tinha apenas uma significação espiritual típica. Comunicando ao vosso plano mental idéias que lhe parecem inconcebíveis, somos obrigados a empregar expressões tomadas à vossa ordem de pensamento. Cometemos frequentemente faltas, aplicando mal os termos, que são às vezes deficientes para exprimir o que queremos dizer. Quase todas as expressões mediúnicas são figuradas, especialmente quando os Espíritos tentaram exprimir idéias sobre Deus, tão grande!, e que

eles próprios conhecem tão pouco! A linguagem empregada é necessariamente imperfeita, às vezes mal escolhida, mas é sempre simbólica, e deve ser assim compreendida. É loucura sustentar a exatidão literal de qualquer ensinamento espírita.

Demais, as revelações sobre Deus foram feitas em uma linguagem apropriada às capacidades daqueles a quem foram originariamente dadas. É de acordo com isso que se deve interpretá-las. Mas aqueles que quiseram estabelecer a crença de uma revelação infalível, aplicável através de todos os séculos, interpretam cada palavra em seu sentido literal e deduzem delas conclusões errôneas. A hipérbole, inteligível na boca do vidente impulsivo que se dirigia a um auditório oriental ardente, habituado às imagens poéticas, torna-se exagerada, falsa, enganadora, quando explicada friamente em termos precisos a homens cujos hábitos de linguagem e de pensamentos divergem ou são totalmente diferentes.

É a essa causa que devemos atribuir a propagação de certas idéias falsas, que, se fossem verdadeiras, desonrariam o Eterno. A linguagem original era bastante defeituosa, mas foi mais ou menos colorida pelo médium, por meio do qual se fez compreender, e ainda hoje é mais desproporcionada do que outrora, tornando-se positivamente falsa por não ser de modo algum a revelação de Deus, quando se quer interpretá-la ao pé da letra.

Torna-se uma criação do homem que formou, de fato, uma divindade, como a que o selvagem talha à faca para fazer dela o seu fetiche.

Com tais idéias, digamos ainda uma vez, não temos nenhuma relação. Rejeitamo-las, e a nossa missão é substituí-las por um conhecimento mais nobre e mais verdadeiro. Demais, tratando convosco, os Espíritos procedem sempre de modo uniforme; são enviados para fazer conhecer, com o concurso dos médiuns, algumas parcelas da verdade divina, porém acham no cérebro desses médiuns opiniões estabelecidas, falsas umas, outras em parte verdadeiras, além da confusa legião dos preconceitos da primeira idade e da educação. Esse Espírito deve ficar completamente emancipado das idéias preconcebidas? De modo algum. Não é assim que operamos, pois, apagando tudo, aventurar-nos-

íamos a deixar o cérebro vazio e teríamos destruído sem poder criar. Não; tomamos as opiniões já existentes, mas esforçamo-nos por influenciá-las e aproximá-las da verdade, porquanto quase todas elas possuem um bom gérmen da verdade, o qual nos esforçamos por desenvolver, para que eles progridam e aumentem em conhecimentos. Contentamo-nos com deixar morrer as noções teológicas a que o homem liga tanta importância, por serem de pouquíssimo valor, e deverem dissipar-se à aproximação da brilhante luz para a qual conduzimos a alma, instruindo-a sobre os assuntos importantes. Não nos ocupamos com opiniões que não são prejudiciais. À vista disso, bem vedes que as idéias teológicas ficam tais quais eram, apenas adocicadas, menos austeras em sua aspereza. Assim os homens se certificam sem razão de que os Espíritos ensinam sempre o que o homem já sabia; nada de menos verdadeiro, e o que vos ensinamos é uma prova disso. Os guias espirituais trabalham, certamente, sobre o que acham no espírito, mas modelam, atenuam e conduzem a inteligência por graus imperceptíveis aos fins que têm em vista. A mudança obtida só se torna visível quando as opiniões, que pareciam firmadas, se modificam de modo bastante rápido. Por exemplo, um homem que negou a existência de Deus e da alma, que acreditava apenas no que podia apalpar e ver, adota a crença em Deus e em uma existência futura; no entanto, admirai-vos disso. Mas o espírito preparado, punido, morigerado, que se depurou e cujas convicções imperfeitas e grosseiras já se harmonizaram, é conduzido gradual e sutilmente, de modo a não o perceberem os vossos sentidos. Tais são, entretanto, os gloriosos resultados do nosso trabalho diário. O que era imperfeito, insensível, austero, anima-se, excita-se para o amor da verdadeira vida; o puro torna-se ainda mais puro; o nobre, ainda mais nobre; o bom, muito melhor; a alma ansiosa, agora acalmada, fica satisfeita por perceber com maior clareza mais ricas idéias do seu Deus e da felicidade futura. As opiniões não foram suprimidas, mas transformadas. É isso a real influência espiritual que existe ao redor de vós e da qual nada sabeis ainda; é o atributo bendito e vivo do nosso ministério.

Assim, quando os homens dizem que os Espíritos repetem as opiniões preconcebidas do médium, têm em parte razão. Mostramos como procedemos para modificar as que são inofensivas. Quando prejudiciais, são destruídas. Em presença de formas especiais de crença teológica, procuramos, quanto possível, espiritualizá-las, antes que destruí-las. Sabemos – como não o podeis saber – quão insignificantes são as formas, mas o essencial é que a fé seja ativa e espiritual. Aplicamo-nos pois a essa obra de construção da qual vos falamos, empregando os bons materiais, eliminando os que são falsos e ilusórios, saneando a alma, que pode então aceitar as modificações que oferecemos e compreender o que podemos ensinar-lhes sobre a verdade.

E agora, amigo, experimentareis a influência eficaz desse sistema, que vos ajudará em vossas dificuldades. Procuramos não extirpar do vosso espírito as opiniões teológicas que sustentais, mas modificá-las.

Se quereis recordar-vos do passado, verificareis como o vosso credo se afastou de uma base tão estreita, para chegar gradualmente a idéias racionais. Fizestes, sob a nossa direção, conhecimento com os princípios teológicos das inúmeras seitas e igrejas. Fostes conduzido a reconhecer, em cada uma, o gérmen de verdade, mais ou menos desenvolvido, porém obscurecido pelo erro humano. Estudastes os escritos dos mestres sobre religiões no mundo cristão, e a vossa própria crença está despida das suas asperezas, ao contato das doutrinas divergentes que proclamam a verdade. O progresso foi lento desde os dias em que estáveis influenciado pelo estudo dos antigos filósofos, até à hora presente em que os sistemas de teologia passaram, deixando em vosso espírito somente o que podeis assimilar. A fé inabalável e imutável do ramo oriental da Igreja cristã com os seus dogmas cristalizados que já não são mais verdades vivas e respiráveis; a crítica destruidora dos pensadores alemães que tem ferido, por golpe bem necessário, a cega confiança na exatidão verbal das sentenças humanas; as especulações do pensamento ousado em vosso país, ou em vossa Igreja; as idéias daqueles que são tão estranhos no que diz respeito ao próprio credo da cristandade, tudo isso examinastes, retendo apenas o que vos podia servir. Depois

desse longo e gradual trabalho, desejamos conduzir-vos mais para diante e mostrar-vos a ideal verdade, impalpável mas muito real, oculta sob o que vos é familiar. Queremos despojar o corpo terrestre e mostrar-vos a verdade vital em sua significação espiritual. Queremos que saibais que o ideal espiritual de Jesus-Cristo não se parece mais com a versão humana, com os seus acessórios de expiação e redenção, como o bezerro imperfeitamente talhado pelos antigos hebreus não se parecia com o Deus que consentia em ser-lhes revelado. Desejamos mostrar-vos, tanto quanto elas estão ao vosso nível, as verdades espirituais que servem de base à vida daquele que conheceis como Salvador, Redentor e Filho de Deus. Dir-vos-emos a verdadeira significação da vida do Cristo e vos demonstraremos, o melhor possível, quão baixo e indigno é o modo de encarar a sua prédica, e quão útil é restaurá-la.

Perguntais como o sinal da cruz pode ser ligado ao nosso ensino. Amigo, a verdade espiritualista, que tem esse sinal por emblema, é a verdade legitimamente cardinal que devemos anunciar de acordo com a nossa missão. O amor devotado, que quer servir à Humanidade até ao sacrifício da vida, do lar e da felicidade terrestre, o puro espírito do Cristo, é, declaramos ainda, o espírito divino. É ele que salva verdadeiramente a baixa moral da ambição vulgar das satisfações pessoais e da voluptuosa indolência. É ele que pode resgatar a Humanidade e fazer dos homens os filhos de Deus. Essa abnegação e esse amor encarnado podem, na verdade, expiar o pecado e tornar o homem semelhante a Deus. Tal é a verdadeira expiação, admissível em vez da reconciliação de uma Humanidade manchada de crimes, com um Deus irritado, reconciliação obtida à custa do sacrifício do seu filho imaculado.

Expição é essa mais elevada e mais completa pela purificação da natureza, pela liberdade do espírito e pela fusão do humano e divino *Uno*. O espírito do homem pode atingir esse objetivo, mesmo durante a sua encarnação.

A missão do Cristo foi demonstrar essa verdade, e nisso era Ele uma manifestação de Deus, o Filho de Deus, o Salvador do homem, o Reconciliador, o Expiador, cuja obra perpetuamos,

trabalhando sob o seu símbolo, combatendo os inimigos da sua fé e a todos os que de boa-vontade ou por ignorância o desonram, colocando-se sob a proteção do seu nome.

O que dizemos pode parecer ainda novo e estranho àqueles mesmos que fizeram alguns progressos em saber espiritual, mas soará a hora em que os homens reconhecerão a conformidade dos nossos ensinamentos com o do Cristo, e então o grosseiro vestuário humano, sob o qual foi abafado, será rasgado e a verdadeira grandeza dAquele que erradamente adoram em sua ignorância lhes aparecerá sob a sua verdadeira luz. Eles o adorarão, não menos realmente, porém com mais completo conhecimento, e saberão que o sinal sob o qual nos colocamos é o emblema do puro amor impessoal, do esquecimento absoluto de si mesmo, que deve ser o seu fim supremo. O nosso mais ardente desejo é atingir esse objetivo.

Refleti sobre as nossas palavras; procurai ser guiado, se não por nós, seja por Aquele que nos envia, como enviou outrora esse Espírito sublime de pureza, caridade e sacrifício a que os homens chamaram Jesus e que era o Cristo.

Veneramos o seu nome e o adoramos mesmo hoje.

Repetimos as suas palavras; o seu ensinamento ressurgiu no nosso.

Ele e nós somos de Deus e vimos em seu nome.

† *Imperator*

Seção X

(Eu não ficara satisfeito e refletira muito tempo sobre essa comunicação, aliás muito oposta às minhas convicções de então, mas, como tinha certeza de estar escrevendo sob uma influência poderosíssima, desejava ser dela desembaraçado antes de replicar. No dia seguinte, oferecendo-se ocasião oportuna, apresentei os meus argumentos e notei que o credo formulado não podia ser aceito como cristão por nenhum membro da Igreja cristã, pois que, além de estar em contradição com os termos evidentes da Bíblia, podia ele próprio ser rejeitado como uma expressão do Anticristo. Acrescentei que essas idéias vagamente belas – isso o reconhecia eu – tinham uma tendência a suprir o ponto de apoio da fé. Deram-me esta resposta:)

Amigo: com satisfação responderemos à controvérsia que apresentais. Quanto à nossa autoridade, já nos apresentamos, declarando ser divina a nossa missão e esperamos com confiança que aceiteis; é preciso que as almas sejam experimentadas para receberem o nosso ensinamento. Isto virá depois de longa e persistente preparação, não nos surpreendendo o não poder ainda ser aceita facilmente a verdade que promulgamos. Só podemos ser ouvidos por pequeno número de homens mais adiantados em conhecimentos. Foi jamais aceita, à primeira vista, alguma revelação complementar das precedentes?

A pretenciosa ignorância tem-se insurgido sempre contra o progresso, na persuasão de que os seus conhecimentos velhos e antiquados são suficientes; a mesma horda assaltou a Jesus. Os homens que tinham lentamente elaborado a teologia mosaica, reduzindo em massa ritualista informe as instruções do Sinai, gritaram que o blasfemador Jesus destruía a lei e ultrajava a Deus. Os escribas e fariseus, guardas da fé ortodoxa, unânimes em sua incredulidade e irritação contra Ele, lançaram o clamor que conduziu finalmente à cruz o grande Mestre. Sabeis hoje que Ele não insultou a Deus, mas apenas destruiu as interpretações humanas para poder purificar os mandamentos da lei divina, erguê-la da morte, dando-lhe um novo vigor espiritual.

Em vez da interpretação glacial da Lei, prescrevendo a obrigação externa devida a um pai sem misericórdia nem amor, Ele ensinou a filial afeição, oferecendo com abundante ternura um tributo de amor, não comprado, aos pais terrestres e ao Pai Todo-Poderoso. Substituiu o formalismo de uma convenção puramente exterior pela livre oferta do coração. Qual era o mais verdadeiro e o mais sublime credo?

O último esmagou o primeiro? Entretanto, aqueles que se davam por satisfeitos em cumprir o dever filial por meio de algumas simples moedas, desdenhosamente atiradas, foram os que crucificaram o Cristo, sob o pretexto de que Ele tinha ensinado uma religião nova, blasfematória e subversiva, que tendia a destruir a antiga. A cena do calvário foi o coroamento lógico da fé defendida pelos fariseus.

A mesma censura de blasfêmia elevou-se perpetuamente contra os discípulos, quando eles vieram pregar o seu Evangelho a uma sociedade não preparada, que não se importava de recebê-lo. As mais monstruosas acusações foram facilmente levantadas pelos inimigos da nova fé, “por toda parte difamada”. Os discípulos e os primeiros fiéis estavam sem lei, posto que respeitavam rigorosamente o culto e os poderes “que tinham”; devoravam os filhos: os servidores e imitadores do meigo Jesus! Aceitavam-se como verdadeiras as mais odiosas calúnias, como hoje os homens desejam crer em tudo o que pode desacreditar a nossa missão e a nós próprios.

É a história de todos os tempos; as novidades que tocam à religião, à ciência, ao que ocupa o espírito limitado do homem são atacadas com furor. É um atributo essencial da inteligência humana, dominada pelo hábito mental ou material, o que lhe é novo ou estranho alarma a sua indolência e lhe inspira uma suposição desconfiada.

É, pois, sem surpresa que vemos primeiramente a incredulidade fazer oposição ao Cristianismo espiritualizado que ensinamos.

Não é de estranhar que a nossa comunicação contradiga algumas particularidades dos ensinamentos dados por intermédio de

espíritos humanos, mais ou menos desenvolvidos em dias de há muito desaparecidos. Não temos necessidade de repetir que a Bíblia contém páginas que não concordam com o nosso ensinamento, sendo uma mistura de erro humano transmitido pelo espírito dos médiuns escolhidos; podeis somente conseguir isolar a verdade, julgando a tendência geral.

Opiniões particulares, escolhidas sem referência ao corpo de doutrina, são apenas os sentimentos do indivíduo e demonstram a disposição do seu espírito, mas não são artigos de fé. Imaginar que uma convicção enunciada desde tantos séculos possa unificar-se, eternamente, é insensato.

Sem dúvida, era crença corrente, na época em que os escritores compunham os livros do Novo Testamento – a que chamais inspirados – que Jesus era Deus, e repudiava-se violentamente quem quer que o negasse. Sem dúvida creditava-se também que Ele voltaria sobre as nuvens antes *que a geração então viva desaparecesse*, para julgar o mundo. Os homens enganavam-se em ambos os casos; pelo menos em um deles, pois que já são passados mil e oitocentos anos sem que Jesus tenha voltado para dar sentenças. Poderíamos continuar o argumento se fosse necessário.

A impressão que desejamos produzir em vós é esta: deveis julgar as revelações de Deus de acordo com a luz que vos é dada, geralmente, e não sob o ditado dos escribas; é preciso referirdes-vos ao espírito, à tendência genérica, não à fraseologia literal. Deveis julgar-nos, assim como o nosso ensino, não de conformidade com tal afirmação, feita por tais homens em tal época, mas pelo exame de adaptação do nosso credo às vossas necessidades, ao progresso do vosso espírito e às relações para com Deus.

Que se deve então auferir do nosso ensino? Até onde concorda ele com a sã razão? Qual o ensino que dá de Deus? Como auxilia o vosso espírito? As igrejas ortodoxas vos ensinaram a crer em um Deus que, depois da sua cólera extinta pelo sacrifício de seu Filho, permitiu fosse um pequeno número de almas admitido depois da morte em um céu fabuloso onde, por toda a eternidade, teria por única ocupação cantar louvores com persistência monótona. O resto da raça, incapaz de obter a entrada

nesse céu, seria lançada, em punição dos seus pecados, a um inferno, lugar de tormentos indescritíveis e sem-fim! As causas que privariam esses miseráveis da felicidade do paraíso seriam, quanto a uns, a falta de fé, ou a incapacidade intelectual para aceitar certos dogmas; quanto a outros, as quedas depois de violentas tentações, de vidas degradadas, não resgatadas no último momento por um grito de submissão às leis da Igreja, pois se vos ensinou igualmente que o bruto mais sensual e mais criminoso podia no leito mortuário achar-se de repente em estado de comparecer à presença imediata de Deus, contra quem blasfemara durante toda a vida.

Não podemos sem calafrios falar de um tal Deus, no qual a nossa razão não pode pensar. Não nos limitamos a expor a inanidade da pretensão com que se quer fazer desse miserável ídolo muito mais que uma ficção concebida por bárbaros; só pedimos que admireis, conosco, a presunçosa ignorância com que se ousou produzir uma tal caricatura do Deus, Santo dos Santos. O Deus que pregamos é na verdade um Deus de amor, cujos atos não contradizem o seu nome e cujo amor e piedade sem limites são incessantes para com todos; que não tem parcialidade para com ninguém, sendo de uma imutável justiça para com todos. Entre ele e vós estão as classes dos Espíritos, seus agentes, reveladores da sua vontade; por esses mensageiros a comunicação nunca é suspensa. Tal é o nosso Deus manifestado por suas obras e operando por intermédio de seus anjos missionários.

E vós mesmos, quem sois? Almas imortais, que por uma palavra, um grito exprimindo a fé em um ininteligível e monstruoso dogma, podeis comprar um céu de inatividade e evitar um inferno de tormento material? Em verdade, não! Sois Espíritos colocados durante certo tempo em um vestuário de carne, a fim de vos preparardes para uma vida espiritual mais elevada, na qual colhereis o fruto da seara semeada no passado. Não vos espera um fabuloso céu, de torpor eterno, mas sim uma atividade útil, progressiva, que vos ajudará evolutivamente, sempre para mais altas perfeições.

Imutáveis leis governam as ações que produzem os seus próprios efeitos. Os atos inspirados pelo desejo de fazer o bem adiantam a alma, ao passo que o contrário a perverte e atrasa. A felicidade acha-se no progresso e na assimilação gradual com o divino e perfeito. Os Espíritos procuram a felicidade no amor divino e na bênção mútua. Não aspiram à debilitante indolência e não cessam de desejar adiantar-se em conhecimentos. As paixões, as necessidades e os desejos humanos são extintos com o corpo, e o Espírito vive em uma atividade espiritual pura, que o impele sempre ao progresso e ao amor. É isso que é o céu.

Não conhecemos outro inferno senão o que está na alma aflita pelas suas transgressões, acabrunhada de remorsos e angústias, a qual se salvará, combatendo as suas más disposições e cultivando as qualidades que a reconduzirão à estrada do conhecimento de Deus.

O castigo é apenas a conseqüência natural do pecado consciente, *sem intervenção divina*; remedeia-se isso pela *expição*, pelo *arrependimento pessoal*, suportados com firmeza, sem covardes apelos para obter misericórdia e sem se crer salvo pela condescendência dada a fórmulas que deveriam fazer tremer.

Sabemos que a felicidade está reservada para quantos se esforçam por ter uma vida de acordo com a razão, com a mesma certeza com que a miséria aguarda os que violam cientemente as leis sábias, corporais ou espirituais.

Das sublimes regiões do Além não dizemos nada, porque nada sabemos. Limitamo-nos a repetir-vos que a vida para nós outros, como para vós, é governada por leis, que devem ser descobertas, e que a obediência ou o desprezo que se lhes dá conduzem certamente à paz ou à dor.

É inútil insistir mais sobre o nosso credo, cujas linhas principais já conheceis, e sobre o qual, oportunamente, novas luzes vos serão dadas. Estabelecemos de novo a nossa questão: o ensino que damos não é puro, nobre, divino? Não é o complemento natural do que Jesus pregou? É menos definido, mais vago do que a ortodoxia? Não avulta em particularidades minuciosas e repulsivas; ensina uma religião mais elevada e mais santa; prega

um Deus mais divino; atira um véu sobre o desconhecido e recusa substituir a especulação ao conhecimento ou aplicar as mais grosseiras noções humanas à própria essência e aos atributos do Supremo.

Se desanimar com a vã curiosidade e parar diante do incompreensível é ser vago, somos vagos na exposição do nosso saber; mas se o dever do sábio é estudar o que é inteligível, agir antes que especular, então a nossa crença é ditada pela sabedoria e pela razão, inspirada pelo próprio Deus. Ela suportará a prova da experiência racional, durará, inspirará miríades de almas nos séculos futuros, enquanto os que a injuriam e a insultam serão ocupados em reparar dolorosamente as conseqüências da sua insensata cegueira. Ela conduzirá inúmeras multidões de Espíritos puros, que progrediram na fé, à felicidade, ao adiantamento; permanecerá e há de abençoar os seus discípulos, apesar da demência ignara que atribuem os seus divinos preceitos a um demônio e lançam anátema em quem a segue.

† *Imperator*

Isso me parece belo, racional, e penso mesmo que respondes à acusação de ser vago; mas cuido que muitas pessoas dirão que subverteis praticamente o Cristianismo popular. Eu quereria que me désseis algumas idéias sobre o fim geral do espiritualismo, no que respeita especialmente aos não desenvolvidos, encarnados ou desencarnados.

Falar-vos-emos disso oportunamente. Refleti sobre o que foi dito, antes de reclamar outras comunicações. Possa o Supremo dar-nos a capacidade de vos guiar com acerto.

† *Imperator*

Seção XI

(Nessa época, a influência que me envolvia dominava-me a ponto de excluir todas as outras comunicações. Em 24 de junho fiz em vão grande esforço de vontade para me comunicar com o Espírito que escrevia habitualmente; a influência era de caráter singularmente elevado. Eu fazia com pontualidade o meu trabalho cotidiano, mas todos os instantes em que podia dele distrair-me eram consagrados a refletir sobre ensinamentos tão novos para mim; à medida que eu pensava nesses ensinamentos, eles se me apresentavam à reflexão com uma força e beleza de coordenação quais antes me não haviam impressionado. Durante muito tempo tinha eu estudado a fundo as teologias, sem procurar descobrir erros nos diversos sistemas, antes confrontando-os que criticando. Achava-me agora em frente de novos esboços, que me pareciam tocar a raiz do que tinha sido até então artigo de fé. A 26 de junho, reporteime às declarações de Imperator e dispus assim o caso:)

Pensei muito sobre o que me fizestes escrever e li algumas páginas a um amigo, cujo julgamento me inspira grande confiança. Surpreende-me que as doutrinas cristãs, consideradas até aqui como dogmas essenciais da fé, sejam negadas ao abrigo do símbolo da cruz. Não posso exprimir o meu embaraço com mais energia do que dizendo que, apesar da minha aprovação intelectual às vossas declarações, a fé no Cristianismo existente durante mais de 18 séculos não pode ser derribada levianamente pelos argumentos mais racionais que possam aparecer, quando não se apóiem sobre alguma autoridade reconhecida. Quereis dizer-me claramente que posição destinais a Jesus? Que prova podeis oferecer do direito que talvez vos tenha sido conferido de subverter ou de desenvolver a prédica do Cristo e de substituir por um novo Evangelho o antigo? Que evidência podeis dar-me de vossa própria identidade e da missão que proclamais? Homens sinceros e racionais têm necessidade de provas convincentes. A palavra, sem sanção, de um homem ou mesmo de um anjo, não logra fazer

admitir a origem divina de um ensino que me parece subversivo. Se bem que a mudança seja muito gradual, parece-me existir uma diferença perceptível nas vossas comunicações, onde descubro divergências de ensinamentos entre alguns Espíritos que se têm comunicado por vosso intermediário; o laço tendente a unir um certo número de opiniões, com diversas origens, deve ser bem delicado.

Amigo, estamos muito satisfeitos por ter chegado a estimular o vosso espírito e por haver tirado dele uma série de perguntas racionais. Nenhuma disposição de espírito – crede-nos ao menos nisso – é mais agradável ao Supremo do que quando se procura a verdade, com zelo e inteligência. Longe de combater-vos o desejo de verificar as idéias novas, sem pensamento preconcebido – aprovamo-lo.

É isso o indício de um espírito livre e leal que não quer renunciar às suas primeiras crenças sem razões substanciais e que, entretanto, está pronto a reconhecer a verdade, se puder obter certezas interiores e exteriores.

Essas dúvidas e inquietações têm muito mais valor do que a crédula disposição daquele que aceita tudo quanto lhe é apresentado, sob uma cor capciosa; preferimo-la sobretudo à indiferença dessas naturezas estacionárias a quem nenhuma tormenta demove, a cuja vítrea superfície nenhuma brisa agita e cuja plácida inércia é refratária a qualquer conselho espiritual.

Louvando as vossas dúvidas, a elas responderemos nos limites do nosso poder. Há um ponto além do qual nos é impossível fornecer provas; deveis sabê-lo, comparando-nos às testemunhas chamadas aos vossos tribunais de justiça; estamos em uma situação desvantajosa por não poder produzir o gênero de evidência que prevalece entre vós. Como não somos da Terra, as nossas afirmativas, mesmo em vasta proporção, só podem ser corroboradas pelo testemunho dos nossos irmãos espirituais. Vários deles vos falaram da nossa identidade terrestre e vos deram a prova, que deveria ser concludente, de que conhecemos intimamente, nas menores particularidades, a vida terrestre daqueles cujos nomes tomamos. Se isso não basta para vos

convencer e se pensais que essas informações foram obtidas por Espíritos enganadores, sempre prontos a mistificar, lembrar-vos-emos as palavras de Jesus: “Conhecereis a árvore pelos seus frutos.” “Os homens não colhem uvas dos espinheiros, nem figos dos abrolhos.” Referimo-nos sem temer ao conteúdo do nosso ensinamento, cuja divindade se prova.

Não temos que insistir por mais tempo sobre esse ponto; as vossas inquietações não nos surpreendem, mas desde que a nossa resposta não pode convencer-vos, nada mais temos a acrescentar, cumprindo-nos aguardar com paciência o momento em que vereis a luz.

Com vagar falaremos, em outras circunstâncias, dos Espíritos que, tendo vivido em diferentes épocas da história desse mundo, sob climas diversos, têm idéias divergentes sobre Deus e a vida futura.

Presentemente vos indicamos uma falsa concepção, que é inseparável do estado em que viveis. Não podeis ver, como nós, a quase nulidade do que chamais opinião; não podeis saber, devido à cegueira dos vossos olhos, como se rompe o véu depois de a alma separar-se do corpo carnal; de que modo as especulações a que se liga tanta importância são consideradas interpretações vagas enquanto se percebe o gérmen de verdade oculto sob as doutrinas teológicas, gérmen muito semelhante em essência, não obstante os seus diferentes graus de desenvolvimento.

Ah! amigo, a religião não é um problema tão abstrato como o homem o considera; porquanto a verdade não é o patrimônio exclusivo de nenhum homem nem de seita alguma. Pode estar ou está na filosofia de Atenodoro, quando, na antiga Roma, ele aspirava pela depuração do espírito e sujeição da carne; e pode estar na procura da união com o seu Mestre, que dava a Hipólito a força de perder a existência mortal, por sua confiança em uma vida real, entrevista confusamente. A mesma pesquisa de verdade enobreceu Plotino e o arrebatou mesmo, durante a sua passagem pela Terra, bem além da esfera terrestre. A mesma semente residia no seio de Algazzuli, apesar dos seus erros; sustentou as especulações de Alessandro Archillini e deu força e realidade às palavras calorosas que caíram de seus lábios. A mesma jóia pura

reverbera agora entre as criaturas de boa-vontade; é o patrimônio comum que lhes permite reunirem-se a fim de trabalhar em comum para um mesmo fim, que é a apuração desse depósito de verdade, que o homem recebeu de seu Deus, e o enobrecimento do destino humano pela expansão de idéias mais exatas e mais espirituais sobre Deus e o futuro da alma. As suas antigas opiniões estão muito desvanecidas e não deixaram atrás nenhum traço dos prejuízos materiais que envolviam a alma e lhe detinham o progresso, mas do diamante por elas ocultado refletem-se cintilações sempre crescentes e imperecíveis. O amor da verdade é o laço misterioso de simpatia, que tem a força de unir, para uma obra comum, Espíritos que, na Terra, professavam aparentemente convicções opostas. Isso pode fazer-vos compreender por que trabalhamos com instrumentos diferentes, escolhendo-os segundo a sua especialidade e faculdade de adaptação, da qual somos os melhores juízes.

Esperamos que depois da reflexão reconheçais o bom senso do que vos dizemos. Quanto às provas irrecusáveis, é preciso contentar-vos com a esperança, até que, rompido o véu, possais por vossa vez e conosco perceber o que é invisível aos vossos olhares ainda limitadíssimos. A nossa grande esperança é que chegareis gradualmente a ser convencido. Aplicai-nos a divina lei do Mestre, de julgar os outros como a vós mesmos.

Errais supondo que os nossos ensinamentos oferecem contradições. Inteligências de ordens diversas têm comunicado convosco, expondo argumentos e pontos de vista variados. Não negamos que de preferência temos procurado desenvolver em vós os germens da verdade que descobrimos, em vez de entrar em luta com as vossas opiniões errôneas; havemos evitado as discussões inúteis e procurado os pontos de contato. Voltaremos mais tarde sobre certas matérias, que de propósito deixamos de lado. Quando pedistes informações, indicando que não estáveis obstinado em conservar tais ou tais idéias, esclarecemos-vos sem escrúpulo. Podemos ver quando a corrente do pensamento vos arrasta para longe de antigos portos onde não vos sentis mais em segurança, e então vos guiamos para não cairdes na torrente, arriscando-vos ao naufrágio. Desatamos delicadamente os laços para

desprender o vosso espírito do passado morto, e estamos encarregados de o conduzir a um ancoradouro mais seguro. Queremos, se nisso cooperardes, torná-lo capaz de se elevar acima das tempestades e de estar pronto, com uma fé nova e vivaz, a atravessar as vagas encapeladas que o separam do porto da paz.

Nesse tentame, não vos temos em nada desviado ou iludido, pois tudo quanto temos afirmado é de escrupulosa exatidão.

Não há verdadeiramente divergência nos ensinamentos de outros que falaram; as contradições aparentes são devidas à dificuldade de comunicação, à influência variável da vossa própria mentalidade, do vosso estado físico, à novidade do trabalho para alguns e sobretudo às vossas idéias acanhadas. Só vagamente podemos simbolizar verdades que os vossos olhos espiritualizados contemplarão um dia em seu vasto esplendor; não podemos falar com clareza quando o espírito do vosso médium está perturbado ou o seu corpo e o seu estado mental agitados pela moléstia. Uma atmosfera tempestuosa, uma perturbação elétrica, a proximidade de seres humanos antipáticos ou hostis, impressionam a comunicação e podem alterá-la um pouco. Daí, as variantes que haveis descoberto, aliás raras, mas que bem pouca coisa são, e que tendem a desaparecer quando os obstáculos forem afastados. Então reconheceréis o discernimento superior que vos guiou em uma fase difícil e perigosa.

Muito vos lastimais da pouca probabilidade em ser aceita a nossa doutrina, entretanto não sabeis quase nada a esse respeito. Está muito mais próximo do que pensais o tempo em que a antiga fé, que durou tanto e que o homem remendou tão grosseiramente, cederá lugar a uma fé mais nobre, mais elevada, não antagônica, porém suplementar, e o puro Evangelho que Jesus pregou achar-se-á em nível de conhecimento mais adiantado. Pois sabeis, bom amigo, que nenhum esforço é tentado sem que tenha sido considerada a correlação entre o Evangelho de Deus e as necessidades do homem. O que vos trazemos aplica-se também a outros e se espalhará sem interrupção, por processos bem graduados, entre as criaturas aptas a compreender a fé.

O Mestre assim o quis. Essa hora não soou para vós e a nossa vidência é menos circunscrita que a vossa. Em tempo oportuno

os princípios que acabamos de propagar serão conhecidos dos homens. Até então as almas progressistas serão instruídas, e uma semente preciosa está sendo semeada: a colheita e a conservação serão quando for preciso. Deveis esperar como nós.

Repetimos que Deus não impõe suas bênçãos a ninguém: oferece-as. A responsabilidade da recusa ou do aceite pertence-vos. Se refletirdes sobre o nosso entretenimento, reconheceréis que a natureza do caso contém mais que uma prova presuntiva da validade das nossas pretensões. A evidência completa será admitida por vós e por aqueles a quem ansiamos em revelar os nossos pensamentos. Ninguém pode a isso recusar-se, a não ser os que estão mergulhados sem esperança de libertação, nas névoas da mais profunda superstição, ou aferrados a um dogmatismo intransigente. Nada temos, aliás, de comum com eles. Não falamos mesmo às almas que têm achado na sua fé o apoio suficiente; deixai-as vinculadas a ela; o momento de progredir ainda lhes não soou e só o tempo o fará.

A nossa revelação em nada difere da que a precedeu, antes marca um passo para diante, como cada desenvolvimento da ciência humana o faz. Os nossos conhecimentos provêm da mesma fonte e correm pelos mesmos canais, que são hoje, como então, terrestres e por conseguinte falíveis. Assim sucederá enquanto Deus se revelar por agentes humanos. Lembrai-vos do ponto de partida das nossas instruções, para o qual invocamos com insistência o vosso raciocínio; não vos solicitamos essa fé cega que não quer separar-se dos velhos ensinamentos, unicamente porque são velhos, assim como a aceitação do novo, por ser ele novo. Pedimos que penseis calmamente sobre o que tendes aprendido e, depois que fizerdes uma inteligente investigação, rejeitai ou aceitai, quando a vossa convicção estiver bem escudada.

Deus proíbe que incitemos, mesmo em aparência, qualquer homem a tornar-se antagonista real ou imaginário de uma crença que, durante mais de mil e oitocentos anos, foi honrada por miríades de almas zelosas e progressistas, tanto quanto por almas transviadas, mas sinceras e ardentes. A sua longa duração lhe dá direito à veneração, mas com a nossa ampla vista descobrimos a

necessidade de modificar uma doutrina que, apropriada às gerações menos adiantadas, se tornou insuficiente. Em todo o caso, não queremos provocar revoluções violentas. Apuramos e infundimos uma vida nova. O Salvador lançou os alicerces de uma fé mais nobre do que a revelada sobre o Sinai ao ribombar do trovão; recomeçamos o divino edifício e oferecemos ao mundo uma crença mais adaptável às suas capacidades atuais, mais apropriada às suas recentes necessidades.

“O mundo a rejeitará!” Bem, mas ao menos tê-la-emos apresentado, e aqueles que a tiverem acolhido sentirão a sua benéfica influência. Há quase sempre um longo intervalo entre o primeiro movimento de divulgação de uma verdade e a sua aceitação final; a semente parece perdida. O dia de preparação pode ser longo, a noite durante a qual o semeador espera pode ser acabrunhadora, mas a colheita é certa, e como não vos seria permitido retardá-la, podeis ajudar a arrecadação. Mas quer o homem ajude ou não, a obra de Deus se fará. É só ao indivíduo que a aceitação ou a renúncia da comunicação divina importa substancialmente. Quando uma alma se adianta ou se atrasa, os anjos regozijam ou afligem-se; eis tudo.

Perguntais que posição assinalamos a Jesus, o Cristo. Ainda não é chegado o momento de entrar em especiosas comparações entre os educadores, que em épocas diferentes foram enviados por Deus; mas sabemos que nenhum Espírito mais puro, mais divino, mais nobre, mais bendito e mais abençoado desceu à Terra. Nenhum mais dignamente conquistou, por sua vida de amor e sacrifício voluntários, a veneração e o devotamento da Humanidade, nenhum espalhou sobre ela mais bênçãos nem realizou maior obra para o serviço de Deus. Damos a todos os grandes mestres os louvores que lhes são devidos e citamos como exemplo a sua abnegação, o seu amor até ao sacrifício, por uma geração tristemente inapta a seguir tais modelos.

Se os homens tivessem empregado a sua energia para imitar o sublime devotamento, a firmeza, a pureza de pensamento e de vida que animaram o Cristo, teriam disputado menos sobre a sua natureza, e teriam sido menos pródigos de inúteis sofismas metafísicos. Os teólogos das idades obscuras não vos teriam

legado a maldita herança das suas insensatas especulações. Os homens teriam seguido o simples Evangelho anunciado pelo Cristo, em vez de serem pervertidos por uma teologia antropomórfica que fez derramar lágrimas e sangue, e ultrajar o puro Espírito.

Amigo, deveis discernir entre a verdade de Deus e as glosas do homem. Atribuir a um homem as honras divinas, em detrimento da própria homenagem e do próprio amor que a Deus pertencem exclusivamente, é um erro prejudicial que afasta o homem dos seus deveres para com o Eterno. “A letra mata – diz a vossa Escritura –, a letra mata, mas o espírito vivifica.” Assim, rejeitamos a fábula de um inferno material e proclamamos idéias mais puras e mais racionais; repudiamos essa noção ortodoxa da expiação e do sacrifício por delegação e proclamamos uma religião espiritualizada. Arrancamos-vos ao formalismo, à inerte concepção literal do passado, para vos reconduzir a uma religião de verdade espiritualizada, ao amorável simbolismo da instrução angélica, que vos conduzirá no futuro para as alturas onde o Espírito está livre dos vínculos materiais. Falamos-vos com cuidado, compenetrados da importância das nossas palavras, que deveis examinar com o único desejo de achar a verdade, implorando o auxílio divino, sempre concedido àqueles que o suplicam.

† *Imperator*

Seção XII

(Tenho grande repugnância em publicar coisas tão íntimas, mas sou a isso forçado pela idéia de que a história das minhas lutas mentais e espirituais pode ser útil àqueles que atravessarem uma crise semelhante. Depois de um intervalo de alguns dias, durante os quais não recebi comunicação sobre os ensinamentos da religião espírita, pedi que me fosse permitido formular outras objeções. Devo referir que eu estava profundamente agitado e sentia-me incapaz de aceitar essas novidades, e o ponto que eu pretendia esclarecer era o da “identidade dos Espíritos”. Na disposição em que me achava então, era-me preciso a prova irrecusável da identidade do Espírito que se comunicava; sem ela eu não podia subscrever as declarações que me eram feitas. Convencido de que ela me podia ser dada, afligia-me por não obtê-la. Eu não sabia então (em julho de 1873), como o sei hoje, que a *evidência de convicção* é a única que se pode ter e que o meu plano deliberado não podia chegar ao que eu desejava. Achava-me, além disso, muito perplexo, porque muitas comunicações, que passavam perfeitamente por ser espíritas, eram estultas e frívolas, comparava-as, com grande desvantagem, com as lições dos moralistas cristãos e achava que havia profundas divergências entre elas e os ditados dados pelos Espíritos, que emitiam singular variedade de opiniões. Eu era pessoalmente hostil à maior parte dessas opiniões, que, a meu ver, não constituíam vantagem para as pessoas que as recebiam, e a idéia de que elas eram acolhidas por fanáticos repugnava-me. A mim não mais me seduzia a evidência interna ou externa. As minhas observações firmavam-se sobre a prova das verossímeis relações de Deus com a Humanidade, sobre o caráter geral e o resultado do espiritualismo. Deram-me a seguinte resposta:)

Amigo, apraz-nos conversar novamente convosco; e se nos é impossível resolver todos os problemas que vos preocupam, podemos retificar os erros nos quais caístes quanto às relações de Deus com a Humanidade e às tendências da nossa missão.

A página da história humana, que conheceis, relata também a marcha da revelação uniformemente progressiva de um único e mesmo Deus.

Na aurora da história do homem, a noção de um Deus, em sua natureza espiritual, toma a forma de um ídolo alternadamente invocado com veneração ou destruído com desprezo, conforme a prece era atendida ou ficava sem efeito. Os homens ignoravam que o bloco que adoravam nenhum poder possuía e que ao redor deles se moviam sem cessar Espíritos missionários prontos a socorrê-los, a defendê-los e a trazer respostas às suas preces racionais. Eles só podiam compreender Deus sob uma forma tangível, que encarnasse a sua idéia. Notai bem: a idéia *deles* sobre Deus não vinha do próprio Deus. Julgaram, pois, o seu Deus de acordo com eles, atribuíram-lhe as paixões que achavam dignas de respeito entre os seus semelhantes e o cumularam de algumas fraquezas, inseparáveis da Humanidade tal como a conheciam. Finalmente, fizeram d'Ele um homem glorificado, dotado de onipotência, de onisciência, de onipresença, e o fizeram agir de acordo com a sua concepção.

Por conseqüência, a revelação de Deus é proporcionada ao desenvolvimento intelectual e ao progresso do homem, porque o médium humano torna-se apto para receber idéias menos obscuras sobre a Divindade à medida que, libertado dos óbices da primitiva ignorância, ele mesmo procurou a luz e o saber.

Repetimos já muitas vezes que o homem apenas recebe o que pode suportar. Deus é revelado por meio dos médiuns, e é impossível que o conhecimento de Deus exceda a capacidade do homem. Tivéssemos a liberdade de vos falar da nossa mais perfeita teologia e ela vos pareceria estranha e ininteligível ainda hoje. Por fracas doses vos instilaremos tanta verdade quanta podeis suportar. Quando a tiverdes assimilado, tereis consciência dos vossos erros. Quando atribuídes a Deus motivos e dizeis: “Isso não pode ser, Deus age em contrário à sua natureza; Ele não pode fazer isso agora, pois que o não fez outrora” dizeis simplesmente: “A idéia que formo de Deus é tal ou qual, e não posso agora conceber uma outra.” E nós vos dizemos: “Formastes o vosso Deus e o fizestes agir segundo os vossos raciocínios.” À

medida que o vosso espírito se dilatar, seja em vosso estado atual de existência, seja em um outro, perceberéis novas luzes e direis: “Eu não tinha razão, reconheço-o agora, pois Deus não é absolutamente o que eu imaginava; como pude identificar-me com semelhantes noções!”

Todos os Espíritos progressistas tendem para esses graus. O período de desenvolvimento não se acentua para todos nesta vida, ainda que vários recebam um influxo de noções, mesmo na fase presente de existência.

Pois bem! obtivestes ou estais em vésperas de obter a vossa revelação. O vosso espírito dilatou-se, diriam uns, e imagina-se um Deus mais de acordo com suas faculdades adiantadas.

Recebestes de uma fonte exterior, a mesma donde todo divino ensinamento dimana para o homem, uma revelação do Supremo, mais nova e mais rica, diriam outros.

Dizei como quiserdes; as duas operações de revelação e de compreensão, de conhecimento e de capacidade devem ser correlatas; o homem só obtém uma revelação superior quando está bastante adiantado para sentir a necessidade dela, pela simples razão de que é ele o próprio agente pelo qual chega a revelação recebida.

As vossas invenções teóricas sobre Deus têm-vos vindo por canais humanos; são a encarnação das aspirações humanas, a criação de seres não desenvolvidos, cujas necessidades não eram as vossas necessidades, cujo Deus, ou antes, cujas noções sobre Deus não eram as vossas. Tentastes unir idéias que não podiam concordar umas com as outras, pois que eram o produto de inteligências dessemelhantes, desigualmente desenvolvidas. Dizeis que não vimos de Deus, porque as nossas idéias não concordam com as vossas, que derivam de certas noções tiradas de alguns livros dos anais religiosos. Dizei com qual Deus o nosso ideal está em oposição. É com o Deus que, sob uma forma humana, passeava ao lado de Adão e exercia horrível vingança sobre ignorantes criaturas culpadas, diz-se, por ter cometido uma transgressão que vos parece agora singularmente venal? Ou com o Deus que ordenava ao seu fiel amigo imolar o único filho do

seu amor, única oferenda aceitável? É com o Deus que reinava como rei terrestre sobre Israel e que a fábula mostra dedicado à promulgação de leis sanitárias ou à construção de um tabernáculo, que era levado à batalha com os exércitos de Israel e promulgava sanguinárias proclamações para exterminar povos inocentes e inofensivos? Ou por acaso é o Deus que autorizava o seu servidor Josué a paralisar o sistema solar, para permitir aos israelitas fartarem-se de algumas horas mais de sangue e de saque? É com o Deus que, exasperado porque seu povo escolhido reclama um monarca visível, condena esse mesmo povo por uma vingança sutil a castigos que devem durar muitas centenas de anos? Ou finalmente com qual dos deuses dos profetas estamos em desacordo? Com o Deus de Isaías ou com o de Ezequiel; com a lúgubre divindade saída do cérebro mórbido de Jeremias ou com a de Davi, semipaterna, semitirânica, fraca ou cruel, sempre irracional? Com o Deus de Joel, de João? Com a concepção calvinista de Paulo e as suas horríveis fantasias de predestinação, de inferno, de eleição, de um paraíso triste e nulo? Estamos em desacordo com Paulo, João ou Jesus?

Não há que insistir sobre o fato de ter sido a revelação sempre proporcionada à capacidade do homem e colorida pela sua imaginação. A idéia de Deus foi, através dos séculos, a concepção mais ou menos vibrante dos intermediários da revelação, e essa idéia, implantada, tomou forma segundo os contornos mentais do médium. A ninguém a verdade completa foi confiada; mas somente tal parte de verdade, tal aspecto de verdade, necessárias para uma época e um povo particulares. Resulta, pois, que as concepções sobre Deus, às quais se fez alusão, são divergentes. Nós e o nosso Deus não somos nem Josué e seu Deus, nem Paulo e o seu; mas provocamos a comparação entre o Deus que conhecemos e revelamos e o Deus cujo pálido esboço era traçado diante de um povo que não o conhecia, por Aquele que melhor o conhecia, que vivia mais perto dEle, o homem Jesus-Cristo. Ele tinha um conhecimento de Deus, conhecimento que nenhum dos seus discípulos pôde atingir. A sua religião era simples, clara, ardente. A sua teologia era igualmente pura. O grito “Pai Nosso que estais nos céus” difere inteiramente das

dissertações complicadas, pelas quais o Supremo é primeiramente informado do caráter que lhe é assinado, e implorado, em seguida, para agir de acordo com as paixões ou as necessidades imaginárias do seu ignorante adorador.

Deus! Não o conheceis! Quando os olhos do espírito se abrirem, admirar-vos-eis da vossa ignorância. Deus é muitíssimo diferente do que imaginastes. A vossa baixa imaginação não pode representá-lo. Ele lastima o cego mortal e perdoa-lhe; não censura a ignorância, *mas sim a loucura com que se recusa deixar penetrar a claridade no templo vetusto donde ela destruiu um ídolo*; lastima os amantes das trevas, que se aferram às fantasias abortadas do passado e, não podendo compreender a beleza, a simples majestade do Deus revelado pelo Cristo, querem enxertar sobre essa nobre concepção as antigas ficções antropomorfas. Estes não podem ainda ouvir ensinamentos mais elevados. Não sois desse número.

Quando nos exprobrais asperamente por contradizer o Antigo Testamento, só podemos responder que contradizemos, com efeito, a velha idéia repulsiva que transforma o Deus bom em tirano cioso, mas o nosso ensino está de acordo com a revelação dada por Jesus-Cristo; revelação da qual os seus melhores discípulos desgraçadamente se afastaram, sendo ela aviltada pelo homem.

Se no que vos dizemos nada achais de satisfatório, é possível que os adversários tenham conseguido interpor entre nós e vós um fragmento da sombria nuvem que oculta Deus ao mundo. Pedimos que nos seja permitido dissipá-la e difundir uma vez mais em vossa alma os raios de claridade e de paz. Não temos de temer que isso seja um mal permanente e não lastimamos que experimenteis os alicerces sobre os quais o vosso conhecimento deve repousar. Isso não será tempo perdido.

Não vos inquieteis sobre particularidades de insignificante importância, mas concentraí o vosso pensamento sobre a imperiosa necessidade de obter um conhecimento mais claro de Deus; sobre a triste ignorância que está espalhada pelo mundo a esse respeito e ao nosso; sobre o nobre credo que ensinamos, sobre o luzente futuro que revelamos. Deixai-vos de estar agitado pelo

pensamento de um diabo legendário. Não há nem diabo nem príncipe do mal para a alma reta, pura, verdadeira. Os adversários evitam-lhe a presença, pois ela é cercada de guias angélicos, ajudada por gloriosos Espíritos que velam por ela e a dirigirem. Um carreiro de progressão crescente se abre diante dessa alma, que, aliás, não está ao abrigo das tentações nem das ciladas na atmosfera que deve respirar durante o tempo da prova. A aflição e a angústia podem permanecer na alma, que poderá ficar entristecida sob o peso do pecado, acabrunhada à vista da miséria e do crime, mas, protegida por guias, ela só pode cair pela capitulação voluntária. A tristeza, a iniciação na dor e o contato do crime fazem parte da existência, em virtude da qual ela se eleva para o Além.

Aqueles a quem falta a espiritualidade e a quem levou ao excesso o desenvolvimento material, atraem Espíritos congêneres que já deixaram o corpo, sem esquecer seus desejos; atraem esses baixos seres, aproximados da Terra e sempre prontos a precipitarem-se sobre eles. Inimigos dos nossos trabalhos, eles procuram evitar-lhes os bons efeitos.

São esses dos quais falais, quando dizeis levemente que o resultado do espiritualismo não é satisfatório. Errais, amigo. Não nos censureis pelo fato de se manifestarem os Espíritos inferiores por aqueles que lhes desejam as boas-vindas.

Censurai de preferência a estulta demência do homem que escolheu o vil e não o puro; censurai as leis insensatas que lançam diariamente, em uma vida para a qual não estão preparados, milhares de Espíritos perturbados, arrastados por hábito ou por moda a uma vida de pecado; censurai as tavernas, os hospícios de alienados, as prisões, os antros de devassidão e sobretudo o infernal egoísmo do homem. Eis o que desespera as legiões de Espíritos, não, segundo a fábula, em um mar de fogo material, mas sim nas chamas da volúpia perpétua, devorada pelo desejo sem esperança, até que a alma modificada domine as suas paixões mortais. Sim, é por semelhantes causas que tendes às vezes ao redor de vós inteligências atrasadas a aborrecerem-vos com mentiras e frivolidades. Mais tarde nos entenderemos ainda sobre isso; já dissemos mais do que pensávamos. E, quanto a

mim, ouço o apelo que me convida à adoração do Supremo. Quando a minha prece subir até o trono da Divina Piedade, Oxalá possa um regato dessa graça consoladora cair gota a gota sobre a vossa alma ansiosa e derramar nela a paz de Deus, a tranqüilidade da confiança.

† *Imperator*

Seção XIII

(Relendo esta série de comunicações, eu admirava-me da sua beleza não só quanto à forma como quanto ao fundo, pois tinham sido escritas com a máxima rapidez, sem pensamento consciente da minha parte. Eram incólumes de defeito ou erro gramatical, sem acréscimos nem correções. Quanto à natureza do assunto, eu estava sempre ansioso. Apesar da minha simpatia para com certas opiniões expostas, eu acreditava que, em seu conjunto, elas transtornavam a fé da cristandade. Nenhum homem, dizia eu comigo, pode aceitar semelhante ensinamento, sem ser levado a rejeitar os dogmas aos quais o mundo cristão se submete de *fide*. Os dogmas fundamentais me pareciam ser especialmente atacados. Um conhecimento muito extenso dos trabalhos dos teólogos gregos e romanos, anglicanos, protestantes e sobretudo da escola moderna alemã, me tinha preparado para observar as divergências de opinião, concernentes aos menores pontos. Eu sabia que essas divergências eram inevitáveis e conhecia também o pouco valor da opinião individual, em presença dos mistérios abstratos da revelação. Estava mesmo pronto a ouvir surpreendentes afirmações sobre esses assuntos, mas aqui os pontos atacados me pareciam ser a essência da religião cristã. Espiritualizar ou explicar esses pontos era, a meu ver, absolutamente fatal à minha fé em qualquer revelação que fosse. Depois de longas e pacientes meditações, eu não podia chegar a concluir de outro modo. Recuei ao pensamento de aceitar afirmações tão categóricas sobre o *ipse dixit* de uma inteligência que não oferecia aceso às minhas investigações. Eu sentia que me era preciso mais tempo para refletir e que em todo o caso não estava preparado para adotar um credo iconoclasta, por mais belo que fosse, sem outras referências além das que se me apresentavam. Formulei essas objeções e a resposta foi esta:)

Falais com sabedoria. Refleti profundamente sobre o que é, na verdade, de vital importância. Estamos convencidos de que com o tempo assimilareis estes ensinamentos cuja importância haveis de apreciar. Dar-vos-emos, quando o desejardes, esclarecimentos

sobre alguns pontos, mas não vos concederemos outras comunicações até que o tempo traga o que pedis. Desenvolvi inalterável paciência e orai com ardor.

Na fria atmosfera de vossa Terra, glacial e refratária à vida espiritual, não sabeis quanto é mantida pela prece freqüente a relação magnética entre o vosso espírito e os guias, que esperam a petição para transmiti-la. Oraríeis mais ainda se soubésseis que rica bênção espiritual a prece traz. O laço se aperta por um freqüente uso, a intimidade pela associação mútua. Os vossos sábios eruditos discutiram muito sobre o valor da prece. A ignorância deles os fez tatear em um labirinto de opiniões confusas. Nada souberam; como poderiam sabê-lo? Anjos mensageiros sempre prontos a ajudar o espírito que grita pelo seu Deus, eles experimentaram medir os efeitos da prece, comparar os resultados, mas essas coisas escapam à ciência humana, por serem espirituais e variarem conforme os casos.

Muitas vezes a petição inarticulada, que não parece ter sido ouvida, traz à alma que ora abundantes bênçãos. O apelo íntimo do ser oprimido, que se atira no espaço, e o grito arrancado por uma dor amarga produzem um alívio desconhecido até então. A alma é aliviada; não sabeis por quê. Seria preciso ver, como nós, os guias trabalhando para derramarem na alma aflita o bálsamo de consolação, e saberíeis então donde vem essa estranha paz, que faz penetrar no espírito a certeza de que existe um Deus misericordioso. A prece executou a sua obra, atraiu um amigo invisível, e o coração intumescido, macerado, é reconfortado por uma angélica simpatia.

A simpatia magnética, da qual podemos rodear aqueles que estão em íntima comunhão conosco, é um dos efeitos benditos da ardente invocação que uma alma humana dirige ao seu Deus.

A plenitude das relações espirituais não pode ser realizada em outras condições. Só o ente espiritualizado pode penetrar as misteriosas mansões dos anjos. É da alma que vive em freqüente comunhão conosco, que melhor podemos aproximar-nos; é isso uma outra face da imutável lei que governa as nossas relações com o vosso mundo. Para a alma espiritualizada, os dons espirituais. O homem, em sua ignorância, espera às vezes uma outra

resposta ao seu pedido, mas o deferimento seria muitas vezes cruel; o pedido formulado em sua prece é abandonado, mas a prece põs a sua alma em comunicação com uma inteligência pronta a aproveitar-se dessa ocasião oportuna para aproximar-se dele a fim de fortificá-lo e consolá-lo.

Os homens deveriam tomar a resolução de orar com mais frequência, de ter uma vida de prece. Não essa vida de devoção mórbida, que consiste em abandonar o dever e em consumir as horas preciosas de tirocínio, para atrofiar-se indolentemente a fim de se submergir em investigações prejudiciais, para se perder em imaginária contemplação ou em súplicas impostas. A vida de prece é inteiramente outra. A prece real é o grito espontâneo do coração à procura dos amigos invisíveis. A invenção de uma prece cochichada aos ouvidos de um Deus sempre presente, e disposto a responder a um pedido caprichoso, modificando leis inalteráveis, tem desacreditado a idéia de prece. Não penseis desse modo. A prece, impulso da alma para seu Deus, não se ostenta exteriormente, não tem nenhuma necessidade de preparação formal. Petição inarticulada, levam-na os agentes desvelados de altura em altura *até a um poder que possa responder a ela*.

A verdadeira prece é a voz sempre pronta da alma comunicando com a alma; o apelo aos invisíveis amigos com os quais ela tem costume de conversar; a centelha ao longo da linha magnética, que transmite uma súplica e, rápida como o pensamento, traz uma resposta. É unir uma alma sofredora a um Espírito que pode tranquilizar e curar.

Essa prece não requer nem palavras, nem atitude, nem forma; é mais verdadeira sem formalidades nem aparatos, e só tem necessidade de sentir-se próxima de um guia, de ser levada à comunhão. Para atingir essa meta, ela deve ser habitual; de outro modo, como o membro muito tempo privado do uso, ela ficaria paralisada. Assim, aqueles dentre vós que vivem mais em espírito penetram nos mistérios ocultos; podemos-nos aproximar deles. Fazemos vibrar as cordas secretas da sua natureza, as quais ressoam somente sob o nosso influxo, insensíveis às influências desse mundo. São eles que se elevam mais alto durante a vida terrestre, pois sabem já comungar em espírito e nutrir-se do pão

espiritual; *os mistérios, ocultos aos seres materiais, abrem-se diante deles*, e a sua perpétua prece lhes permite pelo menos que, sem ser isentos de sofrimentos e de penas, vivam entretanto acima deles, pois sabem-nos necessários ao seu desenvolvimento.

Ah! Falamos do que é pouco conhecido. Se essa grande verdade fosse mais bem compreendida, o homem, por sua atitude espiritual, afastaria de si as perniciosas influências que muitas vezes assaltam os que, sem a isso ser autorizados, querem aprofundar mistérios muito acima da sua inteligência. As melhores almas nem sempre estão ao abrigo de penosos assaltos; mas se essa grande verdade não pode livrar do perigo, assegura a proteção para afrontá-lo, fortifica, purifica os motivos, santifica os atos e é a força auxiliar da comunhão espiritual.

Orai então, mas sem formalidade, sem desatenção, sem súplica vã. Comungai conosco na comunhão do espírito; observai os efeitos dessa comunhão sobre o vosso próprio ser; o resto virá oportunamente. Deixai as questões abstratas e inquietadoras de controvérsia teológica humana e aproximai-vos das verdades centrais que afetam tão intimamente o bem-estar do vosso espírito. As fúteis perplexidades, de que o homem rodeou a simplicidade da verdade, são múltiplas. Não vos compete separar nem decidir o que é ou não essencial. Sabereis mais tarde que o que considerais hoje como verdade essencial é apenas uma forma transitória de ensinamento, empregada quando necessária. A fraqueza humana impele-vos a precipitar-vos para a finalidade. Demais, deveis demorar-vos, amigo, demorar-vos muito antes de atingir a meta. Tendes muitas noções falsas a retificar antes de poder estudar todos os mistérios. Poderíamos dizer muito mais sobre esse assunto; mas é bastante, presentemente. Possa o Supremo guiar-nos, assim como a vós, e permitir-nos conduzir-vos de tal modo que enfim a verdade venha a brilhar em vossa alma obscura e a paz possa nela manifestar-se.

† *Imperator*

(Não repliquei, mas refletia e preparava-me para responder, quando fui imperiosamente impedido. A mão agitou-se com

rapidez violenta e a comunicação seguinte foi escrita sem pausa, em um espaço incrivelmente curto. O esforço foi tal que me achei quase em estado de transe até terminar o ditado.)

Parai! parai! Não tenteis indagar, mas aprendei ainda. Estais impaciente e disposto a dizer coisas estultas. Que importa que o que vos dizemos contradiga aquilo em que outros acreditaram? Por que recuar sobre esse ponto? Dar-se-á que toda a fé firmemente abraçada não contradiga nenhuma outra fé? Dar-se-á que cada fé não contenha em si elementos de contradição? Se não sabeis mesmo isso, estais fora do estado de prosseguir para diante.

Essas velhas crença, veneráveis pela sua antiguidade, confortaram homens, ainda que estes ficassem grosseiros ao desenvolver-se, mas eles as julgavam de acordo com as suas necessidades; sobrevinha para eles uma satisfação que hoje já não vos concedem. Por quê? Porque o vosso espírito ultrapassa essas antigas fórmulas, sem sentido para vós. Elas são impotentes para estimular-vos a alma e incapazes de vos aliviar. Por que então vos inquietais com isso? Por que demorar e tentar, em vão, encontrar significação daquilo que não podeis obter? Por que ser surdo à voz viva que do Alto vos chama a alma em tom vibrante? Por que recusar ouvir, quando tal voz vos fala da verdade, do espírito, de tudo quanto é nobre, real, oportuno? Por que, em virtude de quimérica veneração por um passado extinto, vos separar do que é vivo, da comunhão dos Espíritos, os quais vos podem anunciar grandes verdades sobre Deus e o vosso destino?

Que vos importa que a nossa revelação esteja em completo antagonismo com a antiga? Seus calorosos acentos vos falam ao espírito, bem sabeis disso, ouvis-nos avidamente e achais a sua influência abençoada. Seria insensato entregar-vos aos Espíritos malfazejos, felizes por fazer humilhar a alma, impedindo-vos de vos separardes de um corpo decomposto.

Os anais religiosos narram como no sepulcro de Jesus seus amigos aflitos receberam do anjo uma comunicação pela qual aspiravam: “Por que procurais o vivo entre os mortos? Ele não está ali, ressuscitou.” Assim, amigos, também vos dizemos: Por

que vos retardais com insensata tristeza no sepulcro da verdade desaparecida? Ela não está lá, ressuscitou, deixou o corpo do ensinamento dogmático, e nós proclamamos uma verdade sublime, uma fé mais apurada, um credo mais nobre, um Deus mais divino.

A voz que inspirou os instrutores das gerações passadas ressoou até vós; uma outra se eleva agora. Deus procede sempre assim com os homens; chama-os a uma verdade superior à antiga, e eles aceitam ou rejeitam a comunicação da Luz. Renunciar à fé familiar, respeitada, comove a alma que se volta entretanto para um outro lado; parece-lhe uma espécie de morte, e o homem teme a morte. Sim, mas é a morte na vida, a volta à saúde e à esperança. Assim como o Espírito, emancipado do invólucro carnal, paira em liberdade, a alma libertada dos antigos óbices também livremente adeja.

“Só a libertação pela verdade, disse Jesus, pode tornar o homem livre.” Não o sabeis ainda, mas sabê-lo-eis mais tarde. Repetimos o nosso grito. Por que voltar a vossa face para o passado morto, quando o presente vivo e o futuro glorioso são ricos de promessas e bênçãos? As antigas palavras não têm sentido; deixai-as àqueles para os quais elas têm voz e guardam significação; segui com passo firme os que vos mostram alturas grandiosas. Deixai o passado destruído, viajai sem temor através de um novo presente, para atingir um futuro desconhecido.

Porém, amigo, não é assim. O passado vos envolve com os seus encantos, e não partilhais a idéia comum de que o novo deve aniquilar o antigo. Jesus o disse. Aconselhou Ele a abolição do ensinamento mosaico. Já vos dissemos, o nosso ensino não é mais surpreendente, comparado ao seu, do que o seu comparado ao de Moisés. Esse que vos apresentamos é antes o complemento que a contradição do antigo – é o desenvolvimento de um saber mais extenso.

Se meditardes profundamente sobre o estado do mundo na época em que Jesus veio nele proclamar a sua fé reformada, vereis que não é mais extraordinário ler o nosso Evangelho ao lado do que passa, entre os homens, por conter a religião, do que o era sobrepôr o Evangelho de Jesus ao ritual do farisaísmo ou à

céptica indiferença dos saduceus. O mundo tinha então, como hoje, necessidade de uma nova revelação, e aqueles que se mantinham na antiga não foram menos surpreendidos nem menos hostis, ouvindo-a proclamar, do que os vossos contemporâneos quando refratários ao que pensam ser novo.

Naqueles dias, como nestes, não ficava das revelações adaptadas às necessidades especiais de um povo especial mais que uma soma de ritual inerte. A voz de Deus não era mais ouvida desde longos anos, e o homem começava a procurar, como agora, um ar mais respirável, aguardava uma palavra nova. Esta lhe veio divinamente expressa por Jesus; veio, na opinião dos homens, pelo veículo mais inesperado e menos capaz de impor o respeito aos sábios fariseus ou aos desdenhosos saduceus; entretanto, ela prevaleceu e há mil e oitocentos anos anima a vida religiosa do Cristianismo.

Apesar das degradantes mutilações, a obra do Crucificado subsiste, bastando um sopro vivificante para reanimá-la; os velhos andrajos que o homem nela enrolou podem ser prontamente postos de lado, e a verdade aparecerá com muito mais brilho.

A fonte da nossa revelação não é mais singular do que o foi a do poder exercido por Jesus, carpinteiro desprezado de Nazaré, aos olhos dos seus concidadãos. Os homens o rodeavam com escárnio, como o fazem a tudo que é novo. Estavam prontos a admirar as suas maravilhas; seguiam-no em multidão para assistir aos milagres físicos que Ele produzia, mas não eram bastante espiritualizados para compreender os seus ensinamentos. Igualmente estão eles prontos a bradar contra nós e contra os nossos trabalhos. Como outrora, reclamam sem cessar outras e outras provas. “Desce da cruz e acreditaremos em ti.” Do mesmo modo hoje sucede, havendo mais provas entretanto do que é preciso para assegurar uma convicção firme. Chamaram-lhe impostor, vaiaram-no, expulsaram-no da sua sociedade; esforçaram-se por meio das leis e de diversas influências para eliminar a nova doutrina. Ela era de moldes novos, mas a verdade que continha era velha, e antiga como o Deus que a dava. A nossa parece nova, porém os homens a reconhecerão mais tarde como a mes-

ma antiga verdade renovada e eterna. Ambas são o desenvolvimento progressivo da mesma corrente contínua de verdade, apropriada às necessidades e aos apelos daqueles aos quais foi concedida. Meditai sobre a disposição mental de Nicodemos, comparai-a com a de muitos dentre vós. Pergunta-se agora como então... “Se alguma pessoa instruída, bem colocada, respeitável”, “algum dos fariseus ou dos magistrados” admite a nova prédica.

Ficai certo de que o poder que conseguiu reanimar a fé morta dos judeus e revelar Deus, mais claramente, é ainda capaz de instilar a vida no corpo quase inanimado da fé cristã.

Possa o Sapientíssimo Guia proteger-vos e guiar-vos.

† *Imperator*

Seção XIV

(A comunicação precedente produziu em mim um efeito considerável; guardei silêncio durante alguns dias e depois rompi nestes termos:)

O paralelo entre a época do Cristo e a presente é compreensível. É fácil imaginar um saduceu instruído, desdenhando as pretensões do Cristo; aquele não tinha razão, sabemos-lo hoje, mas era muito desculpável. Examinadas no ponto de vista da razão, essas declarações deviam parecer monstruosas. Era lógico para um saduceu, cujo espírito era absolutamente contrário ao sobrenatural, recusar-se a admitir o que lhe parecia ser mentira ou ilusão. Entretanto ele estava em presença de um homem concreto, via-o, ouvia-o, podia confrontar sem custo a vida do novo profeta e verificar se ela estava conforme ao santo ensinamento que saía de seus lábios. Acho-me em uma situação inteiramente outra; trato com uma influência imperceptível, cujas expressões podem ser, em última análise, a voz do meu espírito interrogando-se a si mesmo. O que vejo em redor de mim é um espiritualismo vago, muitas vezes desprezível em suas asserções. Fiquei impressionado com o que chamais as vossas revelações, elas são indecisas ou estultas. Não acho a minha estrada. Não sei mesmo se sois uma entidade, não tenho meio de inteirar-me a vosso respeito, não ficaria mais adiantado mesmo que assumísseis a aparência humana. Tivestes algum dia uma personalidade ou sois somente uma influência? Eu ficaria baseado, de algum modo, se pudesse crer que fôsseis uma individualidade definida. Em resumo, desejo que me deixeis sozinho.

(De fato, eu estava acabrunhado, por esse enérgico conflito entre as minhas opiniões fortemente preconcebidas e as de uma inteligência poderosa em afirmações e coerente em argumentos. Achava-me dilacerado por emoções contrárias e passava por uma crise de preparação necessária, como a continuação o provou. Deram-me esta resposta:)

Amigo: simpatizamos convosco e tentaremos ajudar-vos. A vosso ver o céptico saduceu podia facilmente instruir-se, pois que tinha diante de si a pessoa definida de Jesus; mas, longe de ajudá-lo, essa presença lhe aumentava a perplexidade. Era-lhe infinitamente mais difícil associar o filho do carpinteiro de Nazaré à nova revelação, do que o é a nós associar-nos ao Supremo. Ele reconhecia a necessidade de uma reforma, mas a interrogação: “Este não é o carpinteiro?” Era a seus olhos um obstáculo mais sério do que aos vossos: “Sois uma individualidade?”

Ele não podia subjugar as dificuldades palpáveis que encontrasse. A baixa origem, a humilde fraternidade, o desprezo do mundo, a missão refutada por homens cuja opinião se lhe impunha, tudo isso formava uma invencível barreira. Se tomássemos as vossas palavras à letra, teríeis aprovado que o saduceu renunciasse a transpô-la.

Certamente, se ele não soube aproveitar a mensagem sem compreender o seu mensageiro, não seria culpado de nenhum pecado, desde que agisse sinceramente; apenas perdia uma ocasião de progresso, que aproveitaria quando estivesse mais bem preparado. Convosco o caso é outro. Nada de dificuldades exteriores; estais simplesmente agitado pela dúvida intelectual; reconheceis que as palavras que vos foram dirigidas podem ser atribuídas a um Mestre, enviado de Deus; sentis a necessidade da comunicação; admitis a sua beleza; a sua grandeza moral não pode escapar àqueles que estão em estado de recebê-la; sabeis que ele tem origem em uma fonte exterior, fora de vós; conheceis que nenhum esforço inconsciente de vosso espírito pode produzir o que contradiz o conjunto dos vossos próprios pensamentos; nenhuma teoria de interrogação interior, por mais engenhosa que possa ser, vos satisfaria. A fase de dúvida por que passais é fugitiva e não pode exercer ação permanente em vós. Quando ela cessar, admirar-vos-eis de haver imaginado que eu não era uma entidade tão real como vós mesmo, como qualquer inteligência encarnada no que chamais “homem”.

Sim, amigo, o tempo é tudo o que vos falta, tempo de paciente reflexão, tempo para meditar sobre os fins, tempo para apreci-

ar a evidência e para adicionar os resultados. As palavras que vos abalaram tão profundamente são as de alguém que vê os vossos pensamentos e simpatiza com as dificuldades, com as objeções, que vos causam tanta perplexidade. Durante minha vida terrestre, exerci um papel proeminente em uma época difícil, bem semelhante à que precedeu a vinda do Cristo, e à que atravessais atualmente. É a lei em todos os ciclos onde o curso rotatório do tempo torna a trazer um estado de coisas semelhantes em intervalos certos. O homem é mentalmente o mesmo no curso dos séculos; quanto mais se desenvolve, progride e pensa, mais sabe. Mas também, tão certo como no mundo a noite sucede ao dia, virá tempo em que a sua concepção sobre a Divindade se apagará e em que a divina centelha nele existente implorará ao céu conhecimento mais completo de seu Deus.

Urge uma nova revelação; a antiga fez a sua obra e, das suas cinzas surge, à solicitação do homem, a nova que é, para a alma preparada, a voz do Alto a fortificá-lo e a consolá-lo. Isso sempre aconteceu, já o sabeis. Achareis vestígios, em toda a história, das relações de Deus com a Humanidade. Por que deixaria de ser assim? Por que ficaria muda a voz no momento em que o homem tem mais que nunca necessidade de socorro?

Não conheceis nada a meu respeito, dizeis. Por que quereis confundir o mensageiro com a mensagem? Por que persistis em associar o que é divino ao veículo que o transporta?

(O resultado desse argumento foi que, em consideração à fraqueza da minha fé, obtive o que eu tinha tão obstinadamente pedido. Depois de haver triunfado, vi a nulidade do dote pelo qual tinha eu lutado tanto. Comecei a apoderar-me da tendência do ensino e a não mais o identificar com a individualidade do mensageiro. Repassei em minha memória o tempo consagrado a esse argumento (do qual só parte posso publicar) e compreendi, como ainda o não tinha conseguido, o que era verdadeiramente para mim uma nova revelação. O mensageiro foi ofuscado pela importância da mensagem, e o desejo de provar ínfimos pontos de minudências perdeu-se no pleno brilho da convicção, que me deslumbrou então pela primeira vez.

Esse estado foi passageiro. Eu estava muito ligado aos antigos hábitos de análise para ceder a uma impulsão entusiástica; demais, a primeira educação religiosa se firmava, e eu voltava às minhas velhas objeções teológicas. Dissipado o primeiro efeito, continuei a discussão dois dias depois. Nesse intervalo, tinha eu lido e relido tudo o que está impresso aqui e em muitas outras páginas íntimas demais para serem publicadas. Recordara os trabalhos de um ano e, não descobrindo neles nenhum desvio da verdade, cheguei à convicção de que o poder em atividade era:

- 1º) exterior a mim;
- 2º) verídico e consistente em suas afirmações;
- 3º) puro e elevado no ensino religioso que trazia.

Parecendo-me isso claro, comecei a examinar a questão de identidade e as pretensões alegadas.

Quanto às questões materiais, senti que podiam esperar. Os pontos já estabelecidos em meu espírito me afirmaram no pensamento que a inteligência verídica do passado era ainda verídica. Mas então veio a dúvida: até que ponto tudo isso podia ser a obra de Satanás transfigurado em anjo de luz trabalhando para destruir a fé? Eis exatamente a minha objeção:)

Não se pode dizer com espírito de crítica leal que o vosso ensino tenda ao que os homens chamam deísmo, panteísmo; não avilta a Deus colocando-o ao nível de uma força; mas não tende a entreter no espírito do homem uma dúvida quanto à verdade, qualquer que ela seja? Começa-se a crer que Deus é apenas um nome para designar a influência que penetra o Universo. A revelação de Deus vem “ab intra”, criada pela imaginação de modo algum revelada ao espírito. O Cristianismo é uma das numerosas formas de fé, todas mais ou menos enganadoras. O homem tateia cegamente desenvolvendo por e para ele mesmo idéias mais ou menos errôneas. Se Deus existe somente por concepção, cada homem tem o seu deus pertencente só a ele. A verdade absoluta, fora das matemáticas, não existe. E assim o homem, partindo do mais favorável ponto de vista, torna-se uma unidade insulada, a sós com o seu próprio espírito, respondendo às suas próprias perguntas, emitindo

idéias que, depois de o terem satisfeito por um momento, dão lugar a outras que, por sua vez, cedem o passo a novas especulações; a menos em verdade que, quando o intelecto se torne fósil, as velhas idéias fiquem permanentes por deixarem de viver.

Essa pálida teoria suplantaria um Evangelho, que traz o divino “imprimatur”, cujos preceitos são precisos, cuja moralidade está em um grau de elevação acessível à maior parte dos homens e que é reforçado por um sistema – de recompensas e de punições – sempre reconhecido como necessário pela experiência nas relações com o homem. Esse Evangelho, assim apoiado, não teve bom êxito, como o dizeis, para elevar os homens até a um altíssimo cume de perfeição moral. Como posso então esperar que uma filosofia tal como a vossa, com uma sombra de bem, é verdade, mas somente uma sombra encoberta, vaga, impalpável, que destrói o passado sem construir o futuro; como crer que ela possa subjugar os espíritos rebeldes que resistiram a uma religião precisa em sua direção moral, poderosa por seus apelos aos interesses humanos, autorizada por uma origem divina, santificada pelo halo que emana da mais santa vida, que nunca foi oferecida à imitação humana: Isso me parece muito improvável. Não repito hoje o que disse a propósito da fonte nebulosa donde provém esse ensinamento. Não insisto sobre os perigos que prevejo, se ele fosse geralmente adotado; esse perigo está ainda muito afastado. Ao mesmo tempo – e é importante o fator no argumento – o vosso ensino, a meu ver, relaxa muitos laços que foram úteis, moral, social e religiosamente, à Humanidade. E quando mesmo o que conhecemos sob o nome de espiritualismo invadir o mundo, receio muito que depois de ter entusiasmado e fanatizado os homens por algum tempo, estes, longe de se melhorarem, mergulhem na mais cega superstição e na mais inepta credulidade. Posso enganar-me absolutamente, mas estou convencido do que afirmo. O vosso ensinamento, mesmo se fosse o que pretende, não poderia substituir aquele em que os homens crêem; eles não estão mais aptos a ser governados por ele do que a viver da nutrição dos anjos. Mesmo sob a forma

mais elevada, ele é de utilidade duvidosa e, em seus aspectos mais vulgares, é pernicioso e desmoralizador.

Em nome do Supremo vos saudamos. Não está em nosso poder ajudar-vos agora. As nossas palavras vos parecem diferentes do que o são. O abalo que comoveu o vosso espírito deixou-o em um estado pouco propício para ponderar e distinguir, sendo-vos preciso, pois, esperar o momento favorável. O aprendizado todavia vos é útil. Sabereis o porquê. A impulsão e o entusiasmo cederão ao conhecimento experimental e à convicção calma. A venerável crença, antes consentida que aceita, se amortecerá diante da descoberta de uma verdade nascida da investigação lógica. O que vos dissemos merece o mais aprofundado estudo.

Desejamos que vos utilizeis de todas as ocasiões para reler com cuidado o que foi escrito e para meditar maduramente sobre o conjunto das nossas relações convosco. Exigimos ser julgados de acordo com a nossa inteira comunhão convosco, e também aos nossos atos; pelo efeito moral do nosso ensino, tanto quanto pela sua relação com os precedentes *credos*; pela atmosfera espiritual que nos acompanha, tanto quanto pela imperfeita enunciação que permite facilmente a uma lógica sutil achar evasivas.

Presentemente, basta que reiteremos solenemente a nossa pretensão de sermos os portadores de uma comunicação divina. As palavras que pronunciamos são as de Deus, compreendei-o; nenhum argumento adicional pode aumentar de importância a nossa asserção. Não sois mais o joguete do malefício, assim como não estais transviado pelas fantasias de um cérebro doentio. O mal não fala de Deus como falamos. Nenhum credo pode exprimir o que dissemos nem apresentar a evidência tal como vo-la demos. Quando estiverdes mais calmo, vê-lo-eis. Se estivesseis com outra disposição, falar-vos-íamos do pecado de curiosidade, procurando descobrir o mal que pode ser ligado ao que é santo e divino, do mesmo modo como, quando o Santo Jesus vivia na Terra no meio das maldições e corrupções, os demônios que Ele expulsava se voltavam contra Ele pela boca dos devotos ortodoxos, que o acusavam de pactuar com Belzebu. Não nos inquietamos com responder a tais objeções que trazem

em si mesmas a suficiente refutação. Quando puderdes pensar calmamente, daremos às vossas observações a resposta que nos parecer conveniente. Presentemente, o melhor é vos entregardes à meditação e à prece. Orai, amigo, com zelo e ardor, insisti a fim de serdes guiados para a verdade.

Não deveis recusar este pedido, pois foi ditado pelo próprio tentador! Orai incorporado a nós para serdes esclarecidos, terdes paciência e ficardes desembaraçado dos óbices dogmáticos que prendem vossa alma aspirante. Orai para que, depois de libertado desses laços, recebais uma direção em vossa marcha ascendente, a fim de não irdes muito alto e de não tornardes a cair. Orai para que a opinião dos outros não influa sobre a vossa e para obterdes a graça de escolher o caminho reto que convém às necessidades de vossa alma, pois cada um deve determinar o que lhe é preciso. Orai para encarardes claramente a vossa responsabilidade, que é aceitar sem precipitação e rejeitar sem preconceito obstinado. Além disso tudo, orai para serdes humilde, sincero, honesto, para que não altereis a obra de Deus por orgulho, obstinação ou indignidade. As nossas preces se juntarão às vossas para atraírem uma comunicação de amor e de consolação emanada daqueles que velam ansiosamente pela propagação da verdade divina. Respondemos à vossa objeção no que concerne ao resultado genérico do movimento em seu conjunto. Mostramos-vos, oculto profundamente sob a superfície, algo que, sozinha, a vista não descobre.

Em todas as épocas em que o conhecimento de Deus se desenvolve, há muitos adeptos silenciosos, ignorados do mundo, que avançam resolutamente para um saber mais perfeito; o mesmo sucede atualmente. Numerosos são eles, muito numerosos os que deploram a corrupção ilimitada dos pensamentos que os chocam e os afligem, mas não têm força para diminuir a fé baseada sobre a experiência.

Demais, podemos informar-vos que as nossas relações com o plano material são governadas por leis que a vossa ciência ainda não definiu. Finalmente, nem nós nem vós conhecemos todas as coisas que se interferem ao nosso poder. Não estamos em estado de promulgar leis para vos dar uma direção, pois apenas o con-

seguimos para nós outros. A importância capital do assunto é pouco apreciada entre vós, e aqueles mesmos que se interessam pela nossa obra não a penetraram bastante. Muitas vezes neles predomina uma curiosidade banal, e até motivos baixos. Não tomam conveniente cuidado com os médiuns, quando o instrumento não está de acordo com o diapásão, por afrouxado ou cansado. As condições atmosféricas variam. Nem sempre sabemos como proceder em presença dos diversos efeitos que são assim produzidos. Os grupos não são convenientemente compostos e muitas coisas mal combinadas impedem que os fenômenos sejam sempre semelhantes em sua natureza ou provocados com precisa regularidade.

O caráter incerto do fenômeno é proveniente disso e da obstrução contínua que os curiosos exercem atraindo Espíritos seus similares, perturbadores das esferas. Há muito a dizer sobre esse assunto, mas há outras matérias mais urgentes. O que indicamos pode induzir-vos à indulgência na apreciação das variantes de algumas reuniões. Não falamos daquelas em que a mentira é aceita: lá, os Espíritos menos desenvolvidos penetram a sós e o que nelas se passa é indigno de crença.

Podeis ajudar-nos a esmagar a pueril curiosidade e a fraude. Pudestes verificar, em nosso próprio grupo, como as manifestações se desenvolveram progressivamente quando seguistes o nosso conselho; podeis convidar os outros a usar dos meios. Com o tempo, a nuvem se dissipará, pois as causas que a produzem dependem de vós, pelo menos tanto quanto de nós.

Seção XV

(O argumento continuou quase sem pausa, com grande energia. Não posso lisonjear-me de poder dar uma idéia equivalente da poderosa influência de que me achava possuído e que parecia inspirar-me os pensamentos.)

Ensino religioso do espiritualismo

Perguntais se a tendência do nosso ensino é deísta, teísta ou mesmo ateu. Quanta ignorância reina entre vós para que uma pessoa bem instruída envolva o teísmo com o ateísmo. Se dizeis que o nosso ensino demonstra não haver verdade absoluta, só podemos ficar reconhecidos por ter sido compreendido. Sem dúvida alguma, em vosso estado atual de imperfeição, nada se aproxima da verdade absoluta nem da perfeição absoluta. Não pretendeis certamente encarar sem incômodo mistérios que deslumbram as mais altas inteligências; não podeis esperar que o vosso espírito limitado possa compreender o Infinito e o Incompreensível, que, durante períodos imensos, nos manterão ainda prostrados em indizível admiração. Para vós a verdade deve ser variável, pois não podeis abrangê-la em seu conjunto, nem encará-la em suas minuciosas particularidades, visto aparecer-vos esboçada sob o véu que a encobre. Não pretendemos revelar-vos a verdade absoluta, pois nós mesmos ainda aspiramos a atingi-la. Ajudamos-vos nos limites permitidos, traçando em pálidos caracteres concepções menos distanciadas da verdade, do que as que passam entre vós por ser a revelação direta do Altíssimo.

Andamos bem desenvolvendo um sistema de teologia coerente, belo, elevado e que o vosso espírito acha aceitável. Não nos aventuramos a ir mais longe. Mostramos-vos um Deus que requer o respeito e a adoração; mostramos-vos sob um aspecto racional o vosso dever para com Ele, para com a Humanidade e para convosco mesmo; estabelecemos o nosso código moral, não sobre a consideração de um céu e de um inferno, tais como as

vossas igrejas representam, mas por argumentos que podem penetrar com força no espírito.

Dizer que ensinamos uma religião sem motivo é, certamente, a mais estranha das falsas interpretações. Que de nada vale saber *que cada ato desse momento – época das sementeiras da vossa vida – trará seu próprio fruto*; que as faltas cometidas, de propósito deliberado, só serão apagadas à custa de longo e penoso labor; que o Espírito errante deve divisar na sombra confusa de seu incalculável passado o mal que perpetrou; *pois palavras e ações são semelhantes ao pequeno seixo lançado na corrente, o qual produz um turbilhão sempre vasto, cujos efeitos aumentam sem cessar; sois responsável por esses efeitos; cada palavra, cada ato é de incalculável importância em seus resultados*; o bem produzido por vossa influência é fonte de júbilo para o vosso futuro, ao passo que sofrereis com agonia as horríveis conseqüências do mal cometido por vós.

Nada vale quando vos dizemos que recompensa e castigo não são resgatados em um dia fabuloso, depois de um período de torpor quase mortal, mas são instantâneos, seguindo logo o pecado *pela ação de uma lei invariável e agindo sem cessar até que a causa que o produziu tenha desaparecido*.

Não é isso o incitamento a uma vida santificada e elevada moralmente? Dizei-nos: qual é a mais poderosa incitação a uma pura vida de progresso? O credo que pregamos ou o que ensina que um homem pode seguir seu capricho e prejudicar o próximo, insultar a Deus, aviltar o seu próprio ser, violar todas as leis divinas e humanas, ser uma vergonha para o nome de homem, podendo por um grito fanático, por uma fé inventada, por uma operação momentânea da vontade, ser julgado digno de entrar em um céu de sonho, onde, por mudança mágica, acharia a sua única felicidade em se ocupar sem tréguas do que detestava acima de tudo. Que crença poderá melhor comover o ser degradado? a que lhe ensina que ele deverá expiar por si próprio toda falta oculta ou conhecida, que não há alegria para ele antes que se torne um homem mais puro, mais verdadeiro e melhor, ou a que lhe afirma que depois de ter vivido sem obstáculo, pode, por um apelo maquinal, ser repentinamente transformado o seu

espírito manchado e ser admitido já purificado à presença de Deus?

Sabemos, e sabeis também vós, qual é a fé que apela para a razão e para o julgamento do homem, fé que lhe descobre os urgentes motivos de evitar o pecado e lhe oferece os mais seguros meios de não se desviar do caminho reto. E entretanto nos exprobrais de pregar uma religião vaga em face de outra que afirma; um evangelho sem cor, em vez do que repousa sobre um sistema definido de recompensas e punições. Não, não. Somos os que pregamos um sistema claro, definido, inteligível, de recompensas e de castigos; não inventamos um céu de lenda, um inferno monstruoso e um Deus humano. Sois do número dos que dilatam a perder de vista a hora da retribuição, e incitam o mais vil dos seres a crer que ele pode comparecer à presença do Altíssimo, em qualquer lugar, em qualquer tempo, em qualquer modo, por haver declarado que não compreende, não crê, nem tem interesse.

Afirmamos alto e bom som que ensinamos uma fé mais apropriada a afastar do pecado, que qualquer das apresentadas até hoje à aceitação do homem. Ela lhe oferece esperanças racionais para o seu futuro e é mais real e mais compreensível que as outras. Essa fé, repetimo-lo, penetrará em vossa alma como revelação de Deus. Não esperamos e não desejamos que ela se torne corrente entre vós, antes que estejais mais bem preparados para recebê-la. Esperamos, orando pacientemente, o momento em que os homens, prontos a recebê-la, se lhe submetam com inteligente obediência.

Não hesitamos em dizer que o homem pecará menos, se não tiver a esperança de obter a salvação a baixo preço e em vista de um futuro mais bem compreendido. Não terá ele mais necessidade de tantas regras coercitivas e de penalidades humanas; a fonte dos motivos interiores não será menos eficaz e menos forte que a doutrina aviltante dos atrativos celestes e dos terrores infernais, que se reduz a pó, quando a examinamos seriamente.

(Em resposta à minha objeção de serem contudo más as conseqüências do espiritualismo para a massa geral dos seres, ou

pelo menos só apresentarem uma vantagem muito contestável, escreveram em 10 de julho de 1873:)

Queremos mostrar-vos em que erros caístes. Seguis primeiramente o curso inseparável da vossa vista circunscrita, guiais-vos pelos resultados atraídos pela vossa atenção, em consequência do movimento total. É como se, assombrado pelo tumulto de uma pequena seita fanática, lhe atribuísseis uma grande força, sem vos inquietar do poder silencioso que trabalha nas profundezas e só aparece pelas suas obras, sem ter excitado clamores. Ouvis o ruído ensurdecador de uma minoria indisciplinada e embaraçosa, e dizeis com razão que são os seus gritos que podem regenerar o mundo. Fostes contrariado e perguntais se o que vos parece tão repugnante pode, em verdade, proceder de Deus. Só uma parte vos é visível, e isso mesmo foscamente. *Ignorais os silenciosos adeptos de uma fé que vem de Deus e lhes é revelada pelos processos mais bem apropriados às suas necessidades. Ocultos aos vossos olhos, ainda que eles existam ao redor de vós, esses fiéis comungam com as esferas, adquirem de hora em hora novos conhecimentos e novas graças, esperam ser emancipados por sua vez da prisão corpórea e se preparam a contribuir para a obra gloriosa.*

Assim, pela obstrução ruidosa de uns e pelo silêncio dos outros, pela natureza limitada das vossas faculdades e pelas ocasiões ainda mais limitadas em que podeis observar, só vedes uma cena insulada e tomais uma partícula pelo todo, um membro, e o menos digno, pelo grande corpo. Estamos dispostos a examinar a vossa conclusão tendente a provar as consequências enfadonhas ou malévolas do espiritualismo para os que se ocupam dele; mas vos negamos a capacidade de pronunciar-vos sobre o conjunto dessa vasta questão e sobre seu êxito último.

Por conseguinte, qual é a verdade real? As operações do Supremo são uniformes em tudo e para tudo. O mal e o bem estão entremeados. Ele não empregava grandes operários para o trabalho que pode ser executado por Espíritos mais atrasados; não envia *os Mestres gloriosos* para fazer entrar a convicção em um ente não desenvolvido, ligado à Terra. Longe disso; proporciona as suas causas aos efeitos que devem produzir. Na marcha ordi-

nária da natureza Ele não produz resultados insignificantes por causas gigantescas. Sucede do mesmo modo no domínio das incumbências espirituais. Aqueles que são grosseiros, sem aspiração desenvolvida, cujas almas não podem elevar-se aos cumes da grandeza moral e intelectual, são entregues a Espíritos que sabem escolher a linguagem e os meios capazes de tocar essas inteligências atrasadas, empregando a maior parte das vezes processos materiais para os impressionar. Um desenvolvimento de força física, fácil de verificar pelo sentido externo, é necessário para convencer da existência ininterrupta do alémtímulo, não a algumas inteligências, mas a um grande número.

Esses Espíritos, pouco adiantados, recebem a demonstração, não pelas vozes inspiradas que em cada época dirigiram a alma do iniciador destinado a guiar essa época, mas por seres mais semelhantes a eles, conhecedores da sua atitude, necessidade e hábitos mentais. É preciso lembrar-vos, bom amigo, *que uma intelectualidade máxima pode coexistir com um desenvolvimento moral mínimo*; do mesmo modo, um ente progressista pode ser retardado pelo corpo que o contém ou rebaixado por uma imperfeita cultura mental. A voz do Espírito não penetra em todas as almas, a mesma prova não é suficiente para todos, sendo freqüente o caso em que as almas assim obstruídas, por uma superabundância material ou por uma insuficiência mental, realizam o seu progresso espiritual em uma esfera onde ele remedeia as suas faltas.

Por conseguinte, um movimento de varinha mágica não muda de repente os traços característicos da natureza inata; eles são lentamente modificados e purificados. Para o homem dotado já de elevadas faculdades intelectuais, que se aperfeiçoa por uma incessante cultura, parecem grosseiros os meios empregados para atingir os encarnados ignorantes, e os resultados tornam-se brutais e pouco satisfatórios. Esse método e esse zelo pouco discreto separam entretanto os seres que saem gradualmente de um sombrio materialismo ou de uma inércia ainda mais desesperadora; então a nova vida por eles entrevista os enche de entusiasmo e dão curso à sua alegria e a celebram por acentos ásperos, porém sinceros, que podem repugnar aos vossos ouvidos, mas

são agradáveis a Deus. A voz é verdadeira, e por isso Ele e nós a atendemos.

Assim, os processos pelos quais se pode fazer penetrar a convicção, nas almas não desenvolvidas, não são os dos anjos intermediários entre Deus e o homem, pois não teriam bom êxito. As operações materiais conduzem o homem a refletir sobre as coisas espirituais. Estais familiarizado com essas operações, que não cessarão jamais de ser necessárias e serão para um grande número o começo da vida espiritual. Ninguém pode negar a sabedoria da adaptação dos meios aos fins. O único perigo é o de substituir o físico pelo espiritual e parar aí.

Enfim, tomemos o exemplo mais saliente, aquele que impressiona: o ser brutal, inculto, não desenvolvido. A voz que grita por Deus em tom áspero e que produz tais resultados será a voz do mal? Acreditais nisso? Já tratamos da questão do mal, mas voltaremos ainda a ela. Estamos longe de negar ou de tratar levianamente o perigo que nos ameaça e a vós outros, mas não é ele tal como o imaginais. O que é desregrado, inculto ou grosseiro não é necessariamente mau; longe disso, o mal está muitas vezes oculto onde não o supondes. Ele não cessará senão depois da queda dos adversários e da vitória completa. Essas almas, noviças na vida espiritual, que lutam na obscuridade, acabam por entrever uma existência de progressão infinita a desenrolar-se diante delas, reconhecendo que o seu progresso depende do desenvolvimento mental físico e espiritual, fácil de provocar durante a vida atual; elas começam a cuidar de seus corpos em vez de os gastar na embriaguez, conseguindo abstinência de bebidas embriagantes – hábito que os homens chegados a esse ponto desejariam impor a todo o mundo. As gradações lhes escapam e muitas vezes o zelo os guia indiscretamente. Mas o fanatismo exaltado, cujo ilogismo e exagerações ofendem o gosto, é pior espiritualmente que a estultícia dos ociosos, calcinados pela bebida, manchados de corpo, cujo progresso moral e espiritual está paralisado por uma intoxicação habitual. Sabeis que o fim do homem entusiasta é mais valoroso e vivaz, estimulado como é pelo que crê ser o seu dever; não mais vivendo sem esperança e sem objetivo, como se ressuscitasse do meio dos

mortos, duma ressurreição a encher de alegria e de gratidão os anjos de Deus. Que importa que os seus gritos percam em lógica o que ganham em zelo e energia? A voz ativa e honesta, que proclama suas novas convicções, tem maior valor para nós e anima-nos melhor a redobrar de esforços do que a respeitabilidade convencional, sombria, diletante do homem que articula meias convicções em tom afetado e pusilânime, buscando, aliás, evitar um simples murmúrio, com receio de se arriscar a ser considerado ridículo.

O espiritualismo popular ou vulgar, que censurais por causa de sua expressão ruidosa e de seu aspecto repulsivo, tem sua utilidade; por sua aspereza mesmo e pelos fatos físicos, penetra nas massas e impressiona pessoas que seriam incapazes de compreender instruções metafísicas.

O exército dos mensageiros espirituais contém ministros apropriados a cada necessidade. Ao materialista endurecido, que só reconhece a matéria, esse agente que lhe mostra os efeitos de uma força invisível superior às leis materiais; à alma vacilante, tímida, que se não inquieta com as vastas esperanças, mas inquieta-se pelos seres amados, desaparecidos e pela sua união com eles, a voz dos agentes é a prova necessária para a convencer, ou trazer-lhe a certeza da união ou das relações afetivas continuadas na vida de além-túmulo; ao homem que prefere os raciocínios e argumentos lógicos, o espírito que demonstra a realidade dos agentes exteriores, que descobre a prova bem palpável e estabelece sobre fatos incontestáveis uma convicção sólida; aos que ultrapassaram o alfabeto espiritual e desejam aproximar-se dos mistérios impenetráveis à vista dos sentidos, os mestres, que podem falar profundas coisas de Deus e revelar mais amplas verdades; a cada um, enfim, o mensageiro e a mensagem que lhe convém.

Uma vez ainda, lembrai-vos de que o espiritualismo não é o que era a comunicação da palavra antiga: uma revelação oficial, externa, baixando da hierarquia espiritual à Humanidade, proclamada como uma revelação, como uma religião e como um meio de salvamento. É tudo isso e é também outra coisa. Para vós e para os que se aproximam do espiritualismo, colocando-se

em vosso ponto de vista, é isso; porém, para os fracos, sofredores, desolados e ignorantes, é outra coisa. É a certeza de uma esperança pessoal de reunião, de uma consolação individual e, acima de tudo, de uma aplicação íntima. É, com efeito, para intenções diversas, a ponte atirada no golfo que separa o mundo dos sentidos do mundo dos Espíritos. O grau de desenvolvimento diferente para os desencarnados como para os encarnados é o que explica a variedade das manifestações em espécie e em qualidade, mas muitas vezes a espuma se eleva à superfície e impede-vos de ver.

Não caiais no erro de crer que esses sinais são exclusivos da nossa missão; são inerentes à vossa natureza humana, inseparáveis do que comove profundamente o homem. Eles acompanhavam a missão de Moisés, entre os antigos israelitas; os profetas hebreus tanto quanto ao Cristo. Não são um espécime dos nossos trabalhos, como em vossa história política as divagações de um demagogo excitado não exprimem a opinião política real e influente.

Deveis distinguir; e para aquele que vive no meio de um grande movimento nem sempre é fácil fazê-lo. Sê-lo-á quando, no tempo futuro, lançardes um olhar retrospectivo sobre a luta que presentemente está em ebulição em vosso redor.

Não temos nada mais a responder-vos. Por agora, adeus.

† *Imperator*

Seção XVI

(Quando tentava formular novas objeções, que se apresentavam em tropel ao meu pensamento, fui detido por esta comunicação:)

Queremos resumir o que já foi dito. Não apanhastes suficientemente o fato de que a religião exerce apenas fragilíssimo poder sobre a massa da Humanidade; não compreendeis do mesmo modo a oportunidade das nossas palavras e da sua adaptação às aspirações da Humanidade. Em vosso estado atual, no meio das vossas relações e ocupações, não podeis ver como nós; é necessário lembrar-vos a indiferença que invade os homens quanto ao seu destino futuro. Entre os que pensam, alguns têm descoberto facilmente que o que lhes é dado, como revelação direta de Deus, não pode suportar a prova de um exame experimental, que as noções prevalecentes são vagas, contraditórias e desagradáveis. A fórmula clerical de que a razão não pode sondar a revelação e deve parar no limiar da pesquisa, inspirada na fé, parece aos pensadores um plano hábil, para prevenir a descoberta dos erros e contradições que inçam a doutrina infalível que se quer impor ao mundo. Os homens, que não querem ou não ousam refletir, refugiam-se com os olhos fechados na fé, de conformidade com a rotina na qual se educaram, tornando-se fanáticos, carolas, irracionais. Seria difícil inventar um sistema mais eficaz, para restringir a inteligência, do que o que consiste em provar ao homem que ele em matéria religiosa não deve pensar. Seria paralisar o homem e colocá-lo quase na impossibilidade de se elevar. O que deve ser a nutrição vital, tornou-se uma questão de nascimento ou de localidade; o homem é condenado a uma religião hereditária, quer o Deus de sua raça ou de sua família seja o grande Espírito do Indiano vermelho, o ídolo do selvagem idólatra, quer o seu profeta seja o Cristo, Maomé ou Confúcio. Enfim, do Norte a Este, do Sul a Oeste, o homem por toda parte estabeleceu uma teologia de sua lavra que vai ensinando a seus filhos, ligando-os, por assim dizer, à força, a uma doutrina que

lhes apresenta como indispensável à salvação. Já atraímos a vossa reflexão sobre esse ponto. Aprofundai o assunto.

Qualquer religião, de qualquer raça, em qualquer ponto do globo, que tenha a pretensão de possuir o monopólio da Verdade Divina é uma ficção humana nascida da vaidade e do orgulho do homem.

Nenhum sistema de teologia tem o monopólio da verdade; cada um, em qualquer grau que seja, é imperfeito; cada qual tem as suas partes de verdade em relação com as necessidades daquelas a quem foi dado *ou para quem evoluiu*. Mas *nenhum* pode ser recomendado aos homens como sendo a única nutrição espiritual por Deus concedida. O homem, em sua vaidade, gosta de crer que é possuidor exclusivo de algum gérmen de verdade (sorrímos ao vê-lo alimentar essa ilusão) e, glorioso dessa posse imaginária, ele persuade-se de que é preciso enviar missionários aqui e ali para levar o seu específico a outros povos que lhe ridicularizam os pretensos direitos.

E é surpreendente que os vossos sábios tenham sido e sejam incapazes de ver que o raio de verdade chegado até eles, e que eles obscureceram o melhor possível, é *apenas um* entre os inúmeros clarões espalhados sobre esse planeta pelo sol da Verdade. A Divina Verdade é uma luz muito deslumbrante para a vista humana; deve ser amortecida por um médium terrestre e velada para não deslumbrar o fraco órgão visual. Somente quando o corpo terrestre for abandonado e a alma voar para as altas regiões, é que ela poderá ser dispensada da interposição do veículo humano que obscurecia o brilhante esplendor da luz celeste.

Todas as raças de homens receberam um átomo dessa luz. Desde que o mundo existe, o brâmane, o maometano, o judeu e o cristão tiveram cada qual seu brilho particular, e cada qual o considerou seu apanágio especial, vindo do céu. E para frisar mais quão enganadora é essa pretensão, olhai para a Igreja que se arroga a posse exclusiva da Verdade Divina. Que múltiplas divisões! As dissensões da Cristandade, que despedaçaram em fragmentos desiguais a Igreja do Cristo, o rancor vingativo com o qual se acometem uns aos outros, são as melhores respostas à

louca afirmação de que o Cristianismo possui o monopólio da Divina Verdade. É preciso respeitar a verdade oculta na crença do próximo e aprender a primeira de todas as lições: procurar o bem e não o mal, reconhecer o Divino, mesmo através do erro humano, e honrar o que é de Deus, mesmo quando não mais possais servir-vos dEle.

Aproxima-se o tempo em que um novo raio de luz dissipará o nevoeiro da ignorância humana; as sublimes verdades que estamos encarregados de proclamar apagarão da superfície da Terra de Deus a rivalidade sectária, a amargura teológica, a cólera, a má-vontade, o rancor, o orgulho farisaico que desfiguraram o nome de religião e tornaram a teologia sinônimo – entre os homens – de discórdia. Essa nobre ciência, que devia instruir o homem no conhecimento da natureza de Deus e inspirar-lhe alguma coisa do amor que emana da Divindade, tornou-se o campo de batalha das seitas e partidos, a planície árida onde os mais mesquinhos preconceitos são imiscuídos com as mais miseráveis paixões, o deserto estéril onde o homem apenas demonstra a sua completa ignorância a respeito do assunto de que trata com tanto devotamento.

A teologia foi o pretexto para apagar os mais santos desejos, semear o ódio entre os parentes e amigos, queimar e torturar os corpos dos melhores homens; para lançar ao ostracismo aqueles que o mundo devera honrar com satisfação, para destruir os bons instintos humanos e apagar as mais naturais afeições. Sim, e é ainda a arena em que se ostentam as vis paixões humanas, estigmatizando aqueles que ousam separar-se da regra estereotipada. Aquém, onde a teologia reina, o lugar da razão está vazio. Os homens sinceros devem corar cogitando disso, pois, em sua atmosfera sufocante, o livre pensamento expira e o homem é uma figura privada de raciocínio.

É assim que foi degradada a Ciência, que devia ensinar Deus à Humanidade.

Já vos dissemos que o fim se aproxima.

Como nos dias precedentes à vinda do Filho do homem, assim agora se anuncia a aurora vinda do Alto. Os elos com que os

padres acorrentaram as almas combatentes serão quebrados: em vez do fanatismo insensato e do ignorante farisaísmo, tereis uma religião racional, de mais amplas idéias concernentes a Deus, tereis noções mais exatas sobre os vossos deveres e sobre o vosso destino; sabereis que aqueles a quem chamais mortos estão vivos ao redor de vós; vivendo mais realmente do que na Terra, ocupando-se de vós com amor que não diminui; animados em sua infatigável relação convosco, da mesma afeição que vos testemunhavam enquanto estavam ainda na carne.

Disse-se que o Cristo havia posto às claras a vida e a imortalidade. É verdade no sentido mais lato, e os homens começam apenas a perceber o resultado da revelação do Cristo, que é a abolição da morte, a demonstração da imortalidade. O homem nunca morre, não poderia morrer, ainda que quisesse.

A imortalidade do homem, admitida não como artigo de fé, mas como resultado da experiência pessoal, é a base da abóbada da religião futura. Nela estão todas as grandes verdades que ensinamos, as mais nobres concepções do dever, as mais vastas perspectivas do destino, as mais verdadeiras realizações da vida.

Não podeis atingi-la ainda. O vosso espírito, por deslumbrado e perturbado, não lhe poderia suportar o esplendor. Mas, crede, amigo, bem curto espaço de tempo vos separa do momento em que reconheceréis em nossas palavras os traços da verdade, o aspecto do divino.

† *Imperator*

Seção XVII

(Todos os meus amigos imaginavam que eu não persistiria nas minhas objeções. Entretanto, a consciência não me permitia escolher outro caminho, era-me preciso procurar até aos limites extremos as provas da singular revelação que me agitava tão violentamente. Eu não estava satisfeito e, todavia, desejava estar em um ou em outro sentido. Depois da conclusão do argumento de Imperator, refleti sobre ele durante dois dias e, a 14 de julho de 1873, enumerei os pontos que, a meu ver, restavam obscuros:

- 1º) a identidade;
- 2º) a natureza e a obra de Jesus-Cristo;
- 3º) a evidência exterior conforme as afirmações produzidas.

Pedi que por outro médium me fossem dadas comunicações independentes e externei a intenção de eu mesmo procurar um, com o fim de obter alguma coisa de autêntico. Contradiu também as opiniões emitidas em relação aos ensinamentos, sob as suas formas diversas. Exprimi lealmente a minha convicção de momento, mas desconhecia que as minhas observações apenas tinham por base um conhecimento muito incompleto; elas foram depois esclarecidas de diferentes modos; suficientemente, em todos os casos, para me certificar de que o que não fora ainda explicado sê-lo-ia oportunamente. Mas, nessa época, achava-me longe de estar convencido, e até manifestava enfaticamente a minha oposição. Eis a resposta:)

Alegais, amigo, que a vossa objeção tem sobre as nossas o mérito da candura e da perspicácia. Compreendemos a vossa perplexidade e não podemos supri-la; ainda que fosse isso possível, não o faríamos. Não aprovamos o programa que quereis impor, não por má-vontade, pois que desejamos convencer-vos, mas porque não somos onipotentes e porque só podemos influenciar-vos pelos processos ordinários de argumentos e evidência; por eles não atingirem ainda o vosso entendimento, é preciso esperar.

Não vos acompanhamos no terreno em que vos colocais; as vossas perguntas já foram respondidas na medida conveniente e o que poderíamos acrescentar seria sem valor. É ocioso entrar em particularidades de opinião e é de importância secundária que o que dizemos vos pareça de acordo com o que fazemos ou fizemos. Não estais em condição de julgar imparcialmente. Fica também fora de combate que o resultado eventual do que chamaís espiritualismo seja o que obtereis. A vossa vista é circunscrita, a nossa é mais clarividente e abrange mais vastos espaços. Reconheceis a grande moral do nosso ensino. Quer o admitais como o legítimo desenvolvimento do Cristianismo, quer acrediteis nele ou não, isso pouco importa, pois que o mundo tem necessidade dele e mais cedo ou mais tarde o receberá com reconhecimento.

Esperávamos ter achado em vós um instrumento conveniente, que não abandonamos ainda, pois a crise que atravessais é transitória e à dúvida sucederá uma convicção firme. E ainda que fosse de outra maneira, nós nos curvaríamos e procuraríamos de novo o necessário para continuar a nossa tarefa. Poderemos lamentar vendo os nossos esforços mal interpretados ou retardados, mas não temos o poder de vos obrigar a aceitar uma crença que vos seria auxílio poderoso; deveis decidir em plena liberdade de espírito. Toda tentativa para provar a nossa identidade de acordo com o modo que quereis impor-nos seria pior que inútil; produziria um insucesso. Talvez nos seja possível dar, de tempos em tempos, provas colaterais, aproveitando para isso, com prazer, a oportunidade que nos for oferecida e, se as vossas relações conosco se prolongarem, verificareis mais tarde que essas provas são acumuladas em grande número.

Mas a validez das nossas afirmações deve apoiar-se em base sólida. É para o terreno moral que vos chamamos; reconheceréis um dia, temos fé, que as manifestações físicas são transitórias e insuficientes. O vosso espírito não está bastante cultivado para examinar com cuidado judicioso a evidência moral. Se, como o sustentamos, somos de Deus e não do demônio, não é verossímil que componhamos uma história que tivesse de ser recebida com zombaria; se somos oriundos do mal, como vos inclinais a crer,

resta-vos demonstrar como uma história, que traz os sinais de uma origem divina, pode provir de fonte corrompida. Não nos incomodamos absolutamente com essas asserções. É para o fundo da mensagem e não para o caráter do mensageiro que invocamos a vossa atenção. Para nós mesmos é indiferente; para a obra de Deus e a verdade de Deus é sério. Para vós e o vosso futuro, é de importância vital. Estais ofuscado pela revelação de que fostes o centro e que vos foi dada copiosa e rapidamente. É preciso deixar-vos tempo a profunda e ponderada reflexão. Retiramo-nos para vos deixar em paz com os vossos pensamentos; não estareis só, deixar-vos-emos com guias mais vigilantes, mais experimentados. Essa conduta é preferível também para nós, porque, após uma palavra mais ou menos prolongada, saberemos se podemos recomeçar a tarefa ou se, depois de ter perdido um tempo precioso, é preciso trabalhar em outra parte. Seria bem penoso o desapontamento de ver cair, antes da maturação, um fruto que nos custou tanto labor e prece! Devemos conjuntamente agir de acordo com a luz guiadora das nossas ações. Como somos responsáveis por ela diante de Deus, devemos deixá-la exercer-se livremente. As nossas preces não serão nem menos freqüentes, nem menos ardorosas, e temos confiança de que elas serão mais eficazes. Adeus, e possa o grande Deus guiar-vos e dirigir-vos.

† *Imperator*

(Depois dessa sessão, fiz várias tentativas infrutíferas para obter comunicação, e fui, como o tinha dito, à casa de um médium que não me conhecia. Experimentei o melhor possível autenticar algumas informações sobre os meus guias e sobre a identidade de Imperator: nada consegui. Informaram-me que o Espírito que se achava comigo chamava-se Zoud, historiador russo. Quando voltei para casa, escrevi uma pergunta sobre esse assunto e obtive a resposta de que a informação era falsa, depois do que escreveram:)

Contrariamente aos nossos conselhos, comunicastes-vos com Espíritos que vos não conhecem nem estão em harmonia convos-

co; dessas comunicações só colhereis informações falaciosas que vos causarão perplexidades.

(Reclamei energicamente, acrescentando que teria sido simples satisfazer-me ao meu desejo arrazoado.)

Não. Desejaríamos dar-vos prazer, mas o Chefe nos ordenou abstenção, e não vos pudemos impedir de ir onde quisestes. Insistimos vivamente sobre o perigo ao qual vos expondes, ensaiando essas espécies de experiências. Só necessitais de paciência. Tentar arrancar à força o que desejais só pode causar aborrecimento e aflição a todos nós. Repousai em paz e aguardai o resultado. Cada passo prematuro é uma falta. O Chefe fará o que deve ser feito.

Mas, pareceis coligados para me enlouquecer. Não podeis fazer nada do que peço?

Amigo, não podeis obter a prova matemática que pedis apaixonadamente; não podemos dar mais provas justamente no momento em que as reclamais. Não seria para vós, mesmo que o pudéssemos. Tudo é disposto sabiamente.

(O Espírito que se comunicava assim era o que tinha dado as primeiras comunicações. Fui obrigado a parar sem obter outras respostas. A 24 de julho de 1873, foram apresentadas algumas perguntas sobre pontos teológicos, entre outras uma que tinha relação com a passagem: “Eu e meu Pai somos um.” (João, X, 30). Eu tinha insistido no decurso da conversação sobre essas palavras contradizerem as alegações de Imperator. Apresentei uma nesse sentido e obtive esta resposta:)

As palavras que citais devem ser comentadas. Jesus estava em Jerusalém na festa da Dedicção. A tão debatida pergunta dos judeus: “Se és o Cristo, di-lo claramente”, foi repetida.

Como vós, eles queriam um sinal para resolver as suas dúvidas. Como nós, ele atribuíra às palavras e ao teor do seu ensino evidências da sua origem divina. Aqueles, disse Ele, que estiverem preparados, as “ovelhas de seu Pai”, ouviriam a sua voz e a ela responderiam. Eles reconheciam a sua missão. Os arguidores

não podiam aceitá-la, porque não a compreendiam, visto não se acharem preparados. Os que o estavam entendiam e seguiam a Jesus, ao progresso, à felicidade, à vida eterna; achavam-se mantidos na mão do Pai, confiantes na missão que devia regenerá-los assim como à Humanidade, e o Pai e o Mestre eram um. “Eu e meu Pai somos um.” Os judeus compreenderam que Jesus queria atribuir a si as honras divinas e o apedrejaram. Ele justificou-se. Como? Admitindo a sua divindade e defendendo a sua pretensão. Não, em verdade. Mas Ele, o puro e verídico Espírito do qual nenhuma sombra de duplicidade jamais tem escurecido a transparente sinceridade, perguntou com surpresa aos seus perseguidores por qual dos seus milagres queriam eles apedrejá-lo. Por nenhum, disseram, mas por teres afirmado blasfêmia notória: a tua união com o Deus indivisível. Assim provocado, Jesus pôs deliberadamente abaixo a acusação. “Se (disse Ele), em vossos próprios anais sagrados, o termo “Sois deuses?” é aplicado àqueles nos quais o Espírito foi derramado, como é então uma blasfêmia dizer dAquele que o próprio Pai santificou e pôs à parte para uma obra especial: “Ele é o Filho de Deus?” Se duvidais, olhai para as minhas obras. Não há nelas usurpação nem pretensão à Divindade, mas ao contrário.”

(A 25 de julho de 1873, Imperator exerceu a sua influência em nossa sessão, deu algumas informações, mas não fez nenhuma alusão ao meu estado mental. Os outros membros do grupo não simpatizavam com a minha ansiedade e viram as suas perguntas respondidas e os seus problemas resolvidos. A inércia do meu espírito não afetou, porém, as condições do trabalho. Então um dos meus amigos, que havia pouco tempo deixara a Terra, foi trazido e forneceu-me uma prova evidente da sua identidade, citando-me fatos, conhecidos somente dele e de mim. Ainda que impressionado, eu não me achava satisfeito. Aproximando-se a época das férias, deixei Londres para ir à Irlanda. Aí recebi curiosas comunicações concernentes a um amigo doente em Londres; mas nenhuma se relacionava com as perguntas a resolver. Fui em seguida ao País de Gales e recebi a 28 de agosto de 1873 uma comunicação de Imperator, a qual é necessário transcrever. Eu havia tentado voltar ao objeto das minhas preocupa-

ções e fui advertido de que a minha insistência me era prejudicial. As minhas condições físicas eram más e o meu estado mental estava perturbado, por isso convidaram-me a recordar o passado antes que procurar penetrar o futuro.)

Ocupai-vos do passado, meditai sobre o valor moral das nossas palavras. Não vos censuramos por dúvidas, que são a consequência natural da disposição particular do vosso espírito; apenas indicamos que essa tendência não vos é favorável para julgar com imparcialidade. A vossa natureza impetuosa vos conduz muito à pressa e o vosso espírito levado à dúvida vos mantém em uma agitação deplorável. É preciso dominar esse ardor e evitar formular conclusões prematuras, deixando de criticar pequenas particularidades e de dar importância ao que chamaremos *a base do nosso ensino*.

Recordai-vos, amigo, de que as dúvidas e dificuldades que apresentais elevam uma barreira entre nós, detêm o nosso progresso e obrigam-nos a reservar muitas coisas. Isso é inevitável. Libertai o vosso espírito, de uma vez para sempre, pelo firme exercício da vossa vontade; libertai-o dos nevoeiros que obscurecem o julgamento. Esperamos que conseguireis isso depois do repouso e do insulamento. É essencial que o grupo com o qual nos comunicamos esteja em perfeita harmonia. As dúvidas são para nós como o nevoeiro da terra, que desvia o viajante; não podemos trabalhar no meio delas. É certo que um exame sincero e imparcial do passado afastará esse nevoeiro, que se dissipará à medida que o sol da Verdade se elevar no horizonte, e vós então ficareis admirado das perspectivas que se desenrolarem aos vossos olhos.

Não rejeiteis a novidade pelo fato de ela vos surpreender. Procurai apreciá-la em seu valor ou colocai-a de lado, esperando outros esclarecimentos. Tudo vem à vontade de Deus para a alma sincera e leal. Tende presente ao pensamento que nada sabeis sobre inúmeras coisas novas e verdadeiras. Tendes muitas verdades novas a aprender e antigos erros a olvidar. Esperai e orai!

† *Imperator*

Seção XVIII

(A 26 de agosto de 1873, tinha eu tornado a ler as precedentes comunicações e muito havia pensado sobre a natureza simbólica das expressões espíritas. Perguntava a mim mesmo se não tínhamos errado, interpretando-as muito literalmente. Apresentando a pergunta, obtive em resposta que me não achava em estado de me comunicar. Esse é um dos numerosos exemplos da dificuldade da comunicação. O dia estava chuvoso, sombrio e triste. Eu me achava doente, longe do meu lar, hospedado em casa estranha. Aconselharam-me o repouso; obedeci. Então, escrevi primeiramente com custo, em seguida mais facilmente:)

As nossas condições ainda desfavoráveis são, entretanto, melhores. Deveríeis sempre preparar-vos no moral e no físico para ficar em estado de vos comunicar. Já vos dissemos que não podemos operar quando o estômago está repleto de alimento e hoje acrescentamos que o organismo não deve estar enfraquecido.

É tão inconveniente debilitar as forças vitais, deixando de se nutrir, como embrutecer-se pela gulodice e pela bebida. O ascetismo e o completo abandono aos desejos são extremos que nada produzem de bom. O estado intermediário deixa as forças corpóreas em perfeito equilíbrio e as faculdades mentais se tornam nítidas e calmas. Requeremos uma inteligência ativa, nem débil nem superexcitada, e um corpo vigoroso sem excesso nem desfalecimento. Cada homem pode, pelo exercício de uma fiscalização judiciosa sobre si mesmo, chegar a esse estado, que o torna ao mesmo tempo mais apto a desempenhar a sua tarefa na Terra e a receber as instruções que lhe são enviadas. Os hábitos cotidianos são muitas vezes mal dirigidos, o que torna doentes os corpos e os espíritos. Não indicamos regimes fora da recomendação de ter, em tudo, cuidado e moderação. Quando estamos em contato pessoal, podemos então dizer o que convém às necessidades particulares. Cada um deve procurar o que melhor lhe convém.

Ensinar a higiene do corpo como a da alma faz parte da nossa missão. Declaramos a todos que o cuidado judicioso do corpo é essencial ao progresso da alma.

O estado de existência artificial que prevalece; a ignorância quase total no que concerne à nutrição e ao vestuário; os viciosos hábitos de excesso, que estão muito espalhados, são obstáculos sérios para atingir a verdadeira vida espiritual.

Quanto às vossas reiteradas perguntas, repetimos que tomamos o conhecimento já estabelecido no espírito, afastando dele o que é falso e insalubre e espiritualizando-o. Tratamos as antigas opiniões como Jesus tratava a lei judaica. Ele anulou abertamente a letra, enquanto lhe renovava o espírito por eloqüentes e novas explicações. Procedemos com as opiniões e com os dogmas do Cristianismo moderno como Ele procedeu com a lei mosaica e com a ortodoxia dos fariseus e rabinos. Uma adesão rígida à letra estrita da lei conduz quase inevitavelmente a desprezar o sentido verdadeiro. O homem que começa a observar servilmente as minudências do ritual acaba por tornar-se qual o orgulhoso, arrogante e antipático fariseu, cuja religião desaparecera na sua teologia, e que ainda agradecia a Deus por não se parecer com o seu próximo.

É contra essa forma capciosa da religião que travamos uma guerra obstinada. É mais aproveitável, ao ente que procura seu Deus, andar às apalpadelas, sem auxílio, com a confiança de finalmente encontrá-lo do que ser imobilizado nas malhas de uma ortodoxia terrena, que prescreve o Deus e a estrada conducente a Ele, estrada que se acha através de uma porta cuja única chave só ela possui; Ortodoxia que aniquila todas as aspirações naturais, obscurece todos os pensamentos que se querem elevar, condena o ser livre a uma ação mecânica. Tudo é preferível, dizemos, a essa paródia de religião espiritual.

Para alguns homens – e não são os mais nobres da vossa raça – o livre-pensamento espiritual significa dúvida, indecisão, desespero, morte; eles querem uma religião ao seu alcance, mas, não podendo galgar as alturas vertiginosas, donde o homem é chamado a desvendar as verdades eternas, sentem vertigens; entretanto, preciso é que eles palmilhem os caminhos por onde

outros marcharam antes. Que importa que a estrada seja sinuosa, se está circunscrita entre duas paredes por cima das quais os seus olhares não ousam elevar-se? Caminham com precaução, passo a passo, com medo de tropeçar ou de cair à menor desigualdade do terreno. Apóiam-se sobre os dogmas prescritos pela inflexível ortodoxia. Assim o decidiu a sabedoria da Igreja: a dúvida é a ruína; o pensamento ousado acaba desviando-se; a fé é a garantia única; crede e sereis salvo; negai e sereis condenado.

Esses homens não estão sequer no limiar do conhecimento das coisas. Como poderiam eles entrar no santuário onde brilha a verdade em sua plenitude?

Outros não são somente incapazes, mas opostos a aceitar a menor modificação à antiga teologia, que consideram como a encarnação da verdade divina. Foi por meio dela que os santos cristãos ampararam os mártires e exortaram os moribundos nos séculos passados, e ainda o fazem no presente. É a fé dos antepassados, o evangelho de salvação que aprenderam dos lábios maternos, dos quais receberam o depósito transmitido a seus filhos, que, por sua vez, o confiaram às gerações seguintes como sendo a verdade inteira, inalterável. E, assim dominados por um sentimento de crença determinada, eles não querem nem mesmo tocar no que parece violar uma fé consagrada por tantas instituições, fé que se tornou cara por tantas reminiscências suaves. São os defensores da fé, a quem o zelo do mártir inflama, e a quem nenhuma influência pode atingir. Não queremos, aliás, perturbar voluntariamente uma crença tão confortadora. Experimentar esclarecê-los seria inútil, pois devem conquistar o que lhes falta, em uma outra esfera de existência.

Outros homens há que até hoje ainda não pensaram em matéria religiosa; têm uma espécie de opinião convencional sobre a vantagem de uma profissão exterior de religião, porque não se considerariam bem estabelecidos sem ela. É em verdade um fraco verniz que apenas aparece. Contanto que o apercebam de longe, ele satisfaz aos que o empregam e aos que nos fazem a oposição mais encarniçada. Obrigá-los a ocupar-se de religião é um vexame. O assunto é desagradável, tolerado somente sob a sua forma mais ligeira, quando há necessidade mundana absolu-

ta. Aos sacerdotes compete determinar-lhes o que é bom e inspirar-lhes confiança no que é indispensável. Obrigá-los a ver as falhas da fé estabelecida ou a admirar as excelências da novidade é um duplo peso correspondendo a duplo castigo. Eles apegam-se ao passado e vivem dele. São felizes assim, detestando o progresso social e religioso. O livre-pensamento significa para eles dúvida, cepticismo, ateísmo, todas as coisas desastrosas e inconvenientes.

É claro que não temos nada a fazer com essas três classes e com as intermediárias, confinadas nos pólos da incapacidade, da má-vontade ou positiva aversão. A sua hora soará.

Esforçamo-nos por inculcar a todos que a estrada conducente ao conhecimento de Deus está aberta e livre. O homem que prefere o estacionamento ao progresso viola uma das primeiras condições do seu ser. Não tem o direito de proibir tal ou qual credo dos seus semelhantes nem a obrigá-los a adotar o seu. Repetimos ainda que a ortodoxia, as severas linhas inflexíveis sob as quais é mister nos curvamos, sob pena de nos perder, são ficções humanas, cadeias fabricadas pelas paixões do homem para reter na Terra as almas que querem elevar-se a Deus. Melhor será, repetimo-lo, que o homem se desvie sem outro apoio além do seu guia designado, que ore, pense e trabalhe por si mesmo, em vez de renunciar à liberdade ou de aceitar uma religião por um motivo qualquer. É preciso lealdade e coragem para pesquisar a Verdade, pois sem o seu socorro a criatura não pode dominar, ao passo que com ele o progresso lhe é garantido.

A nossa tarefa é fazer com o Cristianismo o que Jesus fez com o Judaísmo: tomar as antigas formas, espiritualizar a sua significação e infundir-lhe uma nova vida. Desejamos a ressurreição e não a abolição. Não destruimos um átomo das lições que o Cristo trouxe ao mundo; o que apenas fazemos é apagar as glosas materiais do homem e mostrar o sentido espiritual oculto, que se não soube descobrir. Esforçamo-nos por diminuir em vossa vida diária, cada vez mais, o domínio do corpo e mostrar-vos o místico simbolismo de que é impregnada a vida da alma. São bem frívolos esses que se ligam à letra do nosso ensino. Queremos elevar-vos fora da vida do corpo e aproximar-vos

quanto possível do estado de desencarnado. *Não podemos explicar-vos, na disposição em que vos achais, a verdadeira dignidade da mais elevada vida do homem, mesmo na Terra, e os mistérios ocultos que esta vida encerra profusamente.* Antes que possais atingir essas distâncias, contentai-vos com aprender que uma significação espiritual está oculta sob cada coisa, de que a Bíblia está repleta. As interpretações, definições e glosas humanas são a crosta material que envolve a divina semente da Verdade. Se retirássemos a crosta, o tenro grão murcharia e feneceria. Nós nos contentamos, pois, com indicar-vos até onde podeis compreender a verdade palpitante, que não vedes sob a face exterior que vos é familiar.

Foi essa a missão do Cristo, que reclamou o cumprimento da Lei, não a sua ab-rogação, descobrindo a verdade oculta sob os preceitos mosaicos, rasgando os farrapos do ritual farisaico e as glosas da especulação rabina, e reformando religiosa e socialmente a Humanidade. A grande ocupação da sua vida foi elevar o povo, o espírito e o corpo, confundir os impostores, arrancar a máscara da hipocrisia, levantar o escravo calcado aos pés, tornar o homem livre, pela virtude dessa verdade que Ele vinha declarar em nome de Deus: “Conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres e ficareis livres em verdade.”

Ele discorria sobre a vida, a morte, a eternidade, a verdadeira nobreza e dignidade da natureza do homem; sobre o caminho a seguir-se para chegar ao conhecimento progressivo de Deus. Ele veio, o grande cumpridor da lei, mostrar, como nunca homem algum o tinha ainda feito, o fim pelo qual a lei é dada: o melhoramento da Humanidade. Ensinou os homens a olhar para as profundezas dos seus corações, a examinar as suas vidas, a sentir a razão delas, a pesá-las nessa única balança infalível: os frutos da vida como prova de religião. Disse-lhes que fossem humildes, misericordiosos, verídicos, puros, devotados e sinceros, e foi diante deles o vivo exemplo da doutrina que pregava.

Grande reformador social, ele aliviava corporalmente o homem e revelava-lhe a salvação fora da hipocrisia, do egoísmo, da estreiteza de espírito. Fazia-lhe aperceber o vislumbre de uma melhor vida além; pregava a religião da vida cotidiana e o pro-

gresso moral da alma na estrada do dever diário. Arrependimento do passado, melhora de progresso no futuro, eis o resumo dos seus ensinamentos. Ele encontrou um mundo mergulhado na ignorância espiritual, à discrição de uma teocracia sem escrúpulos, tiranizada em matéria política. Ensinou a liberdade nos dois casos, mas a liberdade sem licença, a liberdade do ser responsável que tem deveres para com Deus, para consigo mesmo e para com os seus irmãos; trabalhou para mostrar a verdadeira dignidade do homem, que é elevar-se à Verdade, mas à Verdade libertadora. Ele não atendia à posição das pessoas, porquanto escolhera os seus associados e apóstolos entre os miseráveis; vivia no meio da plebe, com ela, sentando-se nas mais humildes choupanas; ensinava aos pobres as simples lições de que tinham necessidade; dirigia-se pouco àqueles cujos olhos estavam fechados pelas trevas da ortodoxia, das conveniências e do que se chama sabedoria humana; abrasava o coração dos seus ouvintes; inspirava-lhes o ardente desejo de obter alguma coisa de melhor, de mais elevado do que aquilo que sabiam, e mostrava-lhes como eles poderiam alcançar isso.

O Evangelho da Humanidade é o Evangelho de Jesus-Cristo, o único que se torna necessário ao homem, o único que pode prover às suas faltas e ajudá-lo em suas necessidades.

Continuamos a pregar esse mesmo Evangelho, por comissão do mesmo Deus, mas pregamo-lo purificado das falsas interpretações do homem.

Queremos retirar a verdade espiritual do sepulcro onde foi abafada aos homens. Vive ainda a simples e grande verdade do destino ascendente do homem, do cuidado incessante de Deus, da atenção sempre alerta dos seres devotados às almas encarnadas.

Despedaçamos os dogmas que hão prendido a alma e abatido as aspirações do homem, afirmando-lhe agora que caminha livremente. A nossa missão é renovar esse antigo ensino tão estranhamente desfigurado; a nossa fonte é idêntica, o curso paralelo, o fim o mesmo.

Compreendi bem julgando que o ensino, do qual uma das seções está sob a direção de Imperator, recebe a sua missão do Cristo?

Compreendestes bem. Eu já disse que a minha missão foi-me confiada, estando eu influenciado por um Espírito que passou por ciclos de trabalho nas mais elevadas esferas de contemplação. Jesus-Cristo prepara o ajuntamento de seu povo para continuar a revelação da verdade e para eliminar as crenças errôneas acumuladas no passado.

Tenho ouvido falar disso em outras partes; é então a volta do Cristo?

Volta espiritual. Não haverá volta física, tal como o homem sonhou; será volta para seu povo, pela voz dos seus mensageiros, falando àqueles que têm ouvidos abertos; Ele próprio disse: “Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça; aquele que está preparado para receber, receba.”

Esta revelação dirige-se a um grande número?

Sim, faz-se conhecer a um grande número, pois Deus agora influencia o homem de um modo especial; não podemos adiantar mais nada a esse respeito. Possa a bênção do Supremo repousar sobre vós.

† *Imperator*

Seção XIX

(31 de agosto de 1873. Resposta a algumas objeções que eu acabava de repetir:)

Já falamos do assunto de que vamos tratar, mas não entramos em todas as particularidades.

Alegastes, e outros convosco, que o nosso ensino é vago, obscuro, impalpável, e que abala a antiga fé, sem substituí-la. Propomo-nos apresentar-vos um quadro da religião que desejamos se estabeleça entre os homens.

Comecemos por Deus, o Mestre Supremo do Universo, que domina tudo em sua calma eterna, diretor e juiz da totalidade da criação. Em solene adoração nos prostramos diante de sua majestade. Não o vimos e não esperamos aproximar-nos de sua presença. Milhões de séculos, para empregar o vosso modo de contar, seguidos de miríades e miríades de séculos, devem decorrer antes que a alma, aperfeiçoada pelo sofrimento e experiência, possa penetrar no santuário interior, na presença de Deus Todo-Poderoso, santo e perfeito. Não o vimos, mas, pelo nosso conhecimento mais íntimo das suas obras, conhecemos melhor a perfeição sem limites da sua natureza. Sentimo-la sob mil formas que não atingem jamais o vosso muito baixo planeta; achamos o vestígio dela em mil circunstâncias que nem mesmo suspeitais. E enquanto vós, pobres ignorantes, dogmatizais sobre os atributos essenciais de Deus e modelais um ser à vossa imagem, nós outros nos contentamos em sentir e saber que o seu poder é a operação de uma Inteligência sábia, toda amor e penetração em tudo; sabemos que as suas relações conosco são cheias de amor e ternura.

Não procuramos adivinhar indiscretamente o futuro, mas deixamo-lo Àquele cuja abundante misericórdia experimentamos no passado e no presente; a crença muito perfeita que temos de Deus não nos permite especular; vivemos para Ele, esforçamo-nos por conhecer a sua vontade e por obedecê-la, certos de que procedendo desse modo obteremos graças para nós e para todos

os seres criados de que nos ocupamos, e sempre lhe rendemos as honras que lhe são devidas e a única homenagem digna de sua aceitação. Amamo-lo, adoramo-lo, rendemos-lhe grande culto, somos submissos a Ele e não discutimos os seus planos, do mesmo modo que não procuramos penetrar seus mistérios.

Deveis contentar-vos com saber que virá o dia em que poderemos dar-vos informações mais positivas da origem do homem, da sua natureza espiritual e do seu destino. Não estamos encarregados de alimentar a curiosidade nem de vos desviar a atenção com idéias e especulações acima da vossa capacidade. Podeis saber que a história teológica da queda original, tal como foi narrada e aceita, fazendo o homem resvalar de um estado de pureza ao pecado, é uma falácia.

Certos religiosos acalentaram a idéia de conciliar a razão com essa lenda desfigurada; fareis melhor em dirigir a atenção para o estado atual do homem, alma encarnada; indagar como pode ele aprender as leis que o governam, como a sua obediência a essas leis o conduz à felicidade no presente e ao progresso no futuro imediato. Deixai as longínquas esferas onde só os purificados residem; os olhos do mortal não podem contemplar os seus segredos. O acesso a elas só é franqueado aos bem-aventurados. Vós e todos as atingireis depois de indispensável preparo e desenvolvimento.

É mais importante falar-vos do dever e do trabalho do homem na Terra. O homem é um espírito temporariamente encerrado em um corpo de carne, *um espírito com um corpo espiritual*, que deve sobreviver à sua separação do corpo carnal. Um dos vossos instrutores teve razão de vo-lo dizer, ainda que tivesse errado em particularidades mínimas; *esse corpo espiritual* é o objeto principal da vossa educação na Terra; ele deve ser desenvolvido e preparado para a sua vida nas esferas de Espíritos, vida que, tanto quanto vos compete saber, é infinita. Não podeis imaginar o que significa *eternidade*.

O espírito encarnado tem consciência inata, muitas vezes informe e grosseira, do justo e do injusto; as ocasiões de se desenvolver são-lhe oferecidas, ele tem seus graus de provação, fases

de preparação, auxílios para progredir, caso queira utilizar-se deles; já falamos desse assunto e mais tarde desenvolvê-lo-emos.

Hoje vos diremos o dever do homem no período da prova.

O homem, como entidade espiritual responsável, tem deveres a cumprir, para consigo mesmo, para com o seu próximo e para com Deus.

Os vossos guias instrutores esboçaram suficientemente o código moral que diz respeito ao espírito do homem, mas, ao lado e além do que puderam ensinar, se estende um vasto domínio. A influência *do espírito sobre o espírito*, apenas reconhecida entre os homens, é o mais poderoso socorro ou o mais formidável obstáculo ao progresso humano. Resumamos. Pela palavra progresso ou conhecimento de si mesmo, compreendemos o dever do homem, entidade espiritual, que deve fazer um constante esforço para ativar o seu desenvolvimento anterior. O dever do homem, ser intelectual e racional, define-se pela palavra, cultura ou pesquisa dos conhecimentos, não em uma única direção, mas em todas; não por interesse material, mas para estimular faculdades que, destinadas a perpetuar-se, devem aumentar incessantemente. Enfim, diante do seu espírito, oculto sob uma forma de carne, o dever do homem é a Pureza, pois Progresso, Cultura, Pureza, totalizam no conjunto os deveres do homem para consigo mesmo, considerado como ser espiritual, intelectual e material.

Quanto ao dever do homem para com a raça de que é ele unidade, a comunhão de que é membro, experimentamos cristalizar em uma palavra a idéia central que lhe é o motor. Caridade ou Tolerância para com as divergências de opinião, caridosa apreciação de atos e palavras duvidosas, benevolência nas relações, ardente desejo de ajudar o seu próximo, sem aspirar a recompensas; cortesia e doçura de conduta; paciência diante da injustiça ou interpretação malévola; integridade nos negócios ou projetos, aliada a uma indulgente e afetuosa bondade; simpatia perante os sofrimentos de outrem; misericórdia, piedade e ternura de coração; respeito à autoridade em sua esfera; respeito aos direitos do fraco; essas qualidades e outras que tais, do mesmo gênero, que

são a verdadeira essência do caráter do Cristo, exprimimo-las nós pela palavra Caridade ou Amor ativo.

Quanto à relação entre o homem e o seu Deus, é a de um ser que, colocado em um dos mais baixos graus de existência, aproxima-se da Fonte de Luz incriada, do Grande Autor, do Pai de tudo.

A sua alteza é definida por estas palavras da Bíblia: “Os anjos ocultam a face com as asas quando se inclinam diante do seu trono.” Essa figura simboliza a *veneração* e a *adoração* que deve possuir o espírito do homem. Veneração e temor, mas sem terror. Adoração, Amor, tais são as qualidades que devem inspirar o espírito em sua relação com Deus.

Este vago esboço dos deveres humanos pode ser completado, mas o homem, observando-os, fica em estado de realizar grandes progressos, de ser um bom cidadão, podendo servir de modelo em qualquer situação da vida. Não falamos do dever exterior, cuja importância não conhecemos. Por isso, durante todo o tempo em que o homem é um ser físico, os atos físicos ocupam-lhe grande lugar; não receamos que se deixe de ligar a isso uma importância suficiente, e eis por que não nos apoiamos sobre esse lado da questão. Ocupamo-nos sobretudo com atrair-vos a atenção sobre o vosso verdadeiro *eu*, e insistimos para que considereis tudo o que fazeis *como a manifestação exterior de um espírito interior que determinará* a vossa futura condição de existência ao deixardes esse ciclo. Quando reconhecerdes o espírito, que é alma de tudo, que é a realidade e a vida ocultas sob a Natureza e a Humanidade, e que se manifesta sob as formas mais diversas, estareis inspirado pela verdadeira sabedoria. Temos agora de tratar dos resultados que derivam da observância ou da não aceitação do dever do homem. Aquele que o preenche conforme a sua capacidade com o honesto, sincero e único desejo de executar o melhor possível, é recompensado em progresso. Dizemos progresso, porque o homem é inclinado a não reparar que o seu espírito tende a encontrar no progresso a mais real felicidade. A alma pura goza apenas um contentamento relativo, não pode descansar no que é passado, onde só vê um estimulante exortando-a a caminhar; vai para o futuro, na espe-

rança e na expectativa de um desenvolvimento sempre mais extenso. A alma que adormece satisfeita, imaginando atingir a meta, estaria em perigo de retrogradar. A verdadeira atitude do espírito é a do esforço ardente e ascensional, e a sua felicidade está na progressão perpétua. Não há finalidade alguma, absolutamente alguma!

Isto se aplica não somente ao fragmento da existência a que chamais vida, mas à totalidade do ser. Sim, as ações efetuadas durante a encarnação têm a sua continuidade na vida do espaço; a barreira a que chamais morte nada limita, pois, longe disso, a condição do Espírito, ao recomeçar a sua vida real, é determinada pelos seus atos corpóreos. O Espírito que foi indolente ou impuro gravita necessariamente em esfera congênere e começa o período de provas, que têm por objeto purificá-lo dos hábitos adquiridos durante a sua vida terrestre, inspirar-lhe a vergonha e o remorso, que despertam nele o desejo de se elevar; *isso é o castigo da transgressão e não um julgamento arbitrário; é a inevitável sentença que condena ao remorso, ao arrependimento – retribuição do pecado consciente; é a vara que castiga, não porém aplicada por uma divindade vingadora; é a lei de um Pai terno que mostra ao filho a sua falta e o modo como repará-la.* A recompensa não é um repouso inativo, monótono ou sensual, porém a consciência do dever cumprido, do progresso realizado, da capacidade acrescida para progredir ainda, do amor de Deus e do homem, aumentado pela verdade servida e conservada.

É a recompensa do espírito, vinda como o descanso depois do labor, como a água ao sequioso, como a sensação de alegria ao viajante ao avistar a casa; é gratificação penosamente ganha. O aguilhão impelindo a outros progressos.

Tratamos o homem, bem o sabeis, como uma inteligência viva, só com as suas responsabilidades e os seus esforços; não achamos necessário tocar no auxílio administrado pelos Espíritos-guias nem nos impulsos e impressões que inundam a alma frágil. O que nos ocupa é essa fase da existência do homem, oferecida à vossa investigação e manifestada aos vossos olhos. Não fazemos menção de uma reserva ilimitada de mérito, adquirida e conservada à custa da morte do Filho de Deus, sem peca-

do, para que o homem aí colha à vontade, entregando-se a espécies de permutas para resgatar as suas próprias faltas a fim de se apresentar em seguida diante do Eterno, mesmo depois de uma vida manchada de crimes. Não devemos falar dessas concepções nascidas de uma imaginação estúpida e perversa. O homem tem sempre ao seu alcance socorros poderosos, mas não há aí sacrifício expiatório para o qual ele possa apelar, e quando o seu corbarde coração é oprimido pelo temor do aproximar-se da dissolução, nenhum mensageiro vem consolá-lo, deixando a ele que ao sentir o perigo possa, pelo terror, medir o seu pecado e arrepende-se.

Ignoramos que haja uma outra reserva de mérito a não ser a que o homem acumula para si à custa de lentos e laboriosos esforços; apenas conhecemos a estrada seguida pelos próprios bem-aventurados para chegarem às esferas da felicidade. Nenhum encantamento mágico existe transformando em santo o condenado endurecido. Essas invenções blasfematórias desviam o homem do auxílio da proteção que o rodeia. Não possuímos o poder, em verdade, de trabalhar, em benefício do homem, pela salvação que ele deve obter pelo seu labor, mas podemos assisti-lo, reconfortá-lo, apoiá-lo, e ele pode atrair a si os socorros pelo poderoso meio da prece. Ah! ignorais que força abandonais, não procurando pela prece contínua comungar com os Espíritos puros e bons que estão prontos a vir consolar-vos e instruir-vos. O impulso de louvor que põe a alma em harmonia com Deus e a prece, que faz moverem-se os agentes espirituais, são os grandes motores sempre ao serviço do homem; no entanto, este passa por aqueles e entrega-se a ficções em vez de sacudir a sua indolência e de estudar os fatos.

Pouca importância ligamos à crença individual, que bem cedo tende a reformar-se, pois as suposições feitas, no decurso da vida terrestre e defendidas até com veemência agressiva, são dissipadas como o seria uma leve nuvem pela luz das esferas. Ocupamo-nos muito com os atos; não perguntamos: “Que crença tendes?” mas sim: “Que fazeis?”

Sabemos que os costumes, as disposições e os caracteres são formados pelas ações, que decidem assim da condição dos seres;

sabemos também que esses costumes e caracteres só podem ser mudados depois de longa e laboriosa marcha progressiva. É pois para os atos, não para as palavras, para as realidades, não para as profissões de fé, que olhamos. Ensinamos a religião do corpo e da alma, religião pura, progressiva e verdadeira, que não pretende finalidade, mas faz o seu adepto subir a altura cada vez mais vertiginosa; os amargores da Terra eliminam-se durante essa grandiosa ascensão, onde a natureza espiritual apurada, elevada ao sublime, aperfeiçoada pela experiência da dor e do trabalho, se apresenta gloriosamente pura diante do seu Deus. Nessa religião não há nem inércia, nem indiferença. O tema de ordem do ensino espiritual é a boa-vontade leal e zelosa. Nada de evasiva às conseqüências dos atos, pois tal fuga é impossível. A falta encerra o seu próprio castigo. Não achais nessas instruções a doutrina que permite sobrecarregar com fardos que preparastes, mas deveis suportá-los e o vosso espírito deve gemer sob o seu peso, pois cada um trabalha, sofre e expia por si; os atos e costumes têm muito mais importância que as crenças; nenhuma formalidade religiosa protege o espírito maculado. Obtereis misericórdia quando tiverdes alcançado o arrependimento e o melhoramento, a pureza e a sinceridade, a verdade e o progresso com a sua própria recompensa, e então não precisareis implorar nem misericórdia nem piedade.

É essa a religião do corpo e do espírito, que proclamamos. Ela é de Deus, conforme sabereis em breves e próximos dias.

† *Imperator*

Seção XX

(Nesta época, obtive inúmeras comunicações promanadas de fontes diversas, havendo intenção manifesta de acumular provas e de me convencer. Uma delas provinha de uma pessoa bem conhecida e com a qual eu tinha estado em relação. Pedi a permissão de informar seus parentes sobre o fato. A resposta foi essa:)

É impossível e imprudente tentá-lo; não poderíamos manifestar-nos a eles, porque ignoram a verdade da comunicação espiritual e, se falásseis disso, tachariam a notícia de loucura ou conto pueril. Demais, aqueles que recentemente deixaram este mundo raras vezes se podem comunicar com os seus amigos pessoais; o desencarnado entrega-se a tais esforços para dar uma prova da sua existência, que a sua ansiedade e precipitação, coincidindo com as lágrimas e aflição dos seus amigos, eleva entre eles uma insuperável barreira. Tornar-se-ia necessário muita calma de ambas as partes e é preciso que o desencarnado pare acima dos sentimentos pessoais para atingir aqueles que o lastimam.

No caso presente o vosso amigo se acha afastado daqueles aos quais estava ligado pelo parentesco; eles não estão preparados para aceitar novas indicações religiosas, além de que uma inalterável lei proíbe impor conhecimentos a quem os recusa. Os arcanos da Ciência não podem ser explicados a uma criança; qualquer tentativa a esse respeito, além de infrutífera, retardaria o progresso daqueles a quem quiséssemos instruir prematuramente. Se o mundo se tornasse um campo de experiências para quaisquer espíritos desejosos de ensaiar o seu poder, não haveria mais lei nem ordem.

(Na mesma época, a minha inquietação relativamente à questão da identidade dos Espíritos foi acrescida pelo fato de haver um Espírito escrito o seu nome “diretamente”, isto é, sem intervenção humana, mas tê-lo escrito mal. Declarei energicamente não poder admitir a identidade de um Espírito que nem ao menos

tinha o poder de ortografar corretamente o nome, aliás muito conhecido, com o qual ele se inculcava. Imperator replicou:)

Não discutamos a fundo a questão de identidade, mas o incidente que vos abala pode ser prontamente esclarecido. A identidade do Espírito foi garantida por mim; o erro provém do Espírito manifestado que escrevia. As inteligências que podem produzir essa manifestação particular a que chamais escrita direta são raras, em geral, vários Espíritos se ocupam disso. A inadvertência que assinalais foi corrigida no decurso da sessão em uma comunicação feita por meio da mesa. Isso vos passou despercebido? Os erros e as contradições aparentes, examinados escrupulosamente, explicam-se muitas vezes de modo simplíssimo.

(O estado inquietador do meu espírito perturbava as nossas reuniões. Os fenômenos desenvolviam-se com grande irregularidade, às vezes com violência e sempre caprichosamente. Dizem que os sons de um mau instrumento deviam ser discordantes. Em uma sessão me acalmava algumas vezes, porém noutras cheguei a um estado de tensão nervosa muito penosa. Em 30 de setembro de 1873 escreveu-se:)

Não podemos acalmar-vos quando cada nervo vibra e o sistema cansado está sobrecarregado até o extremo limite de tração. Estamos quase desarmados e só podemos preservar-vos do risco que correis de serdes presa dos Espíritos atrasados sempre atraídos pelo vosso estado. Solicitamos-vos não comunicardes com os Espíritos, ficando de sobreaviso, quando estiverdes nessa disposição física e moral. O vosso rápido desenvolvimento vos torna cada vez mais acessível às influências espirituais de todas as categorias. Ao começar a sessão, facilitais a entrada dos Espíritos atrasados, que espreitam a ocasião de abordar-vos.

Não há inconveniente sério a temer, mas sim perturbações desagradáveis. Todos os médiuns muito desenvolvidos devem ser circunspectos; é sempre perigoso, para eles, fazer parte de grupos submissos a influências que lhes são desconhecidas. Forcejai por vir ao círculo com o vosso espírito paciente e passivo e assim obtereis mais facilmente o que desejais.

(Repliquei que estava disposto a seguir esse conselho, não podendo porém ficar impedido de raciocinar. Não achava verosímil que celebridades do nosso mundo aqui voltassem propositalmente para me dar pequenas comunicações, que lançavam a confusão em meu espírito. Pedi uma franca e abundante prova da volta de um amigo que nos tinha deixado havia pouco tempo e que em vida se interessara pelo nosso grupo. Essa circunstância parecera-me favorável para decidir a questão de identidade. Além disso, pedi com insistência explicações concludentes sobre a origem, a extensão e o êxito do movimento relativamente à identidade dos Espíritos. Eu objetava que era necessário responder categoricamente às críticas insolentes que se nos opunham sem cessar; até àquele momento não tinha eu obtido uma só prova sobre o que quer que fosse fora da observação de certos fenômenos e da verificação de estar presente uma inteligência exterior. Não podendo agir com tão poucos dados, entendia que as minhas dúvidas deviam ser dissipadas. Responderam, em 1º de outubro de 1873, o seguinte:)

Possa a bênção do Sapiientíssimo repousar sobre vós.

Sabei que não queremos nem podemos responder, mais amplamente do que já o fizemos, aos vossos repetidos pedidos. A dúvida não é um pecado para ninguém e a incapacidade intelectual de admitir certas afirmações não merece censura alguma, mas censuramos no homem a disposição para a suspeita e a controvérsia, que se torna em obstáculo permanente ao progresso.

Comprazeis-vos em comparar o estado do mundo no tempo do Cristo ao estado atual. Dar-vos-emos a resposta que Jesus dirigiu àqueles que lhe pediam um sinal: “Pai, seja feita a tua vontade e não a minha.”

Sabeis que Jesus só concedeu um sinal escolhido por Ele próprio. Apenas nos compete lembrar que não era aos fariseus, aos saduceus ou aos sábios presunçosos, que lhe procuravam armar ciladas, que o Cristo prodigalizava as suas palavras de consolação ou os seus milagres de piedade, mas sim aos humildes e meigos, aos pobres de espírito, às almas fiéis; auditório bem-

disposto e muito preocupado em colher as verdades benditas, para entregar-se a pesquisas sutis. Jesus procedeu sempre assim durante o curso da sua carreira terrestre. O homem altivo, soberbo, dogmático, que revela a Deus Onipotente as suas necessidades e murmura quando não são satisfeitas, não recebe a bênção divina, que só cai sobre a alma que, humilde e confiante, implora e exclama das profundezas do seu ser: “Pai, faça-se a tua vontade e não a minha.”

Lei idêntica vos é aplicada. Somos forçados contra o nosso gosto a censurar-vos e lastimamos o vosso tom positivo e a linha de argumentos dogmáticos que estais resolvido a seguir. Repassai em pensamento a última fase da vossa vida, fase durante a qual ambos nos associamos. Ignorais ainda os cuidados anteriores de que fostes objeto, o cuidado vigilante que deve desenvolver o germen do vosso progresso. Pela proteção atenta de guias devotados, fostes preservado do mal, levado ao meio dos obstáculos, e a vossa alma estimulada foi arrancada do erro e da ignorância, a fim de ser dirigida para o conhecimento da verdade. Esse trabalho invisível é-vos desconhecido; o nosso é menos secreto, pois nos ocupamos de vós há alguns meses, pelas nossas palavras e pelos nossos atos; recebestes comunicações cujos testemunhos escritos tendes em mãos. Uma só das nossas palavras foi falsa? Um só ato pareceu-vos alguma vez baixo, malfazejo ou egoísta? As palavras que vos dirigimos eram dissolventes ou estúpidas? Tentamos influenciar-vos por artifícios terrestres e motivos sórdidos? Experimentamos fazer-vos retrogradar? A nossa influência sobre vós é exercida para o mal ou para o bem? Para Deus ou para os seus inimigos? Estais melhor ou pior? Reconheceis-vos mais, ou menos ignorantes? Julgais-vos mais, ou menos útil? Sentis-vos mais, ou menos feliz? Desafiamos a quem quer que seja a dizer qualquer coisa que possa refletir uma só censura contra os nossos atos ou contra os nossos ensinamentos. A quem nos ouvir repetiremos que tais ensinamentos são o reflexo de Deus e que a nossa missão vem dEle. Justificamos as nossas pretensões por sinais. Não poupamos as manifestações de valor para agradar-vos; corremos risco mesmo de causar-vos mal, no desejo de satisfazer a amigos, prestando-nos a notáveis

manifestações. De posse de uma sabedoria muito mais previdente que a vossa, acedemos de boa-vontade aos pedidos que formulastes, quando julgávamos oportuno fazê-lo. Se recusávamos, era pela impossibilidade ou porque em vossa ignorância desejáveis coisas prejudiciais. O que recusamos à vossa instância indiscreta foi apenas um ponto no amontoado das provas facultadas, constituindo demonstrações evidentes da existência de um poder exterior à Terra; entretanto, ainda desconfiais de nós, tropeçais por achar, sob nomes que exaltastes, Espíritos que, a vosso ver, humilham-se de ocupar-se de um trabalho divino sob a direção dos mensageiros da Divindade. Acusais-nos de sermos ou de podermos ser impostores executando atos de liberalidade! Sabeis que não podeis achar a razão pela qual nos enganaríamos, sabeis que só de Deus podemos derivar e que, encarregados de uma missão de misericórdia, não podemos ser empregados em outros fins senão nos que devem garantir o bem eterno do homem!

Nisso consiste a vossa falta e não queremos ter relações convosco nessas condições. Escolhemos-vos desde o princípio das nossas instruções; refleti sem precipitação; decidi lealmente. Retirar-nos-emos ou ficaremos segundo a vossa escolha. Não procureis outra prova, pois não vos será dada. Avisamos-vos para não vos filiardes a outros círculos; seria muito arriscar e agravar as dificuldades. Não proibimos absolutamente a reunião do nosso próprio círculo, se realizardes sessões, seja com o desejo de estabelecer relações harmônicas e de receber explicações sobre os pontos que foram contestados. Sugerimos-vos, há muito tempo, que o repouso e a reflexão vos eram indispensáveis; ordenamos agora vos submeterdes a isso. Se o vosso grupo quiser reunir-se, filiar-nos-emos a ele provisoriamente, sob certas condições que indicaremos; mas não animamos essas reuniões. Não estareis só, mas sim duplamente defendido. Velamos por vós por meio de preces e deixamos-vos a nossa bênção. Possa o Supremo dirigir-vos, pois não podeis dirigir-vos por vós mesmos.

† *Imperator*

Seção XXI

(Nessa época – outubro de 1873 –, não estava eu em condições de poder obter manifestação alguma capaz de me satisfazer. Só mais tarde foi que me apercebi das poderosas influências que de um lado me paralisavam os esforços e de outro me excitavam a examinar o passado. Compreendo hoje que eu estava submetido a um sistema de educação perfeitamente combinado. A influência que me dominava era de tal modo violenta que eu não podia repousar nem de dia nem de noite. Apenas quando trabalhava, o meu espírito estava ocupado pelo que tinha a fazer; eu estabelecera a regra inflexível, nunca violada, de durante esses dez anos cumprir sempre a minha tarefa cotidiana antes de voltar aos estudos que me absorviam absolutamente, desde que eu a eles me entregara.

Em conseqüência das minhas reflexões, concluí que não conseguiria coisa alguma se de novo reiterasse as objeções, às quais, a meu ver, Imperator estava longe de haver respondido categoricamente. A sua última réplica parecia-me ser uma argúcia especiosa. Jamais houvera eu negado as suas pretensões, ao passo que ele simulava ignorar o que se me figurava ser da última importância. Parecia-me a mim ter o direito absoluto de reclamar provas suficientes, relativamente à identidade, para satisfazer-me a razão e demonstrar-me que eu nem era o joguete da minha própria imaginação, nem de uma tentativa combinada para me enganar. Declarei-o pois de novo. Empreguei diligências para esperar e refletir, mas declarei firmemente não poder dar um passo mais, uma vez que vagas declarações não podiam ser tomadas como respostas e que a minha disposição de espírito não tinha sido lealmente descrita. Eu reconhecia que a citação da recusa de Jesus a dar provas, à exceção das que Ele próprio escolhesse, era, sem embargo, um argumento forte, mas também perigoso a avançar. Quanto à ameaça do abandono, isso seria deixar-me em meu estado atual de incerteza, para não dizer de incredulidade, o que me conduziria a rejeitar esses estudos como meada confusa que eu renunciaria a desembaraçar. Resposta:)

Amigo, estamos dispostos a reconhecer o valor da réplica e não queremos censurar o vosso desejo de informação, mas frisar simplesmente a atitude do vosso espírito muito ansioso e desconfiado.

(Vinham em seguida novas recomendações sobre as sessões e a proibição formal de me ocupar de experimentações físicas quaisquer; reiteravam-se-me as observações feitas nos dias precedentes.

No dia seguinte, 4 de outubro de 1873, a escrita continuou; não reproduzo uma parte da comunicação que me era exclusivamente pessoal e começava, com muita solenidade, por uma invocação; também abandono o resto, com pesar, por ainda se relacionar muito comigo.)

Eu, servo de Deus, ministro do Altíssimo, guia e anjo da guarda do vosso espírito, imploro para vós a divina bênção. Possam as influências invisíveis e mais poderosas que vos rodeiam agir pelo vosso bem. Fomos fortemente impelidos a esperar antes que a renunciar a impelir-vos para a estrada desejada. X (um amigo recentemente falecido, o qual se havia comunicado comigo logo depois da sua partida) insistiu particularmente nesse sentido, pois acabava de deixar-vos e de se assenhorear melhor das dificuldades que vos assaltam; estamos de tal modo impregnados da verdade de tudo quanto vos parece duvidoso, que apenas podemos conceber a vossa posição. Tínhamos pensado que, se estivésseis privado da comunhão espiritual pela ausência das comunicações, o vosso espírito voltaria provavelmente ao passado e saberia tirar disso lições úteis; mas, recusando inteiramente servir-nos do poder existente em vós, não podemos suprimi-lo, e então outros podem apoderar-se dele e anular inteiramente o nosso trabalho; não ousamos porém correr esse risco. Não desconhecemos que o nosso abandono vos lançaria sem dúvida na incredulidade, pois o hábito de dedução puramente lógica, que substitui em vós a intuição, apagaria as impressões produzidas sobre vós pelas nossas relações quase cotidianas.

Detende-vos antes de rejeitar o que não é jamais oferecido duas vezes a ninguém, e pensai que recusando isso expondes-vos

por séculos a vicissitudes cruéis, ao passo que, aceitando, ides para uma luz fortificante e sempre evolutiva.

Orai, orai, as nossas preces se confundirão com as vossas.

Pai! Eterno! Infinito! Sapientíssimo! Aproximamo-nos de Ti e diante de Ti colocamos as nossas súplicas, pois sabemos que ouves e que responderás às nossas preces. Deus Eterno, afasta da nossa estrada os obstáculos que nos detêm. Pai amante, espalha no coração vacilante o raio luminoso que esclarece os recônditos obscuros e expulsa o inimigo. Poderoso Mestre! Permite essa consolação, da qual temos necessidade.

Grande é o labor, grande deve ser o amor, grande é a obra, grande o poder. Concede o Poder, Todo-Poderoso! Recebe os nossos louvores. Diante de Ti testemunhamos a nossa grata adoração; a Ti levamos a livre oferenda dos nossos testemunhos de amor. Tudo o que é espírito Te glorifica, Te bendiz e Te adora através do Teu Universo.

† *Imperator*

(A comunicação supra encerrou praticamente essa fase de argumentos. Senti-me convencido, pois a suspensão da controvérsia e em geral de todo gênero de comunhão com o mundo dos Espíritos deixou-me livre de examinar o passado.

Eu julgava com mais calma, inteiramente entregue a mim mesmo, e a convicção da sinceridade e da verdade das comunicações aumentou lentamente em meu espírito, ou antes devo confessar que a fé foi perceptivelmente aumentada e a dúvida imperceptivelmente afastada.)

Seção XXII

(Tendo Imperator deixado de comparecer, informei-me da causa que o retinha longe de nós; responderam que outro trabalho, fora do nosso planeta, o ocupava. Ele podia, disseram, influenciar-me sem estar perto de mim, mas outras preocupações podiam impedi-lo disso, e nesse caso eu devia atrair o seu pensamento. Nessa ocasião, como em outras, falou-me ele do que chamarei uma reunião de Espíritos em adoração solene por preces, louvores e intercessões. Outras informações autenticavam o fato, entre elas a seguinte, obtida a 12 de outubro de 1873:)

Recorremos à prece, ausentamo-nos por um tempo às ansiedades e cuidados inerentes a uma missão, dirigida sobre uma esfera inferior, procuramos a harmonia da esfera de adoração, o repouso perto dos Bem-aventurados, porque devemos fortalecer-nos, a fim de evitar a tristeza e não afrouxar a nossa tarefa. Ó vós que percorrestes os antros do vício, os refúgios da miséria, os recantos insalubres, vós que, tomado de desfalecimento e desespero diante de uma tal diversidade de males horrorosos, vos sentistes abatido e impotente para aliviá-los, tal era a vossa incapacidade, para trazer remédios eficazes – supondes erroneamente que não sentimos também ainda mais pungentes mágoas que as vossas, pois vemos com melhor clarividência as causas da dor, do crime, do desespero, e as hordas dos seres atrasados, artífices do pecado, que não nos são ocultas. Nada nos escapa, nem a miséria material, nem a tentação espiritual. Não nos associamos a vós sem respirar o ar do vosso ambiente, sem aspirar de algum modo o sopro da maldição.

O que experimentais ao contato das impurezas e pungentes misérias das vossas cidades populosas nada é comparado ao gélido estremecimento que se apodera de nós à aproximação da vossa sórdida atmosfera. Deixamos os ciclos de luz, de pureza, de beleza; separamo-nos dos seres aperfeiçoados, ativos e vibrantes de harmonia, para acharmo-nos no meio de um povo desobediente, incrédulo, votado ao materialismo, morto para a

influência espiritual. Aqueles que entre vós nos ouvem, até um certo ponto, só tomam das nossas palavras o que lhes agrada e afastam-se quando se lhes pede o esforço que deve erguê-los da Terra e levá-los a um plano superior. A história de Jesus renova-se. Os homens seguem-nos enquanto a sua curiosidade está excitada ou o seu interesse pessoal está em jogo; mas quando queremos suprimir o elemento egoísta e tratar dos fatos eternos, eles se afastam por incapazes de compreender. E assim os benefícios que trazemos são rejeitados com ingratidão e a perspectiva de um mau êxito aumenta a nossa aflição. Então nos refugiamos na paz serena, para tornar a voltar cheios de harmoniosos eflúvios das esferas que nos sustentam nesses labores, em um mundo sem alegrias e entre um povo ingrato.

(Eu nunca tinha até então recebido comunicação moldada como esta no cunho da fraqueza humana, expressa com um acento quase desesperado. O tom de dignidade que bordava as precedentes comunicações parecia estar acima do da Terra. Nada é mais admirável na atitude e nas palavras de Imperator do que a sua absoluta superioridade em relação às fraquezas, aos cuidados mesquinhos e aos negócios terrestres. Parecia mover-se, como o fazia em verdade, em um outro mundo, ele tão desinteressado das coisas absorventes para nós outros, e que lhes era mesmo superior, pois as suas idéias tinha-as vastas e fixas sobre os assuntos de interesse capital. Entretanto, afligia-se e compadecia-se dos nossos desfalecimentos sem impressionar-se com as rajadas das paixões humanas. Ele estava “no mundo, mas não era do mundo”, trazendo de uma região serena algo da sua paz. Notei a mudança da sua linguagem. Deram-me esta resposta:)

Compadecemos-nos, mas não desanimamos. Pronunciamos estas palavras para saberdes que sacrificamos alguma coisa e somos acessíveis aos sentimentos que vos dirigem. Sofremos da agonia mental e da aflição espiritual. Sentimos espasmos tão reais como os que vos dilaceram o coração. Se não fôssemos, como dizeis, humanos em nossas simpatias, não poderíamos penetrar as vossas necessidades. Sabereis também um dia que, por uma lei ainda por vós desconhecida, o Espírito voltado à

Terra apodera-se do tom humano, que perde logo ao afastar-se dela, de modo que se adapta à Terra e às idéias humanas.

(Os avisos que me haviam dado a propósito dos fenômenos físicos foram renovados com o conselho de me recolher. Além de tudo, fui advertido de não me filiar a círculos sem coesão, salvo para observar manifestações que eu quisesse descrever e publicar. Moderação era o que me recomendava. Não tínhamos renunciado às sessões, mas as realizávamos menos frequentemente. Um caso notável se produziu a 14 de outubro de 1873. Um Espírito, que havia muito tempo se comunicava em nosso grupo, foi interrogado por um de nós a propósito de um livro que continha a narração de alguns fatos acontecidos durante a sua vida terrestre. Esse livro acabava de aparecer, mas nenhum de nós, a não ser o argüidor, o tinha lido. Confundiam-se datas e nomes na cabeça do nosso amigo, quando muito surpreendidos ficamos da nitidez com que a inteligência invisível corrigia cada erro, recusando absolutamente aquiescer a qualquer inexatidão e soletrando mesmo as palavras que eram mal pronunciadas.

Os sons produzidos eram muito expressivos, testemunhando o aborrecimento, a pressa, a irritação. As correções foram dadas com a máxima prontidão, antes que terminasse a pergunta e sempre com precisão literal. Não havia duvidar que tínhamos perto de nós um ser cuja individualidade era tão evidente como nunca e cuja memória não estava alterada nem tinha perdido nada da energia que a caracterizava quando viva. Atribuo a essa sessão o sentimento de convicção que começou a se estabelecer em meu ânimo; as inteligências que se comunicavam me pareceram, na verdade, ser ou ter sido as pessoas cujos nomes alegavam. O acento de negativa era tão perfeito, a resposta provocada tão humana, a correção tão natural, que um simulador não conseguiria imitar de modo tão sutil. No dia seguinte pela manhã, informei-me desse assunto.)

Fiquei muito surpreendido das vossas correções de ontem à noite.

(Resposta do Espírito:)

O livro é falso e incompleto sobre muitos pontos.

Travei relações com ... antes que ele se tornasse meu discípulo e vos disse a verdade, asseverando que eu estudava em Paris.

Não tenho dúvida sobre isso. Estais evidentemente muito interessado e aflito?

R. – É penoso ser interrogado sem razão, apresentando informações incompletas, imperfeitamente repetidas. Sei o que digo.

Não lamento o que se passou, pois isso me levou a conseguir a melhor prova de identidade até hoje obtida. É a isso somente que ligo importância.

R. – Sim, pois espreitais a ocasião de nos embaraçar.

Oh! não! só de provas é que tenho necessidade.

Seria difícil aumentar a quantidade de provas que tendes.

(A minha confiança nas informações ou nas provas sofreu muitas reincidências. Eu estava abalado pela suspeita de que o que se dizia não fosse literalmente verdadeiro, que se disfarçassem com supostos nomes, em outras palavras, que houvesse em tudo isso um mistério ou uma alegoria mistificadora ou, enfim, simplesmente encerrasse alguma coisa que eu não podia compreender. Essa disposição de ânimo, incompatível com o entretenimento das comunicações, rompeu completamente o nosso círculo. Compreendemos que era prudente suspender as reuniões. Imperator, por último, impôs-nos a dissolução e deixou-nos, pelo menos no que respeitava às sessões, com a mais formal proibição de assistir a outras reuniões ou de nos reunir depois da sua partida, repetindo a ordem expressa de refletirmos sobre o passado.

A escrita automática continuou espasmodicamente por assim dizer. Eu apresentava inúmeras perguntas sobre o que se passava a nosso respeito, e as respostas denotavam a mesma vontade determinada, em prosseguir no intento que caracterizava Imperator. Era evidente que uma inteligência nítida e resoluta se apresentava em antagonismo com o meu próprio espírito, pois eu nunca tinha sentido a tal ponto a presença da inteligência exterior. Planos elaborados com cuidado foram traçados e executados,

argumentos lógicos empregados para defendê-los, sendo eu obrigado a admitir que o todo era coerente.

Naquela época, essa Inteligência escreveu uma longa narração, que me causou profunda surpresa e firmou-me a convicção de que realmente uma entidade sincera se ocupava comigo. Torno público extensivamente o que preferiria calar, mas não posso resolver-me a divulgar coisas puramente íntimas. Não me resigno a publicar tantas observações e particularidades pessoais senão na esperança de que possam servir para iluminar o conjunto dos ensinamentos e provar a identidade espiritual.)

Seção XXIII

(A 2 de novembro de 1873, desviaram-me uma pergunta que eu ia fazer e deram-me uma comunicação sobre a revelação progressiva de Deus na parte da Igreja Universal de que fala a Bíblia: Revelação – haviam tido o cuidado de dizer-mo – que era apenas um dos inúmeros ramos colaterais dos ensinamentos; citarei deles algumas passagens, porquanto o resto já foi dito.)

Os mais antigos capítulos da Bíblia põem em relevo algumas figuras de homens nobres, que durante a vida corpórea foram iniciadores do resto do povo. Deus nunca se associou ao homem, conforme o modo antropomórfico descrito no Gênesis, mas permitiu aos seres de que falamos tivessem, depois de libertos da carne, o poder de inspirar os que lhes sucediam. Aquele que conheceis pelo nome Melquisedec abençoou Abraão e confiou-lhe o cuidado de continuar a sua grande missão. Abraão, celebrado pelos cristãos e maometanos, não era tão diretamente inspirado como o padre rei de Salém, e o seu poder ofuscou-se quando ele abandonou o corpo, tanto que nos séculos seguintes pouco se ocupou com a Humanidade. Foi Melquisedec quem voltou para formar o poderoso reformador, que fez saírem do Egito os israelitas. A perspicaz inteligência de Moisés tinha sido desenvolvida no que era então a melhor escola: a sabedoria esotérica do Egito. Uma forte vontade magnética adaptava-o ao papel de mestre, atraindo um poderoso grupo de Espíritos que agia por ele sobre os judeus e pelos judeus sobre o mundo.

Os preceitos que se perpetuaram até ao vosso tempo exprimiam uma parte da Verdade, e foram dados a Moisés por seus guias espirituais, sobre o cume isolado do Sinai, longe da balbúrdia de Israel e das baixas influências da Terra, pois Moisés sabia o que o homem esqueceu, que o insulamento completo é necessário à perfeita comunhão espiritual. Moisés e os seus guias naturalmente revelaram apenas uma tênue parcela da Verdade, que lhes era conhecida, sendo já bastante difícil fazê-la prevalecer, apesar das precauções tomadas para impressionar o ânimo dos homens.

Moisés por sua vez influenciou inúmeras gerações na qualidade de guia de Elias. Passando intencionalmente em silêncio outras manifestações do poder espiritual, afirmamos somente que de Melquisedec ao Cristo a continuidade dessa abençoada influência não cessou.

Elias, o grande mestre, o maior espírito da nação de Israel, recebeu amplamente a direção espiritual de Moisés. A veneração dos judeus por esses mestres está expressa na fábula que diz que Deus enterrou o corpo de Moisés e elevou aos céus o de Elias. É inútil garantir-vos que em tempo algum qualquer corpo material tenha sido transportado para o mundo espiritual. Eliseu continuou a obra de Elias, este último reapareceu em outras épocas e exerceu de novo uma grande influência. Na visão de João, o Divino, Moisés e Elias são representados, voltando a visitar a Terra em um futuro então remoto, que seria o tempo atual.

(Não compreendi absolutamente esta alusão à volta de Moisés e Elias, coincidindo com a nossa época contemporânea. Só ultimamente é que fui conduzido a referir-me a ela “os dois testemunhos” mencionados da Revelação, XI, 3, etc. E ainda eu não teria nela pensado se não fora uma brochura sobre o *Apocalypse* que um desconhecido me enviara. Essa brochura tratava “desses testemunhos” e das suas predições, e veio a propósito para elucidar o que eu não pudera compreender. Depois desse parêntese, voltando ao 2 de novembro de 1873, perguntei ainda se não tinha havido antes de Melquisedec outras pessoas eleitas para receber a Divina Inspiração.)

Certamente, apenas nos ocupamos da cadeia que conduz de elo em elo ao Cristo; deixamos na sombra o que a ela não se referia; mas dissemos expressamente que algures muitas pessoas receberam a Inspiração Divina. Sendo muito prolixo afastarmos dos anais judaicos, mantemo-nos neles e vos falaremos de certos casos particulares.

Dissestes que podíamos contar com a exatidão literal dos antigos documentos. O Pentateuco é obra de um autor?

Os livros de que falais foram escritos para conservar antigas narrações, que se arriscavam a perder-se; supriu-se de memória o que faltava, fazendo-se pesquisas na tradição. Os anais originaes dos dias anteriores a Moisés não existiam; a narração do Gênesis é em parte legendária, em parte imaginária, o resto de acordo com alguns manuscritos.

Os episódios da vida do mestre egípcio José são transcritos de acordo com manuscritos. Em nenhum caso os livros tais como os ledes são a obra daquele a quem os atribuem, pois foram compilados por Esdras e os seus escribas e só dão corpo às concepções e legendas dessa época já longínqua.

No que se refere à lei mosaica é mais exato, porque os fragmentos que continham o código foram por muito tempo conservados. Só nos ocupamos daquilo para abreviar argumentos que se queriam tirar desses textos, aliás inexatos, mesmo falsos em parte, salvo no que se refere a um fragmento do documento mosaico.

Dizeis imaginários?

Sim, querendo suprir os livros perdidos, recorreram à memória e à legenda.

Tratais ligeiramente a Abraão?

Não, mas comparado ao grande Espírito que foi junto dele o mensageiro de Deus, ele está em um plano inferior. Não é a opinião do homem, mas sim a nossa que está em discussão.

Que significa a expressão de terem sido arrebatados para o céu os corpos de Enoc e de Elias?

Isso é uma lenda. Os homens não podiam crer que os mestres, por eles venerados, fossem submetidos às mesmas regras dos que governavam o povo. Eles apenas podiam imaginar um deus antropomórfico e um céu bastante material. Mas é tempo de nos emanciparmos da massa informe de todas essas hipérboles.

† *Imperator*

Seção XXIV

(Assinalei a ignorância na qual permanecemos quanto ao que se passou durante o período divisório do Antigo e o Novo Testamento e sobre o qual os Evangelhos nada dizem.)

Não tendes informações sobre essa época porque, com raríssimas exceções, a influência do espírito é nula. Não queremos insistir nesse passado, mas sabeis todavia que ele foi uma idade obscura, de desolação e de pobreza espiritual. De tempos a tempos a matéria parece dominar absolutamente o espírito; depois, o poder espiritual renova-se, o homem desperta sob um sol brilhante que o cobre com os seus raios abençoados e ele se regozija com o aspecto da vida e da beleza.

(Perguntei se essas fases de obscuridade precediam e seguiam invariavelmente uma época de revelação.)

Não é sempre um período de obscuridade, mas às vezes um intervalo de calma depois de profundas agitações. Para vos dar uma comparação, diremos: O corpo tem necessidade de repouso para assimilar; o mundo tem necessidade de assimilar a verdade que recebeu, e a operação continua até que ele peça uma outra. O desejo violento precede a revelação.

Então a revelação é subjetiva?

A ardente aspiração interior corresponde à revelação exterior. Desde o começo das nossas relações convosco, temos explicado que o homem é o veículo da direção espiritual. O que ele acredita, sem razão, ser a evolução do seu próprio espírito é, em realidade, o produto do ensinamento espiritual que age *por ele*, através dele. Os vossos maiores pensadores religiosos se aproximaram da verdade quando especularam nesse sentido. Não é prático, durante a vossa vida terrestre, estudar a correlação exata que existe entre a ação mental do homem e a revelação de Deus. Vós vos desviáveis facilmente, fazendo vãs tentativas para separar o inseparável e definir o indefinível. A preparação espiritual precede o vosso conhecimento e permite ao espírito progressista

desenvolver nele idéias mais elevadas. Essas idéias não deixam de ser a própria voz do mensageiro da Verdade, e assim a revelação é correlativa às necessidades do homem. É curioso, para nós, ver o homem procurar, sem cessar, definir a parte que pode ter em nosso trabalho. Quê! Se nos servirmos dos meios mais prontos e postos ao nosso alcance, em vez de nos mantermos na obra estéril de agir sem agente humano, será trabalho esse menos nobre e menos útil do que o de produzir alguma curiosa ação fenomênica sem o médium humano? Bastante temos feito já para demonstrar independência de ação. Aprendei a receber as impressões que podemos insinuar na alma e que são tanto mais vivazes quanto maior número de materiais encontramos. Não tendes que temer serem essas condições desfavoráveis ao nosso ensino.

Muito pouco. Mas, além de mim, muitos grandes pensadores negaram a possibilidade de qualquer revelação divina, alegando que o homem não pode aceitar o que não compreende e que nenhuma revelação externa, não desenvolvida por ele próprio, poderá estabelecer-se em seu espírito.

Já se respondeu a isso; e quando vos persuadis de que o vosso próprio espírito está ativo, errais, pois não podeis praticar um ato independente. Fostes sempre guiado e influenciado por nós.

(Alguns dias depois, interpelei-o sobre conclusões que eu tinha tirado, lendo os Evangelhos. Parecia-me ver esses livros sob um novo prisma, graças às novas idéias recebidas.)

As minhas conclusões são verdadeiras e novas?

São corretas no conjunto, mas não novas. Muitos espíritos livres alcançaram-nas há muito tempo.

Então por que não posso ler as suas obras? Seria evitar incômodo?

É mais meritório alcançardes por vosso esforço; então podeis comparar as vossas conclusões com as dos outros.

Trabalhais sempre assim? É tempo perdido. Por que foi permitido que eu viva assim tanto tempo no erro?

Já vos dissemos que não estáveis preparado para receber a verdade. A vossa vida passada, que não foi tão longa como o imaginais, foi um escrupuloso aprendizado para conduzir-vos ao progresso. A vida do vosso ser é progressiva em tudo; as suas primeiras gradações são apenas o prefácio do desenvolvimento atual; a teologia era necessária à vossa educação. Não queremos nem podemos impedir-vos de vos enganar. Uma das nossas principais dificuldades foi arrancar do vosso espírito os falsos dogmas; esperamos agora que o que descobrires a respeito da revelação nos permita eliminar os últimos erros. Enquanto replicardes aos nossos argumentos por um texto, não podemos ensinar-vos, pois responder assim é provar que não se está apto para receber um ensinamento racional.

Podeis hoje entregar-vos a um exame leal das narrações da vida e das doutrinas de Jesus, quando outrora só conseguistes chegar a uma conclusão preconcebida. Estudai a encarnação, a expiação, os milagres, a crucificação, a ressurreição, conforme as palavras de Jesus e segundo os que falaram dEle; examinai os ensinamentos do Cristo comparados ao nosso, quanto ao dever do homem para com seu Deus e seu próximo; segui o mesmo método com as idéias de Jesus e dos seus discípulos sobre a prece, a resignação, a abnegação, o perdão obtido por arrependimento ou conversão, o céu e o inferno, a recompensa e o castigo; assenhoreai-vos da validade dos documentos e da confiança que se lhes pode conceder, depois fazei a vossa escolha nos ensinamentos de Jesus como o faríeis no de um Sócrates, de um Platão ou de um Aristóteles. Reduzi a hipótese oriental, referi-os ao fato, resolvi andar só, livre de todo obstáculo, sem hesitação; resolvi confiar-vos em Deus e procurar a verdade, deliberai pensar com calma e gravidade acerca da revelação.

Àquele que caminha são reservadas descobertas inesperadas, uma paz que nenhuma crença tradicional pode oferecer. Os ministros da Verdade reunir-se-ão ao redor dele, os velhos preconceitos cairão e a alma libertada ficará em presença da Verdade – tende plena confiança. O Cristo disse: “A verdade vos fará livres e estareis livres em verdade.”

(Digo que não deviam poupar sacrifício para atingir um tal objetivo, no caso de ser isso possível. Eu tinha confiança e murmurava antes de ser obrigado a titubear.)

Não vos abandonamos, mas não podemos evitar-vos o labor pessoal. Quando tiverdes trabalhado, guiar-vos-emos para o Conhecimento. Crede-vos. Isso tem mais valor para vós. Não podeis conhecer a verdade de outro modo. *Se vo-la disséssemos, não acreditaríeis em nós ou não a compreenderíeis.*

Além da questão da revelação cristã, há muitas palavras divinas a considerar, muitas outras influências espirituais. Mas ainda não é tempo.

Parai e possa o Único esclarecer-vos.

† *Imperator*

Seção XXV

(Prosseguindo nas minhas investigações sobre a natureza dos contos mosaicos, reconheci, com efeito, os vestígios evidentes de uma evolução gradual da idéia de Deus; e, de acordo com isso, cheguei a pensar que o Pentateuco não emanava de um só autor e era a compilação de inúmeras lendas e tradições.)

O Pentateuco, já vo-lo dissemos, compõe-se de lendas, de tradições transmitidas oralmente de gerações em gerações; Esdras as recolheu para evitar a sua perda. Os capítulos mais antigos são simples fantasias legendárias, cotejadas e reguladas pelos escribas. As lendas de Noé e de Abraão, por exemplo, que existem também nos livros sagrados de outros povos, e as narrações do Deuteronomio, são igualmente adições diretas feitas no tempo do próprio Esdras. Quanto ao restante, a compilação foi tirada de imperfeitas coleções, que datavam dos dias de Salomão e de Josiá, que por sua vez narravam antigas lendas cuja origem se perdia na noite dos tempos. Em caso algum a compilação de Esdras contém as próprias palavras de Moisés nem a expressão da verdade, salvo quando ele trata da lei que estava apoiada sobre documentos autênticos.

Isso confirma as minhas próprias pesquisas. Terei fundamento em seguir as duas fontes Eloísta e Jeovista, donde a compilação tirava as suas informações como no conto da Criação, Gênesis, I, II, 3, comparada com II, 4, III, 24, e no arrebatamento de Sara a Gérar por Abimelec, Gênesis, cap. XX, comparada com XII, 10, 19, XXVI, I, II?

Os documentos em questão foram a fonte lendária onde hauriram os escribas de Esdras: Elnatan e Joiarib; eram muito numerosos, compilados alguns nos dias de Saul e mesmo anteriormente, sendo outros nos dias de Salomão, Ezequiel e Josiá, e representam cristalizações de lendas flutuantes transmitidas oralmente. Mostramos-vos o verdadeiro traçado de inspiração a partir de Melquisedec. Tudo o que é anterior é indigno de crença.

Se os cânones do Antigo Testamento foram assim estabelecidos, sucede o mesmo quanto aos profetas?

Todos os livros dos profetas foram ampliados e combinados segundo as fontes subsistentes, por Esdras. Hagai e Malaquias completaram o Antigo Testamento pela adição dos últimos livros, chamados Aza, Zacarias e Malaquias. Esses homens estavam em franca comunhão com o mundo espiritual, tendo sido, com Zacarias, os assistentes privilegiados de Daniel, quando ele teve a sua grande visão. Certamente, Daniel, o Vidente, foi altamente favorecido e inspirado. Seja o grande Deus retribuído por sua misericórdia e pela manifestação do seu poder!

Falais da visão narrada em Daniel?

As das margens do Hidekel.

A mesma! Então fizeram-se seleções nas profecias.

Seleções, principalmente para exprimir um sentido oculto. Quando o período da visão ia acabar, fazia-se uma escolha nas narrações do passado e o cânone estava fechado, até à época em que a voz espiritual ressoasse de novo entre os homens.

Falais de Daniel como de um grande vidente ou médium. Sabeis se o dom era comum?

Os homens então cultivavam mais o poder; conheciam e apreciavam melhor o saber e os dons espirituais. Daniel foi muito favorecido e recebeu muito poder, mas isso se tornou cada vez mais raro à medida que a idade espiritual se aproximava do seu termo.

Inúmeros discursos pronunciados em estado de transe, visões e outras coisas semelhantes às narradas no Antigo Testamento ter-se-iam perdido?

Certamente. Não havia utilidade alguma em conservá-las; entre as que tinham sido conservadas durante muito tempo, algumas estão agora excluídas da Bíblia.

(Alguns dias depois, a 16 de novembro de 1873, novos comentários foram, a meu pedido, escritos sobre a idéia de Deus,

repetindo-se, aliás, o que tinha sido por várias vezes explicado sobre a evolução gradual de Deus – “o Deus de Abraão como uma concepção inferior à do Deus de Jacó”. Citarei somente algumas linhas:)

O Deus de Abraão, Isaac e Jacó era superior na opinião daqueles que lhe prestavam um culto, mas *somente* superior aos deuses dos seus vizinhos. O pai de Abraão, como sabeis, adorava deuses estranhos, isto é, outros que não os de seu filho. Cada família tinha a sua própria divindade pela qual os seus membros juravam e se aliavam. O nome dado ao Supremo Jeová, Eloim vo-lo demonstra. Labão perseguiu e ameaçou Jacó, que lhe tinha roubado os seus deuses, e o mesmo patriarca, em uma certa circunstância, reúne as imagens dos deuses de sua família e as oculta sob um carvalho. Jeová era como constantemente chamavam ao Deus de Abraão, Isaac e Jacó, divindade de família e não o Deus *Uno*. O grande legislador mesmo, em sua concepção elevada acerca do Supremo, não fica inteiramente isento da noção de um Deus superior.

Na Bíblia, Deus é revelado sob muitas formas, umas nobres, como nos livros de Jó e de Daniel, as outras miseravelmente baixas, como nos livros históricos. Mas quando cada um dos espíritos mestres acharam uma alma, à qual puderam transmitir idéias luminosas, fizeram-no de século a século, pois quase todas as vossas gerações possuíram alguns espíritos adiantados.

Sim, os que passavam a luz de mão a mão acham-se, com efeito, na história dos homens que precederam o seu século, como dizemos. A história do mundo, suponho, é a do desenvolvimento do homem, que só pode abranger muito pouca verdade de uma vez...

Reconhecer a sua própria ignorância é o primeiro passo para o progresso. Por ora estais em um tribunal exterior muito afastado do templo da Verdade. Deveis andar ao redor para conhecer os exteriores antes de penetrar nos tribunais interiores, devendo longos e laboriosos esforços preparar-vos para entrar eventualmente no templo.

Ficai satisfeito. Esperai e orai, ficai silencioso, velai com paciência.

† *Imperator*

Seção XXVI

(19 de janeiro de 1874. Desde certo tempo, as comunicações eram muito menos freqüentes, o trabalho parecia transformar-se ou ser suspenso por causa das minhas dúvidas. Nessa data diversas mudanças ocorreram, novas direções foram dadas e Imperator fez escrever uma espécie de mapa retrospectivo onde repetia as observações que citei por mais de uma vez, sobre as minhas exigências e a fonte divina da sua missão. Recebi provas reiteradas da persistência da personalidade depois da morte do corpo. Não me interrompo para narrá-las. Em comunicações escritas reproduziram-se exatamente particularidades de escritas, de ortografia e de redação, outras foram verbais, por intermédio do meu próprio guia; ainda outras obtidas por meio de pancadas em meio dos assistentes. Certas informações assim obtidas foram corroboradas pela minha vidência. Os meios empregados para transmitir a informação eram variados, mas os fatos afirmados eram exatos, invariavelmente e literalmente. Na maior parte dos casos, referiam-se a pessoas que só conhecemos de nome, ou de quem às vezes ignorávamos mesmo o nome; ou, antes, eles tinham relação com amigos e conhecidos. Essa série de provas contínuas durou muito tempo, e colateralmente se desenvolveu em mim uma faculdade de clarividência que aumentou rapidamente de intensidade, sendo-me possível ver e conversar muito tempo com os meus amigos... até então invisíveis. Tive um grande número de visões em extremo emocionantes, parecendo-me que o meu espírito agia independentemente do corpo. Durante algumas dessas visões eu tinha a consciência de viver no meio de cenas extraterrestres, em outras representavam diante de mim cenas dramáticas, figurando, sem dúvida, alguma verdade ou ensinamento espiritual. Só em dois casos pude certificar-me por uma prova colateral da realidade da minha vidência. Em cada uma dessas ocasiões, eu estava em profundo transe; não podia discernir entre as impressões subjetivas de um sonho e a realidade do que eu via com tanta intensidade, salvo nos dois casos aos quais aludo e em que a realidade da vidência me foi confirmada por incidentes exteriores. Apenas falo nessas vidências, por

marcaram uma fase do desenvolvimento da minha educação espiritual. Afirmaram-me sempre que o que me era mostrado tinha uma existência real e que os meus sentidos interiores estavam abertos com o fim de me instruir e de confirmar a minha fé, permitindo-me contemplar coisas invisíveis aos olhos do corpo.

No mês de janeiro de 1874, foram publicadas certas comunicações de 14 de abril e de 12 de setembro de 1873, relativas a um filho do Dr. Speer, o qual estava sujeito a influências espirituais, que exerciam uma ação sobre as suas faculdades musicais. Apresentei algumas perguntas a esse respeito, em 1º de fevereiro de 1874, e obtive diversas particularidades. Depois de algumas informações pessoais, escreveram:)

Tendes ainda de aprender as condições sob as quais a música pode ser obtida; ontem à noite elas eram más. Só depois de ter ouvido a música das esferas conhecereis a verdadeira poesia do som. A música depende, muito mais do que pensaram os vossos sábios, desses mesmos agentes espirituais dos quais falamos sem cessar. Os elementos espirituais devem estar em harmonia para que a inspiração se desenvolva realmente e vos dê o que aí se pode obter nesse gênero. O local no qual o moço interpretava ontem os pensamentos do mestre estava cheio de uma atmosfera anti-harmônica. O músico, como o orador, deve estar em relação harmônica com o auditório, sendo preciso achar-se rodeado de espíritos que impressionem o seu ser, apurem, acometam, espiritualizem os seus pensamentos ou os daquele a quem ele supre.

Há uma grande diferença entre uma palavra que cai friamente dos lábios, ou que é asperamente articulada, e essa mesma palavra pronunciada com emoção cordial; assim também se dá quanto à música. O corpo do som pode estar presente, e a alma estar ausente. Sem saber por que, notais quanto o som isolado é frio, trivial, sutil, e ficais descontente e em desassossego; ao contrário, quando a voz cheia, rica e melodiosa vos faz ouvir pensamentos nascidos nas mais belas esferas, vivificados por um ar mais puro, sois feliz. Os sons são instintivos à alma, impressionam os seres mais inertes, inspiram a sua comunicação ao espírito e o exaltam, subjagam os sentidos materiais e harmoni-

zam as discordâncias do espírito. O corpo morto do som é animado pela alma da música. É raro porém encontrarem-se condições bastante favoráveis para que a verdadeira música possa desenvolver-se. Isso não se dá nas grandes assembleias populares. É em um ar mais harmonioso que a voz inarticulada do espírito tem mais êxito, pelos seus acordes melodiosos, para delinear a sua história.

(A comunicação estava assinada com os autógrafos (fac-símile exato) de dois compositores bem populares e por outros nomes que eu conhecia.)

Seção XXVII

(No decurso das nossas sessões, tinha-se falado da Índia, berço das raças e religiões, e como eu houvesse lido também qualquer coisa sobre esse assunto, apresentei perguntas para saber disso de forma mais circunstanciada.)

A Índia é, com efeito, a fonte donde deriva em grande parte a idéia religiosa dominante da vossa fé. Os mitos que ocultam as simples verdades reveladas são originários da Índia; as lendas messiânicas datam dos primeiros tempos; os homens imaginaram sempre que um salvador viria libertar a sua raça. A primitiva história religiosa da Índia logicamente indica o crescimento espiritual do homem. Esse estudo vos é essencial e a erudição hindu tem manifesta relação com o lado científico da linguagem que ensinai. Ocupai-vos dessa questão. Aqueles que podem ajudar-vos estão conosco.

Há muito tempo já falamos de informações especiais que desejaríamos dar-vos, mas a vossa rude ignorância e a atitude singular do vosso espírito nos obrigaram a reservas. Convém que saibais como Djeminj e Veda Wjasa foram os predecessores de Sócrates e Platão; conhecereis a origem mítica da história de Krishna, filho miraculoso da pura virgem Devanagny. O Egito, a Pérsia, a Grécia, Roma, os grandes reinos do mundo devem a maior parte da sua filosofia e da sua religião à Índia. Manu, o reformador e iniciador hindu, reaparece: Manés no Egito, Minos na Grécia ou Moisés para os hebreus. O nome é impessoal, e é denominação “homem” em sua mais simples forma. Os grandes arautos da Verdade eram chamados enfaticamente “o Homem” pelos seus povos respectivos. Eram eles aos olhos dos seus contemporâneos a mais elevada encarnação do poder, da dignidade e da ciência humanas.

Manu da Índia era um erudito, um profundo filósofo desde mais de 3.000 anos antes de o Cristo aparecer, porém não passou de um recente reformador comparado àqueles cujas palavras são narradas nos antigos documentos da venerável erudição bramânica, precedentes de milhares de anos à época em que o sábio

hindu fez a exposição filosófica dos mistérios de Deus, da criação e do destino do homem. É a ele que Zaratustra ou Zoroastro deveu o pouco de verdade que ensinou na Pérsia.

Todas as mais sublimes concepções sobre a Divindade vêm de Manu, e a influência da Índia em matéria legislativa, teológica, filosófica e científica é tão certa, que está provado ser a linguagem que empregais a mesma que servia a Manu. As adulterações modernas impedem-vos de tornar a achar-lhe a semelhança, mas os vossos sábios filósofos a reconhecem.

As idéias hindus, seguidas por Manés no Egito, e mais tarde por Moisés, manifestam-se igualmente na instituição das virgens consagradas aos templos egípcios de Osíris, das pitonisas de Delfos, das sacerdotisas de Ceres, das vestais romanas, derivação das Devadassi, virgens santas devotadas, nos santuários da Índia, ao culto puro do Supremo, segundo o modo pelo qual elas o compreendiam.

Isso é apenas um exemplo insulado. Dirigimos o vosso espírito a esses estudos. Quando fordes capaz de melhor conhecê-los, preencheremos os claros.

Certamente sou bastante ignorante. Apresentais o homem como um simples veículo do espírito mais ou menos perfeito, mais ou menos instruído?

Todo o saber vos vem de nós. A substância está conosco, convosco somente a sombra. Nesse planeta, os mais aptos são os que aprendem mais facilmente, e do mesmo modo isso acontece nas relações conosco. *Podemos ensinar sempre que quiserdes aprender.*

Não há então grande mérito para o homem?

O mérito da obediência e da humildade que o ajudam a progredir em saber.

Mas suponhamos que os seus mestres lhes dêem falsos ensinamentos?

Toda verdade está mesclada de erro; as fezes serão rejeitadas.

Todos os espíritos ensinam diferentemente. Quem está, pois, com a verdade? Que é a verdade?

Ensinamos independentemente; as particularidades podem variar, mas o amplo contorno fica sendo o mesmo. Sabereis um dia que o que chamais o mal é apenas o inverso do bem. Não podeis no vosso estado presente possuir uma verdade absoluta, porquanto ela tem de ser relativa e o será por longo tempo ainda.

Pensar outra coisa é pueril. Contentai-vos em rastejar antes de andar; de andar a passo antes de correr e de correr antes de planar.

Prudens

(Foi nessa época que se deu um fato singular, já narrado, de identidade espiritual. Um pobre homem tinha sido esmagado por um cilindro a vapor, que funcionava próximo a Baker Street. Sem nada saber do acidente, passei poucas horas depois pelo lugar onde ocorrera o fato. À noite, encontrei o barão du Potet em casa da Sra. Mack Dougall Gregory e o Espírito da vítima manifestou a sua presença. A 23 de fevereiro de 1874, apresentei perguntas, e o que esse Espírito tinha dito foi confirmado.)

Ficamos surpresos por ter podido ele ligar-se convosco. Isso ocorreu por haver ele ficado perto do local onde se deu a morte. Não apliqueis muito a vossa atenção a esse assunto, que poderia causar-vos vexame.

Como é que ele despertou logo, ao passo que o nosso amigo cujo trespasse se deu recentemente ainda não despertou?

É que ainda não teve repouso depois de haver sido arrancado ao corpo; em seu caso, o repouso é motivo para o progresso, pois é preciso que a pobre alma repouse e não se conserve fascinada no meio vicioso onde dissipou a vida, do contrário ficaria muito tempo presa à Terra.

O Espírito não continua a sentir sofrimentos após uma tão horrível mutilação?

O Espírito sofre simplesmente a aspereza do choque; o que ele sente o impele antes à atividade que ao repouso.

O Espírito permanecia no lugar onde morreu? Como me atingiu ele?

Acontece muitas vezes que um Espírito bruscamente separado do corpo imobiliza-se no local, durante muito tempo depois do acidente. Passastes ali e o vosso estado extra-sensível atraía um Espírito qualquer como o ímã atrai o ferro.

A força de atração simpática não deveria ser um mistério para vós, que vedes nela os seus efeitos em vosso planeta onde a atração e a repulsão agem fortemente em vossas relações cotidianas. A ação é mais intensa quando o corpo sucumbe. O que se recebia pelos sentidos materiais chega diretamente por essa faculdade intuitiva de simpatia ou de repulsão.

Afastai essa preocupação do vosso espírito, a fim de não atrairdes o calamitoso, embora restrito, domínio de algum Espírito não desenvolvido, pois não podeis servir a pobre alma.

† *Imperator*

Seção XXVIII

(20 de fevereiro de 1874. Tínhamos recebido durante uma das nossas sessões um espécime de escrita direta de que não sabíamos o que fazer; os caracteres formavam curiosos hieróglifos.)

Que significa esta escrita?

Esta escrita ininteligível para vós é obra de uma alta inteligência, que esteve encarnada entre os egípcios, quando formavam a nação mais espiritualista. Eles eram profundamente instruídos no conhecimento da imortalidade e da indestrutibilidade do espírito, e conheciam a força e a intervenção dos agentes espirituais. Sabeis a que grau de civilização eles tinham chegado, para serem, e por sua erudição, os depositários da Ciência. Sim, na verdade eles possuíam uma sabedoria que a idade material perdeu – sabedoria que iluminava as almas de Pitágoras e de Platão e que por eles filtrou até vós. Os antigos egípcios eram filósofos discretos, sábios, e o vosso amigo pode ensinar-vos o que ignorais sobre esse capítulo. Depois de um intervalo de mais de 3.000 anos, um deles, que, encarnado, reconheceu Deus e a vida futura, vem testemunhar aqui a permanência da sua fé.

Como se chama ele e por que se serve de hieróglifos ininteligíveis?

Conhecê-lo-eis, mas a sua personalidade terrestre está desde muito tempo esquecida, e já não a reconheceríeis mais, como também não saberíeis ler os seus sinais. Durante a sua encarnação, soube ele que a vida corpórea era o curto e primeiro grau de uma existência perpétua, e foi subindo, de acordo com a sua crença, para *Ra*, a fonte de luz.

Acreditava ele na absorção em Deus depois de uma longa carreira de progresso?

Havia, com efeito, alguma coisa disso na sua fé egípcia. Presentemente basta que conheçais aquilo que o ponto teológico especial à doutrina egípcia – a santidade do corpo – oferece de verdadeiro e de falso.

Os egípcios viam o Grande Deus em tudo quanto era animado, e o corpo humano era-lhes tão sagrado que se ocupavam essencialmente de preservá-lo, quanto possível, da decomposição natural. O cuidado exagerado do corpo era um erro, mas a sábia preservação da saúde corpórea era verdadeira. Eles tinham razão de ver Deus em tudo; mas enganavam-se em sua doutrina sobre a transmigração através do infinito dos séculos. O Espírito já esclarecido abandona os sistemas, que, sob pretexto de simbolizar o Criador, conduzem ao culto da vida animal sob as suas múltiplas formas, porém ele conserva a grande verdade do desenvolvimento progressivo sobre a égide da grande Força Criadora.

O nosso amigo e os seus irmãos vêem agora que a natureza do vosso planeta é uma manifestação fenomênica do Supremo, e se a vida tal como a conheceis na Terra não pode ser objeto de adoração, o homem que se esforça para descobrir o seu Deus através da Natureza não pode ser insensatamente censurado. Não compreendeis isso?

Compreendo que nos sirvamos de tudo para atingir esse Deus. Mas eu pensava que a teologia egípcia era muito material comparada à da Índia. As comunicações que traçastes sobre as religiões do mundo deixam-me a impressão de que o Egito reage de acordo com a Índia. Todo erro contém alguma verdade exata, como cada verdade oferece um misto de erros. Os dois termos são relativos mas não absolutos?

O que dizeis é verdadeiro. Apoiar-nos-emos mais tarde sobre os pontos característicos da teologia hindu. Queremos mostrar-vos que tal verdade conhecida dos antigos vos é em muitos casos desconhecida. É bom que aprendais a ser modesto, comparando o vosso saber ao dos antigos.

Sim, não me lisonjeio de conhecer outra coisa a não ser a minha ignorância nessa matéria. É de mau gosto zombar de qualquer forma de religião. O nosso amigo viveu nos séculos passados. Sacerdote egípcio, não é?

Profeta de Osíris, iniciado nos mistérios esotéricos ocultos à multidão. Ele adorava a trindade Osíris-Ísis-Horus. O supremo, a mãe universal, o filho, sacrificado pelo pecado humano; conhecia Deus como o vosso historiador sagrado o revelou em termos tomados do Egito. Sou o *Uno*, a Essência Universal, a Fonte de vida e de luz. Moisés tomou aos sacerdotes de Tebas (do Egito) o título de Jeová.

Qual era o nome original?

Nuk-pu-Nuk. *Sou o que sou*. Aquele que inspira esta comunicação era profeta de *Ra* em On, a cidade de luz chamada Heliópolis, cidade do Sol para os gregos. Aí viveu mil seiscentos e trinta anos antes da era chamada cristã. Seu nome era Chon e ele vos fala em testemunho da imortalidade e eu garanto a veracidade do seu testemunho.

† *Imperator*

Poderei obter alguns documentos acessórios sobre a teologia egípcia?

Não é necessário, pouca coisa resta dos velhos livros Herméticos. Os escritos do Ritual dos mortos que se acham nos sarcófagos das múmias são extratos deles. As inscrições sobre os túmulos e as urnas funerárias são as mais antigas lembranças da fé egípcia.

A religião era para o egípcio o móvel dominante, a vida em suas menores particularidades era-lhe submissa. A Arte, a Literatura e a Ciência dependiam dela.

O cerimonial das purificações davam o tom de espiritualidade aos negócios da vida e todos os atos do egípcio se referiam à existência de uma outra vida sobre a qual se fixava seu firme olhar.

Cada dia era colocado sob a proteção especial de um Espírito ou divindade que presidia ao seu curso. Cada templo possuía os seus profetas, sacerdotes, pontífices, juízes, escribas, versados na ciência mística, os quais ocupavam sua vida casta e pura em penetrar os segredos ocultos da Natureza e os mistérios da relação dos Espíritos.

Eram homens sábios, espiritualizados, a quem, aliás, certas coisas hoje conhecidas escapavam, e cujo profundo conhecimento filosófico e nitidez de percepção espiritual levavam a uma altura a que os vossos sábios de hoje não podem aspirar.

Em religião prática o vosso povo não mais se iguala aos egípcios, e ainda que a fé do Egito fosse errônea sob certos pontos de vista, possuía o que resgatava os seus erros e enobrecia os que a professavam; não tinham eles abraçado um materialismo mortal, nem haviam fechado as saídas à alta vida do espírito; viam Deus em todos os atos da vida, não compravam nem vendiam visando a prejudicar e roubar de propósito deliberado, e se testemunhavam um respeito indevido ao que é mortal e material, não desconheciam o espiritual.

Sabeis quão antiespiritualista é a vossa época, sem vistas anteriores, rasteira, sem fé ativa da vida do espírito. Fazei a comparação; não exaltamos a religião egípcia, mas mostramos que o que vos parecia tão vil e terrestre era uma fé incompleta, porém viva; poderosa por sua ação constante e encobrindo uma profunda sabedoria espiritual.

Sim, de um lado, sem dúvida. Pode dizer-se outro tanto de cada forma de fé. Nasce no homem quando tateia a pesquisar a imortalidade e a verdade. Há muito materialismo em nossa época, mas fazem-se também grandes esforços para se libertar dele. Sois apenas imparcial, pois poucos são materialistas por escola, e se houve tempo em que a preocupação dominante estivesse voltada para a religião, Deus e o Além, esse tempo é o atual. As vossas censuras, parece-me, não conviriam melhor a uma idade desaparecida?

Pode ser. Há, com efeito, uma grande tendência para se ocuparem com essas questões: quando ela existe, há esperança, mas há também uma vontade determinada de excluir tudo quanto tem relação com o espírito, como fator da existência humana, de tudo atribuir à matéria e de esmagar as pesquisas do lado do espírito e das relações espirituais, ora levando-as para o ridículo e o desprezo, ora tachando-as de ilusórias e fúteis. O estado de transição existente, entre a fé que desaparece e a que lhe sucede, é neces-

sariamente um estado de convulsão. O homem deve passar por isso e a sua visão é aí perturbada.

Sim, as coisas parecem variáveis e obscuras, em estado fluídico; muitas pessoas recusam sair dos seus sonhos, pois não podem suportar o pensamento de que a sua crença na matéria era apenas o véu do espírito. Mas isso não altera em nada a minha convicção de que em nenhuma outra época, a não ser a nossa, se fez investigação mais ativa e inteligente sobre as profundas verdades naturais e espirituais. Não acho outra equivalente no passado, a não ser a grande era da antiga Grécia.

Não pretendemos abalar a vossa opinião. Quisemos somente mostrar, por um exemplo frisante, que há verdades ocultas, mesmo sob as religiões que julgais grosseiras.

“Conhecendo toda a sabedoria dos egípcios”, não teria o legislador incorporado uma grande parte dela em seu código?

Sim, sem dúvida. A circuncisão é tomada dos mistérios egípcios, assim como o cerimonial das purificações. A vestimenta de linho dos sacerdotes, o querubim místico que guarda a sede de misericórdia, o santo lugar, o santo dos santos, tudo isso vinha dos templos do Egito. Mas Moisés, versado como o era na ciência do santuário, no qual tinha sido educado, não soube, tomando o ritual, assenhorear-se das idéias espiritualistas que ele simbolizava, e nunca fez alusão ao destino da alma, julgando as aparições simples manifestações fenomênicas introduzidas incidentemente, de modo que a grande doutrina da imortalidade não foi indicada.

O rito da circuncisão existiu no Egito antes de Moisés?

Oh, sim! Os corpos religiosamente conservados em uma época anterior à de Abraão, e que ainda se encontram, dão a prova disso.

Eu o ignorava. Moisés imitou alguns artigos de fé?

A doutrina da Trindade, no Egito como na Índia. O código mosaico reproduz o caráter minucioso do ritual egípcio sem a sua espiritualidade.

Como se explica que repositórios de saber possuídos pelo Egito nos sejam vedados? Confúcio, Buda, Moisés e Maomé vivem. Por que não vive Manés?

Ele vive pela ação que exerceu sobre outros. A religião do Egito era confirmada em uma classe privilegiada, mas não se propagava suficientemente para ser permanente, sendo apenas guardada por uma seita clerical com a qual morreu. Os seus efeitos, entretanto, acham-se em crenças posteriores.

A idéia da Trindade é hindu ou egípcia?

A trindade dos poderes criador, destrutor e mediador existiu na Índia com Brama, Siva, Vishnu. No Egito com Osíris, Tifon, Horus. A teologia egípcia admitia inúmeras trindades. Na Pérsia, com Ormuzd, Ariman, Mitra, o reconciliador. Países que faziam parte do Egito tinham teologias diferentes.

Pthah, o Pai supremo, *Ra*, o deus Sol, manifestação do Supremo, Amum, o deus desconhecido, eram manifestações variadas da idéia de Deus.

Não dissestes que Osíris, Ísis e Horus formavam a Trindade egípcia?

Colocamos Ísis apenas como princípio produtor; havia inúmeros desenvolvimentos sobre esse tema da Trindade, que é sem importância, salvo por sua relação com a vasta questão.

O Egito recebeu a sua religião da Índia?

Em parte, mas não conhecemos ninguém que possa falar sobre esse ponto.

Prudens

(A resposta a esta pergunta, apresentada a 28 de fevereiro de 1874, foi dada a 8 de abril seguinte. Muitos outros assuntos foram tratados no intervalo.)

Fostes informado da conexão existente entre a Índia e o Egito. A religião egípcia compunha-se de múltiplos atos exteriores ditados por um ritual; a Índia entregava-se à contemplação e Deus era a essência incognoscível; para os egípcios Ele estava manifestado em cada tipo da existência animal; o tempo nada era para o hindu, a eternidade tudo. Para o egípcio cada instante tinha a sua aplicação consagrada. Entretanto, é verdade que o Egito recebeu da Índia a sua primeira inspiração, do mesmo modo como a Pérsia, por Zoroastro. Já dissemos que a grandeza especial da fé egípcia era a consagração diária da vida à religião. Seria bom que o mesmo cuidado do corpo, a mesma idéia constante do dever religioso, a mesma percepção de uma divindade espalhada por toda parte, pudessem prevalecer entre vós.

Suponho que a teologia egípcia foi uma reação contra o misticismo hindu. Parece que aprovais o ritual, no entanto julgávamos que o sacerdote egípcio perdia muito tempo e que as suas cerimoniais abluções, assim como o cuidado de distrair-se com uma multidão de formalidades, eram simplesmente estúpidas...

Não. Àquela época, o ritual era necessário. Viver em presença da divindade, ver a sua imagem em tudo e por toda parte, consagrar a cada ato o seu serviço, conservar a sua inteligência, o espírito e o corpo puros, como ela é pura, referir tudo a ela só, era caminhar para a vida divina, apesar dos erros de somenos importância.

Sem dúvida o preconceito nos detém. Mas querereis dizer que a fé de um homem seja indiferente ainda que ele a professe sinceramente? Se o Egito, por exemplo, se reconstituísse, tal como era, não seria o ideal?

Certamente que não. O mundo progride, mas, se ele adquiriu, perdeu aquilo que pertence a todas as formas de fé – a consagração de si mesmo ao dever e a Deus. O Cristo deu-vos o mais elevado exemplo, e o esquecestes. Em tal matéria fostes excedido por aqueles que desprezais.

A fé humana sob o seu aspecto exterior é comparativamente de pouca importância, pois o homem progride ou não, conforme o uso que faz do quinhão recebido. É um acidente ser judeu, cristão, muçulmano, brâmane ou persa. É uma pura questão de consciência na qual não podeis ainda penetrar. Só vedes a casca e não podeis atingir o fruto.

Mas o cristão que age de conformidade com os seus conhecimentos, cujos atos justos estão de acordo com os seus conhecimentos e capacidades, não adquire com segurança uma grande ascendência sobre o bárbaro adorador de ídolos, por mais sincero que seja?

Todo proveito perdido em vossa pequena partícula de existência pode ser achado em um outro estado. Os acidentes que vos parecem tão graves podem ser os meios escolhidos para fazer surgir alguma qualidade necessária: tolerância, paciência, confiança ou amor. Julgais com precipitação, não sois capaz de saber a intenção dos guias, nem dar o devido desconto à tentação e aos seus resultados. Não estais ainda no caso de julgar essas coisas. Demais, é um dever imposto a cada um agir *de acordo com o que sabe da mais elevada verdade aprendida*. O seu progresso será avaliado de conformidade com isso.

Ensinais um julgamento especial? Há vários deles?

Há e não há. Muitos e nenhum, pois é incessante, e a alma prepara-se sempre para evoluir.

Em cada plano o Espírito constrói um caráter por seus atos duráveis, e esse caráter o prepara para a próxima situação na qual se entra necessariamente; a sentença é um resultado imediato, exato como o total de um número. A alma é o árbitro do seu destino, o seu próprio juiz, quer ela progrida ou retrograde.

Cada entrada em uma nova esfera ou estado é marcada por uma mudança análoga à morte?

Análoga no fato de haver uma gradual sublimação do *corpo espiritual* até que, por ascensões, todos os elementos grosseiros sejam eliminados. À medida que ele se eleva, *esse corpo espiri-*

tual se apura cada vez mais. Não há invólucro material a abandonar, mas a mudança semelhante à morte, no fato de ser a entrada do Espírito em uma esfera superior um meio de desenvolvimento.

E quando os elementos grosseiros desaparecem, o Espírito entra nas esferas de contemplação, purificado a ponto tal que não tenha mais nada a purificar?

Não; não conhecemos a sua vida no céu interior. Sabemos somente que a sua semelhança com Deus cresce cada vez mais, que ele se aproxima cada vez mais da sua presença. É possível, bom amigo, que o mais nobre destino do Espírito aperfeiçoado esteja na sua união com o Deus, à semelhança do qual chegou e cuja *parcela de divindade temporariamente desagregada durante a sua peregrinação* é restituída Àquele que lha tinha dado. Isso para nós outros, como para vós, é apenas especulativo. Deixemo-los e contentemo-nos somente com aquele que deve ser conhecido. O vosso espírito ficaria despreocupado se pudesse penetrar todos os mistérios. Muito pouco conhecereis na Terra, mas podeis aspirar, e, aspirando, elevareis vossa alma até uma melhor mansão, acima das sórdidas aflições do mundo. Possa a bênção do *Uno* repousar sobre vós!

† *Imperator*

Seção XXIX

(15 de março de 1874. Tínhamos sido advertidos várias vezes do perigo de ser enganados por Espíritos que usam falsos nomes. Esses avisos haviam sido repetidos em seguida a um caso passado fora do nosso círculo, mas do qual tivéramos conhecimento. Entre várias comunicações muito notáveis que nos foram dadas a esse respeito pode a seguinte interessar o público:)

Estamos ansiosos para reiterar as observações que muitas vezes fizemos sobre o perigo de serdes atacados por Espíritos enganadores e impostores, que conheceis: os não desenvolvidos. Advertimos-vos especialmente com o desejo de que não vos torneis o alvo dos seus ataques. Estamos certos de que o Espírito que pretendeu colaborar conosco é um farsista que tende a embaraçar e retardar os nossos trabalhos.

Expliquemo-nos nitidamente. Falamos-vos do antagonismo direto existente entre nós e os adversários de tudo quanto tende a espiritualizar o homem. As fileiras desse exército inimigo encerram Espíritos animados de todos os sentimentos de malignidade, perversidade, astúcia e mentira: os ébrios, os libertinos, os coléricos, os assassinos. A incapacidade em que estais de ver as operações dessas hordas parece tornar-vos incapazes de conceber a sua existência e a extensão da sua influência sobre essa esfera. Tendes ainda uma grande parte de responsabilidade nesse deplorável estado de coisas. Onde estão os protestos que deveriam ressoar de uma extremidade a outra da Terra, contra esses antros pestíferos que prosperam e abundam entre vós? Por que os fracos esforços são vãos? Porque a sombria influência desses perniciosos seres vos paralisa. Não é somente nas tabernas do álcool que ela se exerce, mas irradia a grande distância e perpetua o vício. A falta cometida pelo assassino é muitas vezes o resultado da vossa civilização, é o *fruto daquilo que fizestes*.

Convém que não ignoreis o poder desses Espíritos e de falanges de outros inimigos do homem e do seu progresso; não queirais atrair os seus ataques, expondo-vos a eles.

Queremos empregar todos os meios de aviso, não nos esquecendo de pronunciar mesmo uma só palavra útil, pois o perigo é tanto mais real, quanto são ocultas e extensas ao infinito as suas malélicas irradiações. Atribuí a esses adversários a maior parte dos crimes, a miséria que existe, a guerra que, com as suas conseqüências de horrores, mancha ainda o vosso globo e empalidece a civilização e o adiantamento de que vos gabais.

A vossa civilização e cultura estão apenas na superfície, cobrindo as chagas purulentas, muito visíveis ao espírito; desmoralizam muitas vezes os instintos nobres e verdadeiros que substituem pela futilidade, pela mentira e pelo egoísmo. O árabe do deserto, o indiano do extremo Oeste, cujos instintos naturais a civilização não deformou nem diminuiu, são às vezes seres superiores ao mercador sem escrúpulos ou ao pior produto da vida civilizada, o homem, cuja linguagem imunda e natureza depravada nada respeitam.

Ao lado do vício, que se estende grosseiro e repugnante, e no qual homens abrigados de necessidades não temem chafurdar-se, achamos também a caça ao dinheiro. O ar está saturado da cobiça do ouro e dos prazeres que ele pode produzir, da paixão do poder e das pesquisas egoístas sob as suas múltiplas formas. Não aludimos menos energicamente aos que se acotovelam nas bolsas e praças, onde reina supremo o dinheiro obtido dos miseráveis que afluem às travessas e becos, entregues às mais baixas corrupções.

Mas vós não sabeis! E a vossa ignorância perpetua esses males e vos cria novos obstáculos.

Quando alguns dos reformadores mais adiantados compreenderam a imensa importância da questão do casamento, procuramos fazer prevalecer idéias ao alcance do mundo, conquanto ainda não preparado. Apenas fazemos uma alusão a esse respeito, intimamente ligado às questões capitais de moléstia, crime, pobreza, insanidade, que nos são penosas e embaraçam as nossas relações com os homens. Muitas dessas calamidades são atribuídas tanto à loucura como à criminosa leviandade, ou à não menos criminosa e insensata lei convencional que rege o casamento entre vós. Isso se aplica igualmente àqueles a quem

chamais bem-educados e polidos e aos ignorantes e não cultivados. O grande pecado, aliás, está antes do lado dos ricos.

Deveis desfazer-vos do que a sociedade sancionou no tráfico que se realiza sob o nome de casamento; deveis aprender regras mais verdadeiras e mais divinas do que as que tolerais; é preciso, para a felicidade e o progresso, que façais desaparecer a causa originária de tanta perversão e retrocesso. Não vos enganeis. Não somos os advogados da ciência nem os apóstolos do que se chama a liberdade social. A liberdade em mãos de insensatos degenera sempre em licença. Rejeitamos com desprezo semelhantes noções, mais ainda do que o infame comércio de venda e de compra, a escravidão social pela qual aviltastes a mais santa e divina lei da vida.

Não aprendestes senão que o corpo é a passagem do espírito e que as leis sanitárias e as condições necessárias ao desenvolvimento corpóreo são essenciais ao homem encarcerado na Terra. Já vos falamos disso e repetimos somente que nessa matéria, como em outras, pactuais com os nossos inimigos.

Dezenove séculos passaram sobre os puros ensinamentos que vos foram dirigidos e que fazeis profissão de seguir, e estais apenas melhores no que constitui o verdadeiro progresso, apenas mais instruídos em sabedoria real, apenas mais adiantados em religião pura; não, sois piores que os essênios no meio dos quais Jesus foi educado e viveu. Sois como os escribas e fariseus que atraíram sobre eles as suas mais severas advertências.

Lembraí-vos de que a massa dos nossos adversários, que são também os vossos, é perpetuamente aumentada pelos Espíritos que a ignorância humana degradou.

Não falamos dos esforços daqueles que procuram devotar-se ao desenvolvimento da sua raça, nem nada dizemos dos atos de abnegação, do franco heroísmo, das vidas simples e nobres, dos traços gerais que vos resgatam e dão-nos esperança para o futuro. O nosso objetivo hoje é atrair-vos a atenção para o sombrio lado do quadro. Declaramos que a pintura é exata e prevenimos-vos solenemente que a grande verdade, exposta nesta comunicação, a saber: o antagonismo entre o bem e o mal, e a extensão do

mal pela ignorância e loucura humanas, é de interesse vital para vós e para o futuro da obra que temos a nosso cargo. Vimos de recapitular o que tínhamos já enunciado sobre a oposição organizada pelos nossos adversários, mas não tratamos ainda de uma forma de ataque, que tende a tornar-se freqüente, *favorecida pelo desejo inconsiderado de ver renovarem-se continuamente as manifestações espíritas objetivas à medida que elas se produzam mais freqüentemente. Resultará disso que os nossos adversários se servirão dos sensitivos, pelos quais poderão apresentar as suas frívolas e artificiosas demonstrações; excelente meio de desacreditar o verdadeiro trabalho espiritual.* Poderosas associações combinam-se agora, estamos certos disso, para aproveitar todas as ocasiões que lhes permitirem desenvolver médiuns, emissários dos mais surpreendentes fenômenos, de modo a triunfar das investigações dos que estudam o que se chama o poder sobrenatural. Uma vez estabelecida a convicção, o resto é fácil. Gradualmente, a fraude e os artifícios serão descobertos, os pretensos ensinos morais se revelarão sob a sua verdadeira luz, a dúvida se insinuará no ânimo dos pesquisadores; a incerteza e a suspeita apoderar-se-ão da inteligência, e os fenômenos, manifestações ou instruções tornar-se-ão suspeitos.

É impossível inventar um sistema mais astucioso, para desacreditar o ensino daqueles que são enviados para instruir e não para ser admirados ou a divertir. Pois os homens podem dizer: Não ensaiamos, experimentamos por nós mesmos e desmascaramos; ou é uma fraude combinada, ou isso ensina doutrinas baixas, imorais, em suma, é diabólico.

É inútil dizer-lhes que devem discernir o verdadeiro do falso, antes que a sua fé destruída lhes não permita mais examinar.

Solenemente vos pomos de sobreaviso contra esses planos fraudulentos, aos quais deveis combater. Evitai incitar a evolução confusa de um violento poder físico, emanado, em geral, dos Espíritos baixos, menos desenvolvidos, o qual se dilata com o concurso de agentes, para ausência dos quais seria preciso orar.

Sabeis qual é a vossa missão. Vimos, nos dias em que a fé se arrefece, demonstrar ao homem a sua imortalidade em virtude da posse da alma, uma faísca emanada da própria divindade.

Indicando-lhe os erros do passado e a vida que conduz à verdade, com tal objetivo não podemos tranqüilamente permitir seja o nosso trabalho abandonado e substituído pela pesquisa de um poder fenomênico, qualquer que seja, exercido sobre a matéria bruta. Se usamos *in totum* desse poder é porque às vezes o julgamos necessário e não porque o achemos desejável; é sempre por ser um meio, nunca um fim. Se ele não fosse perigoso, não usaríamos dessa insistência para vos precatar contra a opinião que atribui a maravilhas físicas as nossas relações convosco.

Considerai essas manifestações como fragmentos para a convicção, como provas fornecidas à vossa inteligência sobre a intervenção do mundo espiritual no mundo da matéria; empregai-as somente para construir a base material sobre a qual o templo do espírito deve ser edificado; *ficai certos de que esses fenômenos não poderão por si mesmos ensinar-vos nada de mais*, se os Espíritos experimentados que operam não acharem em vós a capacidade de assimilar coisas mais elevadas, porque então cederão insensivelmente o lugar aos que desempenham melhor essa incumbência, e assim deixareis escapar a possibilidade de adquirir conhecimentos superiores.

O ato fenomênico é o ponto de apoio que vos ajuda a subir. Deveis procurar conhecer a natureza dos agentes, para vos certificardes de que eles vêm de Deus com intenções puras e benfazejas; desejais saber o que os visitantes de além-túmulo têm a dizer-vos sobre a habitação universal da vossa raça; como eles podem satisfazer relativamente ao destino da vossa própria alma, quais meios vos oferecem eles de bem vos preparardes para a mudança a que chamais morte. Pois se nenhuma parença temos convosco, como poderia servir-vos a nossa experiência?

Se não pudéssemos falar-vos da vossa própria imortalidade, que proveito tiraríeis da prova indubitável da nossa própria existência?

Quando excederdes o fenomênico para vos entregardes à investigação raciocinada da verdade, em suma, quando as nossas afirmações vos inspirarem confiança, poderemos então descobrir-vos um domínio que vos é desconhecido e que é já ampla-

mente revelado a ardentes pesquisadores em outros países do globo. As mais elevadas revelações da verdade espiritual foram concedidas no vosso país a um número muito pequeno de pessoas. O meio de comunicação pela escrita, que vos parece realizar um grande progresso sobre as pancadas transmissoras de comunicações e sobre outros processos, nada é comparado à íntima comunhão de alma a alma sem a intervenção de sinais materiais.

Na América, onde o movimento espiritualista contemporâneo nasceu, muitas pessoas estão bastante desenvolvidas para levar uma vida dupla e estar face a face em relações conosco. Temos aí inúmeros trabalhos reunidos, que obtêm resultados que não podemos revelar aqui, por causa da deslealdade das inteligências, da materialidade dos interesses e mesmo da grosseira atmosfera ambiente. Mas, voltando ao que nos ocupa, desejamos somente prevenir contra o perigo e incitar-vos a vos elevardes acima do plano material na direção do espiritual. À receptividade ou à faculdade de assimilar as primeiras instruções deve preceder um desenvolvimento mais adiantado. Insistimos e oramos à espera da hora em que, libertado das névoas terrestres, procureis unicamente as elevadas revelações da verdade; deveis, tanto quanto pode um mortal, sacudir o jugo da opinião humana e livrar-vos dos obstáculos materiais.

Pai Eterno, em nome de quem trabalhamos e que nos enviaste à Terra para revelar a Verdade, ajuda-nos a transpor e a purificar os corações daqueles a quem falamos, para que eles possam elevar-se e abrir os seus sentidos espirituais de modo a discernir as coisas que revelamos. Possa a fé crescer neles a fim de aspirarem à Verdade e, abandonando os interesses terrestres, se apressem a aprender a revelação espiritual.

† *Imperator*

Nenhuma dúvida tenho sobre o que acabais de dizer, mas é-me difícil compreender por que uma ordem ou uma lei não prevalece para curvar esses Espíritos indisciplinados. Eles parecem fazer o que querem e não ser submissos a nenhuma autoridade. A que propósito vêm as suas falsas afirmações? Que prazer acham em simular?

Errais supondo que não temos nem ordem, nem lei. Sois vós que frustrais os esforços bem ordenados, abandonando as precauções indicadas; observando-as, preservareis os vossos círculos e eliminareis metade da contradição e da impostura. O que chamais o mal não desaparecerá, pois é uma necessidade da educação espiritual, e somos impotentes para vos salvar da prova que serve ao vosso desenvolvimento progressivo. É preciso que passeis por ela. Tendes muito a aprender e essa experiência prática é uma das estradas instrutoras. Quanto à simulação, sabereis disso muito mais tarde; limitamo-nos a dizer-vos que há Espíritos que se deleitam em simular e que podem, sob certas condições, levar longe uma fraude cuidadosamente preparada. Tomam os nomes que vêm desejados e respondem por aqueles a quem esses nomes pertencem. Podem ser excluídos, se forem observadas atentamente as condições e se forem secundados pelos esforços de um guia enérgico capaz de proteger o grupo.

Em muitos círculos toda facilidade é oferecida à intervenção desses Espíritos, por estar-se curiosamente ávido de fenômenos. Amigos pessoais são chamados, nenhuma fiscalização é exercida para se certificar se o Espírito que responde é verdadeiramente um amigo ou um mistificador. Insensatas perguntas são apresentadas e insensatas respostas aceitas com empenho. Pode-se estranhar a alegria dos não desenvolvidos?

Como saber se essa simulação não se estende a tudo e se o que parece bom e coerente no espiritualismo não será considerado por fim de contas uma hábil mistificação? Se tais poderes malfazejos estão sempre em ação, quem está ao abrigo deles?

Já recebestes a resposta. Demos-vos prova sobre prova da nossa boa-fé. Conheceis-nos bastante para poder julgar-nos como julgaríeis nas mesmas circunstâncias um dos vossos contemporâneos.

Sim. Mas esse Espírito simulador, de que falamos, poderia então destruir a fé de alguém, se ele houvesse tido acesso?

Talvez, conquanto não possamos dizer até que ponto poderíamos reagir contra a sua tentativa; mas não nos ocupemos em

arriscarmo-nos a isso, porquanto afirmações contraditórias poderiam ser feitas, a mistificação se prolongaria e a vossa fé muito frágil sofreria por fim grande abalo. Seria um perigo real para vós, semelhantes debates, que alimentariam as vossas suspeitas, arruinariam ocultamente a nossa influência e acabariam expulsando-nos.

Realmente parece muito perigoso envolver-se nessas coisas...

O abuso em tudo é mau, o uso é bom e recomendável. Nunca aconselharíamos a um Espírito mal equilibrado envolver-se nos mistérios da mediunidade; para isso não faltarão aqueles que agem sem interesse pessoal, mas por obediência às impulsões de guias discretos e poderosos, que podem ocupar-se disso, quando eles são protegidos, rodeados e devem orar com ardor. Um espírito incerto, uma natureza agitada, um caráter frívolo ou caprichoso torna-se facilmente a vítima dos não desenvolvidos. É-lhe muito perigoso imiscuir-se nessa questão, sobretudo quando apenas se interessam pelo maravilhoso para satisfazer a sua pueril curiosidade ou a vaidade, visto como as elevadas comunicações do Supremo não podem ser ouvidas por tais Espíritos, e então aqueles a quem é dado compreendê-las abandonam as futilidades dos Espíritos inferiores e alam-se às esferas elevadas.

Mas tudo isso é ambicionado pelo mundo. Dá-se muito mais importância a uma boa pancada na cabeça, a uma cadeira flutuando no ar, do que a todas as informações, que são, entre parêntesis, bastante difíceis de obter...

É verdade, sabemos-lo de sobejo. É preciso passar pela fase atual do nosso trabalho, a que o material acompanha, mas *não faz parte na realidade*. Esse trabalho inicial deve preceder, já o dissemos, ao verdadeiro desenvolvimento pelo qual esperamos; ele continuará ao redor de vós com uma atividade crescente e, enquanto vos colocamos de sobreaviso contra os seus perigos, não dissimulamos que é necessário ser assim no presente estado material dos vossos conhecimentos. Sobre esse assunto nos entenderemos mais tarde. Parai por agora.

(Depois de um curto repouso, acrescentaram o seguinte:)

Falamos dos adversários e dos perigos a que eles arrastam, mas há também outras causas de incômodo para nós. Uma multidão de Espíritos que deixaram a Terra não são nem muito progressistas, nem muito atrasados; a maioria não é nem muito má, nem muito boa. Os Espíritos bastante adiantados gravitam rapidamente através das esferas mais aproximadas da Terra e a elas não voltam a não ser quando uma missão especial os chama.

Resta-nos falar do procedimento de uma classe de Espíritos que, por intenção malévola, por gracejo ou gosto de mistificar, freqüentam as sessões, imitam manifestações, usam nomes supostos, dão informações que desorientam. Esses Espíritos não são maus, mas desequilibrados somente: têm prazer em atormentar os médiuns e os grupos; dão um tom exagerado às comunicações, introduzem falsos elementos, lêem no pensamento a resposta a dar; imitam e zombam dos sentimentos daqueles que lhes dão confiança e com eles se divertem; são eles que simulam parentes cuja presença é desejada; que tornam impossível a verdadeira identificação dos amigos. A maior parte das anedotas correntes, sobre a volta de amigos de além-túmulo, são devidas a esses Espíritos que introduzem também a nota cômica ou de mau gosto nas comunicações. Não são, em verdade, moralmente conscientes, e orarão de bom grado se lhes pedirem, indo da galhofa à astúcia maliciosa. Não têm aspiração além do presente, nem desejo de molestar, e querem apenas se divertir.

São esses Espíritos que sugerem desejos e pensamentos contrários ao que existe e deve existir. Vêm, com impaciência, os nobres projetos e insinuam a oposição material; ocupam-se muito das manifestações físicas, para as quais são habitualmente muito hábeis, e têm satisfação em apresentar assombrosos fenômenos com o fim de perturbar as inteligências. A obsessão, a possessão e as formas variadas de importunidade espiritual vêm muitas vezes deles, que são capazes de influenciar *até a alma* de um espírito quando se apoderam dele.

São eles ainda que enganam as pessoas que pedem informações pessoais; dão respostas plausíveis e desorientam os argüido-

res mistificados; se um amigo apareceu uma vez em um grupo, trazendo uma boa prova, na próxima ocasião o lugar desse amigo ou dessa amiga será ocupado por um desses Espíritos, que dará respostas vagas e pouco satisfatórias.

É sempre prudente afastar quanto possível o elemento pessoal para evitar abrir caminho à mentira.

† *Imperator*

Seção XXX

(O gosto que os Espíritos têm pelos aniversários me proporcionou uma grande quantidade de instruções, peculiares às festas da Igreja. Ofereço como exemplo as que me foram dadas na Páscoa, durante três anos consecutivos. A comunicação escrita em 1875 e assinada com um nome que não é o dos outros ditados, parte de um ponto de vista diferente e não é concebido no mesmo sentido.

Dia de Páscoa de 1874. Eu tinha falado de uma comunicação recebida no ano precedente na mesma festa, assinado Prudens e Doctor.)

Se tornardes a examinar os vossos sentimentos de então, comparando-os aos que experimentais hoje, tereis um ponto de mira para apreciar o vosso progresso. Ensinamos a ressurreição da alma em oposição à do corpo, explicamos a verdadeira teoria da reedificação do espírito, não no longínquo futuro, mas no momento da dissolução do corpo. Também vos falamos da missão de Jesus, a qual prossegue entre vós por meio dos seus enviados, mostramos o verdadeiro aspecto dAquele que adorais como ignorantes, descrevemos como Ele era, qual Ele próprio descreveu, um homem como vós, o mais nobre dos filhos dos homens, o mais aproximado de Deus, o mais puro e o mais verdadeiro ideal da perfeição humana. Seu corpo não foi raptado, mas Ele não morreu, manifestou-se em Espírito aos seus amigos, andou com eles, como podemos um dia andar convosco, e ensinou-lhes uma parte da Verdade.

Sois testemunha agora dos sinais e prodígios que ensaiam para uma nova dispensação: o advento do Senhor; não como em vão se vos ensinou, em presença corpórea para julgar uma Humanidade restaurada, mas por sua nova missão, que completará a antiga. Somos os seus ministros e explicamos um novo Evangelho sob a sagrada direção de Jesus.

Ultimamente podemos agir melhor sobre vós por causa da vossa passividade crescente e disposição de espírito mais acessível.

Orai muitas vezes, sede fiel e paciente. Meditai sobre as comunicações sagradas que Deus envia agora à Terra. Não vos deixeis distrair do objetivo pelo qual trabalhamos. Não exigimos que abandoneis a vossa tarefa cotidiana, enquanto não chegue a oportunidade de podermos ocupar-vos por mais tempo. Esforçai-vos por afastar os obstáculos que se opõem ao progresso, pois deveis passar por essa prova adicional; lembrai-vos, caro amigo, de que tendes necessidade de ser arrastado até pelo fogo. Experimentai elevar-vos do nível terrestre para as altas esferas onde residem os mais elevados Espíritos. Esta é a nossa comunicação da Páscoa. Despertai e ressuscitai de entre os mortos! Afastai os grosseiros cuidados do mundo, rejeitai os laços materiais que vos entorpecem, saí da matéria morta e ide para o espírito vivo, subí da Terra ao Céu. Assim como o Mestre disse aos seus amigos: “Vivei no mundo mas não sejais do mundo.” Assim serão cumpridas em vós essas palavras dos vossos sagrados anais: “Desperta, ó tu que dormes, e ressuscita do meio dos mortos, e Cristo te dará a luz.”

Falais como se eu perdesse o meu tempo em coisas mundanas?

Não; dissemos que é preciso que o vosso trabalho terrestre se faça com risco mesmo de retardar a vossa educação moral. Mas desejamos que dirijais toda a atenção para o elevado ensino espiritual, abandonando os baixos planos de evidência objetiva, que se tornam inúteis. Queremos o vosso progresso e o que vos dizemos dizemo-lo a todos.

(Depois de algumas outras perguntas:)

Sim, o desenvolvimento poderia prosseguir até que nos tornássemos incapazes de trabalhar no mundo; que ficássemos tão sensíveis que só fôssemos úteis para ser encerrados em uma caixa de vidro; tão absorvidos pela vida do espírito que

ficássemos inúteis sobre uma Terra de labor contínuo. Não seria isso, em verdade, a perfeição da mediunidade?

Poderia ser assim com um outro tipo de homem, colocado em circunstâncias diferentes e dirigido por outros guias. Fizemos a nossa escolha, depois de reflexão; preferimos arriscar demoras a empregar um instrumento de inteligência mal regrada, pronto a tornar-se a vítima dos Espíritos errantes. Contamos com o tempo para atenuar dúvidas e dificuldades e estabelecer uma firme confiança. Obtido esse ponto, as precauções serão menores. Não deixaremos de insistir junto dos nossos amigos sobre a necessidade de nutrir mais elevadas aspirações, pois queremos demonstrar-lhes que a base material está assentada e que é preciso edificar a superestrutura espiritual.

A mediunidade está longe de ser uma dádiva impoluta; a fé é sem dúvida necessária; tenho dela tudo o que posso ter e certamente novas provas físicas acrescentadas às que já recebi hão de aumentá-la de uma partícula, não é verdade?

A vossa fé não é a Fé, é uma acepção lógica, não é uma fé espontânea e viva, mas um assentimento intelectual laboriosamente arrancado e sempre contrabalançado pelas restrições mentais. A vossa fé não moveria as montanhas, ainda que ela fosse suficiente para tomar um caminho certo a fim de contorná-las; seria impotente para animar e elevar o espírito, ainda que pudesse julgar das provas e pesar as probabilidades. Ela assegura a defesa intelectual, mas não é a fé que resplandece incessantemente na alma interior e torna-se, pela virtude do seu poder, um atrativo onipotente, um impulso de ação para grandes e santos projetos. O mundo pode escarnecê-la, os sábios ridicularizá-la, mas essa fé é a fonte de tudo o que há de melhor na vida do homem.

Vós o ignorais, mas virá tempo em que haveis de ficar maravilhado de nunca ter podido honrar, com o nome de fé, essa prudência calculada, ou de ter sonhado que o seu apelo hesitante podia abrir as portas que vos ocultam a verdade divina. Esperai e, quando soar a hora, não levanteis mais essa pálida estátua de mármore no lugar do corpo vivo inflamado pela convicção e cheio de energia para realizar os projetos mais grandiosos.

Tendes um modo de apresentar as coisas que, ainda que verdadeiro, é ligeiramente perturbador. Pois que “a Fé é o dom de Deus”, não posso ver em que sou censurável? Sou conforme me fizeram.

Não, meu amigo: *fizestes-vos a vós mesmo através de uma vida que foi formada ao mesmo tempo do interior e do exterior.* Sois o que as circunstâncias exteriores, as predileções íntimas e a direção dos Espíritos vos fizeram. Enganais-vos. Só vos censuramos porque vos gabais de uma fé que não merece esse nome. Ficai satisfeito, caminhei para uma verdade mais elevada. Retirai-vos, quanto possível, do que é externo, ocupai-vos do interno e do espiritual. Não deixeis de orar para obter a Fé, a fim de que o que chamais com justo motivo “o dom de Deus” inunde a vossa alma e a leve energicamente para o conhecimento superior. Vós vos retardais com a vossa ansiedade.

† *Imperator*

(Páscoa de 1875. De manhã tivera eu consciência de me achar rodeado de grande número de Espíritos. Fiz alusão a isso, e o que se segue foi escrito pelo Espírito habitual, sob uma influência inteiramente nova:)

Dissemos que celebramos sempre os aniversários, e a Páscoa é uma festa, para nós, como o é para vós outros, porém conhecemos melhor as razões que nos levam a celebrá-la. A Páscoa simboliza a ressurreição, não a do corpo ou da matéria, mas a ressurreição extramaterial, a do espírito; mais ainda, a ressurreição do espírito libertado do ornato e das travas materiais, *a emancipação da alma abandonando o que é carnal e terrestre* como o espírito abandona o corpo que ele deixa para sempre.

Os cristãos recordam-se de que seu mestre, o Senhor Jesus-Cristo, foi libertado da morte; eles crêem sem razão que o corpo material foi reanimado; entretanto, honram, sem o saber, a grande verdade espiritual; a morte não existe. Regozijamo-nos porque os homens reconheceram particularmente uma verdade divina; regozijamo-nos também com o poderoso trabalho realizado nesse dia. Não foi a morte que foi vencida, mas sim o homem que começa a ter uma vaga visão da vida eterna.

Qual é a significação da vida do Cristo e como é o seu corpo?

A encarnação de um Espírito sublime com o fim de regenerar a Humanidade não se limita a um só exemplo. O auxílio que a Humanidade obtém, por esses salvadores particulares, é o de que ela tem necessidade no momento em que eles aparecem. Essas encarnações especiais, sobre as quais sereis mais tarde mais bem instruído, diferem até um certo ponto das dos outros homens. Os corpos dos homens pertencem a todos os graus, uns grosseiros e sensuais, outros purificados e etéreos. O corpo humano de Jesus era da natureza mais etérea, mais perfeita. Jesus tinha sido preparado durante trinta anos de retiro para os três anos de trabalho ativo que Ele devia realizar.

Errais supondo (*havia-me passado pelo pensamento que a preparação era desproporcionada à obra*) que o trabalho feito por um ser encarnado é limitado à duração da sua existência terrestre. A maior parte das vezes, e tal é o caso de Jesus de Nazaré, o efeito póstumo da vida é a parte mais real da tarefa que, começada durante esses três anos, prosseguiu sempre depois.

A majestade e a baixeza de estado foram a nota da vida do Cristo. A majestade se descobria por momentos, em seu nascimento, em sua morte, no Jordão, quando a voz do espírito atestou a sua missão.

Os homens reconheceram durante a sua vida que Ele não se lhes assemelhava completamente, que não era limitado pelos laços sociais ou domésticos, ainda que a harmonia do círculo social lhe fosse agradável. Os seus contemporâneos sabiam disso, e sob esse ponto de vista a Bíblia vos dá uma noção muito imperfeita da influência que Ele exerceu ao redor de si; ela não insiste bastante sobre o efeito moral que as suas palavras e atos produziam, e se apóia muito sobre as falsas interpretações provenientes das classes instruídas e consideradas, que então como sempre foram os mais arraigados inimigos de toda verdade nova. Os escribas e os juízes, os fariseus e os saduceus foram os adversários ignorantes e encarniçados do Cristo, como os vossos

homens instruídos, doutores, teólogos e pretensos sábios odeiam a missão atual que dimana do Cristo e que eles perseguiriam de boa-vontade.

Quando escreverdes a história da nossa obra, não ireis haurir as vossas instruções entre essas classes de homens. A falta daqueles que deixaram a única narração que possuíis da vida de Jesus, é que eles se apoiaram muito sobre a perseguição dirigida contra Ele pela ignorância letrada, e não tanto sobre a dignidade moral da sua existência entre aqueles que viviam perto dEle. Esses escritores não se aproximaram daqueles que receberam diretamente o ensino de Jesus, mas tomaram de segundas mãos as anedotas que afluíam. É importante notar isso.

A vida pública de Jesus compreende três anos e alguns meses; Ele preparou-se para ela durante trinta anos; comunicava-se sem cessar com o mundo espiritual; recebia as instruções dos anjos exaltados que o inspiraram com zelo e amor; e os seus ensinamentos o penetravam tanto melhor quanto o seu corpo não lhe era obstáculo.

A maior parte dos espíritos encarnados na Terra, para nela exercer um ministério, estão em uma condição corpórea que lhes obscurece a vista espiritual e anula a lembrança da sua existência anterior. Isso não se verificou com o Cristo, porque o seu corpo dominava tão pouco o sentimento espiritual que Ele conversava com os anjos como se não os tivesse deixado, conhecendo as suas vidas e recordando-se da sua precedente encarnação. Nunca a sua memória foi obliterada; Ele passava uma grande parte do tempo fora do corpo, em consciente comunicação com o espírito. Prolongados transes, como chamais ao estado interior, o mantinham sempre pronto a isso, conforme encontrareis alguns indícios nas desfiguradas passagens dos vossos anais; por exemplo, a suposta tentação e o que é dito do seu costume de orar e de meditar sozinho sobre o cume da montanha ou no jardim da Agonia.

Podeis também descobrir, conforme o que vos dizemos, alusões ao seu estado, antes da encarnação, até mesmo no que se pretende que disse: “na Glória do Pai antes do começo do mundo”. Essas alusões são numerosas.

A sua vida, pouco embaraçada pelo corpo, que era apenas um invólucro efêmero, só assimilava o que era necessário para que o espírito pudesse estar em contato com as coisas materiais; diferente em grau, ainda que semelhante em espécie, à vida ordinária do homem. Uma tal vida tão superiormente pura, simples, nobre, amante e amada, não podia ser apreciada em seu valor pelos contemporâneos. Essas vidas são por necessidade incompreendidas, mal interpretadas, caluniadas. Isso é assim para tudo o que sai da rotina, mas particularmente para Ele.

A ignorância e a maldade humanas ceifaram prematuramente essa vida divina. Os homens não deram valor algum à significação da verdade anunciada, de que o Cristo veio ao mundo para morrer pelo mundo. Veio ao mesmo tempo morrer pelo homem e salvá-lo, do mesmo modo, embora em um sentido ainda mais elevado ao de todos os regeneradores dos homens, que aceitaram uma existência terrestre por devotamento a uma imperiosa idéia mestra. A vida terrestre os submete à morte corpórea. Nesse sentido, Jesus veio a salvar os homens e morrer por eles, não de outro modo. O drama do Calvário é a obra do homem e não a de Deus, que não tinha concebido de toda a eternidade a intenção de fazer morrer Jesus quando a sua tarefa estava apenas começada. Essa morte foi o ato do homem imundo e maldito. Isso é uma verdade capital.

Os homens teriam recebido incalculáveis bênçãos se a ampla vida de Jesus houvesse tido o seu curso na Terra; eles não eram dignos e repeliram, tendo apenas experimentado os bens que Ele lhes oferecia. Assim, para todas as grandes vidas, os homens, não preparados, só recebem o que podem compreender e deixam o resto aos séculos do futuro, ou se afastam com impaciência, recusando ouvir o que quer que seja, e nos séculos seguintes oferecem um culto e veneram o espírito desconhecido durante a sua encarnação prematura. Isso também é uma verdade capital.

Repetimos ainda que o Supremo não quer impor ao homem uma verdade para a qual não está preparado. Há para todo o universo de Deus uma progressão ordenada, um desenvolvimento sistemático. Se os homens estivessem dispostos a receber as verdades de que falamos, o mundo seria abençoado por uma

revelação tal como ainda não teve, desde os últimos raios de Verdade divina espalhados por sobre eles pelos anjos. Mas o mundo não está preparado, e *só o pequeno número que obteve a sabedoria receberá agora o suco que as gerações dos séculos futuros absorverão com alegria.*

Guiada pela angélica influência, a Igreja que traz o nome do Cristo recolheu os germens de verdade que a sua vida simbolizava, mas essas idéias envelhecidas perderam já seu principal poder.

As três ramificações da Igreja do Cristo estão de acordo para celebrar festas, em memória de certos acontecimentos da sua vida. Aqueles que, fora da Igreja, recusaram conservar o jejum e as festas não são prudentes; separam-se de uma fração de verdade. Mas a Igreja cristã conserva, em recordação do seu chefe, o Natal, a Epifania, a Quaresma, a Páscoa, a Ascensão e o Pentecoste, cada uma delas representando um acontecimento da vida de Jesus, que tem uma significação espiritual oculta.

O Natal celebra o nascimento do espírito cuja encarnação simboliza o amor e a abnegação. O espírito sublime encerra-se na carne, devota-se animado pelo amor. É para nós a festa do esquecimento de si.

A Epifania, representação da nova luz no mundo, é para nós a festa da compreensão espiritual. Ela não proporciona a cada um essa verdadeira luz, mas esplende bastante alto para que todos possam vê-la e ir até ela.

O jejum da Quaresma significa perante nós os esforços da Verdade para vencer as trevas, e a Sexta-feira Santa a festa do amor, triunfando pelo sacrifício.

Já falamos com mais altivez sobre a Páscoa. O Pentecoste, associado pelo Cristianismo ao batismo do espírito, tem para nós uma grande importância; simboliza a vasta expansão da verdade espiritual sobre aqueles que procuravam imitar a vida de Jesus. Essa festa é o complemento da Sexta-feira Santa. A ignorância humana esmaga a verdade que não pode compreender, mas uma bênção desce do alto domínio do espírito sobre quantos abraçaram a vida dAquele que o mundo sacrificou. É a comemoração

do espírito espalhada em rios, de graças mais abundantes, da verdade mais imponente.

A Ascensão é a festa da vida completada; da volta do Espírito à sua morada, da sua ruptura final com a matéria. Ela fecha a série da qual o Natal marca o começo. É o fim, *não da vida, mas da vida terrestre, não o termo de uma existência, mas do espaço do tempo consagrado à Humanidade pelo amor e pelo devotamento*. É a festa da obra concluída.

Se é preciso destruir, é preciso também conservar. Quisemos completar o ensino que recebestes mostrando-vos as idéias espirituais ocultas sob as festas aniversárias da vossa Igreja. Do mesmo modo como o Cristo, o Salvador dos homens, libertou a verdade do jugo da ignorância e da superstição judaica, salvamo-la hoje do peso esmagador da teologia humana. Como Ele, grande curador das nações que quebrou os grilhões às almas progressistas e libertou-as do domínio do mal espiritual, emancipamos o espírito dos laços do dogma humano e fazemos pairar a verdade libertada de maneira que os homens a vejam e reconheçam que ela vem de Deus.

Crucificação e Ressurreição. – Abnegação e Regeneração. – Comunicação de Páscoa 1876.

(Eu tinha pedido ensinamentos suficientes sobre a morte e a vida e os seus aspectos simbólicos.)

Segundo o que dissestes da morte e da ressurreição de Jesus, gera a morte material a porta da vida, e a morte espiritual simbolizará a marcha para a regeneração espiritual?

Lembra-vos do que escrevemos na última festa de Páscoa. O simbolismo foi explicado, a saber: a ressurreição *fora da matéria* e não a ressurreição da matéria. Revede.

(Reli a comunicação de 1875, que explica simbolicamente as festas da Igreja. O Natal: abnegação, sacrifício. A Epifania: compreensão espiritual. A Quaresma: conflito espiritual. A Sexta-feira Santa: amor triunfante. A Páscoa: a vida revelada. O Pentecoste: a difusão do Espírito. A Ascensão: a obra acabada.)

É assim. O curso inteiro da vida do Homem Modelo é o emblema do desenvolvimento progressivo da vida começada na Terra e completada no céu (para nos servirmos das vossas expressões), nascida da abnegação e atingindo um ponto culminante por sua ascensão espiritual. O homem pode ler na vida do Cristo a história do progresso espiritual, desde a encarnação à liberdade. O progresso da alma, pode dizer-se, é um curso de regeneração resumidamente simbolizada no Calvário e na Ressurreição. O velho homem com os seus vícios é crucificado, o novo levanta-se para gozar de uma vida espiritual e santa.

Na vida de progresso não existe parada alguma nem paralisação, sendo preciso combater energicamente as tendências materiais e sensuais e desenvolver as faculdades espirituais. O espírito não pode ser purificado de outra maneira. *É preciso passar pela fornalha do sacrifício de si mesmo.* O processo é o mesmo para todos. Algumas almas mais fundamente inflamadas de zelo chegam rapidamente ao fim glorioso, enquanto as naturezas mais pesadas devem passar por inumeráveis ciclos de purificação. Benditos são aqueles que se podem libertar da matéria e atravessar valentemente as ardentes provas que eliminam as escórias. Para esses, o progresso é pronto e a purificação certa.

Sim, a luta é severa; mas sabe-se ao menos contra quem é preciso combater?

Começai no interior. Os antigos descreviam justamente os três inimigos da alma; o Espírito, isto é, o mundo exterior que o envolve e os adversários espirituais que sitiam o caminho conducente ao cume; o mundo, a carne, o diabo. Começai por vós, a carne. Conquistai-a a fim de não serdes muito tempo cativo dos apetites, das paixões, da ambição.

Quando o egoísmo for abolido, a alma sairá da sua célula para viver, aspirar e agir na plenitude da fraternidade universal. É o primeiro passo. O “eu” deve ser crucificado.

Isso feito, a alma terá poucas dificuldades a vencer para desprezar as coisas visíveis e aspirar pelas verdades eternas.

Mas, à medida que as percepções espirituais se avivam, os inimigos tomam também um lugar proeminente. Adversários

jurados do progresso e da inteligência espirituais, eles atacam o discípulo da verdade e serão para ele uma causa incessante de conflito durante o período de prova. Gradualmente eles serão vencidos pela alma fiel que quiser adiantar-se e possua o estímulo, mas a luta nunca cessará completamente durante a vida de provação, pois é por seu intermédio que as mais elevadas faculdades se desenvolvem e que o limiar das altas esferas é atingido.

Tal é, em suma, a vida do espírito progressista: sacrifício de si mesmo, pelo qual o *eu* é crucificado; abnegação, pela qual o mundo é vencido; conflito espiritual, pelo qual os adversários são repelidos; nem repouso, nem finalidade. *É um combate contínuo, cujo prêmio é o progresso perpétuo.* É o incessante esforço da luz interior, que quer brilhar no ar radioso do dia perfeito. Somente assim é que podeis conquistar o que chamais céu.

“Sic itur ad astra”. É a idéia central do Cristianismo, do budismo e dos ocultistas. A grande dificuldade é praticar no mundo um sistema tão abstrato.

É nisso que está o esforço, como Jesus o disse: “Estar no mundo, mas não ser do mundo.” O elevado ideal é pouco mais ou menos impossível para aqueles que estão curvados sob o peso do labor diário. É por isso que buscamos, quanto possível, afastar-vos do lado objetivo das relações espirituais. É preciso que vos exerciteis a elevar-vos acima do material e a deixá-lo à retaguarda. A comunhão espiritual só pode existir para os que estão aptos a isolar-se das ânsias da vida cotidiana.

Desde muito tempo creio que o exercício da mediunidade é incompatível com uma ocupação diária no mundo; o desenvolvimento tão rápido da sensibilidade basta para tornar o médium incapaz de suportar os ásperos contatos do mundo; ao menos essa agudeza sensível não atrairá ao redor dele influências que o impeçam de trabalhar?

Isso é em grande parte verdadeiro; e, por conseqüência, retiramos a vossa faculdade mediúnica material, o que desenvolverá a espiritual, que não oferece o mesmo perigo. Podeis entregar-

vos a nós outros para fazermos o que é conveniente. Os riscos tornam-se sérios quando os guias não são aptos para desempenhar a sua tarefa. Ficai satisfeito, porquanto a vossa estrada é clara. Lembrai-vos somente de que já soou a hora e o poder das trevas. Sede paciente.

† *Imperator*

(Páscoa, 1877. – A comunicação de 1877 foi o resumo de tudo o que fora escrito sobre a vida do espírito simbolizado pela vida terrestre de Jesus-Cristo.)

Seção XXXI

(28 de abril de 1876. Este capítulo é consagrado a um caso no qual a personalidade do Espírito que se comunicava foi estabelecida da mais evidente maneira. Dentre um grande número de exemplos, este pareceu-me notável e, dando o maior desconto à vontade e à possibilidade de enganar, não acho explicável, por uma teoria qualquer de fraude ou de simulação, uma série de provas tão coerentes e completas. A comunicação refere-se à morte, em circunstâncias penosas, de um amigo que eu tinha conhecido intimamente durante a sua vida.

Em uma sessão em casa do Sr. Hudson, a sua imagem aparecera na chapa fotográfica, depois de eu haver notado a presença contínua desse Espírito ao redor de mim. Estava eu em transe no momento em que a fotografia foi tirada, quando me deram o nome do Espírito. Um outro Espírito descrevia ao mesmo tempo a posição na qual a figura se colocara. A revelação da chapa provou exatamente a descrição, sendo que nenhuma hesitação tive em reconhecer tão imperfeita imagem desse meu amigo, no qual eu tinha particularmente pensado antes de vir à casa de Hudson. Havia um outro ponto de reparo ainda mais evidente, que aliás não posso publicar. É-me bastante afirmar que a identidade do meu amigo, em sua forma exterior e com as suas particularidades mentais, ficou distintamente estabelecida em meu pensamento.

A primeira comunicação que recebi a propósito dessa fotografia ocupava-se do método seguido para produzi-lo. Disseram que um Espírito, que estava então muito ativo ao redor de mim, tinha dirigido os invisíveis operadores de Hudson. A roupagem, em forma de mortalha, que caracteriza todas as fotografias de Hudson, foi descrita como um expediente para poupar o tempo e o poder; a cabeça fora completamente formada, o rosto esboçado. Um certo número de operadores espirituais fizera a simples obra mecânica da materialização parcial como se lhes havia ensinado a fazer. Daí uma semelhança de família em todas as imagens produzidas em casa do mesmo fotógrafo.

Ao terminar a manifestação, declaram-na contrária ao desejo de Imperator, “que não desejava ver-me de novo entregue às manifestações físicas”, acrescentando ele: “quando vimos que não pudéramos impedir, ajudáramos”.

O Espírito tinha estado perto de mim, havendo nesse dia razões particulares para que fosse atraído; era assim mais fácil produzir a sua imagem do que a de uma outra entidade. Esta consideração fez-me ir à casa de Hudson com dois amigos, na esperança de obter alguma prova, mais para eles, que para mim.

Tendo-se assentado nisso, o Espírito foi dirigido por M... (que guiava os Espíritos agrupados em casa de Hudson) para moldar a imagem do seu rosto e desenhar a roupa. O simulacro foi feito com substância espiritual, disposto e fotografado; depois disso, Imperator disse:)

Falar-vos-emos do vosso amigo; mas primeiramente opomos a que torneis a voltar às manifestações físicas. Não desejamos que o poder mediúnico volte a essa fase, que nos levou a colocar-vos nas condições em que essa volta possa ser incitada. Já vos explicamos que não deveis ficar no plano material e tínhamos suspenso os nossos encontros. Demais, não desejamos que o vosso amigo se vos ligue, pois o seu estado espiritual é atrasado e seria preferível não o atrairdes; agora que o fizestes, é preciso ajudá-lo a progredir. M... disse com razão que tínheis entrado em sua esfera por associação e conversação, com ..., donde os vossos pensamentos foram fortemente dirigidos para ele. É a lei de atração de espírito a espírito, compreendei.

Sim, mas essa lei não age sempre, ou antes, os seus resultados raras vezes nos são manifestados. Ele é infeliz?

Como poderia ser feliz? Ele levantou mão sacrílega contra o invólucro no qual o Deus sábio tinha colocado a sua alma para que progredisse e se desenvolvesse; abandonou as ocasiões de fazer o bem e destruiu, quanto o podia, o templo onde residia a divina centelha que lhe havia sido concedida; enviou o seu espírito só, sem amigo, a um mundo estranho onde o seu lugar não estava ainda preparado; impiedosamente faltou com o respeito ao Pai. Como poderia ele ser feliz? Ímpio, desobediente,

obstinado em sua morte, negligente, preguiçoso, egoísta em sua vida, ainda mais egoísta por sua morte prematura, que dolorosamente afligiu seus amigos terrestres. Como poderia ele estar em repouso? A sua vida perdida pede vingança. O egoísmo que cultivava continua a animá-lo e causa-lhe um extremo mal-estar.

Egoísta em sua vida, egoísta em sua morte carnal; miserável, cego e atrasado, não há repouso para ele e os seus semelhantes, até que o arrependimento o penetre e o conduza à regeneração. Ele está fora da lei.

Tem ele esperança de progresso?

Sim, tem esperança, pois ele começa a ter consciência do pecado; vê vagamente através da obscuridade espiritual quanto a sua vida foi má e inútil; tem o sentimento da desolação e desejo de luz; é por isso que ele fica perto de vós. Deveis ajudá-lo, mesmo com prejuízo vosso.

Com muito gosto, mas de que modo?

Pela prece primeiramente. Fortificando as percepções que despertam nele; permitindo ao desventurado Espírito respirar a atmosfera benéfica do trabalho, cuja virtude reconfortante e pura ele ignora. Deveis instruí-lo, ainda que a sua presença vos seja desagradável. Chamaste-o e ele veio. Deveis agora suportá-lo. Não podereis desfazer o que fizestes, malgrado nosso. A vossa consolação será ficar ocupado com um trabalho abençoado.

Não é justo dizer que o chamei, mas farei tudo o que depender de mim. Ele era um louco.

Ele era e é responsável – começa a aperceber-se disso – e já se amaldiçoou, pois preparou o seu pecado final levando uma vida de ociosa inutilidade. Comproveu-se no exame mórbido de si mesmo; retraiu-se, não com o fim de progredir, de apagar faltas ou de adquirir virtudes, mas pelo mais exclusivo egoísmo; estava envolto em uma nuvem anormal de egoísmo; isso tornou-o enfermo. Por fim fez-se a vítima de Espíritos tentadores que, ligados a ele, o conduziram à ruína. Era louco, como o dizeis, mas o suicídio insensato foi o resultado dos seus próprios atos, e

agora ele exerce a mesma influência sobre aqueles que magoou por sua morte. Flagelo de si mesmo, torna-se o flagelo dos que ama.

Horrrível! É a mais amarga retribuição. Compreendo que uma vida de ociosidade e de egoísmo produza uma moléstia espiritual. O egoísmo não é a raiz de todo pecado?

É a calamidade da criatura, que vitima muito maior número de almas do que imaginais. É a paralisia da alma para quem o egoísmo passivo é o que há de mais fatal. O egoísmo ativo é menos pernicioso, tendo por contrapeso a sua atividade e podendo mesmo tornar-se o motivo de ações que revelem bondade. Há uma espécie de egoísmo que impele o homem a fazer o bem para ter boa reputação, há outra que o induz a ser bom para se não molestar nem inquietar e que cede a qualquer influência para escapar às emoções ou à ansiedade. São faltas que retardam o progresso da alma, conquanto não sejam o pernicioso veneno que devora a sua vida e a conduza ao desespero e à morte. O vosso amigo estava possuído do mais desprezível dos egoísmos, porque era preguiçoso, inútil e estava saciado. Não, ele nem mesmo existiu, pois a sua vida fora corrompida por esse exame mórbido de si mesmo, vida que destruiu até à última fibra. Esse egoísmo era tão cruel aos seus amigos como a ele. Há graus de pecado, e o dele era dos piores. Escutai enquanto essa história é narrada para vossa instrução. Ficai tranqüilo no entanto, pois afastaremos de vós essa influência enervante.

(Eu estava muito incomodado, e caí em um transe profundo, semelhante ao sono; tive uma visão calmante e acordei disposto.)

Não é necessário entrar nas particularidades dessa vida perdida, cuja alma foi consumida pelo cruel egoísmo e seu fim foi a destruição da própria consciência. O vosso amigo era louco, segundo o vosso modo de compreender a loucura. Ninguém se fere mortalmente a si mesmo, se o seu espírito desequilibrado não perdeu a faculdade de julgar. O vosso amigo tinha-se confiado aos inimigos, trabalhando pela sua própria ruína, e o seu caso não é daqueles em que condições hereditárias de moléstia

privam o homem da capacidade de governar-se bem, mas é a conseqüência da sua vida de egoísmo preguiçoso.

A lei da existência humana é: *Trabalhar para Deus, para o próximo e para si, não para um ou para outro, mas para todos.* Transgredir a lei é provocar o castigo. A vida inativa corrompe e contamina as outras; ela é viciosa e ardente, prejudicial à comunidade, por isso que lhe subtrai o que lhe é devido e cria um ponto infeccioso que se torna logo num centro fértil em delitos. A fonte do mal é sempre a mesma, quaisquer que sejam os subterfúgios e as formas que ele assuma.

Quando o vosso amigo cedeu à influência tentadora que o conduziu ao crime de cortar o fio que o ligava à Terra, a sua alma achou-se em angústia nas trevas e ficou muito tempo incapaz de separar-se do corpo, vagando em torno do túmulo, mesmo depois de fechado; não achava repouso nem acolhimento no mundo, para onde quis vir sem ser chamado. Inconsciente, inerte, fraco, dorido e desolado, sentindo a obscuridade a envolvê-lo, entreviu vagamente as formas de seres congêneres que se tinham também destruído e flutuavam em um insulamento inquieto. Eles se aproximaram, e a sua presença aumentava a angústia do espírito meio-inconsciente.

O primeiro estremecimento da consciência e a sua agitação atraíram os Espíritos benfeitores prontos a dissimular-lhe a angústia e a despertar o remorso; com risco de parecerem cruéis, eles tentaram levá-lo a compreender o seu estado e a gravidade do seu pecado e, embora por muito tempo fossem vãos os seus esforços, chegaram lentamente a despertar-lhe algum arrependimento do pecado, e o Espírito começou a tatear, buscando o meio de escapar a um estado que se lhe tornava odioso. Freqüentes reincidências o retardaram; os tentadores o logravam, nada poupando para que ele sofresse sem remissão a sua penalidade, obedecendo-lhes a instintos degradantes, pois assim são os executores da sentença produzida pelo próprio crime.

A esperança do Espírito é estar bastante fortalecido para ser capaz de entregar-se a algum trabalho benfazejo que lhe permita contribuir para a sua própria salvação. A fim de chegar a isso ele deve passar pelo remorso e sofrer um labor antipático; não há

outro meio de purificação. O egoísmo deve ser atenuado pelo sacrifício pessoal; a ociosidade vencida por um trabalho incessante, e o Espírito purificado pelo sofrimento. O seu passado fechara-lhe quase a estrada do progresso, que só lhe pode ser reaberta a preço de esforços reiterados, e a sua perseverança será experimentada pelos recuos e freqüentes quedas.

O socorro dos ministros de Deus não será retirado, pois a sua gloriosa missão consiste em ajudar aqueles que aspiram ao progresso e em amparar a alma enfraquecida, mas se eles devem reconfortá-la, não podem poupar-lhe nenhuma angústia nem diminuir de uma partícula a penalidade em que ele incorreu pela transgressão. *Ninguém pode expiar pelo culpado, nem gozar os méritos de um Salvador, nem o devotamento de um amigo.* O fardo deve ser carregado pela alma que pecou.

Pode ser que a centelha meio extinta seja de novo acesa e atizada até tornar-se em chama bastante intensa para iluminar a alma em sua ascensão; pode ser que o Espírito ande errante na desolação, surdo às vozes benfazejas, gemendo em sua inquietação solitária, sem ânimo para lutar, até que, à força de passar pelo cadinho dos sofrimentos, ele resgate as suas faltas depois de ter empregado um tempo que vos parece uma eternidade; pode ser também que a alma desperte e se agite antes que a sua condição seja fixada e que, por um esforço de energia desesperada, se atire para a luz, invocando o sofrimento purificador, bastante forte para rejeitar os costumes da sua vida, tornando enfim a nascer para a verdadeira vida.

Isso pode ser, mas é raro. Os caracteres não se modificam tão facilmente. Muitas vezes o que morreu impuro e egoísta fica o mesmo e continua no presente como no passado. Orai para alcançardes a força de ajudar aquele que começa a ter uma fraca percepção do progresso. Orai para que a sua obscuridade seja esclarecida e a agitação acalmada pelos socorros angélicos. Tais preces são os mais poderosos remédios contra a sua moléstia.

(Depois de ter relido o que acabava de escrever, eu disse:)

A descrição é feita para nos encher de desânimo, qualquer que seja o nosso desejo de progredir. O ideal é muito elevado para a Terra?

Não. Não pintamos o quadro em todas as suas minudências, porquanto ele não está colorido além da medida. Não encontramos expressões capazes de exprimir o horror da desolação e a plenitude da angústia da alma despertada depois de uma vida tal como a de que falamos. Não somos responsáveis por ideal algum, nem estabelecemos nenhum. O que fizemos foi apenas indicar *mais uma vez o mecanismo de uma lei* cuja ação podeis ver ao redor de vós. Não fomos nós que a estabelecemos, mas sim o Eterno e Sapientíssimo.

O egoísmo e o pecado comportam a angústia e o remorso até que sejam eliminados. Queremos mostrar aos homens aquilo que eles são inclinados a esquecer e que, se não há julgamento formal diante do universo reunido, *cada ato, cada costume, cada pensamento traz em si a sua recompensa ou castigo e constitui o futuro caráter*. Não há outro juiz a não ser o Espírito comunicando consigo mesmo e ligando a sua própria sorte, não há outro livro a não ser a consciência, nem outro inferno além da chama do remorso, que devora a alma e a renova.

E isso não se realiza em longo prazo, mas no momento da morte; não é um vago *talvez*, mas um fato certo, imediato e inevitável.

Ensinamos-vos isso, pois foi dito que o nosso Evangelho suprime o terror religioso, que é o freio da maior parte dos homens e que anunciamos uma fé que importa na salvação de *todos*, quaisquer que sejam as suas ações ou a crença que professem. Não ensinamos essa doutrina insensata, bem o sabeis, mas tendes necessidade de que se vos repita sem cessar esta verdade: *que o homem prepara o seu próprio futuro, constrói o seu caráter próprio, sofre por suas próprias faltas e deve trabalhar para a sua própria salvação*.

Firmamo-nos sobre esse assunto porque a história dessa vida perdida incitou-nos a isso. Falamos bastante da abundante misericórdia do Supremo e do terno e solícito interesse incessante-

mente exercido por aqueles que são os seus intermediários junto de vós, para que seja útil mostrar-vos às vezes a solidão e o devotamento reservados àqueles que sucumbem às tentações, por não saberem resistir aos inimigos.

Tendes necessidade de ouvir que a verdadeira felicidade só pode ser obtida tendo-se por objetivo o mais elevado ideal, que o preguiçoso e o inútil não conhecem, que o homem vicioso ou malfazejo pecador *por escolha e por preferência* nenhuma parte tem nele; que a paz na Terra reina somente na alma elevada para o céu, a qual vive alegre ante os perigos e dificuldades que sabe superar. Necessitais que vos repitam ainda que os anjos velam por essas almas valentes e que os ministros de Deus estão incumbidos de sustentá-las; nenhum mal definitivo pode ligar-se a eles. A vitória é certa, e virá depois da luta ardente, como a paz sucederá à tribulação e o desenvolvimento aos esforços perseverantes.

É evidente. Mas desde que o trabalho e a pesquisa do conhecimento de Deus e do futuro do homem devem preceder a paz e o repouso, não tomarão tempo à meditação?

Não. A vida é tríplice: meditação e prece, culto e adoração, conflito com o triplo inimigo. A meditação é necessária para aprender sem cessar; a prece é a sua fiel associada, por ela a alma prisioneira se comunica com o Pai dos seres e conosco, os seus ministros. O culto e a adoração, sob qualquer das formas que atraem a alma, seja no silêncio da solidão, sob os céus, em intimidade com a natureza, manifestação exterior da Divindade, seja tomando parte nalgum templo imponente, em um serviço solene de cânticos dirigidos ao Senhor, seja enfim na muda aspiração do coração para o bem, são os socorros necessários no combate contínuo que o homem deve travar. Não os depreciamos, insistimos antes em seu favor. Seria excelente que pudésseis consagrar mais tempo a pensamentos pacíficos. A vossa vida necessita de tranqüilidade.

Quanto à responsabilidade do homem por seus atos irrefletidos, admitis com segurança alguns casos em que ele não seja responsável?

Certamente. Estando abalado, o instrumento humano, viciado, pode transmitir realmente a vontade do ser que ele encerra. Em muitos casos, a loucura é resultado de uma moléstia corpórea. O espírito não pode ser censurado. Um acidente pode destruir o equilíbrio; defeito congênito ou excesso de dor e de ternura. Em tais casos o homem não é censurado por ninguém, ainda mesmo pelo Santo e Justo *Uno* que não se ocupa do corpo, mas sim da alma. Ele julga segundo a intenção e a causa espiritual. Reprovamos o caso, que foi assunto dos nossos entretenimentos, porque ele foi o fim de uma vida de pecados. O vosso amigo era e é responsável, e já começa a sabê-lo.

Possa o Sapiientíssimo nutrir e aumentar o vosso conhecimento.

† *Imperator*

Seção XXXII

(Acrescento a comunicação seguinte, dada mais tarde. É um belo exemplo do ensino superior, escrito com uma rapidez muito grande e publicado tal qual. Enquanto eu o recebia, tinha consciência de que uma influência muito poderosa e nobre penetrava todo o meu ser.)

Verdade

A bênção do Bem-aventurado esteja sobre vós. Temos hoje uma ocasião, talvez única, para responder a algumas das vossas perguntas e ensinar-vos uma verdade necessária. Segundo as cartas que recebeis, vedes que os tempos de incômodo e de angústia que anunciamos são também esperados por outros. Preparai-vos para a dor, que virá certamente; as aflições são indispensáveis. Jesus o sabia e o ensinava, como necessária à educação da alma, do mesmo modo que a disciplina fisiológica o é à conservação da robustez corpórea. Sem a prova, não haverá profundo conhecimento algum, sem ela ninguém poderá escalar os gloriosos cumes. A chave da ciência pertence ao espírito e ninguém pode arrancá-la se a alma não se tornar ardente, disciplinada pela dor. Não o esqueçais.

O bem-estar e o luxo são caminhos agradáveis, nos quais a alma se retarda e deixa passar em sonho o dia da virilidade. Abnegação pessoal e disciplina íntima são atalhos espinhosos que a conduzem aos cimos e a fazem atingir o saber e o poderio. Estudai a vida de Jesus e sede discretos.

Demais, atravessamos uma fase de difícil e amargo conflito entre nós e os nossos inimigos; sentis o reverso dessa luta, que é inerente a cada desenvolvimento da verdade divina. É, pode dizer-se, a obscuridade que precede a aurora.

À medida que uma revelação de Deus se torna antiquada, é sepultada sob os erros do homem e extingue-se gradualmente, pois o que resta dela é de tal modo desfigurado, que o próprio homem, querendo examiná-la, nada mais encontra e pergunta

como o velho Pilatos: “Onde está a verdade?” Então nasce uma revelação nova, superior à precedente. As aflições desse nascimento abalam a Terra, e os poderes do mundo espiritual combatem ao redor do seu berço. O túmulo e o ruído do refreamento são grandes!

Quando as nuvens começam a dissipar-se, os vigias, cujos olhos estão espiritualmente abertos para discernir os sinais dos tempos, eles que estão sobre as torres, percebem os primeiros brilhos e estão prontos a desejar o alegre despontar da aurora. “A alegria vem com a manhã!” “Cuidados e suspiros dissipam-se.” Os terrores da morte e “os poderes das trevas” passaram, mas não para todos. Há homens para os quais a luz só é visível quando o Sol está no meridiano. Estes dormem, sem se importarem com a claridade que brilha sobre o mundo.

Não espereis que o que é oferecido a todos seja aceito por todos. *Tal sonho de igualdade nunca se realizará em vosso Globo* e nem é desejável nem possível. Alguns homens, somente, recebem o poder que lhes permite penetrar sem perigo os mistérios que outros homens devem evitar. Aos iniciados compete o cuidado de guiar os seus contemporâneos e o dever solene de lutar sem cessar contra eles mesmos, de ser exemplos de zelo e de preparação contínua. Não fiquéis desanimados, porquanto há diferentes graus de verdade, e os médiuns imperfeitos só trazem muitas vezes uma luz vacilante ou turva. A verdade em seu esplendor não pode ser exposta publicamente; apresentada à multidão, maculada pela aragem da Terra, perde a sua pureza e disseca-se; nela o homem aprende, se ele é discreto, que o orvalho de Hermon se destila no silêncio e na solidão da alma; que a verdade santa e pura vai diretamente de espírito a espírito e não pode ser proclamada ao mundo do alto dos telhados.

Há ásperos fragmentos de verdade postos ao alcance de cada um. São como as pedras dos alicerces, das quais cada operário pode servir-se. Mas as pedras preciosas, sem máculas, são conservadas em escrínios, para serem contempladas em silêncio, na solidão. Assim, quando João, o Vidente, falava das muralhas de jóias e das portas de pérolas da Cidade Celeste, designava as

verdades exteriores que todos podem ver, mas no interior do templo ele só colocava a Presença e a Glória do Senhor.

O que é para vós a verdade divina representa apenas um átomo ínfimo, do *círculo inteiro intacto*, que vos é dirigido em resposta ao vosso apelo. Tínheis necessidade dele, e ele veio. O que é para vós a perfeição e Deus, seria incompreensível para um outro, não o consolaria e não seria aos seus olhos revestido de nenhuma beleza. *É para vós, e para vós somente, uma resposta do Grande Espírito à aspiração apaixonada da vossa alma.*

Essa verdade será sempre esotérica, pois só pode ser dada àquele que está preparado; o seu perfume sutilíssimo é unicamente reservado à *própria essência do espírito*. Lembrai-vos disso como também de que é violência impor a verdade a criaturas não preparadas, e é fazer-lhes grande e prolongado mal.

Lembrai-vos de que a pesquisa da verdade, por ela própria, é ao mesmo tempo o objetivo mais afeiçoado, mais desejável e mais elevado a prosseguir, no plano da vida em que vos achais. Nada na Terra excede a essa nobre ocupação.

Não consideramos como servindo-lhe de obstáculo os vulgares projetos que enchem a vida humana, as lutas e ambições que apaixonam os homens, nascidas da vaidade, nutridas pela inveja, pois acabam deixando só amargura e decepção e são tão fáceis de reconhecer como as maçãs de Sodoma. Mas uma tentação mais sutil desliza nas almas cândidas: a de proclamarem com entusiasmo qualquer verdade que se apoderou da sua vida: possuídas como estão do desejo de fazê-la conhecer, querem o bem do seu próximo e falam.

Quando a sua nobre palavra está de acordo com as necessidades da Humanidade, encontra eco em outras almas nas mesmas disposições de ânimo que a recebem e a desenvolvem até que os homens, elevados por ela, colham benefício. Mas o contrário pode acontecer, sendo então melhor não bradar no deserto e consagrar todas as energias à pesquisa da verdade, a aprender com abundância antes de se dirigir à multidão.

É bom ensinar, melhor ainda instruir-se. Não é, por certo, impossível fazer as duas coisas simultaneamente. Mas lembrai-vos

de que o estudo deve preceder a divulgação e que é preciso estar certo de que a verdade que se quer demonstrar é a que a Humanidade reclama. O discípulo da Verdade, que se submerge profundamente nos mistérios que encobrem o seu brilho, não violará imprudentemente a solidão na qual esta se encerra, dirá de suas belezas e as proclamará àqueles que têm ouvidos para ouvir as palavras de pacificação que o seu senso íntimo descobriu no santuário da Verdade, mas, adorador respeitoso, ele conservará sempre em si uma reserva sagrada, um santo silêncio, uma revelação esotérica muito pura, muito íntima, muito querida para ser expressa.

(Em resposta a uma pergunta pouco importante, escreveram:)

Não. Sereis informado oportunamente. Não podemos poupar-vos o exercício que faz parte da disciplina à qual estais submetido. Ficai satisfeitos de andar no caminho que conduz diretamente à verdade e deveis segui-lo com cuidado e dificuldade. É útil recolherdes a sabedoria do passado e aprender daqueles que partiram antes de vós. Previmos desde muito tempo que aqueles que prosseguissem com assiduidade o estudo das revelações entre o nosso mundo e o vosso receberiam ásperos choques, em razão das estultícias e falsidades que se acumulam em torno do assunto apresentado sob o seu aspecto mais esotérico. Esperamos com confiança o momento em que essas demonstrações inferiores tomassem um lugar preponderante e preparamo-nos para ela. É preciso saber que *essa ciência tem e deve ter sempre dois aspectos; tendo examinado um, deveis penetrar o outro.*

A esse respeito aprendei quem e quais são os que se comunicam com os homens; de outro modo não poderíeis decifrar o enigma que vos causa tanta angústia. Deveis saber como e sob que condições pode obter-se a verdade e como evitar o erro, a mentira, a frivolidade e a estultícia. O homem deve conhecer tudo isso se quiser, sem perigo, entrar em relação com o nosso mundo. E quando houver aprendido ou durante o tempo em que aprender, deve perceber que dele depende o êxito.

Abata-se o homem, purifique ele o seu espírito intimamente, expulse de si a impureza como uma peste, eleve as suas vistas

à maior altura possível; ame a Verdade como a sua divindade, diante da qual tudo se deve inclinar; siga-a sem se inquietar para onde a sua pesquisa pode conduzi-lo; e ao redor dele os mensageiros do Altíssimo farão círculo e em sua alma interior ele verá a luz.

† *Imperator*

Em 1874, deixaram de continuar regularmente as comunicações. As séries estavam completas e o fim atingido. O poder voltava às vezes sem nunca atingir o vigor sustentado e que se manifesta nas instruções componentes deste volume. Entretanto, muita coisa foi escrita com interrupções cada vez mais frequentes, até 1879, época em que esta forma de comunicação foi praticamente abandonada para dar lugar a um modo mais simples e mais fácil.

Eu poderia escolher, em meus inúmeros cadernos, outros ensinamentos notáveis; mas, para o presente, esta série me parece suficiente, apresentada como espécime da experiência de um só homem.

As opiniões expostas podem ser repelidas ou aceitas pelo leitor, mas afirmo que ele se enganará sobre a verdadeira significação deste volume, se não reconhecer nele o esforço contínuo e justificado de uma inteligência extra-humana, para influenciar um homem que só se vangloria de ter sincera e mui laboriosamente tentado chegar à Verdade.

– FIM –

Notas:

¹ Robert Dale Owen - *Debatable Land*, obra editada em português pela editora FEB, sob o título *Região em Litígio*. (Nota da Editora).

-
- ² Atualmente, pelo menos no Brasil, à primeira é que se dá o nome de psicografia. (N. E.)
- ³ Nessa época apareciam em nossas sessões habituais grande número de clarões fosforescentes, claros e de um amarelo pálido, quando as condições eram favoráveis; avermelhados e enfumaçados, quando alguma coisa ia mal. Essas luzes eram semelhantes à lâmpada levada pelo Espírito John King, e atingiam grandes proporções sob condições favoráveis.